



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PODE O QUINTAL SER RESISTÊNCIA?  
O TRABALHO E OS SABERES DAS MULHERES NOS QUINTAIS DE FAXINAIS DO  
CENTRO-SUL DO PARANÁ.**

*Marisangela Lins de Almeida*

FLORIANÓPOLIS – SC  
2023

**MARISANGELA LINS DE ALMEIDA**

**PODE O QUINTAL SER RESISTÊNCIA?  
O TRABALHO E OS SABERES DAS MULHERES NOS QUINTAIS DE FAXINAIS DO  
CENTRO-SUL DO PARANÁ.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Paulo Pinheiro Machado  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Bernadete Ramos Flores

FLORIANÓPOLIS – SC  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Almeida, Marisangela Lins de

Pode o quintal ser resistência? : O trabalho e os saberes das mulheres nos quintais de Faxinais do Centro sul do Paraná / Marisangela Lins de Almeida ; orientador, Paulo Pinheiro Machado, coorientador, Maria Bernardete Ramos Flores, 2023.

233 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Quintais. 3. Faxinais. 4. Trabalho. 5. Resistência. I. Machado, Paulo Pinheiro. II. Flores, Maria Bernardete Ramos. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

Marisangela Lins de Almeida

Pode o quintal ser resistência?

O trabalho e os saberes das mulheres nos quintais de Faxinais do Centro-sul do Paraná.

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Paulo Pinheiro Machado, Dr.  
UFSC

Profa. Maria Bernardete Ramos Flores, Dr. (a)  
UFSC

Prof. Márcio Antônio Both da Silva, Dr.  
UNIOESTE

Profa. Juliana Salles Machado Bueno, Dr.(a)  
UFSC

Profa. Gláucia Cristina Candian Fraccaro, Dr.(a)  
UFSC

Profa. Viviani Poyer, Dr. (a)  
UFFS (suplente externa)

Prof. Marcos Fábio Montysuma, Dr.  
UFSC (suplente interno)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em História.

Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares  
Coordenador do Programa

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado  
Orientador

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bernardete Ramos Flores  
Coorientadora

FLORIANÓPOLIS – SC  
2023



Trazando el camino, Rodolfo Morales, 1990.

*Às mulheres, minhas ancestrais  
Porque nossos passos vêm de longe!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres do Faxinal do Salto (Dona Marinda, Dona Elizangela, Dona Marinês e Dona Josefa), e do Faxinal Rio do Couro (Dona Elizabete, Dona Terezinha e Dona Olga) que me receberam e ensinaram sobre suas práticas, seus saberes e significados a respeito do seu lugar de morada e de vida, dos quintais, das terras de criação e de plantação.

Sou grata à todas as mulheres dos faxinais que me receberam, mostraram seus quintais e falaram de suas práticas.

À Cirene, por compartilhar arquivos fotográficos e outros documentos sobre o Faxinal do Salto e à Dona Bernardete Longato, por partilhar comigo seu tempo e suas memórias sobre o Faxinal Rio do Couro.

À Franciele André Kanarski, que me guiou pela primeira vez pelos *confusos* caminhos (apenas ao estrangeiro) do Faxinal Rio do Couro e ao senhor Acir Túlio (*in memorian*), que me ensinou a beleza de ser faxinalense e lutar pelo direito de seu modo de vida, “*isso é para meus netos, por isso preservamos*”, dizia ele.

Ao Professor Paulo Pinheiro Machado pelo aceite em me orientar nessa jornada e à Professora Maria Bernardete Ramos Flores pelo acolhimento e reflexões, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Ancelmo Schörner, por compartilhar comigo as ansiedades e as dificuldades de todo o percurso de pesquisa, me encorajando sempre.

A todos as professoras e professores do PPGH-UFSC pela contribuição no *caminhar* dessa tese, especialmente à Cristina Scheibe Wolff, Juliana Salles Machado, Joana Maria Pedro e Marcos Fábio Freire Montysuma. Sou imensamente grata pelo apoio e ensinamentos. Meus agradecimentos ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Valmir Luiz Strapasolas e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ignez Paulilo pelas discussões sempre produtivas a respeito de Ruralidades na intersecção com os debates de gênero.

Aos meus pais, José Moacir e Zenair Lins, por me ensinarem a não desistir mesmo diante de grandes adversidades.

Ao meu cãozinho Kostelinha (*in memorian*) que me fez companhia em grande parte da escrita, alegrando meus dias.

À minha avó, Doralicia Lovinski Lins (*in memorian*), que se dizia orgulhosa porque teria uma neta doutora, lamentavelmente não houve tempo.

Aos que, incansavelmente, lutam por uma educação pública, gratuita e de qualidade.

À CAPES, cujo apoio financeiro foi fundamental para a realização da pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À todas e todos que acreditaram nas intenções dessa pesquisa.

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p. 230).



## RESUMO

Essa tese busca analisar as relações e interações das mulheres agricultoras com seus locais de morada, trabalho e vida: os faxinais. Existentes no Sul do Brasil, essas comunidades tradicionais constituem-se numa modalidade de campesinato cuja característica básica é uso comum da terra, expressa no criador comunitário. É nesse espaço, convertido em *lugar* (Tuan, 2013) a partir dos significados atribuídos ao ambiente, que elas produzem, transformam e ressignificam paisagens e, conseqüentemente, geram resistências à agricultura capitalista e sua racionalidade a partir de suas sabedorias e trabalho nos quintais domésticos agroecológicos. Visando questionar a invisibilidade das mulheres na historiografia e, especificamente, nos estudos que tratam das comunidades tradicionais faxinalenses apresento esse estudo. Para desenvolver a investigação, recorri a fontes escritas, fotografias e à metodologia de História oral. Assim, o estudo que apresento é o resultado de um esforço de interpretação das dinâmicas de gênero e das especificidades sociais e históricas relacionadas a dois faxinais da região Centro Sul do Estado do Paraná: Faxinal Rio do Couro (Irati) e Faxinal do Salto (Rebouças), *locus* de interpretação e análise. O estudo abrange o período dos anos finais da década de 1960, quando a fumiicultura começa a ganhar espaço na região, seguida pelos monocultivos de soja e eucaliptos, e avança até 2022, ápice das investidas do agronegócio nas terras de faxinais, acentuando mudanças que reduzem consideravelmente a biodiversidade e as possibilidades de reprodução física, social e simbólica das/os faxinalenses. A investigação evidencia que a categoria trabalho, historicamente negada às mulheres do campo, associada a conhecimentos ancestrais e sistemas *outras* de saber e de ser, produzem um sistema de paisagens nos quintais – que se constituem em enfrentamentos à racionalidade homogeneizante do agronegócio – e de resistências, visto que, informam e promovem a biodiversidade, a autonomia e segurança alimentar e nutricional. Essas resistências, apesar de silenciosas e cotidianas (Scott, 2002;2013), não são menos importantes que as formas organizadas e institucionais de resistência e expressão política camponesa frente à agricultura empresarial monocultora. Assim, na trajetória desse debate, recorro a autoras/es situados no campo historiográfico, antropológico, sociológico e geográfico e amparo-me na concepção teórica de gênero, enquanto categoria analítica, argumentada por Scott (1975), de que as diferenças entre homens e mulheres são resultantes de construções sociais, culturais e históricas.

**Palavras-chave:** Quintais; Faxinal; Biodiversidade; Resistência; Paisagem.

## ABSTRACT

This thesis seeks to formulate some perceptions about the interaction of women with their place of residence, work and life: the faxinais. These traditional communities constitute a modality of peasantry whose basic characteristic is the common use of the land, expressed in the community creator. It is in this territory, space converted into place (Tuan, 2013) from the meanings attributed to the environment, that they produce, transform and resignify landscapes and, consequently, generate resistance from their knowledge and work, especially in agroecological backyards. In order to question the invisibility of women in historiography and, specifically, in studies dealing with traditional faxinal communities, I use written sources, photographs and the methodology of oral history to develop the investigation. Thus, the study I present is the result of an effort to interpret gender dynamics and social and historical specificities related to two faxinals in the Central South region of the State of Paraná: Faxinal Rio do Couro (Irati) and Faxinal do Salto (Rebouças), locus of interpretation and analysis. The study covers the period of the late 1960s, when tobacco growing begins to gain space in the study region, followed by soybean and eucalyptus monocultures, and progresses until 2021, the peak of agribusiness investments in faxinal lands, accentuating changes which considerably reduce the possibilities of physical, social and symbolic reproduction of the faxinalenses. I argue that the category of work, historically denied to rural women, associated with ancestral knowledge and other systems of knowledge and being, produces a system of landscapes - which are constituted in confrontations with the homogenizing rationality of agribusiness - and of resistances that, despite silent and everyday (Scott, 2002) are no less important than the organized and institutional forms of resistance and peasant political expression, in the face of monoculture business agriculture. In the course of this debate, I resort to authors / s located in the historiographic, anthropological, sociological and geographic field and I rely on the theoretical conception of gender, as an analytical category, argued by Scott (1975), that the differences between men and women are resulting from social, cultural and historical constructions.

**Palavras-chave:** Quintais; Faxinal; Biodiversidade; Resistência; Paisagem.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organização do território faxinalense .....	36
Figura 2 – Croqui do Faxinal do Salto .....	71

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Faxinais por Municípios e distribuição das posições .....	42
----------------------------------------------------------------------	----

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Distribuição dos Faxinais, da Floresta Original e Remanescentes.....	39
Mapa 2 – Distribuição e situação dos Faxinais no Paraná .....	40
Mapa 3 – Delimitação da região dos campos limpos e das matas mistas paranaenses .....	49
Mapa 4 – Localização do Faxinal Rio do Couro.....	55

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Aguada no Criador comum do Faxinal do Salto.....	50
Fotografia 2 – Animais soltos no criador comum do Faxinal do Salto.....	51
Fotografia 3 – Aspecto do criador comum do Faxinal do Salto.....	51
Fotografia 4 – Riacho no criador comum do Faxinal do Salto.....	52
Fotografia 5 – Criador comum do Faxinal do Salto, década de 1960....	52
Fotografia 6 – Animais à solta no criador comum do Faxinal do Salto ....	53
Fotografia 7 – Aspecto do criador comum do Faxinal do Salto, década de 1980....	53
Fotografia 8 – Viação para construção de estradas no Faxinal do Salto, década de 1990....	54
Fotografia 9 – Vista panorâmica do criador comum do Faxinal do Salto, 1982.....	54
Fotografia 10 – Mata burro no Faxinal do Salto ....	57
Fotografia 11 – Monocultivo no criador comum no Faxinal do Salto ....	73
Fotografia 12 – Cercamentos individuais no criador comum do Faxinal do Salto....	74
Fotografia 13 – Cercamentos individuais no criador comum do Faxinal do Salto ....	74
Fotografia 14 – Maquinaria e quintal no Faxinal do Salto ....	75
Fotografia 15 – “Modelo” de quintal presente nos faxinais....	86
Fotografia 16 – Vista panorâmica de um quintal faxinalense ....	87
Fotografia 17 – Parte do Quintal de Dona Marinda, Faxinal do Salto ....	94
Fotografia 18 – Quintal <i>antigo</i> de dona Josefa, Faxinal do Salto ....	96
Fotografia 19 – Plantação de repolho no quintal da Dona Marinda, Faxinal do Salto .....	98
Fotografia 20 – Porcos fechados em mangueirões na propriedade de Dona Josefa Faxinal do Salto .....	103
Fotografia 21 – Mangueirão na propriedade de Dona Marinda, Faxinal do Salto .....	103
Fotografia 22 – Plantação de couve de dona Josefa, Faxinal do Salto .....	108
Fotografia 23 – Plantação de couve e pomar no quintal de dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro .....	109
Fotografia 24 – Vista panorâmica do quintal de Dona Elizabete, Faxinal do Rio do Couro....	112
Fotografia 25 – Quintal de Dona Elizangela e Seu Antônio, Faxinal do Salto .....	114
Fotografia 26 – Plantação de couve e cebolinha no quintal de Dona Elizangela e Seu Antônio, Faxinal do Salto .....	115
Fotografia 27 – “Linhas retas”, quintal de Dona Elizangela e Seu Antônio, Faxinal do Salto .....	115
Fotografia 28 – Quintal “geométrico” no Faxinal do Salto .....	117
Fotografia 29 – “Banheirinha” de semeadura de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro ...	119
Fotografia 30 – Quintal faxinalense e sua diversidade .....	126
Fotografia 31 – Aspecto do quintal da Dona Elizabete, Faxinal do Rio do Couro ....	130
Fotografia 32 – Diversidade no quintal da Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro ....	130
Fotografia 33 – Viação no Faxinal do Salto, 2005....	135
Fotografia 34 – Mutirão para limpeza da Lavoura, Faxinal Rio do Couro, 1960.....	136
Fotografia 35 – Mutirão para limpeza da Lavoura, Faxinal Rio do Couro, 1960 ....	136
Fotografia 36 – Faxinalenses descansando durante mutirão para limpeza da Lavoura, Faxinal Rio do Couro, 1960 ....	137
Fotografia 37 – Carroção puxado por bois, Faxinal Rio do Couro, década de 1980....	141
Fotografia 38 – Cerca circundante de madeira com fios de arame, Faxinal do Salto. ....	148
Fotografia 39 – Criador comum do Faxinal do Salto ....	152
Fotografia 40 – Exemplo de terras de plantar, Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul/PR ...	152
Fotografia 41 – Da mata nativa ao monocultivo, Faxinal do Salto ....	153

Fotografia 42 – Vista panorâmica do Faxinal do Salto .....	154
Fotografia 43 – Monocultivos e fechos individuais no criador comum do Faxinal do Salto.....	155
Fotografia 44 – Vista panorâmica do Faxinal do Salto .....	155
Fotografia 45 – Área de lazer e monocultivos no Faxinal do Salto .....	156
Fotografia 46 – Cercamentos individuais no criador comum do Faxinal do Salto ... ..	156
Fotografia 47 – Plantação de eucalipto no Faxinal do Salto ... ..	157
Fotografia 48 – Quintal de verduras de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro .....	160
Fotografia 49 – Vasos de flores no quintal de verduras de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro .. ..	161
Fotografia 50 – Repolho e erva doce no quintal de verduras de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.....	161
Fotografia 51 – Vista ampla do quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro. ....	162
Fotografia 52 – Quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro. ....	163
Fotografia 53 – Diversidade no quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro .....	163
Fotografia 54 – Local de produção de adubo no quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro .....	164
Fotografia 55 – Vista panorâmica do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	167
Fotografia 56 – Plantação de couve e espantalho no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.....	167
Fotografia 57 – Plantação de hortelã no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	168
Fotografia 58 – Pés de alecrim no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto. ....	168
Fotografia 59 – Aspecto do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	169
Fotografia 60 – Detalhes do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	169
Fotografia 61 – Vasos de flores e chás no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	170
Fotografia 62 – Quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.....	170
Fotografia 63 – Fundos do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	171
Fotografia 64 – Aspecto do quintal 2 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	172
Fotografia 65 – Ervilhas brotando no quintal 2 de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	172
Fotografia 66 – Pé de jaboticaba protegido no quintal 2 de Dona Josefa, Faxinal do Salto ..	173
Fotografia 67 – Lavanda e flores na entrada da casa de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	173
Fotografia 68 – Aspectos dos “fundos” do quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro ....	175
Fotografia 69 – Canteiro com flores no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	176
Fotografia 70 – Couve e pimentões no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	176
Fotografia 71 – Plantação de beterraba no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro ....	177
Fotografia 72 – Entrada da casa de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	177
Fotografia 73 – Flor azul no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	181
Fotografia 74 – Dona Olga e o seu lugar de benzimento, Faxinal Rio do Couro .....	183
Fotografia 75 – Lugar de benzimento de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	183
Fotografia 76 – Varanda da casa de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	184
Fotografia 77 – Vista mais ampla da casa e quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro ..	186
Fotografia 78 – Detalhe do quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	186
Fotografia 79 – Disposição de plantas no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro .....	187
Fotografia 80 – Vista mais ampla do quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	188
Fotografia 81 – Plantação de ervilhas no quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	189
Fotografia 82 – Aspecto do quintal de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro .....	190
Fotografia 83 – Plantação de hortelã no quintal 1 de Josefa, Faxinal do Salto .....	192
Fotografia 84 – Entrada da casa de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	193
Fotografia 85 – Diversidade de plantas no quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	193
Fotografia 86 – Diversidade de plantas, ervas e temperos no quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto .....	194

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.7</b>
<b>2</b>	<b>OS FAXINAIS E O USO COMUM DA TERRA</b> .....	<b>36</b>
<b>2.1</b>	Os Faxinais .....	<b>36</b>
<b>2.2</b>	O uso comum da terra.....	<b>44</b>
<b>2.3</b>	O Faxinal Rio do Couro.....	<b>55</b>
<b>2.4</b>	Criar em comum: Faxinal Rio do Couro .....	<b>66</b>
<b>2.5</b>	O Faxinal do Salto .....	<b>70</b>
<b>2.6</b>	A modernização agrícola e os faxinais .....	<b>75</b>
<b>3</b>	<b>OS QUINTAIS, O TRABALHO E AS SABEDORIAS</b> .....	<b>82</b>
<b>3.1</b>	Os quintais faxinalenses .....	<b>82</b>
<b>3.2</b>	Quintal: “um lugarzinho” .....	<b>87</b>
<b>3.3</b>	Quintais de verdura, monta e de lavoura .....	<b>90</b>
<b>3.4</b>	As mulheres, as sabedorias e a agrobiodiversidade.....	<b>93</b>
<b>3.5</b>	O trabalho nos quintais: Meu nome não é ajuda .....	<b>97</b>
<b>3.6</b>	O veneno.....	<b>106</b>
<b>3.7</b>	Quanto o quintal é coisa de homem.....	<b>114</b>
<b>3.8</b>	As sementes .....	<b>118</b>
<b>3.9</b>	Os quintais e o tempo: narrativas e fotografias .....	<b>125</b>
<b>4</b>	<b>TRANSIÇÃO DE RACIONALIDADES: O TEMPO, AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS E NO MODO DE VIVER</b> .....	<b>132</b>
<b>4.1</b>	O tempo da fartura e do sofrimento e a chegada dos de fora .....	<b>132</b>
<b>4.2</b>	O tempo da chegada dos de fora: a dita modernidade .....	<b>141</b>
<b>4.3</b>	O tempo do desnorтеio.....	<b>146</b>
<b>4.4</b>	Paisagem mosaico e paisagem homogênea .....	<b>151</b>
<b>5</b>	<b>PODE O QUINTAL SER RESISTÊNCIA?</b> .....	<b>159</b>
<b>5.1</b>	Bordar formas na terra .....	<b>159</b>
<b>5.2</b>	Os quintais de Dona Elizabete.....	<b>159</b>
<b>5.3</b>	Os quintais de Dona Josefa.....	<b>166</b>
<b>5.4</b>	O quintal de Dona Olga: a benzedeira.....	<b>174</b>
<b>5.5</b>	As mulheres, os quintais e a seleção de espécies .....	<b>178</b>
<b>5.6</b>	Tecer paisagens e produzir resistências.....	<b>Erro! Indicador não definido.1</b>



**5.7** Os cercamentos, o poder das mulheres e o capitalismo Erro! Indicador não definido. **6**

<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>213</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>217</b>
	<b>FONTES IMPRESAS.....</b>	<b>227</b>
	<b>FONTES ORAIS.....</b>	<b>228</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>229</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas [...]. Disso eu quis fazer a minha poesia (Ferreira Gullar, 1999).*

De acordo com as evidências apresentadas no estudo “*O Estado da Biodiversidade para alimentos e agricultura no mundo*”, primeiro relatório global da Organização para Alimentação e Agricultura (FAO, 2019), a biodiversidade<sup>1</sup> do planeta terra está desaparecendo. O relatório, realizado pela FAO com a orientação da Comissão de Recursos Genéticos para Alimentação e Agricultura, resulta de informações de 91 países, e aponta que muitas espécies que apoiam nossos sistemas alimentares e sustentam as pessoas que cultivam e fornecem nossos alimentos, estão desaparecendo e não podem ser recuperadas. O desaparecimento da biodiversidade coloca nossos sistemas agroalimentares, mecanismos de vida/subsistência e o meio ambiente sob ameaça. De acordo com o relatório, há uma expressiva redução de espécies animais – muitas delas que contribuem para a vitalidade da agricultura, incluindo polinizadores, organismos do solo e inimigos naturais das pragas – e da diversidade de plantas, tanto as cultivadas quanto as nativas.

As frentes de agronegócios, em expansão no Brasil – destacando-se os monocultivos de soja e eucalipto – promovem profundas mudanças nas paisagens, ameaçando biomas, eliminando e/ou reduzindo a biodiversidade (entendida como mercadoria nas sociedades modernas capitalistas, onde a natureza é reduzida ao “valor terra”) e, conseqüentemente, afetando à reprodução social, econômica e cultural de populações tradicionais e camponeses/as<sup>2</sup>, maiores produtores de alimentos.

---

<sup>1</sup> A diversidade biológica diz respeito à variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; inclui ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas (CONVENÇÃO SOBRE A DIVERSIDADE BIOLÓGICA, 2000, p. 9).

<sup>2</sup> Interpreta-se o campesinato enquanto identidade, que é construída e redefinida em diversos contextos sociais, culturais e políticos, num processo de representação de seus atores. Nessa tese, examino a sociedade camponesa faxinalense para além das questões econômicas, como sugeriu Chayanov (2014). Desse modo, utilizo como pressupostos básicos as concepções de Mendras (1978), para o qual é o fato de pertencer a uma sociedade camponesa que identifica o camponês ou camponesa. Nesse sentido, o autor identifica cinco traços característicos das sociedades camponesas: a) a autonomia relativa das coletividades camponesas frente a uma sociedade envolvente que as domina, mas tolera as suas originalidades; b) a importância estrutural do grupo doméstico na organização da vida econômica e da vida social da coletividade; c) um sistema econômico de autarcia relativa, que não distingue consumo e produção e que tem relações com a economia envolvente; d) uma coletividade local caracterizada por relações internas de interconhecimento; e) a função decisiva do papel de mediação dos notáveis entre as coletividades camponesas e a sociedade envolvente (MENDRAS, 1978, p. 14-15).

Simultaneamente, testemunhamos crescentes condutas de territorialidade e afirmação de identidades políticas das chamadas populações tradicionais<sup>3</sup>. Nesse contexto, a proteção das diversidades culturais e biológicas, em todos os níveis, desde genético, passando por espécies até o ecossistema, ganha novo fôlego. Clama-se para que a biodiversidade seja protegida, pois ela sustenta a existência e reprodução dos/as agricultores/as, moradores da floresta e das águas, detentores de ofícios tradicionais e todas as demais comunidades nomeadas tradicionais.

Para Brandão (2010), as comunidades não se fazem *tradicionais* por meio de traços *folclorizáveis* de suas culturas, mas se tradicionalizam como uma estratégia de defesa, diante de contínuas ameaças. Para o autor não é por ser patrimonialmente uma “guardiã” do passado ou por ser típica ou exemplo das “tradições” que uma comunidade é tradicional. Uma comunidade tradicional o é, segundo o autor, por representar uma forma ativa e presente de resistência à quebra de um reduto inter-humano de relações ainda centradas mais em pessoas e redes de reciprocidade entre sujeitos-atores através de produto do trabalho.

Nos últimos anos observamos um crescente reconhecimento de diversos grupos que se reconhecem e se auto identificam como comunidades tradicionais, incluindo faxinalenses, que iniciaram seu processo de auto identificação política em 2005. Estes diferentes grupos produzem alimentos e uma variedade de outros bens em uma grande pluralidade de ambientes biofísicos e socioeconômicos, geralmente dependentes da biodiversidade local para reprodução física e social.

Como apontaram Diegues et al. (2000), a diversidade biológica não é simplesmente um conceito pertencente ao mundo natural, é também uma construção cultural e social. As espécies são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das comunidades tradicionais, como no caso das populações dos faxinais, cujos modos de viver dependem desses recursos.

---

<sup>3</sup> De acordo com Cunha (2007), o emprego do termo populações tradicionais é proposadamente abrangente, entretanto, segundo a autora, essa abrangência não deve ser tomada por confusão conceitual. Segundo Little (2002) a imensa diversidade sociocultural do Brasil é acompanhada de uma extraordinária diversidade fundiária. Essas múltiplas sociedades possuem formas próprias de inter-relacionamento com seus respectivos ambientes geográficos. Essa variedade inclui as distintas formas fundiárias mantidas por comunidades de ribeirinhos, açorianos, caboclos, caiçaras, pantaneiros, pescadores artesanais, fundo de pasto, geraizeros, faxinalenses, apanhadoras e apanhadores de flores sempre-vivas, entre outros. Esse grande leque de grupos humanos costuma ser agrupado sob diversas categorias - “populações”, “comunidades”, “povos”, “sociedades”, “culturas” - cada uma das quais tende a ser acompanhada por um dos seguintes adjetivos: “tradicionais”, “autóctones”, “rurais”, “locais”, “residentes”. Qualquer dessas combinações é problemática em razão da abrangência e da diversidade de grupos que engloba. De uma perspectiva etnográfica, por exemplo, as diferenças entre as sociedades indígenas, os quilombos, os caboclos, os caiçaras e outros grupos ditos tradicionais - além da heterogeneidade interna de cada uma dessas categorias - são tão grandes que não parece viável tratá-los na mesma classificação (LITTLE, 2002).

A redução da biodiversidade é perceptível, de forma geral, nos solos paranaenses. Mudanças no modo de produzir e expansão de plantações homogêneas provocaram transformações socioespaciais nos mais diversos lugares do Estado, modificando a sua paisagem e ameaçando a existência e reprodução de populações locais.

De maneira particular, essas transformações podem ser observadas nos faxinais, incluindo seus quintais, criadouros comuns e terras de plantar. A biodiversidade, traço marcante nestas comunidades<sup>4</sup>, está se simplificando e, paralelamente, afetando o tecido social em que estão assentados seus moradores, homens e mulheres, chamados faxinalenses, habitantes históricos destes lugares, atualmente em disputa.

O presente estudo representa um esforço de interpretação dos modelos de sabedorias locais e do modelo cultural de natureza dos faxinais, incorporando o protagonismo feminino na defesa do lugar, mais precisamente as resistências silenciosas – e silenciadas – orquestradas pelas mulheres nos quintais agroecológicos. Para tal objetivo, procurei compreender os modos de viver dos habitantes dos faxinais, incluindo aspectos relacionados às relações de gênero<sup>5</sup>, trabalho e historicidade dessas comunidades.

Os faxinais são comunidades tradicionais, onde, apesar da titulação privada, predomina o uso comum da terra e dos recursos naturais disponíveis. Compreendem uma forma de organização comunitária permeada por costumes, religiosidade e saberes – muito deles ligados à medicina tradicional – transmitidos por gerações ao longo do tempo. A simbiose com a natureza é também traço característico dessas comunidades e, por isso, são fundamentais na preservação da floresta remanescente de araucária no Paraná.

Existentes nas matas de araucárias paranaenses, a singularidade dos faxinais se manifesta na combinação entre terra de plantio e terra de criação de animais à solta, chamado criador comum (local de morada e reprodução social das famílias). Por serem marcados por

---

<sup>4</sup> Para Brandão (2010), a comunidade é o lugar humano da vida, o lugar da escolha. A comunidade foi e segue sendo o lugar social arrancado da natureza, ou nela encravado ainda, em que pessoas, famílias e redes de parentes e ‘comuneiros’ reúnem-se para viver suas vidas e dar sentido a ela. Assim, comunidade designa um grupo específico de pessoas que moram num mesmo local; diferente do bairro, que fala em características físicas (ruas, casas, rios, postes), a comunidade fala sobre as pessoas e sobre os territórios identitários (LISBOA, 2003, p. 90).

<sup>5</sup> Segundo Soihet (2011, p. 266), o termo gênero, desde a década de 1970, tem sido usado para teorizar a questão da diferença sexual. Utilizado inicialmente pelas feministas americanas para ressaltar a ideia de construção social da diferença entre os sexos, a expressão implica numa desnaturalização do determinismo biológico, este diretamente ligado à ideia do sexo. Assim, a categoria gênero traz implícito um sentido de rejeição à oposição binária entre homens e mulheres, desconstruindo a ideia de papéis sociais naturais, colocando o debate no campo das construções sociais e culturais sobre masculinidade e feminilidade. Nas palavras de Scott (1995, p. 7), gênero “é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres”. Nesse sentido, a análise aqui formulada questiona a tradicional naturalidade para as práticas comportamentais, a classificação do trabalho e a configuração dos espaços, entre homens e mulheres.

grande complexidade, os faxinais serão apresentados de forma mais profunda no primeiro capítulo.

Na pesquisa para esta tese, pareceu-me apropriado evidenciar os quintais na análise histórica dos faxinais, compreendendo a sua dinâmica nesses e com esses territórios. Os quintais fazem parte das paisagens faxinalenses, e, apesar de heterogêneos, comumente são espaços bastante amplos, e existem à volta de quase todas as casas. São reservatórios de rica biodiversidade de árvores frutíferas, ervas e outras plantas medicinais, flores, plantas protetoras, legumes, hortaliças e verduras – espécies de ciclo curto e longo – e contribuem para a alimentação das famílias faxinalenses, e também de vizinhos, já que a produção proveniente desse espaço é, comumente, utilizada para autoconsumo familiar e integram sistemas de reciprocidade<sup>6</sup>.

Os quintais estão localizados muito próximos das casas, às vezes em forma retangular, logo na entrada, às vezes em forma de L, começando na entrada da frente e terminando na parte dos fundos. Neles encontramos uma enorme diversidade de ervas medicinais – os remédios – temperos, frutas, verduras e hortaliças e flores, plantadas diretamente no chão ou em vasos suspensos. Encontramos também PANCs, como a serralha, almeirão e plantas bioativas, como o cravinho de defunto. Há espécies de ciclo curto e longo, endógenas e exógenas.

Em sua grande maioria, a entrada da frente das residências possui a presença de PLANTAS protetoras, como alecrim e espada de São Jorge e flores. Ao longo do quintal planta-se, principalmente couve, alface, repolho, abobrinha, pepino, mostarda, cenoura, pimentão, alface, beterraba, tomate, almeirão, pimenta. Essas espécies, entre tantas outras, se combinam de diferentes formas durante as estações do ano. Os quintais se apresentam nos faxinais como local de cuidado e cultivo predominante das mulheres, que têm preferência por variedades de sementes locais e práticas alternativas de adubação e controle de doenças.

Nos faxinais pesquisados observamos uma crescente substituição de técnicas tradicionais de cultivo – baseadas em sabedorias ancestrais – por técnicas modernas, traduzidas na homogeneização do tempo e espaço em face da modernização e presente na mecanização agrícola. Por outro lado, entretanto, a partir dos seus quintais, as mulheres

---

<sup>6</sup> Nos faxinais há uma intensa circulação de alimentos entre as famílias, principalmente entre vizinhas. Entende-se que essas trocas são constitutivas das práticas de sociabilidades presentes nesse território. Essas trocas mobilizam a criação e manutenção de vínculos, motivações econômicas e princípios de saúde. De acordo com Sabourin (2008, p. 135) “[...] a reciprocidade supõe uma preocupação pelo outro. Não se pode estar inquieto do outro sem se preocupar com suas condições de existência. Tal preocupação torna-se, portanto, hospitalidade, dádiva de alimentos e víveres, proteção, ou seja, motivos ou obrigações para produzir”. Assim, a reciprocidade não é simplesmente oferecer ao que lhe favoreceu antes, ela inclui sentimento de preocupação com o bem-estar do próximo.

atualizam sabedorias ancestrais, num movimento criativo de adaptação e negociação com a modernidade e o capital. Desse modo, frente a um acentuado processo de expropriação territorial dos faxinais (em andamento), a manutenção dos saberes tradicionais das mulheres, incluindo as redes de solidariedade e reciprocidade, decorrem de relações estabelecidas nos quintais.

Desse modo, estudá-los implica historicizar os saberes e fazeres envolvidos no trabalho das mulheres, nas práticas tradicionais de cura e nas relações estabelecidas nos regimes de dádivas de sementes e alimentos. Ao abordar os regimes de saberes aplicados nos quintais pelas mulheres dos faxinais e os aspectos simbólicos da economia camponesa faxinalense presentes nas relações de trabalho, problematizo também a produção da autoridade masculina no trabalho da agricultura nos faxinais.

Interpreto que as práticas envolvidas no cuidado dos quintais, incluindo os usos da produção e as formas resultantes do trabalho e saber das mulheres como resistência cotidiana. O quintal é um sítio de agrobiodiversidade e de invenção, e como são, geralmente, responsabilidade das mulheres, é fruto de seus saberes com as ervas medicinais (cura e magia), com as sementes, com o manejo das plantas. Assim, consistem em lugares políticos pela resistência criativa, pois, como assinalou Scott (2013) a *transcrição oculta* também se manifesta em *espaços de liberdade*, que consistem em lugares não controlados, seguros e livres, nos quais se desenvolvem, entre subordinados, comunicação e práticas “fora do palco” (Offstage), o que abre brechas/possibilidades de resistência<sup>7</sup>.

De acordo com Scott (1985) formas cotidianas de resistência se constituem em luta prosaica, mas constante entre camponeses e aqueles que buscam lhes extrair trabalho, comida, impostos, renda e liberdade. Estas formas de luta, de acordo com o autor, têm em comum o fato de que requerem pouca ou nenhuma coordenação ou planejamento, representam uma forma de autoajuda individual e, geralmente evitam qualquer confrontação direta. Assim, de acordo com o autor, compreender estas formas de resistência comum é entender o quanto os camponeses fazem entre revoltas para defender seus interesses da melhor forma possível (SCOTT, 1985)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> *Transcrição oculta* diz respeito ao que acontece para além da observação direta dos detentores do poder, é o discurso que acontece fora do palco, diferente de *transcrição pública* que descreve as interações abertas entre subordinados e aqueles que os dominaram (nunca completamente) (SCOTT, 2013). De acordo com Menezes (2002), a perspectiva de Scott representa uma crítica à visão de que os grupos e/ou indivíduos dominantes são os que mantêm controle total sobre os grupos dominados.

<sup>8</sup> Scott entende que resistências institucionais formais e resistências cotidianas podem ser utilizadas para fins de classificação das formas de resistência, mas discorda que as últimas são triviais ou sem consequências e de que há uma oposição entre essas formas de resistir (MENEZES, 2002).

Enquanto lugares de expressão, trabalho e liberdade as práticas cotidianas das mulheres nos quintais são compreendidas como formas de resistência cotidiana. Nesse sentido, procurei evidenciar o trabalho e os saberes das mulheres porque apesar destes serem essenciais para a reprodução social das famílias e suas comunidades, são, historicamente, invisibilizados ou tomados como de menor importância<sup>9</sup>, inclusive pelo meio acadêmico.

Recentemente, constata-se certa ampliação do debate acadêmico acerca das desigualdades de gênero no mundo rural<sup>10</sup>, apesar disso, a invisibilidade social das mulheres nos estudos históricos relacionados ao campesinato e populações tradicionais é notória. Os faxinais, particularmente, apresentam-se na literatura clássica sobre o tema como espaço masculino, havendo certo negligenciamento da presença, das sabedorias e do trabalho das mulheres. Elas, em sua qualidade de agricultoras, apesar de realizarem habitualmente, uma multiplicidade de tarefas, têm seu trabalho invisibilizado no imaginário social e em parte das pesquisas sobre a temática.

Dentro do criativo processo de trabalho e modo de vida das populações faxinalenses, procurei abordar as relações de gênero, buscando compreender o ordenamento interno de suas unidades domésticas em diferentes espaços (a roça, a casa, o espaço externo), enfocando os quintais agroflorestais. Assim, nesse estudo, esse lugar não é tomado como cenário ou quadro, mas busca-se uma história das formas e das invenções espaciais através das quais uma cultura afirma sua presença, como assinalou Blais (2009).

Atenta ao fato de que a modernização da agricultura acentua desigualdades entre homens e mulheres no campo (Brumer, 2004), procurei examinar os modos como a degradação e o processo de homogeneização crescente vem afetando as relações de trabalho, modos de fazer agricultura e as paisagens nos faxinais do Centro Sul do Estado do Paraná. Assim, a questão de como os conflitos podem ser visualizados nas paisagens dos faxinais é crucial nessa análise.

A sociedade produz e reproduz o seu lugar de acordo com as suas necessidades e com os recursos técnicos de que dispõe. À medida que essa sociedade vai se modificando, marcas e heranças das atividades econômicas do passado vão se registrando na paisagem. A paisagem – produzida historicamente pelos seres humanos, segundo sua organização social, sua cultura e seu aparato tecnológico – é o reflexo da organização social e de condições naturais particulares, constituindo-se em um espaço natural, social e histórico (PRIORI;

---

<sup>9</sup> No que se refere à invisibilidade das mulheres nos estudos históricos, Pedro (2005, p. 83-84), ao analisar o uso da categoria gênero nas pesquisas historiográficas enfatiza que a História não foi um espaço de promoção da visibilidade das mulheres.

<sup>10</sup> Ver estudos de Herrera (2016), Tedeschi (2004) e Paulilo (2016;2009).

PAIXÃO, 2015). Assim, esses sistemas abertos e em constante transformação, possibilitam compreender as interações entre os seres humanos e o meio natural ao longo do tempo, podendo, portanto, o meio ambiente, a partir de sua paisagem característica, ser concebido como um documento histórico que o historiador precisa ler (NASH, 1970 apud Mathewson; Seemann, 2008).

As diferentes funções que faxinalenses atribuem ao seu lugar de vida e trabalho – terras de criar/morar e terras de plantar – resultam em arranjos peculiares, que formam a paisagem dos faxinais. Nessa tese, por evidenciar a produção de paisagens pelas mulheres, enfatizei os quintais (micropaisagens em termos de área), considerando-os como componente da paisagem de faxinais e em constante interação com o meio ambiente envolvente (macropaisagem).

Assim, propusemos os questionamentos: Qual a importância das paisagens dos quintais frente ao avanço da agricultura capitalista? De que modo podem contribuir para a continuidade do modo de vida das comunidades de faxinais? Como oportunizam conhecimento a respeito das sabedorias e práticas ancestrais das mulheres e suas complexidades? Que situações históricas interferem na interação entre as paisagens dos quintais e as paisagens circundantes?

Os faxinais apresentam paisagens em convivência. Aqui, apesar de suas funções diferenciadas, as terras de plantar e de criar animais à solta, assim como os quintais, não são interpretados em oposição, mas em complementaridade, pois resultam num *todo* funcional, necessário para a reprodução social das famílias que habitam e interagem nesses e com esses territórios. Essas paisagens, portanto, não são consideradas como “quadro”, inanimadas e congeladas, pois estão em constante redefinição.

Na interpretação de Tsing (2009), as paisagens são um ponto de encontro para atos humanos e não humanos e também são arquivos das atividades humanas e não humanas do passado. Considerando que paisagens são dinâmicas e interagem com os movimentos históricos dos seres humanos, o recorte temporal da pesquisa foi definido a partir do processo de acentuamento das transformações nas paisagens e nas relações sociais nos faxinais da região pesquisada. Sendo assim, a análise se inicia nos anos 1960 – década que marca a chegada da Companhia Souza Cruz na região – e avança até 2022, período marcado pela forte presença do agronegócio nas terras de faxinais.

Na segunda metade da década de 1960 a fumicultura começa a ganhar terreno nas áreas rurais do município de Irati, Rebouças e Região, chegando aos faxinais. Além das transformações nas suas paisagens, as plantações de fumo acarretaram conflitos e mudanças



no tecido social faxinalense, alterando aspectos das relações de trabalho, reciprocidades e religiosidade. Já os anos 1980 e 1990 marcam a chegada dos monocultivos de soja e eucaliptos nos territórios faxinalenses, ampliando esse enredo, que continua até o tempo presente.

A região de abrangência da análise foi delimitada a partir de visitas de campo à diversos faxinais dessa região, acompanhando o desenvolvimento de algumas pesquisas realizadas por membros do Laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO-PR), entre os anos de 2015 e 2016. A partir da pesquisa exploratória e conversas preliminares com algumas mulheres, verifiquei a viabilidade da pesquisa e levantei algumas fontes como, fotografias, documentos escritos, bem como realizei algumas entrevistas.

Foi com base nessa investigação inicial que foram selecionados os faxinais para a realização da pesquisa. Inicialmente era intenção estudar quatro faxinais da região explorada, entretanto, devido às complicações da pandemia Covid-19, esse número foi reduzido. Elegi para a análise os territórios sobre os quais dispunha de mais fontes históricas e facilidade de contatos com moradoras. Desse modo, apresento um estudo focado em dois faxinais da região Centro Sul do Estado do Paraná: Faxinal do Salto e Faxinal Rio do Couro.

O Faxinal Rio do Couro localiza-se no Distrito de Gonçalves Júnior, município de Irati. Até 2003 o seu criador comum, bastante extenso, com cerca de mil e quatrocentos alqueires, era compartilhado com outras duas localidades rurais, a saber: Rio do Couro e Faxinal dos Mellos. Atualmente, com a ampla redução da área de uso comum, seus moradores, maioria de descendência italiana e caboclos<sup>11</sup>, vivem da agricultura com o plantio de milho, feijão, soja e, principalmente, o tabaco.

---

<sup>11</sup> De acordo com LIMA (1999 apud Silva, Valentini e Moretto, 2020, p. 59), o conceito de caboclos não recebe conceituação única e varia amplamente de acordo com a região do Brasil. Observou que, na sua região de estudo, o meio rural amazônico, a construção histórica dessa categoria estava relacionada à mistura racial (branco e indígena). Significado próximo aquele manifestado por Machado (2001, p. 130), ao estudar as origens sociais e atuação política das lideranças sertanejas na Guerra do Contestado. Apesar de não identificar conotação étnica no termo, o caboclo da região do Contestado era, frequentemente, mestiço ou negro, desse modo, autor manifesta a ocorrência de uma associação entre caboclo e mestiçagem. Nos faxinais e na região de abrangência dessa pesquisa, a expressão *caboclo* está associada a uma condição social, refere-se, portanto, ao morador (geralmente não branco) pobre das terras de faxinais e do meio rural, de modo geral, não descendente de alemães, italianos, portugueses e ucranianos, que colonizaram a região no final do século XIX e início do XX. Em Cravo (1982) vemos que a expressão estava associada à **brasileiros** e **pelo duro**. A autora mostra que, por exemplo, as empresas ligadas à produção de tabaco que se instalaram na região de Irati, entre outros critérios para selecionar os plantadores de fumo, davam preferência a imigrantes e seus descendentes, pois associavam a figura do caboclo à preguiça, *não tradição do trabalho*. Esses caboclos, que Araújo (1950, apud Schörner, 2020, p. 17) caracteriza como “o elemento humano da região”, têm, segundo ele, costumes primitivos e arraigados, tal como o “mal hábito de criações soltas”. (ARAÚJO, 1950, p. 3ss). Figura associada à atraso, desconfiança, preguiça, indisciplina, primitivismo, entrave ao desenvolvimento. Tanto Chang (1988) quanto Carvalho (1984) citam a

O Faxinal do Salto, por sua vez, está situado no município de Rebouças, vizinho à cidade de Irati. Com aproximadamente 84 famílias, este faxinal apresenta conflitos relacionados ao avanço dos monocultivos de soja (MEIRA, VANDRESEN e SOUZA, 2009). O *quarteirão do Salto* – como era nomeado por seus moradores na década de 1980 – possuía uma área de aproximadamente 58 alqueires de criadouro comum até 1992. Atualmente, esta área está bastante reduzida em virtude dos chamados *fechos* (cercamentos individuais na área de uso comum) e apresenta acelerado processo de desmatamento florestal e violação dos acessos ao criadouro comum.

Como sugeriu Nogueira (2009), ao estudar a territorialidade dos Geraizeros do Norte de Minas Gerais, uma tese se faz também de pulsões: intelectuais, estéticas, afetivas e, frequentemente, políticas. Essas pulsões me levaram ao campo de investigação onde campesinato e feminismos se interseccionam<sup>12</sup>. Nascida e criada no campo, tornei-me observadora e participante dos encantos cotidianos e também das grandes dificuldades enfrentadas pelas famílias camponesas, onde as mulheres, especificamente, carregam historicamente o duplo fardo da desigualdade: econômica e de gênero, e raça, em diversas situações.

Simpatizante do Movimento de Mulheres Camponesas e dos Feminismos, a construção da minha identidade enquanto mulher negra e feminista interseccional acompanhou o desejo de dedicar meus esforços de pesquisa às ditas mulheres do campo. Inicialmente, no mestrado, investiguei as nuances da participação das trabalhadoras rurais da região Central do Paraná no Sindicalismo Rural. Ao final dessa pesquisa conheci as mulheres dos faxinais que, assim como as sindicalistas, operam em dupla desvantagem estrutural.

Apesar da ampla ação política da Rede Puxirão Faxinalense (APF), a maioria das mulheres não estão organizadas em movimento social próprio. Nesse sentido, pareceu-me pertinente considerar suas práticas no território faxinalense dentro do que Scott (2002) denominou de formas cotidianas de resistência. Isso manifesta a importância de considerar o cotidiano como espaço de expressão política dessas agricultoras. Para as mulheres dos faxinais, que operam numa desvantagem estrutural de gênero e classe, sujeitas às violências

---

presença do caboclo nos faxinais, entretanto, não o caracterizam nem investigam a relação entre esse grupo e a prática de criar animais à solta, possivelmente anterior ao que denominamos *faxinais*.

<sup>12</sup> Na escrita do texto, apesar de operar com um ponto de vista feminista, não me propus a analisar as mulheres de forma isolada. Procurei evitar, como já havia alertado Federici (2017), as limitações de uma história das mulheres, separada do setor masculino da classe trabalhadora, nesse caso, do campesinato. A respeito de feminismo na intersecção com campesinato ver: PAULILO, Maria Ignez S. Que Feminismo é esse que nasce na horta? *Revista Política e Sociedade*, Florianópolis, Volume 15, Edição Especial, p. 296-316, 2016.

ocasionadas pela racionalidade do agronegócio<sup>13</sup>, formas de resistências cotidianas, geralmente silenciosas, são vitais para a manutenção do modo de viver, se relacionar com a terra e com os alimentos.

Assim, consideramos que a prática de produção de alimentos, flores, plantas medicinais e protetoras nos quintais domésticos, longe de ser considerada estagnação e atraso, é mecanismo de agência e enfrentamento. Uma história que permeia a vida e o trabalho das mulheres – que se entrecruza com o avanço do capitalismo e suas formas nos faxinais – deve invocar cenários de uma luta cotidiana e formas de resistências múltiplas e invisíveis, pois como assinalou Federici (2017), há uma variedade de campos de batalhas disponíveis, que se somam ao enfrentamento aberto (terreno clássico das lutas de classe) e marcam a história de camponeses/as subjugados em todas as épocas e lugares.

Nesse sentido, a pesquisa propôs-se a discutir as seguintes questões: A ortogonização e aplainamento das paisagens camponesas faxinalenses faz desaparecer sistemas de saberes ancestrais *locais*? De que modo racionalidades camponesas, com sabedorias e culturas próprias – ameaçadas constantemente por modelos hegemônicos de entendimento da natureza – *resistem* na modernidade? De que maneira as práticas e conhecimentos das mulheres dos faxinais se entrelaçam à conjuntura de resistência política?

Para Wedig e Menashe (2013), em comunidades camponesas, a *comida*, para além de sua dimensão material e fisiológica, é *boa para pensar*, pois a partir da forma como se produz e se consome alimentos, pode-se reconhecer dimensões da vida social que referenciam modos de viver, indicando, por exemplo, aspectos familiares e relações estabelecidas entre homens e mulheres<sup>14</sup>.

Para Achinte (2014), comer e, acrescento, cultivar, enunciam padrões culturais e de poder, o que contribuem para a construção da hierarquização social. A partir da concepção do autor de que alimentos, para além de nutrir, *significam*, problematizo os conteúdos simbólicos das práticas que envolvem o ato de *plantar/cultivar* alimentos, tendo como base o suporte

---

<sup>13</sup> A palavra “agronegócio”, nesse sentido, tem uma designação político-ideológica. Ela é utilizada pelos movimentos sociais do campo, de um modo geral, para nomear um modelo de desenvolvimento caracterizado pela presença da agricultura patronal, baseada na monocultura e voltada, exclusivamente, para o mercado, visando à obtenção de lucro. Ela faz referência a uma agricultura que pressupõe a utilização de grandes extensões de terras e de tecnologia de ponta, em que a alta produtividade é alcançada por meio do uso intensivo de agrotóxicos e de sementes geneticamente modificadas, com reduzida utilização de mão de obra, combinada com baixos salários. Nesse sentido, o projeto de desenvolvimento veiculado, no discurso, ao agronegócio se opõe ao projeto da agricultura familiar ou camponesa (AGUIAR, 2016).

<sup>14</sup> Achinte (2014; 2015), por sua vez, também chama atenção para as implicações culturais do ato de comer. Investigando a relação entre comida e colonialidade, o autor demonstra que comer é mais que alimentar-se, pois ele se converte num complexo sistema de relações socioculturais. Para ele, a colonialidade e as suas formas – do poder, do saber, do ser e da natureza – também está presente como dispositivo de classificação alimentar.

fotográfico (utilizados na forma de ilustração e problema) e as narrativas de mulheres ligadas às práticas tradicionais de cultivo nos faxinais.

Como observou Ploeg (2008), a tradição dos estudos camponeses tem negligenciado a *forma* de se praticar agricultura. Assim, nessa tese, concentro-me nas práticas de cultivo da terra nos quintais e nos seus significados. Incorporo na análise alguns aspectos relacionados às terras de plantar e criadouro comum, visto que, os quintais domésticos estão profundamente conectados às práticas e mudanças da paisagem envolvente.

Os usos comunitários de espaços e recursos são uma componente da estrutura agrária brasileira, principalmente entre populações indígenas, caboclos, quilombolas. Nos faxinais, é a partir do modo como concebem o território – conjugação do coletivo e do particular – e organizam o espaço que a vida dos/as faxinalenses se expressa. As relações sociais são decorrentes desse arranjo, onde a moradia é construída junto aos animais e da floresta e a roça fora do cercamento circundante. Essa especificidade tem atraído pesquisadores de diferentes áreas desde a primeira metade da década de 1980. Como consequência, há relativa variedade de estudos sobre os faxinais paranaenses.

O primeiro deles, datado de 1984, é de Horácio Martins de Carvalho, que com sensibilidade explorou a lógica de funcionamento interno do Faxinal Rio do Couro, em Irati. Seu texto, resultado desse estudo exploratório, chamado *Da aventura à esperança: a experiência autogestionária do uso comum da terra*, apesar de não ter sido publicado tornou-se referência para inúmeros pesquisadores e pesquisadoras.

Man Yu Chang (1988), por sua vez, realizou uma pesquisa pioneira e abrangente sobre os faxinais paranaenses, em seu estudo a pesquisadora abordou conjuntamente aspectos econômicos e sociais dos faxinais. Seu livro intitulado *Sistema faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná*, resultado de sua pesquisa de mestrado, é referência básica para pesquisas na área. Carvalho (1984) e Chang (1988) são reconhecidos por desenvolverem suas análises enfocando as condições socioeconômicas dos faxinais.

Francisco Adyr Gubert Filho (1987), contribui para os estudos sobre faxinais ao estudar os conflitos e a lógica interna do Faxinal dos Andrades, município de Rebouças. Engenheiro agrônomo, Gubert forneceu conhecimentos importantes sobre solo e vegetação nos faxinais. Todavia, seu estudo, intitulado *O Faxinal*, avança para uma análise social, política e jurídica – o autor, a partir de entrevistas, traz as diferentes interpretações de representantes políticos, sindicais, religiosos e de moradores contrários e favoráveis à prática do criadouro comum – dos faxinais.

Maria Magdalena Nerone (2000) é outra importante referência no campo da historiografia. Sua tese de doutoramento *Terras de plantar, terras de criar – sistema faxinal: Rebouças – 1950-1997*, explora aspectos da sociabilidade e manifestações culturais e religiosas no Faxinal Marmeleiro de Baixo, em Rebouças (PR). Além disso, a autora contribui largamente na compreensão das *origens* dos faxinais na região.

Recentemente, algumas pesquisas de mestrado enfatizaram aspectos históricos, sociais e geográficos das comunidades faxinalenses. Destaco a pesquisa de Regiane Maneira (2014) que analisou as narrativas sobre a praga de gafanhotos – ocorrida no final da década de 1940 – nas comunidades de Faxinal do Rio do Couro, Faxinal dos Mellos e Comunidade de Rio do Couro. No campo da geografia agrária, merece destaque a tese de doutorado de Luís Almeida Tavares (2008), que consiste num estudo aprofundado sobre campesinato e terras de uso comum nos faxinais do Paraná.

Contudo, dos estudos já desenvolvidos sobre faxinais, grande parte deles dedicam-se a investigar seu sistema produtivo e às relações estabelecidas com o ambiente biofísico sob o qual se organizam. Poucos estudos abordam relações de gênero e trabalho nos faxinais, recentemente pesquisadoras/es de Iniciação Científica, ligados ao Laboratório de Povos Eslavos e Faxinalenses (LAPEF), se empenharam na investigação de alguns desses aspectos.

Na pesquisa que ora apresento, dados etnográficos e historiográficos se associam e se cruzam para compor um texto representacional das especificidades dos faxinais e de suas contradições internas, construídas a partir de um singular *modelo de natureza*, expressão alusiva à Escobar (2005). A análise possui como fontes principais documentos escritos, narrativas orais de mulheres moradoras das comunidades pesquisadas e fotografias.

As fotografias dos quintais faxinalenses, áreas de plantio e dos criadouros comum foram produzidas a partir de dois processos: a) produzidas e cedidas por moradoras e moradores dos faxinais pesquisados; b) produzidas por mim em trabalho de campo, entre os anos de 2017 e 2022, onde, nas ocasiões dessas visitas também foram realizadas entrevistas com algumas moradoras.

Essas fotografias carregam, no primeiro caso, o “olhar habituado” de moradores/as da comunidade, guardados como recordação, lembrança de tempos longevos e no segundo caso, um olhar de “estranhamento” da pesquisadora frente ao seu objeto de investigação. Nas duas circunstâncias, há que se considerar os interesses e as experiências particulares de moradores/as e também da pesquisadora, pois como apontou Belting (2014), a fotografia reproduz o olhar que lançamos sobre o mundo. Logo, elas são marcadas por uma percepção

pessoal daquele momento do registro, pois foi através de uma intencionalidade, vivência e sensibilidade que a imagem fotográfica veio ao mundo.

Segundo Samain (2003), antropólogos e historiadores são fotógrafos que se ignoram. Ao procurar imergir e entender os meandros e significações da cultura humana, fazem um trabalho de varredura e escavação, atuando como colecionadores de fotografias à procura de índices, de signos de sentidos. Na sua interpretação, ambos não se dão conta de que são os próprios fotógrafos de uma cultura e de uma história que se propõem a construir. Assim, considerando que as imagens pensam e fazem pensar, como sugeriu Samain (2012), elaborei uma reflexão conduzida<sup>15</sup> por uma coleção de fotografias e um conjunto de entrevistas, e a partir dessas fontes problematizo os significados envolvidos no processo de cultivo nos quintais faxinalenses da região Centro Sul do Paraná.

As fotografias nos permitem historicizar e problematizar as sabedorias e conhecimentos aplicados no solo, criando assim paisagens. As paisagens – incluindo sua historicidade – dos quintais, do criador comum e das terras de plantar serão vistas e analisadas a partir das fotografias<sup>16</sup>, sejam aquelas tiradas pela pesquisadora na atividade de produção de fontes e, portanto, mais recentes, ou aquelas tiradas por moradoras e moradores dos faxinais, mais antigas. Como observou Fávero (2014), enquanto expressões da ação humana projetadas no espaço, as paisagens revelam as opções, contradições e disputas que deixam marcas nos territórios.

A modernidade, enquanto narrativa hegemônica da civilização ocidental (Mignolo, 2017), traduzida nas práticas e racionalidades do agronegócio, inclina-se a disciplinarizar, dominar e alisar<sup>17</sup> a natureza. No campo, de forma geral, e nos faxinais, de modo particular, as inúmeras espécies de fauna e flora, a diversidade de cores, cheiros, sabores estão sendo substituídas por traçados retos e lineares dos monocultivos de soja e/ou eucaliptos. Nesse percurso de investigação, as fotografias e as narrativas das moradoras, possibilitam investigar a historicidade dessas transformações e analisar as implicações desses processos para as populações locais.

Ao longo do texto algumas fotografias foram repetidas, isso se deve à necessidade de fazer notar aspectos diferentes presentes na mesma imagem. A respeito da relação em História

---

<sup>15</sup> Para Samain (2003), a fotografia não funciona sem nossa participação, porém é ela que conduz, dirige e provoca a nossa participação.

<sup>16</sup> O processo de apreender e interpretar a paisagem também se deu pela atividade etnográfica e a partir das memórias narradas pelas mulheres.

<sup>17</sup> Aplainar pode significar alisar (madeira); nivelar (um terreno) ou desaparecer. Além disso, pode significar remover arestas, igualar, remover as dificuldades, superar, simplificar.

e Fotografia, ver: CANABARRO (2015), MAUAD (1996), BORGES (2008) e KOSSOY (2001).

Quanto às narrativas, realizei entrevistas semiestruturadas e estruturadas com algumas mulheres dos dois faxinais pesquisados, a saber: Dona Bernardete (2017; 2019), Dona Elizabete (2017; 2022), Dona Terezinha (2017) e Dona Olga (2022), moradoras do Faxinal Rio do Couro, e Dona Josefa (2022), Dona Marinda (2017), Dona Elizangela (2017) e Dona Marinês (2017), moradoras do Faxinal do Salto<sup>18</sup>.

Os encontros ocorreram entre os anos de 2017 e 2022. Em 2017 estive pela primeira vez nessas comunidades, visitando quintais e conversando com várias mulheres sobre suas atividades e realizei algumas entrevistas exploratórias. As conversas e entrevistas aconteceram, quase sempre, nos quintais, onde elas consideravam mais pertinente visto que podiam narrar visualizando as plantas e o resultado de seu trabalho. Nessas ocasiões dialogávamos a respeito dos quintais, dos saberes, relações de trabalho, cercas, criadouro comum e ajuda mútua.

As narrativas de Dona Bernardete Longato, Dona Elizabete e Dona Terezinha, moradoras do Faxinal Rio do Couro, e Dona Marinda do Espírito Santo, Dona Elizangela e Dona Marinês, moradoras do Faxinal do Salto, orientam o estudo, num primeiro momento.

A pesquisa diretamente nos faxinais foi bruscamente interrompida pela pandemia Covid-19, nesse período outros gêneros possíveis de fontes foram levantados e analisados. Após o controle pandêmico, outras visitas e entrevistas foram realizadas em ambos os faxinais. Nesse segundo momento, optei por utilizar, principalmente, as narrativas de Dona Josefa (Faxinal do Salto), Dona Olga e Dona Elizabete (Faxinal do Rio do Couro), devido ao alinhamento com os objetivos da pesquisa. As entrevistas foram feitas na cozinha, caminhando pelos quintais e, principalmente na varanda da residência, que se encontra, geralmente, voltada para o quintal.

Com Dona Elizabete e Dona Bernardete foram realizadas duas entrevistas. No primeiro contato, em 2017, Dona Bernardete<sup>19</sup> mostrou-se entusiasmada em falar da relação constitutiva entre o passado e o presente vivido no Faxinal Rio do Couro, pois ela ali reside desde que nasceu, fato que levou à uma entrevista estruturada, em 2019. Nessa segunda entrevista a opção foi por direcionar o diálogo a partir de questões específicas, como as

---

<sup>18</sup> No texto, as citações das entrevistas não apresentam a característica tradicional de recuo devido à intenção de demonstrar a construção das narrativas junto as mulheres entrevistadas.

<sup>19</sup> Dona Bernardete Longato é moradora do Faxinal Rio do Couro, agricultora, tem 59 anos, casada e mãe de três filhos. Ela e sua família produzem, atualmente, em sua propriedade de 18 alqueires, fumo e milho para comercialização, e feijão e verduras – no quintal – para consumo familiar.

modificações históricas no criador comum e no cotidiano de seus moradores, as mudanças na forma de se relacionar com a terra e entre os moradores (relações de parentesco, troca e ajuda mútua), sistema de saberes e as cercas, elementos constitutivos de um faxinal. O fator de escolha para entrevistá-la outras vezes foi o fato de que suas narrativas indicaram que sua experiência e subjetividade era marcada profundamente pela historicidade do lugar onde vive. Quanto a Dona Elizabete, entrevistas foram realizadas em 2017 e 2022. A última entrevista, aprofundamento a respeito de quintais, se deu em virtude do desejo de investigar os modos que a transformação na paisagem circundante (criador comum) refletiu na configuração de seus quintais e no seu trabalho.

Outras mulheres, apesar de não serem entrevistadas diretamente, colaboraram com o estudo, mostrando os seus quintais, suas plantas, falando do cotidiano de trabalho e de vida nos faxinais. Essas informações foram fundamentais para a tessitura da investigação que resulta nessa tese.

Na análise dessas narrativas, operamos com a concepção de Portelli (1997, p. 27) para quem memórias são interpretações; segundo ele, “aquilo que criamos é um texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores”. O autor ressalta ainda que, apesar de ser moldada de formas diversas pelo meio social, o ato e arte de lembrar são profundamente pessoais, isto é, a memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas somente os seres humanos são capazes de guardar lembranças e discuti-las quando conveniente.

Nesse sentido, de acordo com os fundamentos teóricos e metodológicos da História Oral, autores como Pollak (2010), Montenegro (2006), Amado (1995), Portelli (1997) e Montysuma (2008) convergem quanto ao entendimento de que no processo de construção das narrativas, elas são elaboradas tomando como referência as experiências subjetivas e aquelas socialmente compartilhadas.

Para Amado (1995, p. 133), “toda narrativa apresenta uma versão, um ponto de vista sobre algo”, interpreta-se que nisso opera a subjetividade da pessoa que narra. No mesmo caminho, Portelli (1997, p. 27) assinala que a objetividade científica não consiste na simulação de uma impossível e indesejável neutralidade, posto que ela não existe, mas em assumir a tarefa de considerar a subjetividade e interpretação presentes na discussão das questões que propomos. Assim, tanto descrever objetivamente um fato, quanto elaborar um



discurso sinuoso, complementamos, implica em considerar presente subjetividade e interpretação<sup>20</sup>.

Nesse sentido, considera-se que a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se, para tal, de instrumentos criados e compartilhados. Recordações de duas pessoas podem até ser semelhantes, mas jamais serão exatamente iguais. Como assinalou Bergson (1999, p. 30) “Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada”. Logo, interpreta-se que imperam as subjetividades.

Quanto às fontes escritas, utilizo um aporte diferenciado de documentos – incluindo oficiais e àqueles produzidos coletivamente nas comunidades faxinalenses – os quais contribuem na investigação a respeito da historicidade das comunidades pesquisadas e de suas cosmovisões, a saber:

O fascículo intitulado *Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura* que compõe a Série Faxinalenses do Sul do Brasil, publicado pelo Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, publicado no ano de 2008. Esse fascículo, de número 1, foi organizado a partir do apoio da Associação Puxirão Faxinalense (APF) e do Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP). A publicação compila depoimentos e mapas que representam as formas de organização comunitária nos faxinais, ofícios tradicionais de cura, a diversidade de sementes crioulas, práticas produtivas, ofícios tradicionais de cura e suas ameaças, conflitos de acesso e uso dos recursos naturais em três comunidades de Faxinais, incluído o Faxinal do Rio do Couro.

O texto intitulado “*Da Aventura à Esperança: experiência autogestionária no uso comum da terra*”, escrito pelo pesquisador e engenheiro agrônomo Horácio Martins de Carvalho. Concluído em 1984, a pesquisa foi a primeira investigação específica sobre os faxinais no Paraná. O autor aborda a experiência de autogestão do uso comum da terra no Faxinal Rio do Couro, procurando reconstituir a história do criador comunitário dessa comunidade a partir da etnografia e memória oral das famílias. A partir de suas considerações é possível investigar, entre outros aspectos, a historicidade da localidade, da organização coletiva e da prática de criar em comum, e as normas consuetudinárias que historicamente constituíram e orientaram o criador comunitário nesse faxinal. Trata-se de uma investigação

---

<sup>20</sup> Ver: ALMEIDA, Marisangela Lins de; MONTYSUMA, Marcos Fábio Freyre; SCHORNER, Ancelmo. Cercas e memórias: a experiência histórica do uso comum da terra no Faxinal Rio do Couro (Irati-PR). **Revista de História Oral**, v. 22, n. 1, p. 164-183, jan./jun. 2019.

minuciosa sobre a especificidade de um faxinal, mas que excede o local e, a partir de um trabalho de campo atento, orienta estudos posteriores sobre os faxinais no Paraná.

*Livro de Atas da Associação de Moradores da Comunidade do Faxinal do Salto* – Município de Rebouças. Esse documento possibilita diferentes análises a respeito das relações ocorridas neste faxinal entre os anos de 1988 e 2017, enfocando os conflitos internos – normas costumeiras e contendas relacionadas ao Criador Comum, aos cercamentos individuais e disputas pela água, organização do trabalho comunitário, historicidade do faxinal, processo de reconhecimento das especificidades dessa modalidade de campesinato e consequente autorreconhecimento enquanto faxinalenses, invisibilidade das mulheres nas formas de resistência da comunidade e ausência destas nos espaços de poder e decisão, como sindicalismo, por exemplo – e externos. Para além, manifesta a historicidade do processo de fazer desse espaço lugar de morada e de vida.

*Escritura Pública de Instituição do Criador Comum do Faxinal do Salto*, cujo Registro oficial em Cartório ocorreu em 1992. Os registros oficiais do criadouro comum se tornaram comuns a partir do início da década de 1990, em virtude do acirramento de conflitos nos faxinais<sup>21</sup>. Até então, as normas que regiam o criador comunitário das comunidades faxinalenses nessa região eram de ordem consuetudinária, baseando-se apenas no costume. Na interpretação de Nerone (2000), essas normas passam a ser escritas numa tentativa de fortalecimento dos laços internos e asseguramento do sistema cultural da comunidade.

Desse modo, o documento de Escritura Pública de Instituição do Criador Comum do Faxinal do Salto (1992) é de fundamental importância para examinarmos as nuances da organização interna deste território e investigar o processo de adaptação das normas consuetudinárias às transformações econômicas e culturais da região. Outra contribuição do documento diz respeito à complexa condição dos chamados *usuários*, pessoas que não possuíam terras no faxinal (nem na área de plantar nem nas terras de criar), mas que por comum acordo e consenso dos/as proprietários/as poderiam residir e criar animais dentro do criadouro comum.

Livro *A Lavoura de Fumo em Irati: a produção familiar e capitalismo*, de autoria da antropóloga Veraluz Zicarelli Cravo, publicado em 1982. A obra é resultado da dissertação de mestrado da autora – defendida em 1978 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –, cuja pesquisa remonta à segunda metade dos anos 1970. O estudo manifesta aspectos

---

<sup>21</sup> Nessa região, no ano de 1991, o Faxinal Marmeleiro de Baixo foi primeiro a registrar de forma escrita as suas normas de funcionamento e a relação dos/as moradores/as participantes. Esse fato, direcionou e encorajou os demais faxinais a fazer o mesmo.

relacionados à terra e trabalho nas localidades rurais do município de Irati e proximidades, revelando assim as condições socioeconômicas do Sul do Estado do Paraná no período. A autora, a partir de uma abordagem marxista, analisa as formas familiares de produção e mostra as estratégias da fumicultura para se desenvolver nessa região. Para além, sua abordagem minuciosa permite um panorama de aspectos geográficos, demográficos e históricos da região de Irati.

O Faxinal Rio do Couro foi uma das nove localidades de Irati pesquisadas pela antropóloga, desse modo, apesar do estudo não enfatizar os faxinais, traz informações relevantes sobre esses territórios e sua relação com a sociedade envolvente. Além disso, a pesquisa de Cravo (1982) nos permite visualizar as condições da agricultura de subsistência, incluindo o trabalho familiar e o início de um processo de transformação da paisagem nessa região, visto que as plantações de tabaco, além de modificar as relações entre esses camponeses, alterou a organização e distribuição das espécies de plantas<sup>22</sup> nessas comunidades.

Lanço mão, por fim, de um conjunto de leis estaduais e municipais que discorrem a respeito da existência dos faxinais no Paraná. Estes documentos serão apresentados e analisados ao longo da tese, quando pertinentes. Além das informações sistematizadas a partir das entrevistas e sucessivas visitas realizadas nessas comunidades, observei e participei de diversos eventos que integraram a agenda política dos/das faxinalenses – organizados pelos próprios faxinalenses e/ou instituições públicas – ao longo dos anos de 2015 e 2016, a saber: a) I e II Encontros dos Povos Faxinalenses de Rio Azul-PR, realizados no Faxinal Lajeado dos Mellos, respectivamente nos anos de 2015 e 2016, organizado pelo Laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses (LAPEF/UNICENTRO); b) Feira das Sementes Crioulas, realizada no município de Rio Azul-PR, no ano de 2015.

Também participei de Encontros organizados pelo MASA (Movimento Aprendizes da Sabedoria), ocorridos no município de Rebouças, que reuniu detentores e detentoras de ofícios tradicionais de cura, como Benzedeiras, Benzedores, Curandeiras, Remedieiras e Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Machucadura e/ou Rendidura, e Parteiras, onde muitas dessas pessoas eram moradoras/es de faxinais ou utilizavam-se das suas florestas como fontes de ervas e outras plantas medicinais.

Realizei, ainda, incursões ao Faxinal dos Mellos, Faxinal Monjolo, Faxinal Marmeleiro de Baixo. Em seu conjunto, esses trânsitos contribuíram para que construísse uma

---

<sup>22</sup> O plantio de eucalipto e bracatinga, por exemplo, foram incorporados e tornaram-se recorrentes, pois forneciam lenha para secagem do fumo nas estufas.

visão mais abrangente das semelhanças e heterogeneidades das comunidades de faxinais e compreendesse melhor a dimensão do Movimento político dos/as Faxinalenses, os conflitos internos e externos e as interações com a sociedade envolvente e outras populações tradicionais existentes na região. Além disso, proporcionaram contato mais profundo com os quintais e as demais paisagens de faxinais, presenciando ano a ano a redução do potencial dos criadouros comuns e o avanço dos monocultivos de eucaliptos e soja na região.

A tese está composta pela introdução e quatro capítulos, seguidos pela conclusão. No primeiro capítulo realizo algumas reflexões teórico conceituais acerca do uso comunal da terra no Brasil e investigo aspectos da sua ocorrência nos faxinais. Para tanto, recuo ao passado e exploro a historicidade das categorias Uso Comum e Faxinais e examino sua ocorrência nos faxinais da região Centro Sul do Paraná.

O segundo capítulo aborda a relação entre mulheres, quintais e faxinais. Nele, apresento os quintais faxinalenses, sua historicidade, e investigo as sabedorias – traduzidas nas práticas de manejo e conservação de sementes crioulas, usos de plantas medicinais e práticas de cura – associadas a esse lugar. Analiso a categoria trabalho associado aos modos de fazer agricultura das mulheres no processo de tecer paisagens, examinando como se relacionam com tecnologias da agricultura moderna.

No terceiro capítulo, considerando que os quintais são lugares que não podem ser compreendidos de forma isolada/recortada, mas em conexão com o território envolvente, investigo historicidade e o alcance da agricultura capitalista nos faxinais – impactando o modo de viver e transformando as suas paisagens. Aqui, por meio da intervenção conceitual do tempo, traduzido em fotografias e memórias dos *antigos*, investigo a passagem de uma *paisagem mosaico* (marcada pelo predomínio da diversidade biológica e de relações sociais) para *paisagem homogênea* (expressa na terra a partir de agriculturas monocultoras) nos faxinais.

No quarto capítulo, a partir da análise de quintais específicos, considerados mosaicos mutáveis, investigo aspectos relacionados aos saberes e seleção de espécies como motores da biodiversidade, problematizando *como* a conformação das paisagens dos quintais se associam às estratégias de resistências (silenciosas) das mulheres nos faxinais. Também levanto questões sobre cercamentos de saberes, violências, poder das mulheres e a importância das atividades femininas nos quintais para a gestão da agrobiodiversidade e memória histórica em face da modernização agrícola e sua racionalidade.

## 2 OS FAXINAIS E O USO COMUM DA TERRA

### 2.1 Os Faxinais

Os faxinais são uma modalidade de campesinato, cuja característica básica é a existência do criador comunitário, onde animais são criados à solta, aproveitando os recursos naturais disponíveis: pastagens, aguadas, pinhão, guabirobas, araçá etc. Trata-se de uma mata com araucária, modificada pelo pastoreio extensivo, que abriga espécies como erva-mate, canela, imbuia e variedades de frutíferas como jaboticabeiras, guabirobeiras, cerejeiras, entre outras. A estrutura fundiária das Matas de Araucária é caracterizada pela presença majoritária de pequenas e médias propriedades, devido inclusive ao modelo de colonização adotado na região. Por isso, pode-se dizer que os faxinais são o resultado da junção dessas propriedades em função do uso comum dos recursos naturais tais como as aguadas e as pastagens, onde há o acesso a estes bens por pessoas e animais (SCHORNER e ALMEIDA, 2015).

No criador comunitário – onde se localizam as moradias, os quintais agroecológicos e igrejas – o uso da terra e dos recursos naturais é de uso comum. As casas, em virtude da livre circulação de animais, são ordenadas no interior de uma área cercada (cerca circundante), conforme indica a imagem abaixo.

**Figura 1:** Organização do território faxinalense.



Fonte: Rede Faxinal, 2004.

De acordo com a categorização clássica, um faxinal é *dividido*<sup>23</sup> em terras de criar e terras de plantar. As terras de plantar, sejam próprias ou arrendadas, se localizam geralmente nas encostas, em áreas mais íngremes, e são separadas do criadouro comum através de uma cerca circundante – composta por valos, cerca verde e principalmente *frechame*<sup>24</sup> – construída e mantida coletivamente. A sua principal função é impedir que os animais penetrem nas plantações e causem danos. Nesse caso, a cerca não privatiza os recursos naturais.

Há evidências de que em tempos imemoriais esta cerca não existia, devido à presença de grandes extensões de terras para o pastoreio dos animais. Na atualidade, não raramente, a cerca provoca conflitos locais, seja devido à sua manutenção (trabalho e equipamentos) ou construção dos chamados *fechos* – *cercamentos individuais* – em locais indevidos ou proibidos pelas leis consuetudinárias.

Gubert Filho (1987) aponta que uma das possíveis explicações para essa ocupação diferenciada das terras estaria relacionada à fertilidade natural dos solos na época do *desbravamento*<sup>25</sup>. Os solos nas áreas com relevo ondulado e forte ondulado teriam maior fertilidade comparados aos solos com elevada acidez e nutritivamente pobres predominantes nas áreas de relevos ondulado suave e plano. Além disso, segundo o autor, era sobre os solos mais profundos (baixos) que se desenvolvia com mais abundância a araucária e a erva-mate, espécies florestais de elevada importância econômica para essas comunidades. Essa seria uma das explicações para a prática de organizar as moradias no criador, em áreas mais planas e baixas, e realizar lavouras separadamente, em terrenos íngremes.

Para Campigoto (2008), as terras de criar, chamadas de uso comum, podem ser também denominadas de áreas de compáscuo<sup>26</sup>, devido à utilização em comum de terras para criação de animais em regime extensivo. Nas terras de uso comum (pertencente à vários/as proprietários/as) são criados animais de várias espécies, como bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos, além de vários tipos de aves domésticas.

Apesar das terras do criadouro serem de uso comum, a posse da terra e dos animais são de propriedade individual. O número de animais que podem ser soltos no criador comum

---

<sup>23</sup> A expressão mais adequada seria *composto*, já que é a conjugação desses dois espaços que produz o que se denomina comumente de faxinal.

<sup>24</sup> Cercas feitas de madeira lascada, colocadas uma do lado da outra na horizontal, entre mourões, para impedir a passagem dos pequenos animais, como porcos e cabritos, carneiros e galinhas.

<sup>25</sup> Expressão que parte do ponto de vista do colonizador, citada pelo autor.

<sup>26</sup> No regime de compáscuo dos faxinais, os proprietários fornecem suplementação alimentar aos animais, basicamente milho e sal, durante o ano todo, principalmente nas épocas de maior escassez de pastagens e frutos no criador comum essa alimentação é ampliada. Além da função nutricional, essa prática visa a criação de vínculos dos animais com a propriedade de seu dono, assim, por mais longe que possam ir dentro do criadouro, eles sempre terão um *lugar* para retornar, àquele onde recebem esses alimentos (CARVALHO, 2015).

por cada proprietário/a ou *moradores usuários* – aqueles/as que residem no faxinal, mas não possuem terras nem na área de criar, nem na de plantar – são definidos a partir de critérios estabelecidos internamente e coletivamente<sup>27</sup>. As responsabilidades com a saúde e cuidados dos animais são dos seus proprietários/as.

As terras de plantio, por sua vez, são de uso individual, apesar de serem historicamente marcadas pelo trabalho coletivo, manifestado nos chamados mutirões e/ou puxirões. Os produtos mais cultivados nessas terras são o milho, o arroz, a batata e a mandioca, mas há variações em cada faxinal. Tradicionalmente, a técnica de plantio é a de rotação de culturas, utilizando-se a queimada para limpeza do terreno.

Entretanto, devido à expansão do capitalismo na agricultura na segunda metade do século XX, esse cenário acabou se modificando. A chegada de moradores ditos *de fora* associada à prática de cultivar monocultivos, ocasionou, além dos cercamentos de terras e devastação das florestas, o afrouxamento de laços internos e conflitos. Esses antagonismos foram e são fontes de violências na região. Na atualidade, muitas famílias cultivam tabaco e soja para a comercialização e, em muitos casos, há também a presença de cercamentos individuais no criadouro comum onde, comumente, encontramos plantações de soja e eucaliptos, *encolhendo* a extensão e capacidade do criador.

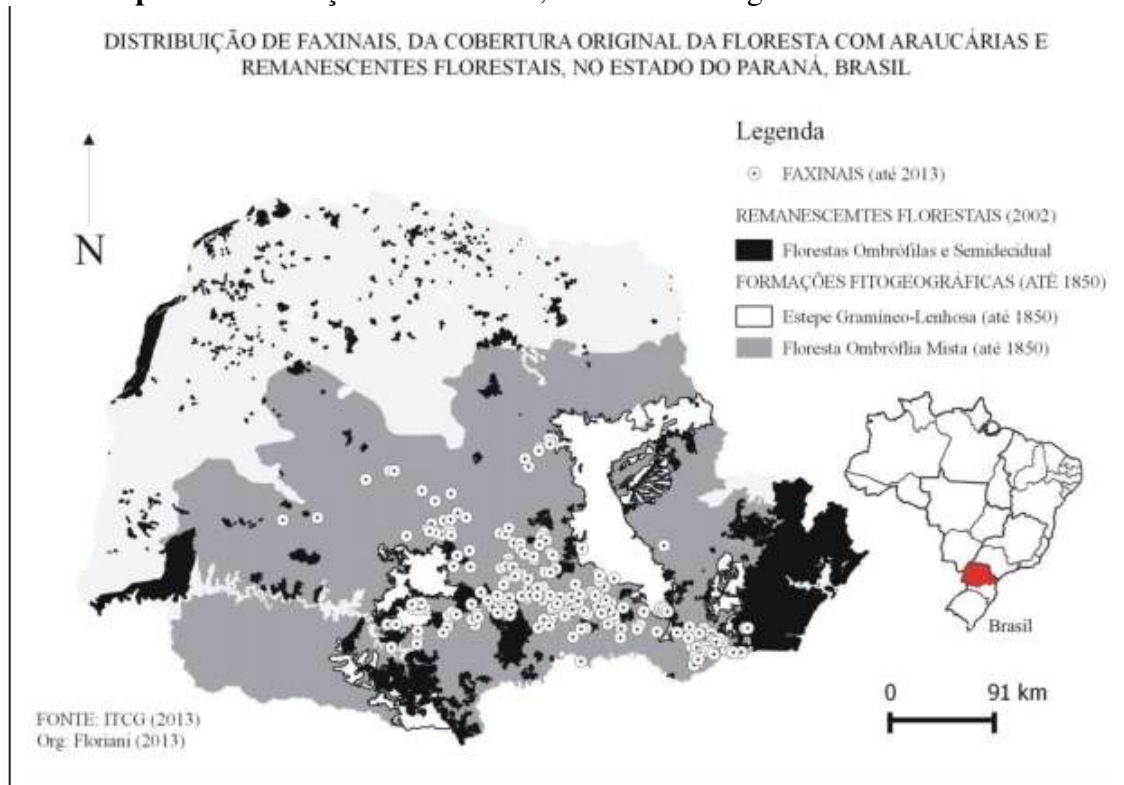
Segundo Floriani et al. (2016), as áreas de criadouro comunitário dos faxinais paranaenses constituem, atualmente, os últimos remanescentes expressivos de Floresta Ombrófila Mista – que em conjunto com a Floresta Ombrófila Densa faz parte do Bioma Mata Atlântica – da região, estimado em torno de 3% de sua cobertura original, garantindo-lhes o status de unidades de conservação estadual. De acordo com os autores, essas áreas são estratégicas para a conservação da biodiversidade e da cultura dos povos tradicionais<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Não proprietários de terras (tanto no criador, quanto nas terras de plantar) que não residem nos faxinais, podem soltar animais no criador, mas com anuência de proprietários/as.

<sup>28</sup> O conceito de povos tradicionais oferece um mecanismo de análise para compreender as lutas territoriais atuais, conforme Paul Little (2002). Essas lutas foram e estão sendo impulsionadas enquanto resposta ao avanço global de complexos agroindustriais que ameaçam territórios de diferentes populações e suas ruralidades. Para Little (2002, p. 23-24), essa categoria contém uma dimensão empírica e política, assim, utilizá-lo implica colocar o debate dentro dos direitos coletivos, se transformando num instrumento estratégico nas lutas por justiça social desses grupos. Dessa forma, o uso do conceito de povos tradicionais procura oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como: a existência de regimes de propriedade comum; o sentido de pertencimento a um lugar; a procura de autonomia cultural; práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais analisados aqui mostram na atualidade. Ele se aplica àqueles povos que vivem em áreas geográficas particulares que demonstram, em vários graus, as seguintes características: a) ligação intensa com os territórios ancestrais; b) auto identificação e identificação pelos outros como grupos culturais distintos; c) linguagem própria; d) presença de instituições sociais e políticas próprias e tradicionais; e) sistemas de produção principalmente voltados para a subsistência (DIEGUES et al, 1999, p. 17).

**Mapa 1:** Distribuição dos Faxinais, da Floresta Original e Remanescentes.



**Fonte:** Floriani et al (2016, p. 103).

Como vemos, terras de Faxinais existem com relativa expressão no Estado do Paraná, especificamente na região Centro Sul do Estado<sup>29</sup>, onde se formaram em áreas com predominância de matas com araucária. Segundo Chang (1988) essa forma de organização chegou a predominar em cerca de um quinto do território paranaense. Entretanto, atualmente, são poucos os municípios que possuem faxinais.

Um levantamento realizado pela Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) apontou que, em 1994, o número total de Faxinais no Paraná chegava a 121. Uma atualização efetuada pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP), em 2004, demonstrou que somente 44 destes se mantinham (MARQUES, 2004). Estes 44 Faxinais agregavam cerca de 3.000 famílias, com uma população de aproximadamente 16.000 habitantes. Utilizando os dados da pesquisa de Marques (2004), Löwen Sahr e Cunha (2005, p. 96) desenvolveram um mapa da distribuição dos Faxinais no Paraná, que podemos ver abaixo.

<sup>29</sup> Essa forma de organização também pode ser encontrada no Estado de Santa Catarina, especificamente no Planalto Norte. Os estudos de Souza (2009) sugerem a existência de aproximadamente de 70 faxinais nessa região.



**Mapa 2:** Distribuição e situação dos faxinais no Paraná.

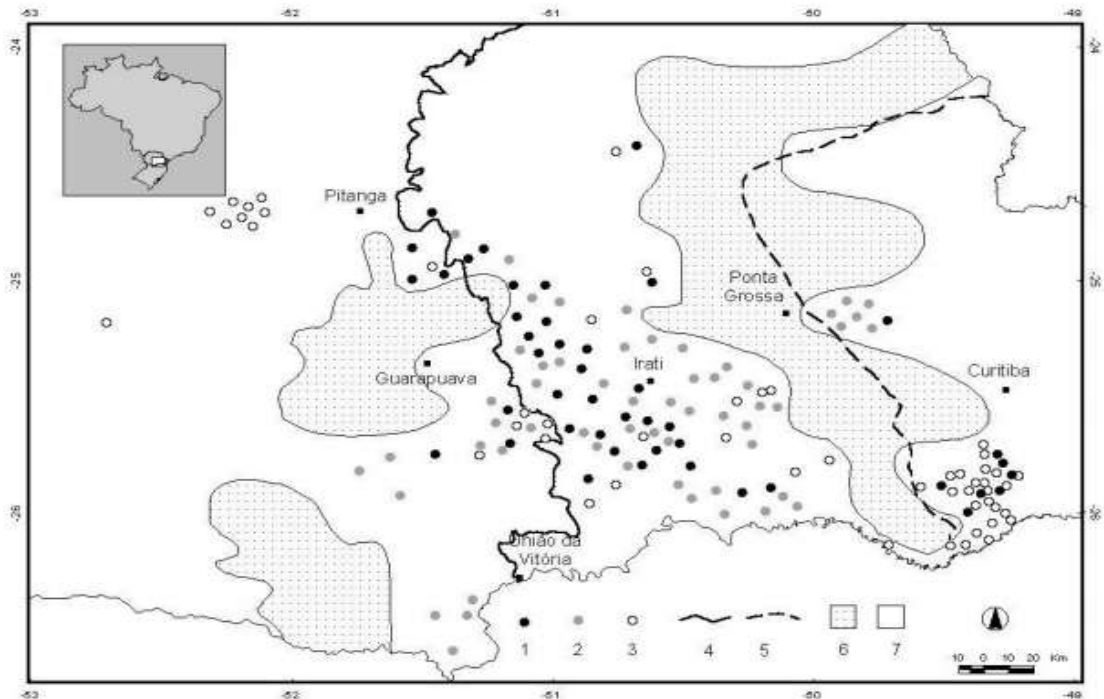


Fig. 2: Distribuição dos Faxinais no Paraná – Situação Atual

1 – Faxinais Remanescentes; 2 – Faxinais Desativados; 3 – Faxinais Extintos; 4 – Escarpa da Serra Geral; 5 – Escarpa Devoniana; 6 – Campos; 7 – Mata de Araucária.

Fonte dos Dados Brutos: MARQUES (2004). Base Cartográfica: CIGOLINI, MELLO, LOPES (2001). Concepção e Cartografia: LÖWEN SAHR, C. L.; BERTO, V. Z.

**Fonte:** Löwen Sahr e Cunha (2005, p. 96).

Os estudos realizados na década de 1990 e nos anos iniciais de 2000 foram precedidos por uma ampla pesquisa exploratória denominada Mapeamento Social dos Faxinais. Realizado entre novembro de 2007 e março de 2008, essa investigação demonstrou um número bem maior de faxinais no Estado. Foram visitadas e catalogadas 227 faxinais e registrados mais 67 faxinais (nestes não foram realizadas visitas, mas indicados por agentes sociais que os conheciam). O mesmo estudo identificou na microrregião de Irati a existência de 37 faxinais, sendo 15 deles no município de Rebouças e 14 em Irati<sup>30</sup>.

Nesse sentido, o que se observa é a característica de ascensão dos faxinais no Paraná. Entretanto, Souza (2009) afirma que apesar do conhecimento sobre a situação ter aumentado significativamente, não se pode afirmar com exatidão o número de faxinais existentes. Isso se deve, segundo o autor, dentre outros aspectos, ao fato de que os chamados faxinalenses estão construindo sua identidade coletiva a partir de acontecimentos e

<sup>30</sup>A microrregião de Irati compreende os municípios de Irati, Rio Azul, Rebouças e Mallet.

reivindicações do presente, ou seja, a partir de conflitos com antagonistas, como chacareiros, sojicultores, empresas madeireiras e fumicultoras, entre outros.

À medida que avança a presença do agronegócio nos faxinais, essas comunidades acionam mecanismos de identificação como forma de defesa e força contra o processo de expropriação e desterritorialização, ampliando o número de comunidades de faxinais e, conseqüentemente, de faxinalenses, que se reconhecem como tal. Assim, como uma nova forma organizativa a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) incorpora reivindicações principalmente de direitos territoriais a partir da construção de identidades coletivas desses grupos<sup>31</sup>.

Os faxinais encontram-se classificados em quatro categorias situacionais e que expressam as diferentes territorialidades e processos de (des)territorialização, segundo Souza (2009): situação 1) diz respeito aos faxinais cuja territorialidade específica contempla grandes extensões territoriais e que possuem criador comum aberto (sem necessidade da cerca circundante devido a vastidão das terras de uso comum), onde criações altas e baixas o acessam livremente; situação 2) o criador comum encontra-se cercado, circulando criações altas e baixas, o espaço é delimitado fisicamente por cercas de uso comum, valos, mata-burros, portões e rios; situação 3) é caracterizada pelo fechamento com cercas de 4 fios de arame nas divisas de algumas ou todas as propriedades, logo, as áreas antes destinadas ao criador comum são fechadas, havendo forte limitação ao livre acesso dos animais e predominando criações de grande porte. As de pequeno porte, são mantidas em mangueirões familiares ou em chiqueiros; situação 4) indica a obstrução do livre acesso, em virtude de conflitos e tensões, sendo assim, o uso comum dos recursos naturais fica restrito aos limites da propriedade privada, o uso comum pela criação baixa ou alta ocorre somente pelo grupo familiar ou doméstico, porém permanece alguns traços simbólicos, como mata-burros, portões, cercas para criações baixas, entre outros. Isso configura uma situação limite de usurpação do território, restando apenas a memória coletiva e alguns traços simbólicos. No Paraná, de modo geral, e nos municípios de Rebouças e Iratí, de modo específico, a proporção numérica de faxinais em cada categoria pode ser analisada a partir da tabela abaixo:

---

<sup>31</sup> Com o advento de novas formas organizativas, que incorporaram inúmeras reivindicações de direitos territoriais, tem sido possível aos faxinalenses criar um movimento social próprio, denominado Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses – APF e, construir em bases mais sólidas sua identidade coletiva (Souza, 2009, p. 30).

**Tabela 1:** Faxinais por município e distribuição das posições.

Mesorregião	Microrregião	Município	Número de faxinais	Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4
Sudeste	Irati	Irati	14	0	4	4	6
Sudeste	Irati	Rebouças	15	0	5	1	9
Total (PR)	***	***	227	11	54	50	112

**Fonte:** SOUZA, 2009, p. 58-59.

O que se verifica, de acordo com o Mapeamento Social dos Faxinais – cujo levantamento assinalou a existência de 227 faxinais no Estado do Paraná – é um número limitado de faxinais na situação 1 (apenas 11 no Estado do Paraná e nenhum em Rebouças e Irati) e a forte concentração na posição 4. Esses dados, apesar de não serem definitivos, já que há relatos de faxinais que não foram mapeadas na região, nos proporcionam um espectro do cenário da expropriação.

A respeito da terminologia *Faxinal*, Chang (1988) e Nerone (2000) estabelecem distinções entre Sistema faxinal e Faxinal. Nerone (2000) interpreta que Faxinal é uma expressão relacionada à vegetação – que inclui pinheiro, erva-mate, imbuia, canela, murta e outras espécies – diferente do que denomina de *Sistema Faxinal*. Para a autora, o Sistema Faxinal é uma forma de organização rural que combina componentes produtivos como produção animal, produção agrícola e extração da erva-mate. Chang (1988), por sua vez, também argumenta que *Faxinal* é uma terminologia relacionada a um tipo de vegetação, já *Sistema Faxinal* é empregado para caracterizar a forma particular de organização econômica desse território.

Nesta tese, optamos pela expressão *Modo de Vida Faxinal* para referir-se à combinação de diferentes aspectos da forma de viver das moradoras e moradores: cultura, religiosidade, trabalho, cosmologia, entre outros. Faxinal, por seu turno, será empregado no sentido de referencial geográfico e territorial. Tais conceitos carecem de cautela ao serem empregados e reclamam considerar o modo como habitantes nomeiam o local onde vivem. Para alguns – a partir dos significados que atribuem ao seu lugar – o espaço das habitações é nominado tão somente *criador*. Faxinal, nesse caso, alude somente às terras de plantar. Essa necessidade de nominar diferentemente o seu local de vida e trabalho é também novidade para muitas/os moradoras/es, visto que, acompanha o processo político de identificação dessas categorias: *Faxinal* e *faxinalenses*.

Nossa tese, então, interpreta os faxinais para além da divisão/oposição *terras de plantar* e *terras de criar*, orientando-se, principalmente, pela representação de seus moradores. Essas interpretações apresentam versatilidades/variações. Observa-se,

brevemente, três situações históricas possíveis identificadas por moradores do faxinal do Marmeleiro (Rebouças), Faxinal do Salto (Rebouças) e Faxinal do Taquari (Rio Azul), respectivamente: 1) faxinal é a soma das terras de plantar mais as terras do criador comum, e portanto, o que não se faz no criadouro comum não se pode fazer nas terras de plantar, como usar agrotóxico, plantar soja, pinus, eucalipto ou fumo; 2) faxinal é apenas o criadouro comum, fora dele está a Comunidade, onde pode-se plantar soja, pinus, fumo e usar agrotóxicos, o que é proibido no criador comum; 3) faxinal designa apenas o criadouro comum, fora dele está a Comunidade o que é permitido fazer fora se pode fazer nas terras de criar: plantar soja, pinus, fumo e usar agrotóxico. (CAMPIGOTO, SCHÖRNER E ALMEIDA, 2019, p. 6).

Até recentemente, diferentes estudos utilizavam a expressão *sistema de faxinal*, nos termos de Chang (1988), para definir essa experiência de uso comum da terra. Interpretamos que essa nomeação, entretanto, nos leva a um binarismo, isto é: o faxinal visto como uma divisão/oposição entre terras de criar e terras de plantar. Além disso, as noções de *sistema* sugerem que o modo de viver faxinalense seria cativo dos ciclos econômicos, sucumbindo definitivamente a medida que o ciclo da erva-mate declinasse.

De fato, no imaginário social e, mesmo na literatura clássica sobre o tema, persiste a tendência de interpretar o modo de vida faxinal como resquício, como algo atrasado e fadado ao desaparecimento, tal como escreveu, equivocadamente, Chang (1988, p. 109): “Finalmente, [...] cremos que dentro de 10 ou 12 anos, o sistema faxinal não mais fará parte do setor produtivo rural do Paraná”. Inserido na noção de ciclos econômicos, essa configuração de abordagem prognosticava o fim do que a autora denominava *sistema faxinal*. Tal concepção – recorrente nos estudos que marcaram os anos 1980 e 1990 – estava/á alinhada a uma concepção de linearidade temporal. O modo de vida faxinal, nessa concepção, caminharia do atraso para o moderno (uso de máquinas pesadas, de agrotóxicos e venenos), quando suas características, como vimos acima, desapareceriam, engolidas pelo chamado progresso.

Desse modo, *faxinalenses* são os camponeses e camponesas do Centro Sul do Paraná que, para além da característica do uso comunal da terra, persistem como organizações de base comunitário-tradicional, reproduzindo-se socialmente mediante relações de parentesco, compadrio e vizinhança, apelando para um conjunto de práticas marcadas pelo costume e

reciprocidade<sup>32</sup>. Esses homens e mulheres – que possuem seu sustento e bem-estar ligados aos recursos da natureza e de sua biodiversidade – enfrentam inúmeras dificuldades para a manutenção de seu território e defesa de seu modo de vida.

Dessa forma, os faxinais são vistos como comunidades rurais agrosilvopastoris, cujos moradores sabiamente manejam estes recursos de forma a possibilitar o acesso à terra para criação animal e água para consumo humano e animal, permitindo a conservação florestal do Bioma Floresta com Araucária. Ali,

os/as faxinalenses promovem a melhor utilização da natureza e pode ser visto sob vários aspectos: a) ecológico: como uma das últimas reservas florestais contínuas, alteradas pelo pastoreio e pelas atividades extrativas vegetais; b) econômico: equivale a área de atividade extrativa, madeira e ervateira, aliada ao pastoreio extensivo; c) social: representa uma interessante experiência já que o Faxinal é interpretado como resultado da interação entre a abundância de meios de produção-terra e mão-de-obra e escassez de capital e portanto de bens de produção (SCHÖRNER, 2010).

Os chamados faxinalenses formam um amplo sistema comunal, ligado por antigos laços de consanguinidade, vizinhança ou casamento. Neles as pessoas ainda nascem e morrem a poucos quilômetros dos lugares onde seus pais e avós viveram. As rodas de conversa e chimarrão, a divisão do trabalho, a forma da construção das casas e das cercas, e as festas compõem uma estrutura e representações de um modo de vida que se transforma continuamente, embora existam várias permanências, seja no criador comum, seja nas terras de plantar (SCHORNER, 2010).

## 2.2 O uso comum da terra

Malditas sejam todas as cercas!

Malditas todas as propriedades privadas

Que nos privam de viver e amar!

(Pedro Casaldáliga)

---

<sup>32</sup> Sabourin (2009, p. 52) argumenta que a reciprocidade se expressa no plano real, em função de seus aspectos materiais, por meio de formas de solidariedade na produção ou redistribuição de alimentos, por exemplo, mas também no plano simbólico, através das normas e/ou costumes. Para ele, reciprocidade significa existência de uma relação de um primeiro termo para um segundo, bem como do segundo para o primeiro, ou seja, é uma relação que se redobra. Ela constituiu uma relação reversível entre sujeitos: cria um valor ético que se torna o valor econômico de uma economia de reciprocidade, diferente da troca, que se apoia na existência de um sistema de mercado concorrencial, criador de preço (uma permutação de objetos) SABOURIN (2009). Nos dois faxinais selecionados para análise, apesar de processos de desarticulação das áreas de uso comum, as relações de reciprocidade fazem parte do modo de viver de seus moradores. Dentre outras formas, a reciprocidade se expressa no uso coletivo da terra e dos recursos naturais, nos mutirões, feiras agroecológicas e nas relações estabelecidas a partir das sementes crioulas.

O uso comum designa situações nas quais o controle de recursos básicos não é exercido de maneira individual por um determinado grupo doméstico de pequenos produtores ou por um de seus membros. Esse controle ocorre por meio de normas específicas e consensuais estabelecidas na unidade social. Nas relações sociais que permeiam as terras de usufrutos comum existe a noção de propriedade privada, entretanto, ela é marcada por laços de reciprocidade e por uma diversidade de obrigações para com os demais grupos de parentes e vizinhos (ALMEIDA, 2007).

O tema dos espaços e recursos de usos comum são pouco estudados, mas possuem grandes implicações sociais e políticas. Numa época em que os interesses privados se estendem a todos os recantos da vida social, impulsionados pelo mercado e pela ideologia neoliberal, os espaços e recursos naturais de uso comunitário encontram-se ameaçados. Hoje, muitas comunidades litorâneas e rurais dispõem de espaços territoriais (florestas, campos, lagos, lagoas, rios, áreas contíguas às praias) que foram e ainda são apropriados coletivamente. O acesso a esses recursos é garantido pelo fato de pertencer à comunidade e participar do mesmo universo simbólico de normas e proibições, em geral fundado numa complexa teia de relações familiares. Esses espaços subsistem, geralmente, em regiões marginais, de difícil acesso e encontram-se, na maioria das vezes, sob pressão (DIEGUES E MOREIRA, 2001).

Sob o ponto de vista acadêmico, o debate a respeito do uso comum da terra e de recursos naturais foi alçado por Garret Hardin. Em 1968, o biólogo escreveu um texto cujo título *A tragédia dos comuns* manifesta a essência de seu conteúdo. A tese de Hardin é de que o uso comunal de bens e recursos poderia funcionar por séculos, mas estaria fadada ao fracasso assim que a estabilidade social e econômica fosse atingida naquela sociedade. Para Hardin (1968, p. 4), “a tragédia dos comuns se desenvolve desta forma: imagine um pasto aberto a todos, é de se esperar que cada vaqueiro vai tentar manter o gado do maior número possível no terreno comum”. Como vemos, o autor pressupõe que todos os envolvidos no sistema de uso comum, perseguindo seus próprios interesses, tentariam maximizar seus lucros aumentando o rebanho porque outros também o fariam, isso acarretaria ao que denomina de *sobrepastoreio*, o que conseqüentemente, ocasionaria o colapso do uso comum da terra e seus recursos.

O autor defende a vulnerabilidade e a insustentabilidade do uso comum: “Ruína é o destino para qual todos os homens correm, cada um perseguindo seu próprio interesse em uma sociedade que acredita na liberdade dos bens comuns” (HARDIN, 1968, p. 4-5). Como forma

de evitar a tragédia, ele propõe que recursos comuns deveriam ser privatizados ou transformados em propriedades públicas, nesse caso, sujeitas às normas governamentais, direitos de acesso e uso seriam concessões.

Entretanto, é fato que a propriedade privada e o Estado não necessariamente preocupam-se em proteger a terra e seus recursos naturais, muitas vezes criam mecanismos para a degradação ambiental e a, conseqüente extinção desses recursos. Sobral Neto (2017), por exemplo, ao discutir aspectos da propriedade e usos comunitários em Portugal, diz que leituras políticas da tese de Hardin levaram à condenação da fruição e gestão comunitária de recursos e a uma conseqüente defesa da gestão estatal ou da propriedade privada.

Diferentes comunidades tradicionais, com maior ou menor profundidade, em diferentes temporalidades e espacialidades, têm praticado o uso comum da terra e dos recursos naturais, sem que haja o esgotamento alegado por Hardin. Em Portugal, temos a experiência de propriedade partilhada, os chamados *baldios*, que foram largamente estudados por Sobral Neto (2017).

No Brasil, com particularidades, o uso comum está presente em diferentes comunidades indígenas (Almeida, 1989), também temos, como exemplo, as Quebradeiras de Coco Babaçu, estudados por Barbosa (2006) e Shiraishi Neto (2001), os Geraizeros, estudados por Nogueira (2009) e as Comunidades de Fundos de Pasto, analisados por Carvalho (2008), entre outros. Assim, como apontou Campos (2011), existiram e continuam existindo terras e formas de uso comum, bastante diversas entre si, o que reflete a complexidade agrária e socioespacial do país.

No Sul do Brasil, o uso comum da terra e dos recursos naturais foi historicamente marcante, além dos faxinais, observa-se outras formas de subsistência marcadas por tal prática. Zarth (2015) analisa esta experiência na história agrária do Rio Grande do Sul, discutindo o extrativismo de erva-mate em terras comunais. O autor observa que, nesse Estado, práticas de uso coletivo da terra e de seus recursos naturais foram importantes nos anos mil e oitocentos com repercussões sociais até as primeiras décadas do século XX. Sobre o uso comum da terra no Estado de Santa Catarina, Brandt e Campos (2008) verificam que no Planalto Catarinense, se estabeleceu desde fins do século XVIII, uma significativa parcela de pequenos e médios sítios, cuja fonte de renda básica se ligava à agricultura de subsistência e práticas associadas à exploração de recursos em comum de campos, pinheirais e ervais nativos.

Campos (2011) demonstra que, nos dias atuais, terras de uso comum, formas coletivas de produção, aproveitamento em comum de bens naturais, sistemas de ajuda mútua

são elementos plenamente visíveis em diferentes realidades no Brasil e no mundo, apesar do predomínio de relações sociais de produção capitalistas. Em diferentes lugares e contextos, o usufruto em comum da terra<sup>33</sup> e outros bens naturais se combina com ações que identificam formas coletivas de vivência e trabalho. Isso reflete tanto as diversidades socioespaciais quanto os diferentes momentos da história do país (em termos jurídicos, socioculturais e econômicos).

Assim, diferentes estudos, incluindo os de Campos (2011), Diegues (2000) e Almeida (1989) contrariam a teoria da Tragédia dos Comuns. Isso se deve ao fato de que povos indígenas e outras populações tradicionais, correntemente, possuem vinculação mais harmoniosa e equilibrada com o meio ambiente, a natureza e seus recursos<sup>34</sup>. Essas relações são voltadas à reprodução física e social do grupo e, por isso, predominam práticas sustentáveis baseadas em saberes e cuidados tradicionais com o lugar onde vivem. Além disso, de modo geral, os processos de gestão de recursos de uso comum são estratégias planejadas e aplicadas visando um não esgotamento ou escassez<sup>35</sup>.

No Brasil, terras e recursos naturais de uso comum foram e continuam sendo essenciais para a subsistência de diversas comunidades rurais e, por vezes, urbanas. Campos (2011, p. 29) utiliza a expressão *reserva dos pobres* ao se referir ao uso comum, visto que elas possibilitam às populações designadas tradicionais, principalmente às famílias mais pobres, lugar para apascentar gado e outros animais, acesso à lenha, madeira e outros produtos importantes para complementar suas necessidades.

Diegues (2001, p. 97), por sua vez, chama atenção para o fato de que “os sistemas tradicionais de acesso a espaço e recursos naturais não são formas do passado congeladas no tempo ou em total desorganização frente ao avanço da propriedade capitalista”. Essas formas de uso da terra e de seus recursos, segundo o autor, subsistem em regiões com ecossistemas considerados *marginais*, onde os solos são vistos como inapropriados para a plantação

---

<sup>33</sup> Diegues (2001) argumenta que em maior ou menor intensidade, nas comunidades tradicionais onde se verifica essa prática existe a noção de que os recursos devem ser usados com parcimônia, pois deles dependem a reprodução social e simbólica do grupo, contrariando, portanto, o argumento de sobrepastoreio alegado por Hardin (1968).

<sup>34</sup> Mesmo as comunidades ditas tradicionais, em diferentes graus, também se apropriam de lógicas e práticas modernas e capitalistas. Como veremos, isso acontece nas comunidades de faxinais estudadas.

<sup>35</sup> Nesses processos de gestão de recursos de uso comum podem-se diferenciar dois elementos constitutivos: o sistema de recursos e as unidades de recursos. Um sistema de recursos é compreendido como estoques variados capazes de, sob condições favoráveis, produzir uma quantidade máxima de fluxo do bem sem que se comprometa o estoque ou o próprio sistema. Assim, as águas doces, tanto superficiais quanto subterrâneas, são exemplos de sistemas de recursos. O segundo elemento é o fluxo de unidades de recurso produzidas pelo sistema. Essas unidades correspondem à parcela do sistema de recursos da qual os indivíduos se apropriam ou usam, por exemplo, a quantidade de metros cúbicos de água que são extraídos de um determinado corpo hídrico (OSTROM, 1999 apud Totti e Azevedo, 2013, p. 43).



agrícola. Diante disso, o autor ressalta a capacidade dos usuários do uso comum de se reorganizar e recriar seus modos de vida e territórios de uso comum.

Os sistemas tradicionais de apropriação dos espaços e dos seus recursos se caracterizam pela utilização em comum de determinados recursos como plantas medicinais da mata, produtos do extrativismo vegetal, aguadas e nascentes. Além dos espaços usados em comum, existem outros apropriados individualmente (lugar da habitação, quintal, animais domesticados). Esses arranjos existem e subsistem em comunidades tradicionais com forte dependência de recursos naturais renováveis e são permeados por uma complexa teia de relações de parentesco, compadrio, ajuda mútua, de normas e valores sociais baseadas numa solidariedade interna ao grupo (DIEGUES, 2001).

As comunidades de Faxinais são realidades socioespaciais presentes, principalmente, no Estado do Paraná, que possuem como especificidade o uso comum da terra e dos recursos naturais existentes. A compreensão da sua existência se dá no contexto da questão agrária brasileira, já que, como vimos, os usos comunitários são uma componente estrutural dos seus sistemas agrários. Não há consenso quanto à época exata do início dos faxinais e nem sobre os pioneiros da prática de criar em comum no Sul do Brasil (HAURESKO, 2012). Entretanto, algumas pesquisadoras e pesquisadores se propuseram a investigar a historicidade dessa forma de propriedade e uso comum da terra.

Na interpretação da autora, o surgimento e consolidação do que denomina *sistema faxinal* está intimamente ligado à economia ervateira no Paraná, posto que a erva-mate seria a principal responsável por conferir caráter coletivo ao sistema, consubstanciado na prática do criador comum. No que diz respeito à formação desse sistema, Chang (1988) sustenta que o processo se inicia entre o declínio da pecuária suína e a ascensão da erva-mate no Estado, a partir da primeira metade do século XIX. Nessa interpretação, o ambiente biofísico foi a base para as ocupações e formações de faxinais no Centro sul do Estado (onde se verifica majoritariamente a presença de faxinais) particularmente nas matas mistas com campos.

**Mapa 3:** Delimitação da região dos campos limpos e das matas mistas paranaenses.



**Fonte:** Chang (1988, p. 17).

Na interpretação de Nerone (2000), o surgimento das comunidades de faxinais, entre o século XIX e XX, (embora ligado ao aparecimento da pequena propriedade) precede a imigração da Região Sul. A partir de sua pesquisa no Faxinal Marmeleiro (Rebouças), ela constata que quando imigrantes poloneses se estabeleceram próximo a essa comunidade, em São Mateus do Sul, já existiam populações com a prática do uso comum da terra. Para Nerone (2003, p. 63):

É evidente que a origem do faxinal não se fundamenta num modelo individual e sim emerge de uma organização à margem das grandes fazendas ou da contradição do modelo de fragmentação de propriedades individuais do século XIX, reorganizadas num eixo coletivo, qual seja, o criadouro comum.

O Sistema Faxinal, segundo a autora, deve ser entendido em oposição ao latifúndio, marcado por um tipo específico de sociedade e economia, situando-se como um projeto de uso coletivo da propriedade, em termos de sobrevivência, calcado numa agricultura de subsistência. Baseando-se nas narrativas orais dos moradores e moradoras de Marmeleiro, a autora aponta que essa experiência de comunidade, via jesuítas, foi transmitida culturalmente a partir da experiência de remanescentes indígenas, ancestrais de muitas famílias faxinalenses.

Carvalho (1984), por sua vez, destaca que a palavra faxinal se consolida popularmente a partir do caboclo, habitante da região antes da chegada de imigrantes estrangeiros. Segundo o autor, no seu emprego regional *faxinal* significa *criador grande*,

termo que possivelmente faz menção às extensas pastagens persistentes da região que facilitavam a criação extensiva de animais, pelas suas condições de vegetação, onde o mato denso, pastagens e área de taquaral servindo de cerca natural para os animais soltos.

Na interpretação de Carvalho (1984), analisando o caso do Faxinal Rio do Couro, a constituição do Criadouro Comum se originou a partir do desenvolvimento das áreas de lavoura. Segundo o autor, no início do século XX, havia necessidade de cercar as áreas de plantio para proteger a lavoura dos animais. Contudo, o crescimento das áreas de plantar acaba por determinar o cercamento das áreas de pastoreio. Desse modo, a ideia básica do Criador comunitário se apoiará em dois elementos: separar as áreas de pastagem das de lavoura e economizar material para se fazer a cerca.

Uma das características dos territórios de faxinais é a presença de mata densa, onde se destaca o pinheiro e a erva-mate, o solo é coberto por pastagens naturais. Essa combinação é favorável à prática de criar de animais soltos. Carvalho (1984) assinala que esse tripé – o pinheiro, a erva mate e a pastagem natural – é o que determina a seleção do espaço para a criação extensiva. Desse modo, historicamente, a formação das áreas de plantio ocorre em espaços periféricos à essas áreas florestais.

Abaixo, como forma de ilustração, segue um conjunto de fotografias, antigas e recentes, do criador comum do Faxinal do Salto:

**Fotografia 1:** Aguada no Criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2019.

**Fotografia 2:** Animais soltos no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 3:** Aspecto do criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2019.



**Fotografia 4:** Riacho no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

**Fotografia 5:** Criador comum do Faxinal do Salto, década de 1960.



**Fonte:** Fotografia de Morador, gentilmente cedida à autora.

**Fotografia 6:** Animais à solta no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Morador, gentilmente cedida à autora.

**Fotografia 7:** Aspecto do criador comum do Faxinal do Salto, década de 1980.



**Fonte:** Fotografia de Morador, gentilmente cedida à autora.



**Fotografia 8:** Viação para construção de estradas no Faxinal do Salto, década de 1990.



**Fonte:** Fotografia de Morador, gentilmente cedida à autora.

**Fotografia 9:** Vista panorâmica do criador comum do Faxinal do Salto, 1982.



**Fonte:** Fotografia de Morador, gentilmente cedida à autora.

Esse conjunto de fotografias (atuais e antigas) manifestam peculiaridades características importantes de um faxinal com criador comum aberto: as interações profundas estabelecidas entre seres humanos, meio ambiente e animais; as relações de ajuda mútua engendradas entre as pessoas visando o bem comum; a extensão do criador comum e as possibilidades de um modo de viver sem presença de cercamentos (característicos da propriedade privada), tanto para animais quanto humanos. De modo geral, essas fotografias exprimem as relações que moradores/as estabelecem com o seu lugar de morada e de vida: o faxinal.

A cerca circundante é a condição necessária para esse modo de viver faxinalense. Ela é um elemento vital para a existência do criador comum e das relações que nele se processam, pois, ao mesmo tempo que separa o criador do lugar de planta, une-os. Em seu estudo, Carvalho (1984, p. 17) desenvolve a expressão *sociologia da cerca*, que se refere a um conjunto de normas, costumes e comportamentos sociais, econômicos e políticos que a manutenção da cerca circundante historicamente determinou. É no processo de construção e manutenção da cerca circundante que são estruturadas e construídas as relações sociais no criadouro comum. Relações de vizinhança, compadrio, normas de funcionamento e costumes se estruturam juntamente com a organização do espaço. Vejamos isso com mais detalhes.

### 2.3 O Faxinal Rio do Couro

O Faxinal Rio do Couro localiza-se no Município de Irati, a cerca de 29 quilômetros da sede da cidade.

**Mapa 4:** Localização do Faxinal Rio do Couro.



Fonte: ORREDA (1972, p. 224).



É um faxinal registrado como Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR) e possui 585,00 hectares (SOUZA, 2009, p. 93). De acordo com o Mapeamento Situacional dos Faxinais no Paraná (SOUZA, 2009), cujo estudo preliminar foi realizado entre os anos de 2007 e 2008, o Faxinal Rio do Couro encontrava-se com 65 famílias, que viviam em conflitos com sojicultores e plantadores de pinus. Esse estudo demonstrou que o criador comunitário apresentava cercamentos individuais, sendo que o uso comum estava restrito à criação grossa, ou seja, somente animais de porte grande poderiam circular livremente.

Essas tensões, que remontam a um passado não muito distante, estão presentes na memória de Dona Bernardete, moradora do Faxinal Rio do Couro desde que nasceu:

P: A senhora poderia contar como foi o processo de cercamentos no criadouro comum?

R: Ah, começaram a puxar uns mata-burros. Tinha um mata burro aqui, eles puxaram pra baixo, daí já trancava tudo pra cima, daí já não tinha mais criador, daí dali eles pegaram esse mata burro e levaram lá pra diante, daí de lá, daquele lugar pra cá já não tinha mais criador, daí tinha outro, levaram mais lá pra diante e foi terminando.

P: E como as pessoas reagiram a isso?

R: Ficavam assim nervoso, mas um não dizia nada pro outro.

P: O que levava as pessoas a mudarem o mata-burro?

R: Porque eles plantavam assim, nos lugarzinho em roda da casa, daí as criação começava entrar lá dentro, daí tinha de ficar só tocando aquelas criação, e tocando, daí o outro embrabecia e fechava aquela criação e não soltava mais pra fora, ou vendia, daí foi... daí não podia fazer a cerca, não podia cortar nada pra fazer a cerca, daí fazer o que? Mudavam! Pegavam de lá o mata burro, colocavam num trator e levavam pra frente<sup>36</sup>.

Nos faxinais, os mata-burros além de serem componentes funcionais, são estruturas simbólicas. Eles são marcadores de transição de paisagens, balizas das fronteiras entre as terras do criador comum e outros ambientes, como as terras de plantar. Construídos sob um fosso, com madeiras ou ferros na horizontal, são projetados para vedar a passagem dos animais – que ficam temerosos com a ponte espaçada – e, ao mesmo tempo, possibilitar a passagem de veículos e pessoas. Geralmente, se encontram na entrada e na saída do criador comum.

---

<sup>36</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01//2019.

**Fotografia 10:** Mata burro no Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Ao entrar e sair do criador é preciso atravessá-lo, e nessa ocasião a paisagem se transforma: ao sair, do cenário das florestas de araucária, marcada pelo verde escuro das pastagens, com suas casas, aguadas, pessoas e diferentes espécies de animais, adentramos para uma terra lisa, contínua, ora verde, ora amarelada. A ausência de mata-burros, ou a pequena distância entre o da entrada e da saída do criador, sinaliza conflitos. No primeiro caso, indica que o criador comum não mais existe e no segundo, que há uma vultosa redução na sua extensão. Há ainda, situações frequentes em que cercamentos individuais e monocultivos avançam para o interior do criador comum, nesse caso, o mata-burro existe, mas a paisagem se torna confusa, como vemos na fotografia acima<sup>37</sup>.

Ao descrever as recolocações intencionais dos mata-burros, Dona Bernardete narra o processo histórico de encolhimento do criador comum no Faxinal Rio do Couro. Deslocar o mata-burro para frente implica deixar o passado – e a paisagem descontínua – de uso comum para trás, aqueles que não queriam mais animais soltos sobre suas terras levavam-no adiante, num curioso processo de renúncia e objeção. Os mata-burros, elementos de transição, são também *obstáculos* para proprietários contrários ao uso comum da terra. Assim, o movimento desse elemento simbólico manifesta o histórico processo de fechamento do criador comum nesse faxinal.

<sup>37</sup> Utilizei fotografia do Faxinal do Salto como ilustração porque mata-burros não são mais encontrados no Faxinal do Couro. Moradores citam que há ainda pequeno grupo de famílias que mantém animais à solta.

A violação dos acessos a esse criador comum – incorrendo em destruição, remoção ou colocação litigiosa de portões e/ou mata-burros – foram registrados por Souza (2009). Segundo o pesquisador, nesse processo de conflitos, distintas formas de violências contra os/as faxinalenses e seus bens foram registradas, e estão relacionadas à matanças, danos e roubos de criação animal e homicídio.

Historicamente, o Faxinal Rio do Couro é representativo do que pode ser compreendido como faxinal, pois é um dos mais antigos organizados no município de Irati. Segundo Carvalho (1984), o cercamento completo do criador comunitário, em seu perímetro, remonta ao início do século XX. De acordo com o autor, o ano de 1912 é o marco de referência histórica da formação do Criadouro Comunitário, sendo que em 1914 ocorre o fechamento completo da cerca circundante. Entretanto, o autor assinala que a criação de suínos de forma extensiva precede<sup>38</sup> a constituição do Criadouro comum nesse faxinal, pois a prática já ocorria desde o final do século XIX. Ele sugere que, nesse local, a prática do Criador Comunitário aparece com a chegada de migrantes italianos provenientes do município de Lapa e do Distrito de Guajuvira (município de Araucária).

Segundo Carvalho (1984), o criadouro comum do Faxinal Rio do Couro é resultado da junção de quatro criadores: Rio do Couro, Faxinal Rio do Couro, Faxinal dos Mello e Faxinal. No entanto, Maneira (2014) acredita que Carvalho tenha se equivocado, pois, conforme sua recente pesquisa, não há indícios de que a localidade de *Faxinal* existiu nas proximidades desse Criadouro comum. O fato é que a solidarização de criadores diferentes numa única organização espacial, num *grande criadouro*, pode ser interpretada como uma interessante estratégia para, além de reduzir o gasto com material na construção das cercas, aumentar o espaço para a circulação de animais, e, conseqüentemente, o acesso destes às pastagens e frutos naturais.

Esse extenso criadouro, no início da década de 1980, possuía em torno de mil e oitocentos alqueires, onde residiam 190 famílias, sendo 160 proprietários/as e 30 famílias de agregados ou assalariados (CARVALHO, 1984), acrescento, sem terras. Para o autor, de fato, o Criadouro Comum é constituído como uma solução coletiva inteligente e econômica, encontrada pelos primeiros moradores/as do Faxinal Rio do Couro.

Construir a cerca utilizando-se de material do tipo troncos de árvores ou mesmo lascas de pinheiros encarecia (ao nível da demanda de força de trabalho) tal atividade dos moradores proprietários das terras. Assim, esses optaram por reduzir o

---

<sup>38</sup> A pesquisa de Chang (1988) corrobora com a interpretação de que a prática de criar à solta precede os criadouros comuns, uma vez que tanto os caboclos nativos da região das matas mistas do centro sul quanto os fazendeiros dos campos nos tempos do tropeirismo no século XVIII XIX costumavam criar animais à solta.

comprimento total da cerca. Surge, então, a ideia objetiva de uma área comum para a criação de animais (CARVALHO, 1984, p. 18).

Na sua interpretação, os impasses na construção das cercas é o elemento econômico que inspirou o compartilhamento das terras e a organização de um *grande* criador comunitário. No período de construção da cerca circundante no Faxinal Rio do Couro (1912-1920) o arame não estava disponível na região<sup>39</sup>, desse modo, utilizava-se materiais variados: troncos e galhos de árvores, taquara, lascas de pinheiro e frechame.

No que concerne às origens do Criador Comunitário, Carvalho (1984) constrói sua interpretação a partir de narrativas de moradores e moradoras que partilharam uma tradição oral. De acordo com essas memórias, a área que formava o Criadouro comum do Faxinal Rio do Couro pertencia à Firmino José da Rocha, um grande proprietário de terras que residia em Ponta Grossa, em 1910. Essas terras foram vendidas à Antônio Vieira de Mello, que viera do município de Lapa para a localidade de Rio do Couro, em 1912. Em 1914, chegaram à localidade de Rio do Couro outras famílias: os primeiros migrantes italianos (famílias Aggio, Fracaro e Campanharo). Apesar de pequenas divergências nos depoimentos, o autor argumenta que foram essas quatro famílias que se articularam e decidiram organizar o Criador Comunitário no Faxinal Rio do Couro, sendo o senhor Antonio Vieira de Mello o seu idealizador. Sua interpretação se apoia no fato de que a memória genealógica desses (as) camponeses assinala que o fechamento do criadouro Comunitário ocorreu entre os anos de 1912 e 1914, período no qual essa família chega na região.

É fato que Antônio Vieira de Mello exerceu liderança no faxinal até o seu falecimento, em 1961. De 1914 até 1961, ele foi o principal responsável pelo criadouro comunitário, destacou-se na memória como a figura de um líder local que organizou e manteve a prática de criar em comum nessa localidade. Carvalho (1984) indica que a partir de sua morte o criador comunitário inicia um processo de desmantelamento.

A partir de 1960, houve várias propostas para encerrar o uso comunal das terras. Entretanto, em 1970, os moradores se reúnem e decidem pela continuidade da prática do criador comum. Segundo Carvalho (1984), nesse encontro as responsabilidades foram reestabelecidas entre os seus participantes. Isso é indicativo de que os laços de solidariedade e ajuda mútua, envolvidos nas atividades de manutenção do Criadouro, estavam comprometidos. Entretanto, a decisão coletiva de dar continuidade ao modo de criar animais comunalmente, encontrando soluções para os problemas relacionados ao funcionamento do

---

<sup>39</sup> O arame farpado começa a ser utilizado em períodos posteriores.

criador comum, demonstra que as relações estabelecidas a partir de costumes eram relativamente coesas.

De acordo com Carvalho (1984) havia uma distribuição de *lanços* de cercas por famílias (para serem mantidas e recuperadas, quando necessário), a saber: família Mello, Aggio e Campanharo – três mil lanços de cerca e família Fracaro – quatro mil lanços (13 mil lanços no total). Sabendo que 1 lanço de cerca equivale a 2,86 metros, o comprimento total da cerca do criador comunitário do Rio do Couro, em 1981, media entre 37 km a 40 km. Isso nos permite visualizar a extensão do Criador comunitário nessa localidade e o dispêndio de material e trabalho familiar/coletivo na manutenção do cercamento circundante.

Em 1981, o Criador Comunitário é registrado na prefeitura Municipal de Irati, quando o Prefeito municipal, autoridades legislativas e os moradores assinaram termo de compromisso no qual se estabelecia garantias de que o criador comunitário continuaria funcionando. O acordo estipulava que durante um número determinado de anos o criador não poderia ser dissolvido e que os litígios e conflitos relacionados a ele seriam arbitrados pela Prefeitura através de um fiscal do município, o inspetor municipal. Observamos que a figura do agente externo estava presente no Faxinal Rio do Couro antes desse acordo. Desde 1977 havia dois inspetores municipais na localidade. Com a presença dessa *autoridade municipal*, externa à comunidade, há uma mudança na dinâmica das relações na comunidade, especificamente entre os envolvidos no criador comunitário.

Na interpretação de Carvalho (1984), trata-se de uma *intervenção consentida*, pois essa autorização se dá em virtude das pressões externas, pois as terras dos faxinais, abundantes em madeiras, despertavam o interesse de madeireiras locais, que exerciam pressão para que proprietário/as de terras no criador as vendessem. A narrativa abaixo, de Dona Bernardete Longato, nos fornece elementos para pensar a figura externa do inspetor municipal ou inspetor de quarteirão:

P: Até 2003, o criadouro comum do Rio do Couro, era um criadouro compartilhado com outras comunidades. A senhora lembra como esse acordo funcionava?

R: É que tinha o inspetor, daí. O que ele dizia era aquilo né.

P: E qual era a função do inspetor?

R: Ah, ele andava nas casas, assim, orientava o povo tudo. Era que nem um delegado. Depois ele morreu, foi terminou tudo, pois daí não tinha inspetor, não tinha nada, daí que foi terminando, daí tinha um que mandava nas aviação também, se não roçasse ele cobrava, vinha um talãozinho pra você pagar, depois morreu, terminou tudo.

P: E esse inspetor orientava com relação a que?

R: Pois ele mandava, onde que era para você ir fazer teu trecho, tudo. Daí que nem, se não queriam fazer a cerca lá que tava quebrada, que a criação passava na roça, ele vinha e cobrava o dano, daí. Se a minha criação comesse a tua roça, tinha que pagar. Vinha lá avaliar quanto dava, tinha que pagar.

P: O inspetor era um a pessoa escolhida pela comunidade...

R: A pessoa pela idade, eles respeitavam os idosos, não é nem que nem agora, que hoje em dia está assim com os novos, que não respeitam mais os velhos. Naquele tempo tinha que respeitar.

P: Ele observava tudo que acontecia.

R: Observava tudo, pegava um cavalinho, montava e ia<sup>40</sup>.

Com sua experiência e subjetividade marcada por esse lugar, sua narrativa assinala as transformações históricas do criador comum, pois acompanhou esse processo de mudanças. Na interpretação de Dona Bernardete, apesar deste ser um representante municipal da lei, cuja fonte de autoridade era externa aos costumes, o inspetor era reconhecido e respeitado na localidade, pois a origem de seu arbítrio se dava também pelo pertencimento e idade. Ele *orientava, julgava, cobrava multa e estabelecia sanções*, caso fosse necessário. Ela observa que o Inspetor municipal era escolhido pelos moradores através de eleição, não era remunerado, apesar disso zelava para que o conjunto dos moradores mantivessem a cerca em bom estado – o que implicava numa significativa redução de conflitos – mediando as tensões, por isso, possuía participação oficial na administração do criador.

Os principais conflitos internos nos faxinais estavam relacionados às cercas, logo, essa figura marcada duplamente pela autoridade: costumeira e legal (municipal), era fundamental para a continuidade da coesão social (relativa) ao processo de construção e manutenção da cerca circundante e dos demais conflitos relacionados aos cercamentos<sup>41</sup>. Para Dona Bernardete, como vimos, o desaparecimento da função do inspetor e do responsável pelas viações (roçadas em mutirão de estradas e outros espaços comuns) está relacionado ao declínio do criador comum<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

<sup>41</sup> Cercamento, aqui, se refere ao processo de fechar áreas dentro do criador comum para além do permitido pelo acordo comunitário, os chamados *fechos*.

<sup>42</sup> Nerone (2000) interpreta que nos anos 1980 há um deslocamento nas relações de poder nas comunidades de faxinais, enfraquecendo poderes internos. Até essa data, intermediações externas eram feitas através de núcleos

Atualmente, o criador comum do Faxinal Rio do Couro está bastante restrito, uma vez que diversas cercas individuais, obstruem a livre circulação de pessoas e animais, comprometendo o acesso aos recursos naturais, como pastagens e aguadas.

P: Qual é a situação do criadouro comum hoje?

R: Nem tem criador mais. Nós nem, pra começar, criação temos mais, só temos galinha fechada. Está terminado, fechado.

P: Como era o criadouro comum antigamente? Na época que a senhora era criança...

R: Era tudo em aberto, tinha criação que meu deus do céu, como tinha criação. Muita criação. Daí foi só diminuindo, diminuindo, até que terminou. Tinha bastante famílias antes, eu não sei, dizem que agora tem umas 90 e poucas famílias, mas acho que antigamente até tinha mais. Muita gente foi embora. Como foi embora ficou também, foi nascendo mais, crescendo né, novo. Mas muita gente que tinha foi embora.

P: O que que a senhora acha, que levou ao processo de desagregação do criadouro comum? O que será que aconteceu que foi fechando...?

R: Pois eu não sei, um tanto foi esses *de fora* que chegaram e compraram os pedaços de terra e começaram desmatar tudo e fechar pra e fazer aquelas roça, daí não tinha cerca lá, as criação entravam tudo lá dentro. ... E foi indo, foi indo que acabou.

P: A senhora comentou sobre a questão do trabalho também...

R: É, não podia cortar uma árvore pra fazer uma cerca que nem cortavam bracinga, cortavam essas madeiras do mato pra fazer cerca, tudo... ah, daí proibiram cortar tudo, não deixam cortar nada, vão fazer o que? Faziam aquelas cercas de flexame, né. Aquelas de flexame era tudo tirado do mato as madeiras, daí veio uma lei que não podia cortar mais nada e o povo não podia comprar arame, nada. Daí se obrigaram a ir fechando, terminando, vendendo. Eu não sei porque pra morar no mato, que nem nós aqui que estamos morto né, no mato, não deixam derrubar uma árvore, quer murta. Dá até medo de cobra, bicho que entra nas casas... só mato<sup>43</sup>.

---

internos de poder, tanto formais quanto informais. Nesse contexto, destacava-se os padres, capelão e benzedeiros, inspetores. Segundo a autora, com o surgimento das Associações de Agricultores e Sindicatos Rurais ocorre um processo de mudanças nessas instâncias de poder. O poder dos inspetores, por exemplo, que antes era exercido individualmente desloca-se para a diretoria da Associação de Moradores – com mais autonomia e sem os vínculos direto do prefeito e do delegado –, um grupo de pessoas. Quanto ao inspetor, apesar de continuar existindo em algumas comunidades até meados de 1980, seu poder se tornou limitado em relação à posição anterior.

<sup>43</sup>Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

O tempo do criador comum extenso e completamente aberto permanece na lembrança de Dona Bernardete, e o elemento que ela aciona para pensar esse período é a quantidade de animais soltos. Ela, em diversos momentos das entrevistas, mostrou-se saudosa dessa imagem de animais pastando livremente no criador.

P: O que acontecia quando animais passavam para a roça?

R: Pois quando passava tinha de arrumar a cerca, né. Daí com o tempo não tinha mais com o que arrumar, daí deixava amarrado aquelas criação, que até dava dó, amarrado naqueles fechadinho...<sup>44</sup>

Os cercamentos individuais ocasionaram o encolhimento do criador e consequentemente, a redução de animais soltos. Assim, um aspecto da narrativa de Dona Bernardete é a nostalgia da paisagem de um criador abundante de animais. Antes, bois, vacas, porcos, ovelhas, cavalos e galinhas se misturavam, soltos no criador, para ela essa imagem mental que reteve é agradável de rememorar.

O número de animais por famílias poderia variar de unidades a dezenas, mas os donos conheciam seus bichos, sabiam de suas necessidades. Logo, *Faxinal* no imaginário dos seus moradores está associado a animais soltos – é inconcebível que animais fiquem amarrados ou cercados, “dá um dó ver bicho preso”<sup>45</sup> – e outra parte fora do criador onde se fazem as roças. Como observou Ramos (2009), romper com essa ordem significa romper com um mundo que faz sentido para os faxinalenses. É romper com algo que é *sagrado*.

Se o criador não é lugar de apropriação individual da terra e dos seus recursos por que as terras de plantas o são? De acordo com os significados atribuídos por seus moradores a essa porção do ambiente, o criador e os recursos naturais que oferece, não devem ser apropriados em caráter privado porque são dádivas da natureza, onde não houve empenho de trabalho de seres humanos para sua produção.

Ao contrário do criador, às terras de plantar são atribuídas valores e significados relacionando-as enquanto *lócus* do trabalho sobre a terra – expressão de Nogueira (2009) – e, portanto, não só o uso é privado, mas os resultados são apropriados de forma privada pela família, visto que são decorrentes do esforço/trabalho familiar aplicados no solo. Apesar da não utilização de cercas para separar as porções de terras de propriedade de cada família, há uma delimitação privada desse domínio e uso. Cada família sabe a divisa do seu terreno e,

---

<sup>44</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

<sup>45</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.



portanto, até onde pode cultivar sua lavoura (sendo *terra de trabalho*, pode ter áreas cercadas, além disso, cercar, nesse caso, não compromete o criador). Caso algum proprietário tenha terras no criador, mas não as possua na área de plantar, deve arrendar terrenos de outrem, caso queira cultivar roças.

Assim, é o trabalho que, historicamente, legitima o uso privado dessa porção de terra. Essa compartimentação entre terras de criação (uso comum) e de plantação (uso privado) nos faxinais demonstra, apesar de haver distinções, similaridade com o modelo de natureza geraizero, estudado por Nogueira (2009), que, de igual modo, reconhece essa aproximação, acentuando que a combinação entre apropriação privada e uso comum é bastante recorrente no meio rural brasileiro, e está relacionado aos sentidos atribuídos ao território pelos participantes do sistema.

Assim, gerais e veredas – apesar de haver outras subdivisões – são as grandes unidades espaciais dos geraizeros. É onde se opera a cisão entre terras de criar e de plantar e de onde derivam as interpretações e significados sobre a terra desse grupo de pessoas. Os Gerais é terra de uso comum, de criar o gado à solta, já veredas é lugar de morada e de cultivar, trabalhar a terra:

Eram também, os Gerais, designados majoritariamente ao extrativismo (de mel, frutos e pasto nativo) sem exigência de derrubada da mata ou quaisquer intervenções mais significativas, senão o uso do fogo para potencializar a rebrota do pasto nativo. Todo o resto era obra divina, cabendo ao homem dela desfrutar, com zelo [...]. As veredas também estão dentro dessa ordem divina. Se nos gerais, a natureza oferece frutos, pasta, caça, nas veredas são dadas água e terra – ‘e a terra é dom de Deus, que a criou para todos os homens’. Mas, nesse caso, é devida uma contrapartida humana. Para tirar o pão da terra, o homem deve mostra-se conhecedor dos sinais divinos, tem que saber ler a obra de Deus, bem como merecer a terra pelo trabalho. A terra é livre para quem está disposto ao trabalho – que redime o homem aos olhos de Deus e o torna honrado para dela tomar posse (NOGUEIRA, 2009, p. 88).

Segundo Nogueira (2009, grifo no original), as veredas são lugar de *deitar morada*, integram terras de brejo e vazantes, sendo assim, constituem-se o lugar de trabalhar a terra, visto que são propícias ao plantio de feijão, arroz e milho. Localizadas nas partes mais baixas da paisagem, próximas ao curso de água, margens de rios e nascentes, as veredas são *uterinas*, pois guardam as fontes de água, equivalendo nas representações geraizeras à fonte de vida, e por isso determinantes na escolha do lugar da morada. Sendo as veredas a terra de trabalho (aonde se planta os mantimentos da família) pode ter cercamentos, sua a gestão, portanto é privada, diferente dos Gerais, onde prevalece formas coletivas de utilização do espaço e dos recursos naturais, onde não deve haver cercamentos.

Distintamente dos geraizeiros, faxinalenses selecionam o lugar para morar fora das áreas de *planta*, e às vezes precisam se deslocar vários até o lugar da roça. O seu *lugar de morada* é nas partes baixas, próximo aos animais, circulando livremente pelo criador, ao redor de casa. Quando essa paisagem se mescla/mistura, ou seja, as terras de plantar adentram no criador comum, a interdependência ecológica é abalada, do mesmo modo, a relação dos seres humanos com a terra, natureza e animais é desestabilizada.

Assim como para os geraizeiros, o direito sobre a terra é diferente de direito sobre os recursos da natureza. De acordo com as normas costumeiras do Faxinal Rio do Couro, se um/a proprietário/a de terras com aguada no criador, insistir em fechá-la para fazer lavoura, colocando em risco a estrutura de uso comum, ao menos deveria deixar aberto um acesso dos animais às aguadas (CARVALHO, 1984). Por sua vez, de acordo com Carvalho (1984) as árvores do criador comunitário, incluindo pinheiro e erva-mate (destinada à venda/lucro), só poderiam ser cortadas/retiradas pelo proprietário da terra onde ela se encontra.

Essa dissociação entre apropriação privada da terra e direito sobre os recursos nela existentes é bastante comum em sociedades camponesas, como o caso das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão<sup>46</sup>. De forma geral, os recursos são entendidos como ofertas divinas e, devido a isso, são destinados como de uso comum, para perpetuar o princípio da reciprocidade que rege a vida. No caso da água, ela deve permanecer um recurso compartilhado, mesmo que apropriada individualmente ou familiarmente. De acordo com essa racionalidade, mesmo sendo dono da terra, não se pode ser dono da água, ela deve ser compartilhada (GALIZONI, 2000, apud Nogueira, 2009).

A água, nessa configuração, é um bem comum e de uso costumeiro, não entra no circuito de bens econômicos. Quando isso ocorre, privatizando-a, conseqüentemente, desenrolam-se conflitos. No caso dos faxinais há uma violência dupla, pois ao mesmo tempo viola a prática do uso comum e o próprio bem comum, nesse caso a água.

O envenenamento de água e nascentes com objetivo de matar animais, feitos por antagonistas ao modo de vida Faxinal, foram e ainda são episódios de grande desolação e revolta entre faxinalenses, “deus o livre matar criação com veneno, é pecado, né, meu deus do

---

<sup>46</sup> Essa interpretação orienta estratégias de organização política e identitária. Nos anos finais da década de 1970 e ao longo de 1980, como resultado de um processo de cercamentos das terras e impedimentos de acesso às palmeiras, mulheres maranhenses, quebradeiras de coco babaçu, protagonizaram a luta pelo direito de livre acesso e proteção das palmeiras. Em torno da luta pela defesa dos babaçuais constrói-se a identidade coletiva das quebradeiras de coco. Sobre essa conjuntura envolvendo o tempo do *coco preso* ver Antunes (2006); Rocha (2006); Barbosa (2006).

céu” [...] nossa! E nós que tamo numa nascente, dá uns 900 metros, que traz água pra nós”<sup>47</sup>. Envenenar nascentes e envenenar animais é interpretado como pecado, algo inimaginável. O animal é *criação* inocente e a água é a fonte de vida, de subsistência. Ter uma nascente na propriedade é visto como benção, uma dádiva. Nesse universo de significados, os animais são lidos como *criação*. No Faxinal Rio do Couro, essas violências se dão no âmbito de conflitos com seus antagonistas, sojicultores e plantadores de pinus e fumo.

#### 2.4 Criar em comum: Faxinal Rio do Couro

O criador comunitário do Faxinal Rio do Couro apresenta sinais de desgaste, poucos animais circulam livremente por sua área, bastante reduzida. As terras que anteriormente integravam esse espaço, agora são usufruídas individualmente para plantação de soja, pinus e fumo. É um momento de acentuada desestruturação, que acompanha as transformações econômicas desse território.

Podemos pensar as mudanças históricas desse criador a partir de Carvalho (1984). Em seu estudo, visando melhor compreender a economia desse Faxinal, divide a história do criador em fases. A primeira fase, compreenderia o período entre 1910 (quando a família Mello adquire terras na localidade) e 1920 (data definitiva do fechamento do criador), onde ocorreu a implantação do criador comunitário. Até 1920 a economia estava alicerçada na produção agrícola (feijão e milho consorciados), no extrativismo (erva mate e pinheiro), criação de animais (suínos, gado de leite e aves para consumo familiar) e a força de trabalho na construção, manutenção da cerca e lavoura era estritamente familiar.

A segunda fase abarca o ano de 1920 até 1958. Esse período é marcado pelo crescimento econômico e alteração nas relações de trabalho, pois é introduzido o plantio de batata e relações de assalariamento são instituídas na localidade. Nesse intervalo foi incorporado o trigo, cujo declínio ocorreu por volta do ano de 1958. A *crise do trigo*, segundo o pesquisador, trouxe consigo o início do processo de desarticulação do criador comunitário.

A terceira fase, por sua vez, compreende o período de 1958 até 1981, estaria relacionada ao processo de desarticulação do criador comunitário e reestruturação das relações de trabalho, pois com a chamada crise do trigo, os assalariados começam a deixar o local. Nesse período, quando o criador comunitário sofre um processo de desestruturação, a

---

<sup>47</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

cultura do fumo é introduzida no faxinal, iniciando novas relações de trabalho e êxodo rural de famílias de proprietários de terras.

Essa interpretação do criador em um quadro de fases pode ser problemática, pois acaba por sugerir uma inevitável extinção da prática de criar em comum. Da constituição, se percorreria para uma circunstância de *crise*, e por fim, a inevitável *extinção*, estágio final do criador<sup>48</sup>. O que temos, de fato, é que as transformações econômicas afetaram o quadro de existência plena do criador, entretanto, apesar da introdução massiva dos monocultivos a partir da década de 1970, o compáscuo, mesmo limitado e circunscrito a uma pequena área, permaneceu enquanto prática de alguns moradores. As normas consuetudinárias que orientavam o criador comunitário, apesar de remodeladas – acompanhando o movimento histórico e econômico do criador – permaneceram, em sua estrutura elementar. Um dos aspectos em que se observa tal pressuposto são, principalmente, alterações relacionadas ao número de animais no criador, aumentando e reduzindo, conforme situações específicas.

Essas transformações pelas quais passou o criador repercutem na organização do espaço geográfico no Faxinal Rio do Couro. A esse respeito vejamos a construção da narrativa abaixo:

P: Para a senhora, hoje, o que é o faxinal?

R: Não sei, vou dizer o que agora, pois agora ficou tudo junto. Faxinal é roça e tudo.

P: E antes quando estava aberto?

B: Antigamente era tudo separado.

P: O faxinal era onde se criava os animais?

B: Era tudo. Mas só que lá onde plantava não entrava nada, né. Só gente mesmo<sup>49</sup>.

A senhora Bernardete interpreta que anteriormente havia uma delimitação explícita e transparente do que era um Faxinal: *os animais separados das roças*. Como ela entende que faxinal é a soma do criador comum e das terras de plantar, com os cercamentos, esses dois espaços ficaram num só, o que trouxe certa dificuldade em definir o espaço onde viveu desde o seu nascimento. A evidente circunscrição do espaço que formava um todo síncrono já não existe mais como referencial para a moradora, permanece na memória, apenas. Quanto se torna um, converte-se em confusão e caos.

O desmonte do criador comum trouxe na bagagem um desalinho na leitura do espaço pelos/as moradores/as, principalmente os mais idosos. Ao estudar o Faxinal Rio do Couro,

<sup>48</sup> No final da década de 1980 Chang (1988, p. 109) também apontaria o fim do sistema de faxinal, o qual não aconteceu, pois de cerca de 150 faxinais em 1994, passamos para 227 em 2009, conforme vimos acima.

<sup>49</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

Carvalho (1984), a partir das narrativas dos moradores, mostra que, na interpretação desses/as, o Faxinal corresponde a soma do espaço do criadouro comunitário e da área de lavoura. O pesquisador aponta que, *no faxinal* se localizavam as residências dos moradores/as (casas próximas umas às outras) – instalavam nas terras de sua propriedade e agregados residiam nas propriedades das famílias para quem trabalhavam – e os diferentes tipos de quintais (de verduras, de monta e de lavoura), além do criador comunitário, área destinada ao uso comunal para pastoreio de animais. Segundo o pesquisador, os animais eram identificados pelos proprietários por mais diversas formas: defeitos físicos, manchas no couro, marcas intencionais, entre outros. Ou seja, era preciso conhecer seus animais, saber identificá-los. Essa relação de proximidade e reconhecimento estabelecida com o território e com os animais é sempre rememorada por Dona Bernardete com saudosismo, visível nas suas expressões e na entonação da sua voz. *Saudade dos animais e do criador*.

No passado, as terras de lavouras correspondiam às áreas fora do criador comunitário – podiam também ser terras fora do faxinal, onde escasseava o pinheiro e erva-mate – onde foi derrubado o mato; eram terras selecionadas pelo critério da fertilidade do solo e maior facilidade para desmatar. Elas situavam-se distante das residências, e, em virtude de processo complexo de herança e compra e venda entre os/as moradores/as, alguns proprietários possuíam até 25 *parcelas* de terra, próximas ou afastadas umas das outras (CARVALHO, 1984).

Alguns aspectos das relações estabelecidas entre moradores nos dois espaços podem ser examinados na produção da narrativa a seguir:

P: E o que se plantava na terra de plantio?

R: Plantava feijão, milho, batata, trigo. Plantava tanta coisa. Não comprava nada. Plantava arroz. Tanta coisa, verdura, não tinha veneno, agora é só veneno...

P: E cada proprietário plantava na sua área?

R: No seu pedaço. E um não incomodava o outro. Você tava no seu pedaço, outro estava noutro, outro noutro, cada um só olhava os vizinhos, tava cheio de vizinho em volta, hoje você vai lá na roça não tem vizinho nenhum, porque terminou com o fumo foi embora, você fica sozinho lá. Antigamente não, era de cedo à noite. Era carpir, plantar, fazer tudo... então, de cedo à noite tinha gente em volta, agora até dá medo de ir sozinho na roça, tá sozinho, né... tudo longe. Tudo longe, era tudo limpo, agora que virou num matão. Depois que terminou o criadouro virou num matão.

P: Com a redução do criador, o que que mudou no cotidiano das pessoas, das famílias?

R: Ah, meu deus, os ataios que tinha terminou tudo, agora que tem que andar mais longe. Sempre mais longe... daí ficou só a estrada geral, não tem mais aquelas estradas que cortavam, os ataios, tudo, não tem mais nada. Tinha pinguela pra passar no rio.

P: Mudou o relacionamento entre os moradores?

R: Mudou, porque daí um não visita o outro porque ficou muito longe. Não dá pra ir, só se vê na igreja, não se vê mais aí... igreja, festas, está do mesmo jeito, só que carro não passa mais como antigamente, só pela estrada geral mesmo. Antigamente se atorava pelo terreno do outro e onde você queria, ia. Agora não tem, pois é só um carascal que não tem como andar. Tudo fechado...<sup>50</sup>

Para além de trazer elementos para problematizar o fechamento do criador, a narrativa de Dona Bernardete, nos permite analisar as mudanças nas relações sociais a partir das mudanças na estrutura do faxinal. Diante da questão de como a redução ou *fechamento* (na interpretação dela) do criador afetou a vida das pessoas, ela, de imediato, manifesta seu descontentamento com o fim dos *ataios*, porque afastou as pessoas, as vizinhas. A eliminação de carreiros implica numa redução de percursos e possibilidades, porque as pessoas perdem a referência, as mulheres principalmente, porque não conhecem nem dominam o caminho, perdem a segurança no caminhar, no visitar.

No criadouro, se os *ataios* são fechados, a única possibilidade de caminho é a estrada geral, “daí um não visita o outro porque ficou muito longe”. Nas terras de plantar o processo é parecido, a cultura do fumo trouxe a solidão e o isolamento, *antes tava cheio de vizinho em volta, hoje você vai na roça e não tem vizinho nenhum*. É a narrativa da expropriação. O fumo desestabiliza as relações sociais, não permite a troca de dias de serviço, nem o puxirão, ele se assenta sob o trabalho familiar e no assalariamento. O mutirão vai terminando e não existe mais a possibilidade de troca de dias de serviço: atualmente se vende dias. O fumo desarranja o *mundus* faxinalense. As visitas, antes muito comuns e importantes – elas próprias são trocas, é uma reciprocidade, não se sai de mão vazia de casa – diminuíram. O criadouro comum, que antes era espaço de fruição da liberdade, com a venda de terras (com a chegada

---

<sup>50</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

de *gente de fora* e os cercamentos) virou terreno *alheio*<sup>51</sup>, não se pode passar, transitar livremente como antes.

Com o fumo, o percurso fica alinhado, colocado em linha reta, a partir do momento que se nivela, os/as moradores/as perdem a referência. Nos faxinais as pessoas se orientam por referenciais (marcas/pontos nos caminhos) que conferem familiaridade com o percurso. Com a mudança na produção econômica, essas referências são perdidas ou modificadas. *Tinha pinguela pra passar no rio*<sup>52</sup>, agora não há mais. Os animais também circulavam por essas referências: aguadas, rios e mata-burros.

A paisagem geometrizada modifica aspectos do cotidiano, do modo de ser e de viver das pessoas. Junto com a racionalidade que vê a natureza somente como terra e recurso, há implicações na diminuição das trocas, se as mulheres pouco se visitam, pouco se troca. O tecido social é afetado, pois laços de reciprocidade quando não são rompidos, são abalados.

## 2.5 O Faxinal do Salto

O Faxinal do Salto, segundo a Associação Puxirão Faxinalense, possui criador comum aberto, apesar de pressões externas e internas para o seu fechamento. Nele vivem cerca de 80 famílias que estão em constantes conflitos, principalmente com plantadores de soja. Em relação às violências sofridas temos: ameaças contra lideranças, danos, matança e roubo de criação animal e violação dos acessos ao criador comum (MEIRA, VANDRESEN e SOUZA, 2009).

Abaixo temos o Croqui da disposição das propriedades dentro do criadouro comum do Faxinal do Salto, construído coletivamente por moradores/as do em 1992. Em 1991, em reunião da Associação de Moradores do Faxinal do Salto, a pesquisadora Maria Magdalena Nerone pediu à representantes que medisse a cerca circundante do Criador comum e registrasse o nome do proprietário da terra e área para fazer um croqui da comunidade<sup>53</sup>. Em 1992, 56 moradores em reunião entregaram a ela o esboço e também a quantia de metros das cercas do Criador (essa medida não está citada na ata).

Apesar de sua pesquisa ocupar-se do Faxinal Marmeleiro de Baixo, em Rebouças, a pesquisadora Nerone (2000) teve presença marcante nas práticas de organização e resistência coletiva no Faxinal do Salto. Assim, o croqui é uma fonte importante para compreensão da

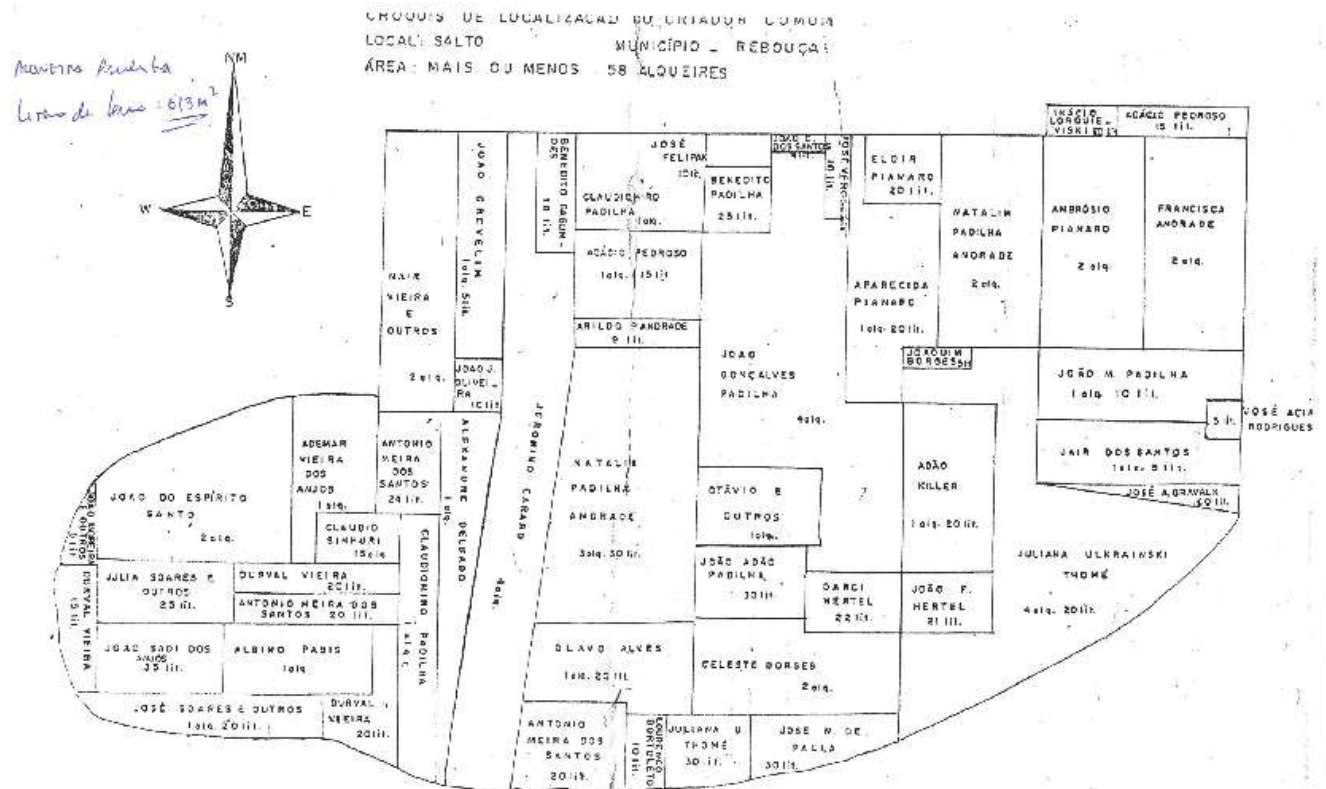
<sup>51</sup> Essa mesma questão é tratada por Nogueira (2009) em relação aos geraizeiros, que com as plantações de eucaliptos perderam as referências em relação aos antigos “carreiros”.

<sup>52</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

<sup>53</sup> Ata de 16 de novembro de 1991 – Reunião da Associação de Moradores do Salto.

extensão das terras e da lógica de distribuição das propriedades dentro do criadouro comum na década de 1990.

**Figura 2:** Croqui do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Acervo particular de Alvírio Meira, Faxinal do Salto. Gentilmente decido à autora.

Como vemos, o criadouro comum era formado por pequenas propriedades, que conjuntamente compunham o correspondente a 58 alqueires de terras da área de uso comum. Fora dessa área delineada estão as terras de plantar. Moradores proprietários, geralmente, possuem uma porção de terras no criador comum – ou mais de uma, como vemos na imagem – e outra nas terras de plantar, entretanto, essa configuração da propriedade da terra não é fixa, há variações significativas: famílias que possuem duas, três ou até mais porções de terra na área de plantio e apenas uma no criador ou vice-versa; possuir terras no criador e não as ter nas terras de plantar ou vice-versa; não ter terras no criador e nem nas terras de plantio (usuários), entre outros arranjos.

Há casos em que uma família tem mais que uma propriedade dentro do criador (a família de Antônio Meira dos Santos, por exemplo, possui três parcelas de terras). Os traçados retos e retangulares asseveram o sistema de transferência da terra, baseado principalmente na



herança, nesse momento específico. A propriedade da terra é socialmente representada como um privilégio masculino, poucas mulheres são citadas como proprietárias diretas.

Em novembro de 1991, na reunião acima citada, esteve junto com a pesquisadora Nerone, José de Oliveira, morador do faxinal Marmeleiro, pioneiro no processo de organização política dos faxinais da região. A ata evidencia uma intencionalidade de encorajar as primícias de uma organização política.

O senhor José de Oliveira falou um pouco sobre a comunidade em que ele mora, que é o Marmeleiro e como começou a organização lá, em primeiro lugar, **ele e uns amigos começaram a arrumar as cercas do Criador, começaram com umas 5 ou 6 pessoas e quando terminaram já estavam em 90 pessoas**. Seu José de Oliveira explicou a importância do Criador, que **as pessoas devem se unir** cada vez mais para que a comunidade cresça e que haja diálogo entre as pessoas e não fofoca e que nós precisamos do criador para não aumentar cada vez mais a miséria em nossas comunidades<sup>54</sup> (grifo nosso).

A reunião posterior, em janeiro de 1992, trouxe novos elementos, asseverando uma continuidade do debate anterior:

Nesta reunião ficou resolvido como ficaria dividido as cercas, que seria em setores e em individuais, ficando um tanto em setores e outro tanto acharam melhor trabalhar individual. Também nesta reunião ficaram encarregados de pegar os documentos dos moradores da comunidade e entregar ao presidente para ele levar ao cartório do senhor José Alvino para ele **iniciar o Registro do Criador** [...] Também nesta reunião as pessoas que estavam presentes concordaram em **colaborar com as cercas e ajudar com prego, grampos, palanques e mão de obra**<sup>55</sup> (grifo nosso).

A manutenção e construção de cercas são sempre mencionadas pelas moradoras como um dos principais obstáculos para a continuidade do criador comum. Segundo Dona Marinda: *“Os mais velhos não podem mais e os mais novos não se interessam”*<sup>56</sup>. Há, portanto, um conflito interno geracional nesse processo, e o impasse do trabalho envolvido na recuperação das cercas continuou ao longo dos anos.

O Faxinal do Salto faz parte de um conjunto significativo de faxinais localizados em Rebouças. Segundo ALBUQUERQUE (2000 apud Rupp e Martins, 2008, p. 82), a formação da organização do Sistema faxinal nesse município ocorreu no final do século XIX, em virtude da economia ervateira que se desenvolveu nesta região do Estado. A exploração de erva-mate nativa teria atraído moradores que se estabelecendo ali formaram comunidades. Esses migrantes – ucranianos, poloneses, alemães, espanhóis e caboclos – se integraram na

<sup>54</sup> Ata de 16 de novembro de 1991 – Reunião da Associação de Moradores do Salto.

<sup>55</sup> Ata de 04 de janeiro de 1992 – Reunião da Associação de Moradores do Salto.

<sup>56</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida, em 26/08/2017.

atividade ervateira, cercando as terras de extração de erva-mate e criando animais no interior do cercamento.

O Município de Rebouças era formado por um amplo sistema de organização de faxinais. Interpretando narrativas de moradores do faxinal Marmeleiro, Rupp e Martins (2008) citam que a época de formação dessa organização nesse município data do final do século XIX e início do XX, e que estaria relacionada à Revolta do Contestado, pois muitos migrantes fugindo dos conflitos requisitaram posse ou compraram terras ali, dando início a essa forma de organização. Desse modo, conforme a pesquisa de Rupp e Martins (2008) as vinte e três comunidades rurais que formam Rebouças eram compartilhavam esse modo de vida comunal. Entretanto, segundo os autores, na atualidade, apenas quatro comunidades mantêm esse sistema de organização, são elas: Marmeleiro de Baixo, Marmeleiro de Cima, Barro Branco e Salto.

Atualmente os Faxinal do Salto tem se transformado muito rápido. O criador comum vem sendo reduzido exponencialmente. As fotografias abaixo nos fornecem um panorama dessas transformações:

**Fotografia 11:** Monocultivo no criador comum no Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Nessa fotografia, no canto superior direito observamos uma casa, aparentemente recém construída cercada por uma terra preparada para monocultivo, possivelmente soja. Observamos que as plantações chegam tão perto da casa que ela não tem quintal.

**Fotografia 12:** Cercamentos individuais no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 13:** Cercamentos individuais no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 14:** Maquinaria e quintal no Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Esse conjunto de fotografias nos mostra o alcance do projeto da agricultura capitalista no Faxinal do Salto, mais precisamente no seu criador comum. A presença de traços da agricultura monocultora (como tratores, cercas, terra *lisa*) no criador indica que a área de pastagem e aguadas para animais tem sido reduzida. De 2017 para cá, inúmeros cercamentos individuais no criador estão sendo feitos, reduzindo a área de circulação livre de animais (cada vez mais escassos) e pessoas e modificando a paisagem característica de faxinais. Esse conjunto de mudanças no interior dos faxinais possuem historicidade, o que veremos a seguir.

## 2.6 A modernização agrícola e os faxinais

As transformações maciças nos faxinais paranaenses, incluindo cercamentos individuais, introdução dos monocultivos, enfraquecimento da agricultura de subsistência e de laços sociais internos, entre outros aspectos, estão conectados às transformações a nível macro que o Paraná, o Brasil e mundo viveram com a chamada modernização agrícola.

O avanço das frentes de tecnologia da agricultura, modelo de desenvolvimento econômico dos anos 1960, repercutiu diretamente nas comunidades de faxinais, pois

encurralados, parte significativa de proprietários/as, venderam suas terras para latifundiários e chacareiros e outros procuraram se integrar à agricultura agroindustrial, mantendo a propriedade da terra, mas modificando o modo de produzir.

No campo, com o golpe Civil-Militar de 1964, a questão das transformações da estrutura fundiária foi deslocada para a tônica da modernização, estreitando a aliança entre a grande propriedade e a burguesia industrial. A partir de 1967, a política agrícola foi deliberadamente orientada para a utilização mais intensiva de fertilizantes, insumos e máquinas. O financiamento agrícola se tornou o principal mecanismo de mudança tecnológica, distribuindo subsídios e subordinando à agricultura à esfera financeira através do crédito rural (CHANG, 1988).

Deere (2004, p. 178), diz que a política do governo, na década de 1970, centrou-se na modernização das fazendas através de um abundante crédito subsidiado. Quanto maior a propriedade, maior o crédito, encorajando a crescente concentração de terra. Especialmente favorecidos foram a plantação de soja para exportação e os interesses do *agrobusiness* nas fazendas de gado e madeira. A política de modernização também provocou uma mudança nas relações de trabalho, com a força de trabalho dos arrendatários residentes nas fazendas sendo substituída pela força de trabalho assalariada temporária e máquinas. A prioridade do governo militar, em termos de resolver os problemas dos conflitos rurais, estava focada na colonização espontânea e planejada da fronteira amazônica, a qual coincidiu, em propósitos, com o desenvolvimento da doutrina de segurança nacional brasileira. Para os milhões de expropriados pela política de modernização, a principal opção era a migração para as áreas urbanas e para as grandes cidades brasileiras.

Para Wanderley (1995), a história do campesinato no Brasil demonstra que historicamente a grande propriedade recebeu estímulos que a perpetuou como setor dotado de valorização em detrimento da pequena propriedade ou da agricultura familiar, que ocupou no país um lugar secundário. Assim, a grande propriedade se impôs como modelo socialmente reconhecido, recebendo estímulos para sua modernização e reprodução, logo a política agrária do país a constitui como modelo dominante, enquanto que a agricultura familiar não recebeu estímulo social, ocupando um segundo plano na sociedade brasileira<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> De acordo com Schörner (2006), o caráter subsidiado do crédito rural garantiu transferência de renda intersetorial da economia em favor de determinados segmentos da agricultura, impulsionando a capitalização e a mercantilização das atividades agrícolas: “No Paraná, o crédito cresceu 500% em termos reais nos anos 1970, passando de 37% a 80% do valor bruto da produção agropecuária entre o início e o fim da década. Contudo, o que mais caracterizou essa política creditícia foi que ela privilegiou um pequeno número de produtores, já que na maior parte das vezes seus critérios de concessão vinculavam-se ao uso de certa tecnologia e a disponibilidade de terra como garantia dos empréstimos. Os recursos provenientes do crédito acabaram tendo diversos destinos,

No Paraná, de acordo com Schörner e Campigoto (2018, p. 118), na década de 1980, a chamada modernização da agricultura paranaense estava no auge. Priori (2012) apurou alguns indicadores numéricos das modificações na base técnica e produtiva desse setor da economia, ocorrida nos anos 1970 e 1980. Segundo ele:

(...) o número de tratores, por exemplo, sofreu uma alteração de 338,3% entre os anos de 1970 e 1980. Da mesma forma, houve elevação em outras atividades, como ‘no número de arados de tração mecânica (379,4%), no número de estabelecimentos com uso de força mecânica (1.134,9%), no consumo de óleo diesel (604,9%), no consumo de energia elétrica (47,0% e 687,6% no período de 1980 a 1985) (...). Mesmo no próprio Paraná o processo de modernização agrícola não ocorreu de forma homogênea, pois os efeitos desse processo foram sentidos de forma mais intensa no Norte e Oeste do Estado (PRIORI, 2012, p. 22-23, apud Schörner e Campigoto, 2018, p. 118).

Algumas regiões, como o Centro Sul do Paraná, que foi alvo do estudo realizado por Chang, foram diagnosticadas como menos desenvolvidas, menos mecanizadas e mesmo em processo de esfacelamento, sendo classificadas como áreas afligidas por vários problemas sociais e com setores econômicos problemáticos. E, de forma geral, destacaram-se aspectos nefastos decorrentes de tal modernização ocorrida no Estado. (...). O aumento do número e utilização de tratores, além de outros implementos e insumos agrícolas, eliminou muitos empregos no campo e engrossou as migrações para as cidades. Houve nesse momento, uma intensificação do êxodo rural, com uma população excluída se direcionando para cidades de maior porte na região [...] (PRIORI, 2012, p 123, apud Schörner e Campigoto, 2018, p. 118).

Ocorre que, nessa mesma época, introduziram-se os tratores nos faxinais, e com eles, implementos e insumos agrícolas. Era como se plastificava o cenário do desmantelamento e da desagregação do espaço faxinalense, porque as alterações eram vistas como inusitadas e devastadoras. Pode-se mesmo incorporar a tese de que as décadas de 1970 e 1980 comportaram alterações significativas em termos da espacialidade rural: modificou-se a estrutura fundiária, isto é, os latifundiários ampliaram seu domínio territorial. Isso traduziu-se como “invasão desagregadora” e “ameaça desmanteladora” e representava o aumento da vulnerabilidade das pequenas e médias propriedades, um ataque aos modelos de agricultura não alinhados aos processos de modernização agrícola, e uma ofensiva às populações tradicionais da área rural do Paraná. (SCHÖRNER e CAMPIGOTO, 2018, p. 118).

Como vemos, essa modernização se deu de forma desigual, não atingindo com a mesma intensidade todos os segmentos de produção e categorias de trabalhadores/produtores

---

incluindo aquisição de novas terras. Nesse sentido, constata-se que a política de crédito rural acabou constituindo um poderoso instrumento de concentração fundiária e de exclusão social” (MAGALHÃES, 1996, 39 apud Schörner, 2006, p. 57).

rurais. A grande propriedade foi a beneficiária principal, sendo prioridade no crédito rural subsidiado. Como afirmou Chang (1988), “a participação dos pequenos produtores no bolo dos recursos destinados ao crédito rural foi insignificante, concentrando-se nos grandes e médios proprietários”.

Dessa forma, o projeto modernizador para o campo foi excludente e, como consequência, acentuou/gerou o empobrecimento das pequenas propriedades, aumentando consideravelmente o êxodo rural<sup>58</sup>, nas décadas seguintes. Na concepção de Pires (2008, p. 51) a expulsão de grande contingente de trabalhadores do campo para a cidade, está relacionada à essa modernização que, através das políticas governamentais na década de 1970, fortaleceu a monocultura, criando áreas extensas de produção. Essa modernização não incorporou a maioria dos pequenos proprietários rurais e, logo após, acabou por expulsar para as cidades grande número de trabalhadores rurais. A realidade sócio econômica dos faxinais paranaenses estava vinculada à um projeto político para o campo altamente elitista e excludente.

Alguns estudos sobre os faxinais apontam que mudanças, especialmente culturais, tornaram-se perceptíveis no faxinal (no caso do Faxinal do Marmeleiro) com a chegada dos migrantes ditos gaúchos<sup>59</sup>, na década de 1980. No entanto, pode-se dizer que muitos fatores estiveram presentes nas modificações ocorridas nos faxinais.

A respeito da vinda dos migrantes gaúchos para a região, a tese é de que, na maioria, eram pequenos e médios agricultores que estavam passando por dificuldades financeiras, visto que a política de crédito agrícola do regime militar não os favorecia. Rupp e Martins (2008) escreveram que, na década de 1980, após o regime militar, a situação de muitos agricultores estava ruim no Rio Grande do Sul, fazendo com que muitos deixassem o Estado. Foi nesse contexto que várias famílias de gaúchos chegaram à região. Contudo, ao comprarem terras em comunidades de faxinais, exerceram uma forte pressão cultural que acabou por desestabilizar, e até mesmo acabar, com o sistema em alguns lugares (SCHÖRNER e CAMPIGOTO, 2011, p. 56).

---

<sup>58</sup> Palmeira (1989), analisando a relação entre a modernização da agricultura e o êxodo rural no Brasil, indica que, o que é normalmente indicado como êxodo rural (no que se refere ao fluxo e a percepção pela sociedade como um problema) é anterior ao processo modernização da agricultura, acompanhando diferentes crises agrárias no país. O que muda, segundo o autor, é que com a modernização agrícola há uma expulsão sistemática de diferentes categorias de trabalhadores rurais, do interior das grandes propriedades. Assim, ocorre a expropriação das relações sociais no campo. Segundo Palmeira (1989), da terra, de alguma maneira, os trabalhadores rurais sempre foram expropriados, mas com a modernização agrícola, as relações sociais desses grupos com o campo são profundamente afetadas.

<sup>59</sup> Observamos, porém, que a expressão *gaúcho* acabou sendo generalizada e passou a indicar todos aqueles que não eram faxinalenses.

Conforme depoimentos, algumas pessoas dos próprios faxinais, por exemplo, ou mesmo moradores próximos dele, fizeram o papel de “atravessadores”, comprando e vendendo terra dos faxinalenses para os migrantes (SCHÖRNER e CAMPIGOTO, 2011, p. 56).

Eu mesmo comprei e vendi terras aqui no Marmeleiro. Até teve uma situação que eu vendi (...) umas duas ou três vezes. O gaúcho ia comprando e depois não gostava ou não conseguia pagar e vendia novamente. Aí eu comprava e arrumava outro para comprar. (S. A. Entrevista concedida a Ancelmo Schörner em 18 de junho de 2009) (SCHÖRNER e CAMPIGOTO, 2011, p. 57).

Palmeira (1989) discute a modernização da agricultura e da função do Estado na implementação de políticas excludentes no campo, onde a modernização agrícola acentuada, iniciada nos anos finais da década de 1960, além de aumentar as disparidades de renda, acentuou o êxodo rural e a exploração do trabalho no campo, piorando a qualidade de vida e aumentando a concentração da propriedade da terra, por isso, segundo o autor, houve uma *modernização conservadora*, pois privilegiou somente alguns setores do campo brasileiro.

Os efeitos desse projeto são visualizados na região, entende-se que os problemas socialmente vivenciados pelos faxinais estavam inseridos num amplo contexto político e econômico do país e em processos sociais mais abrangentes, iniciados em anos anteriores.

Chang (1988), nos auxilia na reflexão sobre os impactos da modernização agrícola nos faxinais. A autora, que desenvolveu sua pesquisa no início dos anos 1980, evidenciou que nesse período os faxinais do Centro Sul do Paraná encontravam-se em acentuado processo de desestruturação e transformação, onde os criadouros comunitários sofriam pressões para serem dissolvidos. De acordo com a autora, de modo geral, o processo de desintegração se dava de forma gradual, por duas vias: a) abandono da criação à solta (começando pela miúda e estendendo-se à graúda); b) diminuição da área total dos criadores devido à recusa e desinteresse de alguns proprietários de criar animais à solta. Esses dois caminhos levavam ao desaparecimento ou “crise” dos criadouros comuns, substituídos pelos cercamentos individuais.

Chang (1988) elabora uma análise a esse respeito considerando as questões técnicas envolvidas na produção agrícola dos faxinais. Uma das questões envolve a perda da produtividade do solo (devido à incapacidade do sistema de rotação de terras de recuperar as energias do solo). Nessa situação, a família faxinalense se vê diante de duas possibilidades: comprar mais terras para prolongar o tempo de pousio a fim de recuperar a fertilidade do solo ou intensificar a produção a partir de adubação química. Pelo fato de o adubo químico ser



inacessível para a maioria dos/as pequenos agricultores/as, estes são levados a persistir no sistema de rotação de terras.

Dada a estrutura fundiária concentrada, reforçada pela modernização conservadora, a aquisição de novas terras é impraticável para a grande maioria das famílias nos faxinais. Na impossibilidade de adquirir mais terras ou de adotar as técnicas modernas de produção, recorre-se ao arrendamento. Nos faxinais, os agricultores/as que apresentavam condições materiais, incluindo capital e terras, conseguindo acompanhar a modernização agrícola, ao adotarem as técnicas mais intensivas de produção alteraram, por decorrência, sua base reprodutiva, aumentando o caráter mercantil da sua produção agrícola, perdendo sua condição de subsistência.

Nos faxinais, a mecanização da produção agrícola e da produção animal modifica os faxinais em aspectos combinados. Ocorre uma intensificação da produção animal, substituindo o sistema extensivo dos criadouros comuns pelo intensivo do confinamento. Nesse movimento de tecnificação, a produção animal tende a se especializar e visar o mercado, a depender mais de rações, concentrados e medicamentos de fora dos estabelecimentos. Assim, não é mais o autoconsumo nem a reserva de valor que determina o ritmo e volume da produção, mas os custos de produção e o preço final do produto<sup>60</sup>.

De modo geral, os proprietários – em geral aqueles que possuíam um pouco mais de terras e recursos financeiros – que começaram a mecanizar sua produção, possuíam recursos também para criar animais em confinamento, tendo, portanto, condições de “aproveitar” suas terras de forma mais intensiva. Em sua grande maioria, esses proprietários ambicionam transformar suas terras do criadouro em terras de plantação, pois o uso de insumos modernos permite plantar uma área maior de terras com o mesmo dispêndio de trabalho.

De acordo com Chang (1988), a diferenciação dos pequenos produtores em dois grupos distintos, segundo o grau de tecnificação, acaba por formar dois blocos de produtores com interesses e posicionamentos opostos com relação ao criadouro comum. Um grupo minoritário, formado especialmente aqueles que conseguiram alcançar um grau ao menos mínimo de tecnificação (incluindo aqui os médios e grandes proprietários e, portanto, comumente possuem a maior parte das terras nos faxinais), não veem vantagem em manter o criador comum aberto. Outro grupo, majoritário em termos numéricos, formado por pequenos proprietários pobres e agregados sem-terra (sem recursos para aderir às técnicas modernizadas

---

<sup>60</sup> A adaptação às políticas de modernização pelos camponeses/as pode também ser considerada uma resistência, em determinadas situações, de acordo com Scott (1985).

de produção) defende a continuidade da prática de criar em comum, entre outros aspectos, porque não possuem recursos para aderir às técnicas modernizadas de produção.

Os efeitos da modernização conservadora foram sentidos em graus específicos nos faxinais do Paraná, tendo repercussões aparentemente parecidas, mas distintas em cada um deles. Nesse contexto de transformações, um outro aspecto é que o avanço da agricultura capitalista modifica a concepção de quintais nos faxinais, o que abordaremos adiante.

Assim, o estudo apresentado tem como alvo um campesinato em transformação. Logo, o objetivo não é resgatar a tradição dos faxinais ou situá-los em oposição à modernidade, mas analisar como, esse campesinato se relaciona com as forças capitalistas, ora se integrando e se adaptando, ora resistindo – seja a partir de luta política coletiva ou resistência ubíqua e contínua, forma que se dá a partir dos quintais, como propomos.

### 3 OS QUINTAIS, O TRABALHO E AS SABEDORIAS

#### 3.1 Os quintais faxinalenses

A casa é a primeira moradora de qualquer casa. Ela conhece como ninguém a vida de cada inquilino que passou por ela. Alguns ficaram para sempre. Outros, apenas por uma noite — ou menos. Por ser concreta demais, não consegue expressar seus sentimentos mais profundos. Acusada de ser fria e vazia, transferiu toda a sua delicadeza para os fundos. Para se proteger, ela escondeu toda a sua poesia no quintal. Desde aquele dia, ele se apossou de sua ternura e passou a ser o responsável por compor o que ela sente. Ele sabe quando ela tem vontade de chorar. Ele sabe quando ela sente desejo por sorrir. A sensibilidade de uma casa depende do seu quintal. Uma casa sem quintal tem a métrica de uma casa — logicamente —, mas é uma casa que não teve a chance de ser poesia. Uma casa sem quintal não sabe o que é poesia (Pedro Gabriel, 2016).

No Brasil, quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa e definido, na maioria das vezes, como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais (BRITO e COELHO, 2000).

No campo, considerando que os lugares que homens e mulheres ocupam na unidade doméstica camponesa está relacionado às atividades que desenvolvem na casa ou na roça, é importante definir o que o espaço *da casa* significa, em termos de trabalho. Casa não se reduz ao espaço material das paredes da residência da família. Nossa interpretação apoia-se nos pressupostos de Heredia, Garcia e Garcia Jr (1984, p. 31), que, analisando o caso do nordeste brasileiro, dizem: “a casa não se restringe ao espaço físico ocupado pela construção; ela inclui também o terreiro (pátio) que a rodeia, local onde vive a criação (aves de quintal), cabras e porcos”. O conjunto desses animais é denominado animais de quintal, aludindo ao espaço em que se criam e, no universo camponês, os cuidados que exigem são também, como a casa, responsabilidade feminina e não reconhecidas como trabalho.

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra e possuem um importante papel na defesa da biodiversidade, conservando diferentes espécies de plantas comestíveis, medicinais, decorativas e mágicas. Devido a isso, podemos interpretá-los como *santuários da agrobiodiversidade*, como defendeu Oakley (2004).

Quintais são reservatórios de agrobiodiversidade em comunidades rurais mundo afora e, em muitas dessas culturas, as mulheres são as responsáveis pela manutenção dessa

prática. Essa tarefa cotidiana constitui-se numa importante atividade, visto que garante o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais. São as mulheres, em grande parte, que preservam a agrobiodiversidade através de plantações em alta densidade de espécies subutilizadas de forma que seus quintais se transformam em um laboratório de experiências para a adaptação de variedades locais e não domesticadas. Essa rica diversidade é importante não somente para a segurança alimentar e estabilidade econômica daquele lar em particular, mas também para a saúde do sistema agroecológico como um todo (OAKLEY, 2004).

Diversos estudos provenientes da Ásia, África e América Latina concluem que os quintais contêm espécies de ciclo curto contribuindo para alimentar a família durante o período da fome. São também reservas estratégicas de material genético, funcionando como lugares de conservação de variedades especiais ou preferenciais, e como locais de experimentação de novas variedades, conforme Oakley (2004).

Os quintais estão presentes em diferentes lugares. Atualmente, em maior ou menor frequência e com diferentes contornos, modelos e funções, é possível encontrá-los nas cercanias das habitações de diferentes modalidades de campesinato e também nas áreas urbanas. Devido à sua grande diversidade de formas, a categoria quintal exige o reconhecimento de sua plasticidade.

Embora o termo seja aceito quase universalmente na pesquisa acadêmica, o conceito varia muito de região para região. Nos últimos anos, observamos uma ampliação significativa dos estudos referentes aos quintais, onde os quintais urbanos são alvo da grande maioria dessas investigações. Entretanto, diversos estudos sobre quintais agrofloretais ou domésticos relacionados ao rural, incluindo diferentes comunidades tradicionais, foram realizados em distintos lugares do mundo.

Oakley (2004) investigou os quintais domésticos das comunidades de Bishnapur e Baushid, localizados nas áreas inundadas da planície do Centro-Oeste de Bangladesh, onde são considerados importantes fontes de alimentos. O objetivo foi descobrir como as preferências e escolhas das mulheres – praticamente todas economicamente vulneráveis e cujas famílias passavam por períodos regulares de restrição alimentar – influenciavam o cultivo de uma série de espécies nos quintais.

No Brasil, esses estudos estão se ampliando e amadurecendo consideravelmente. Almeida et al (2014) desenvolveram uma investigação a respeito dos quintais das comunidades tradicionais de pescadores localizados na bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. Pereira e Almeida (2010) estudaram os quintais das comunidades Kalunga, constituídas por

remanescentes de quilombolas presentes no nordeste de Goiás. Nesse estudo, os quintais kalungas foram interpretados como lugares de saberes.

Posey (1987), estudando os indígenas kayapó, diz que a palavra *quintal* indica terrenos adjacentes às casas, onde são cultivadas, geralmente, plantas úteis ou decorativas. O autor enfatiza que no Brasil a utilização do solo para fins de quintal precede a colonização europeia, uma vez que, antes disso, os Kayapó, bem como vários outros grupos, já plantavam espécies vitais junto às suas casas.

Posey (1987) destaca a função dos quintais como reserva de medicamentos para os indígenas Kayapó. Seu levantamento identificou além de 86 espécies de comestíveis, dezenas de plantas medicinais. Isso garantia, segundo o autor, práticas de cura altamente sofisticadas nessas comunidades. Os xamãs (*wayanga*) Kayapó especializam-se no tratamento de diferentes enfermidades, aplicando, em cada caso, plantas específicas. Dezenas de *peritos médicos* (*pidjamari*) realizam curas menores, lançando mão de conjuntos de plantas medicinais próprias. Algumas delas são cultivadas, muitas vezes, em locais secretos na floresta, por tratar-se de um conhecimento privativo ao curandeiro. Outras são abertamente plantadas no quintal, mas seu emprego é secreto.

Com o desenvolvimento dos quintais, as pessoas integraram e alargaram os seus espaços domésticos à paisagem. O reconhecimento desse processo, no entanto, não sugere o domínio humano sobre o meio ambiente, mas sim destaca o dar e receber entre humanos e plantas que são essenciais para o processo de as pessoas construírem seu *lar* numa paisagem específica (LEITÃO BARBOZA, 2021). Assim, cada sistema de quintais, urbanos, rurais – incluindo aqueles presentes em comunidades tradicionais – apresentam características específicas.

Nos faxinais, os quintais domésticos existem desde o início da formação dessas comunidades (CARVALHO, 1984). Suas origens estão ligadas ao processo de construir um lugar de morar e viver nas paisagens de faxinais, sendo assim, são estruturas importantes para compreensão da interação humana com o meio ambiente.

Os quintais faxinalenses apresentam diferentes configurações, entretanto, de modo geral, eles se difundem em torno das casas e, geralmente, são cercados para evitar a entrada de animais soltos no criador comum<sup>61</sup>. Atualmente, nessas comunidades, o quintal é um elemento sobressalente/notável, encontrado na maioria das residências, seja das famílias mais abastadas, médias ou pobres. São fontes importantes de alimentos e plantas medicinais, que

---

<sup>61</sup> Apesar de se localizarem no interior do criador comunitário, onde predomina o usufruto coletivo, os quintais e sua produção são apropriados individualmente.

ajudam a reduzir a dependência de mercados urbanos (com relação à medicamentos, frutas, verduras, raízes e alguns grãos), e, em alguns casos, incrementam a renda doméstica.

Eles possuem tamanhos variados, desenhos particulares e combinações específicas de espécies de plantas. Há quintais considerados pequenos, visto que ocupam poucos metros quadrados e comportam principalmente. Entretanto, em sua grande maioria, os quintais são bastante amplos e com alta densidade de diversidade de espécies.

Os quintais denominados *novos*, geralmente são aqueles localizados junto às habitações construídas recentemente, e como tal, não tiveram tempo de incorporar múltiplas variedades, sendo, portanto, um *vir a ser*. Geralmente, nestes quintais, são plantados apenas alguns legumes e verduras e temperos. Em sua maioria, eles são geridos por moradoras/es recém-chegados.

Os quintais *estabelecidos*, por sua vez, compreendem aqueles que possuem uma variedade ampla de espécies e variedades de comestíveis, flores, árvores frutíferas, ervas medicinais e mágicas. Já os quintais denominados *antigos* são ricamente diversos em espécies e em variedades entre espécies e são administrados por mulheres idosas e/ou benzedadeiras. Uma característica importante é a abundante presença de flores, ervas medicinais e plantas protetoras, por exemplo, Comigo Ninguém Pode, Alecrim, Arruda, Espada de São Jorge, entre outras.

Dessa forma, o que verificamos é que os quintais denominados *estabelecidos* e *antigos*, geralmente gerenciado por mulheres mais velhas, são aqueles de maior dimensão e alta densidade de diversidade de espécies e variedades.

Essas três configurações de quintais foram incorporadas como dispositivo de classificação (indicados pelas mulheres), com objetivo de facilitar a compreensão das heterogeneidades e semelhanças dos quintais faxinalenses. Principalmente os quintais estabelecidos ou antigos promovem e informam a agrobiodiversidade.

Os quintais fazem parte da paisagem dos faxinais – são organismos ajustáveis ativos na construção dessas paisagens – e dificilmente ausentes nas moradias, são raras as residências que não possuem essas estruturas ou possuem apenas hortas (presença apenas de comestíveis). Eles são construídos/arquitetados nas cercanias da casa e desempenham um papel fundamental na economia das famílias faxinalenses. Nesses espaços são produzidas hortaliças, frutas, plantas medicinais e *sentinelas*, legumes e flores. Desse modo, consistem

em importantes fontes de alimentos (fornecendo parte das necessidades nutricionais) e *remédios*<sup>62</sup> para as famílias.

**Fotografia 15:** “Modelo” de quintal presente nos faxinais.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

---

<sup>62</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.



**Fotografia 16:** Vista panorâmica de um quintal faxinalense.



**Fonte:** Fotografia de Ancelmo Schörner, 2017.

Geralmente, os quintais são rodeados pelas mesmas cercas das habitações, outros, apesar de próximos às casas são cercados à parte com telas e madeiras. Diferente dos quintais analisados por Andrade (1999) – dos chamados *descendentes de índios*, na baixada maranhense – onde o quintal se localiza atrás da residência, os quintais faxinalenses, usualmente circundam/contornam parte significativa da moradia. Geralmente, ao entrarmos na maioria das casas, primeiramente atravessamos o quintal, que se expande para as laterais e/ou fundos da moradia.

Apesar de apropriados individualmente, os usos e práticas relacionados a eles são coletivos. O quintal envolve um sistema complexo de trocas de sementes crioulas, alimentos, plantas medicinais e flores, além da permuta de saberes acumulados historicamente e experimentados pelas mulheres, incluindo práticas de cura.

### 3.2 Quintal: “um lugarzinho”

Quando as mulheres definem o que é o seu quintal, geralmente, dizem que ele é um *lugarzinho*. “Um lugarzinho aqui onde cultivamos alimentos para a família”, “um lugarzinho que se possa plantar coisas que faça bem para a saúde”, “um lugarzinho ao redor de casa...”. Faxinal é lugar, quintal é lugarzinho. O lugar, na interpretação de Tuan (2013), é um ângulo



do espaço que foi apropriado afetivamente. Ou seja, um espaço indiferenciado, com o tempo, transforma-se em lugar à medida que é dotado de significados.

O lugar, de acordo com Tuan (2013) é construído a partir da experiência e dos sentidos. A experiência, constituída de sentimento e pensamento, é um termo que compreende as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, desse modo, experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender, atuar sobre o dado e criar a partir dele, tem a ver com enfrentar os perigos do desconhecido<sup>63</sup>.

Logo, *lugar* existe em imbricação com *espaço*: lugar é segurança, espaço é liberdade. O conceito de lugar é uma abordagem fundamental para compreendermos a relação dos seres humanos com o meio. Nos seus quintais, as mulheres, na lida com a terra, experimentam e a partir dessa experimentação selecionam espécies. Ali, as plantas são submetidas a constante experimentação e avaliação.

Para Tuan (2013) as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra, pois é a partir da segurança e estabilidade do lugar que tomamos ciência da amplitude, liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. E, se espaço é movimento, lugar é pausa, assim, o quintal é lugar do descanso, de desacelerar. A narrativa construída por Dona Josefa a respeito dos significados do quintal e do trabalho nele é oportuna:

P: E a senhora gosta desse trabalho [no quintal]?

R: Adoro. Adoro. Adoro.

P: Por que?

R: Ah, por causa que eu me criei trabalhando na roça e trabalhando em quintal, toda vida eu lutei com isso, por isso que eu gosto e adoro. Adoro esse negócio de trabalhar, assim (...).

P: A senhora acha importante ter um quintal?

R: Pra mim é! Pra mim é muito importante, é um passatempo. Pra nós que agora não saímos mais trabalhar né, é um passatempo, a gente ir de tarde molhar um pé de flor e molhar uma planta é muito importante. Pra mim é importante.

---

<sup>63</sup> “A palavra experiência provém da mesma raiz latina (per) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’. Para experienciar no sentido ativo é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto” (TUAN, 2013, p. 18). Assim, um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva.

O quintal é lugar de trabalho e *liberdade* onde, apesar do cansaço da atividade, a mente descansa (descanso dinâmico). Para dona Josefa é um *passatempo*, um divertimento um afazer com intuito de distração, de mantê-la ocupada durante os dias e semanas que se passam. O quintal é um *fazer bem* e, frequentemente, as mulheres associam esse lugar à paz, tranquilidade, descanso e realização. Todas possuem laços afetivos com seus quintais, pois ele é um *lugarzinho* especial – onde todos os sentidos estão envolvidos. Preparar a terra, semear uma planta, cuidar dela, acompanhar seu desenvolvimento, colher e consumir envolve os sentidos e nesse experienciar constroem o lugar, atribuindo significados a ele.

Há diferentes maneiras de experienciar, ela pode ser direta ou íntima e/ou pode ser indireta e conceitual. Na primeira, os sentidos do olfato, visão, paladar, tato nos ajudam a atribuir significados. “Seres humanos usam as mãos para explorar o meio ambiente físico, diferenciando-o cuidadosamente pelo tato da casca e da pedra” (TUAN, 2013, p. 20). As mulheres experienciam os quintais, do plantio à colheita, na “lida na terra” a partir do tato, do olfato, da visão que constroem afetividade, tornando-o um *lugarzinho*.

Escobar (2005) entende o lugar como uma experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade nunca seja fixa. Para o autor, o conceito de lugar – em assimetria com o espaço – enfraqueceu no “frenesi da globalização” e isso tem profundas consequências na compreensão do que é natureza, economia e conhecimento. O desaparecimento do lugar está vinculado à invisibilidade dos modelos culturalmente específicos de natureza e da construção dos ecossistemas.

Dialogando com Dirlik (2000), Escobar (2005) aponta que a assimetria entre lugar e espaço é mais evidente nos discursos sobre a globalização, onde o global é igualado ao espaço, ao capital, à agência histórica, e o local associado a lugar, trabalho e tradições. Assim, o autor propõe uma reafirmação do lugar, articulando junto aos movimentos sociais de apego ecológico e cultural a lugares e territórios, uma *defesa do lugar*. Como projeto, essa defesa do lugar deve ser uma saída que considere os modelos de natureza baseado no lugar assim como suas práticas e racionalidades culturais, ecológicas, econômicas, além dos conhecimentos locais<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Considerando que o domínio do espaço sobre o lugar opera como dispositivo epistemológico do eurocentrismo na construção da teoria social, Escobar (2005) atenta que, uma reafirmação do lugar, o não-capitalismo, e a cultura local opostos ao domínio do espaço, o capital e a modernidade – centrais no discurso da globalização – deve resultar em teorias que tornem viáveis as possibilidades para reconceber e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas no lugar. Escobar (2005, p. 70) propõe lançar uma defesa do lugar sem naturalizá-lo, feminizá-lo ou fazê-lo essencial. Nesse caminho, pergunta-se se é possível uma defesa na qual o lugar não se converta na fonte trivial de processos ou forças regressivas?”. Lugares que

### 3.3 Quintal de verduras, de monta e de lavoura

Nos faxinais, historicamente, temos a configuração históricas de formas de quintais que escapam a classificação clássica. Carvalho (1984) traz informações importantes a esse respeito. Seu estudo no Faxinal Rio do Couro, desenvolvido no início da década de 1980, evidenciou a existência de três tipos distintos de quintais no espaço do Criadouro Comunitário: *quintal de verduras* – cujas características foram descritas acima e que se mantém – *quintal de monta* e *quintal de lavoura*.

O *quintal de monta* refere-se à área, próxima à residência, onde as carroças, arreios, entre outros equipamentos de trabalho e montaria são guardados e manuseados. Ali encontra-se também o paiol, adegas e cocheira, onde cavalos e outros animais são alimentados (CARVALHO, 1984). Por sua vez, o *quintal de lavoura* configura-se a partir da vontade de algum morador de desenvolver parte de cultivo na área de sua propriedade jurídica, porém dentro do criadouro comum. Nesse espaço, nos tempos remotos, plantava-se – com objetivo de subsistência e comercialização – feijão, milho e mandioca, entre outros. Atualmente, no interior desses cercados no criadouro comum para fins de cultivo, são plantados soja, eucalipto e em alguns casos, o fumo.

Tavares (2008) faz referência ao *quintal de lavoura* nos faxinais – Faxinal Taquari, Salso e Barra Bonita – que foram objetos de sua pesquisa. Ele aponta que nesses espaços são plantados, principalmente, eucaliptos, pinus e bracatinga<sup>65</sup>. Apesar das mudanças históricas, há uma permanência da prática de fechar áreas a fim de quintais de lavoura, o que muda são as espécies cultivadas nesses espaços – feijão, milho e mandioca são substituídos por variedades monocultoras, como eucaliptos e pinus – e a sua dimensão, visto que a área vem se expandindo no criador, gerando e acirrando conflitos internos.

Historicamente, esse tipo de quintal é considerado nocivo à prática de uso comum, pois para proteger a plantação dos animais ele precisa ser cercado, acarretando a redução da área do criadouro comum. Diante disso, normas baseadas no costume e na tradição passaram

---

permitam as viagens, a transposição das fronteiras e as identidades parciais, sem descartar completamente as noções de enraizamento, limites e pertencimento.

<sup>65</sup>A bracatinga é considerada uma das espécies de crescimento inicial mais rápido no Sul do Brasil. Sua madeira pode ser usada, principalmente, em vigamentos, escoras em construção civil, partes não aparentes de móveis, em caixotaria, embalagens leves, compensados, laminados e aglomerados. A madeira de bracatinga também proporciona lenha e carvão. Há diferenças entre as variedades branca e vermelha. Além disso, destacam-se outros usos: alimentação animal, reflorestamento, medicinal e paisagístico. Fonte: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/42011/1/CT0059.pdf>.

a legislar sobre a existência do quintal de lavouras, proibindo ou estabelecendo condições para sua existência.

Essas regras não permanecem a mesma ao longo do tempo, elasticamente elas vão sendo reelaboradas e atualizadas diante das condições históricas locais. Ao analisar a organização do criador comunitário no Faxinal Rio do Couro, a partir do direito consuetudinário, Carvalho (1984) demonstra que ele foi sendo construído coletivamente, acompanhando as modificações históricas e se ajustando a diferentes momentos e situações – recentemente apelando para mecanismos legais.

No início da década de 1990, as normas consuetudinárias passaram a ser registradas em Acordos Comunitários. O documento de *Escritura Pública de Instituição do Criador Comum do Faxinal do Salto*, cujo Registro oficial em Cartório ocorreu em 1992, regula legalmente as regras históricas (costumeiras) a respeito do Criador Comum e estabelece os rearranjos elaborados coletivamente. A décima cláusula do documento estabelece que somente poderiam efetuar *culturas de hortas*, dentro da área destinada ao Criador Comum, se fossem utilizadas pequenas porções de terras e construídas cercas de arames farpados com 14 (quatorze) fios na horizontal e palanques de *madeira de lei* plantados a uma distância de 2 (dois) metros um do outro.

Já no Faxinal Rio do Couro, uma das normas consuetudinárias a respeito do quintal de lavoura – reorganizadas coletivamente em 1970 – define que aqueles/as que quiserem usar parte da terra do criador, sob sua propriedade jurídica, para tal, deveriam cercar o respectivo espaço com 13 (treze) fios de arame para isolar a sua plantação dos animais do criador. Estes/as não poderiam ter animais soltos na área de uso comum, porém caso desejassem, deveriam assumir responsabilidades com a cerca, além daquela do quintal de lavoura (CARVALHO, 1984).

A exigência dos 13 ou 14 fios de arame seria a garantia de que nenhum tipo de animal atravessaria o cercamento (mesmo os menores), constituindo-se, portanto, numa proteção contra desavenças entre moradores/as. Quanto a isso temos uma questão a considerar: as cercas inicialmente eram construídas, principalmente de frechame, o que a encarecia a nível de mão de obra e madeira. De certo modo, a regra dos 13 fios inibia a prática dos cercamentos individuais para fim de quintais de lavoura, pois, assumir responsabilidades com as cercas – circundante e a individual – sobrecarregaria a família economicamente e em termos de mão de obra.

No Faxinal do Salto, na década de 1990, o quintal de lavoura era motivo de discórdia entre moradores. Ata de reunião comunitária realizada em 1992<sup>66</sup>, com objetivo de discutir assuntos relacionados ao Criador comum, evidencia que a montagem das chamadas *hortas* ou *piquetes* grandes dentro da área de criar – conjuntamente à falta de colaboração nos serviços comunitários – gerava fortes e frequentes impasses entre usuários e comprometia a existência do criador.

Quando a extensão do quintal de lavoura é maior do que o permitido<sup>67</sup>, avançando sobre a área de criar animais, acaba por comprometer o criadouro comum, reduz a área de circulação e pastagem, o que acarreta desavenças e ocasiona intensos conflitos internos, em alguns casos levando ao fechamento do criadouro. O diálogo, reproduzido abaixo, com Dona Bernardete Longato manifesta aspectos dessa ocorrência no Faxinal Rio do Couro<sup>68</sup>:

P: O que que a senhora acha, que levou ao processo de desagregação do criadouro comum? O que será que aconteceu que foi fechando.

R: Pois eu não sei, um tanto foi esses *de fora* que chegaram e compraram os pedaços de terra e começaram desmatar tudo e fechar pra... e fazer aquelas *roça*, daí não tinha cerca lá, as criação entravam tudo lá dentro. E foi indo, foi indo que acabou...

O quintal de lavoura é *roça*, para dona Bernardete, pois está no lugar errado e compromete a harmonia entre *os de fora* e *os de dentro*. O criador comum desse faxinal encontra-se em acentuado decurso de desestruturação e, correntemente, moradores e moradoras usam a expressão *os de fora* para indicar os causadores desse processo. Os *Outros*, *estranhos*, são pessoas que compram propriedades dentro do criador comum, mas não compartilham os valores e os costumes locais, desconhecem ou não respeitam as normas consuetudinárias. Essa presença *estrangeira* e sua racionalidade distinta a respeito da terra e dos bens comuns somada às discordâncias geracionais, levou os faxinalenses a inscrever legalmente as normas costumeiras acerca da venda de terras localizadas no criador comum.

---

<sup>66</sup> Ata de 13 de junho de 1992– Reunião da Associação de Moradores do Salto.

<sup>67</sup> Cada Faxinal, individualmente, estabelece as normas de ordenamento social e gestão do seu criadouro comum. Atualmente, são os Acordos Comunitários que regulamentam a respeito dos cuidados com os animais, cercamentos, trabalho coletivo e *quintais de lavoura*. Em alguns faxinais, o quintal de lavoura é consentido, desde de que seja cercado pequenas áreas e que não comprometa a fruição do criadouro comum. Nesses casos, o cercamento para proteger a plantação dos animais, é de responsabilidade do/da proprietário/a e o tamanho da área consentida para tal é decidido coletivamente, não ultrapassando 10% da área total da propriedade no criador comum.

<sup>68</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

De acordo com a Décima Primeira Cláusula do documento de *Escritura Pública de Instituição do Criador Comum do Faxinal do Salto*, caso algum dos/as proprietários/as pretenda vender, permutar, hipotecar, alienar e onerar a sua propriedade do Criador comum, deverá antes ofertá-lo aos demais proprietários e também à categoria dos usuários, os quais teriam, então preferência para aquisição. Entretanto, conforme o documento, caso estes não tenham interesse na aquisição da terra, ela pode ser vendida a terceiros, estranhos ao Criador, devendo, obrigatoriamente o vendedor colocar o novo adquirente a par da existência do contrato e das obrigações e normas relacionadas ao criador comunitário<sup>69</sup>.

Apesar das cautelas, conflitos em virtude dos cercamentos no criadouro comum para as chamadas *hortas* ou quintais de lavoura são recorrentes no faxinal do Salto e nos demais faxinais. Como adequação, há casos em que o isolamento de pequenas áreas em torno das residências para fins de quintais de lavoura e tratos dos animais – chamados de *fechos* ou *piquetes* – é permitido, os limites são estipulados coletivamente e previstos nos Acordos Comunitários o que, na modernidade, regem a vida no interior do criador comum<sup>70</sup>.

Apesar desse estudo se concentrar nos chamados *quintais de verdura*, os quintais de lavoura atravessam a análise, pois em larga medida interferem no circuito de atividades das mulheres, contaminando nascentes, alimentos e sementes, desestabilizando *bem viver* das agricultoras, de suas famílias e comunidades e, por fim, comprometendo a existência do criador comum.

### 3.4 As mulheres, as sabedorias e a agrobiodiversidade

Os saberes e o trabalho das mulheres são fundamentais, para a manutenção do modo de vida faxinalense e da agrobiodiversidade. O sistema de trabalho envolvido nos quintais é baseado em sabedorias tradicionais, e essas, como sabemos, são mais harmônicas com a biodiversidade e os recursos naturais. A prática ancestral de cultivar alimentos e plantas medicinais em torno das moradas favorece a continuidade do modo de vida e subsistência das comunidades faxinalenses.

<sup>69</sup> Escritura Pública de Instituição do Criador Comum do Faxinal do Salto, 1992.

<sup>70</sup> As comunidades definem essa porção de acordo com o tamanho da propriedade no criadouro – Áreas de até 10 alqueires (24,2 ha) até 7%, acima de 10 alqueires até 5 % – chegando a 15% da propriedade, independente do seu tamanho, como é caso do Faxinal Marmeleiro, localizado no município de Rebouças.

**Fotografia17:** Parte do Quintal de Dona Marinda, Faxinal do Salto.



**Fonte:** fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2017.

As plantas e ervas medicinais são encontradas na floresta e nos quintais faxinalenses, nestes elas ocupam lugar privilegiado, destacando-se em meio a diversidade de cultivares, como vemos na fotografia. Como são, frequentemente, as mulheres as responsáveis pelos quintais, são elas que possuem os conhecimentos sobre seus usos para práticas de cura. Como discriminou Dona Marinda: “A salvinha é muito boa pra infecção na garganta, erva cidreira é pra dor de cabeça, poejo pra gripe, calêndula é boa pra queimadura”<sup>71</sup>. Ela conhece a utilidade das ervas e outras plantas medicinais que possui em seu quintal e, quase sempre, trata a família com esses remédios caseiros. Em virtude de os faxinais localizarem-se distantes dos hospitais e farmácias nas cidades, essas habilidades são extremamente úteis na prevenção e tratamento de doenças.

Logo, esses quintais manifestam os saberes historicamente acumulados e experienciados pelas mulheres. As plantas medicinais, por exemplo, são selecionadas e cultivadas a partir da finalidade de uso para a família, considerando as enfermidades e pequenas moléstias. Posey (1987) argumenta que cada quintal reflete os conhecimentos e a

---

<sup>71</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 26/08/2017.

especialização médica de sua proprietária. Do mesmo modo, retratam as sabedorias incorporadas tradicionalmente pelas mulheres.

As sabedorias locais podem ser problematizadas a partir da escolha dos lugares que darão origem aos quintais. Nesse sentido, a narrativa de Dona Josefa<sup>72</sup>, a respeito dos motivos de escolha da área para criação de seus quintais, contribui:

P: Como a senhora chama esse lugar perto da casa?

R: Nós chamamos de quintal, tem gente que diz horta né, mas nós é quintar.

P: A senhora pode comentar sobre os motivos de escolher essa área para ser o quintal?

R: Porque aqui era grama, gramado simples, não era desse aqui, como diz mato. Só que todo mundo falava que na grama dá uma horta muito sadia né, por isso que nós escolhimo pra cá, não fizemos pra trás. Por causa que daí foi picado ele com a enxada, aquelas pelanqueiras, então quando chovia era moído com enxada, sabe? Daí era passado um rastelo e jogado as grama e ficava só a terra. Nós começemos tudo com arvoredo, cortando as grama...

P: E tem a ver com o sol também?

R: Pega muito sol, pra cá é muito bão porque a planta tem que controlar o sol e a sombra, não muito sol e não muita sombra e daí também por isso que nós peguemo pra cá porque ele pega os dois tempos: a sombra e pega o sol.

P: A senhora comentou antes da terra também...

R: A terra aqui é puxada os carrinho de esterco porque é limpado os chiqueiro e limpado os galinheiro e daí também nós pegamos essas folhas e fazemos buraco, sabe, e enterramos as folhas com aquele esterco, aquele esterco dos porco e do galinheiro das galinhas e daí cobrimos de terra, dá, mas fica um esterco que quero que você veja. Daí quando nós imo plantar, pega aquele esterco com a cortadeira pra samea no quintar, mas é uma beleza, muito bem preparado, sabe? Daí nós ponhamos com o carrinho.

P: Então não precisam dos adubos da cidade?

R: Pra falar a verdade, nós não compramos adubo para plantar nada, nem adubo nem esse negócio, ah bastante gente, esse surfato que tá pra vender aqui no sindicato, nós nunca comremo porque o que nós fazemos é o mesmo surfato.

---

<sup>72</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.



Dona Josefa possui dois quintais (que administra em companhia de seu esposo), um de cada lado lateral da casa. Um mais antigo, que há uma diversidade maior de plantas e outro mais recente, onde se planta mandioca, ervilhas, há alguns pés de frutas em crescimento.

**Fotografia 18:** Quintal *antigo* de dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

O que vemos é a necessidade de um conjunto de saberes necessários desde a escolha do local para fixar o quintal – determinado em larga medida pela boa qualidade da terra, existência de equilíbrio entre sol e sombra. Essas sabedorias, como vimos, são necessários desde a escolha do lugar de fundação de um quintal, da seleção e armazenamento de sementes, períodos (luas) de plantio e colheita. Mesmo os usos dos cultivares dos quintais, particularmente, plantas medicinais, também exigem conhecimentos: “Tem de conhecer as ervas”<sup>73</sup> para empregá-las e manipulá-las adequadamente.

Há uma proximidade do quintal com a casa, além disso, compreende arranjos onde, por exemplo, hortaliças, condimentos e ervas medicinais, são plantadas mais perto cozinha, “para o caso de necessidade”. Desenvolve-se, assim, uma relação entre proximidade,

---

<sup>73</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 26/08/2017.

praticidade e uma boa comida, afinal, quando a paisagem é heterogênea, o prato fica colorido, o que é associado à saúde e à fruição da vida pelas mulheres.

Assim, apesar de nosso primeiro olhar nos levar a acreditar que a distribuição das plantas nos quintais é aleatória, a disposição/organização é indicativo/sintomático de uma racionalidade que não interpreta as espécies isoladamente, aproximando-se do conceito empregado pelos indígenas Kayapó de *comunidade vegetal (kotam)* em oposição à *espécies individuais* (POZEY,1987).

Nesses quintais, o pomar, geralmente é disposto num canto ou nas extremidades da cerca, pois, caso as árvores frutíferas sejam plantadas no meio do quintal sombrearia as plantas mais baixas, impedindo seu crescimento, sendo que legumes, verduras, flores e ervas precisam do sol para se desenvolverem e prosperarem.

Na lógica de *comunidade vegetal*, as distintas comunidades de plantas existiriam como espécies companheiras, apontando para uma relação de interdependência e complementaridade entre elas. Com base nisso é que se procede ao remanejamento ecológico de espécies. Os pés de chuchu, por exemplo – por ser uma planta trepadeira – precisam ser plantados próximos às plantas maiores ou cercas para que estas possam lhes servir de apoio para o crescimento e produção.

Do mesmo modo, feijões vagens, flores trepadeiras, videiras, entre outros, precisam desse suporte e, por isso, são estrategicamente distribuídas no quintal. Grando (2007, p.107), analisando os quintais do Forte, no sertão de Goiás, também verificou que o que se apresentava de maneira aleatória pelos/as moradores/as era, na verdade, uma complexa distribuição de policultivos e plantas consorciadas, onde estavam envolvidas sabedorias antigas.

### 3.5 O trabalho nos quintais: Meu nome não é ajuda

Brolese e Menasche (2011) abordaram questões relacionadas à produção e consumo de alimentos a partir do estudo do quintal agroflorestal de uma família quilombola do litoral norte do Rio Grande do Sul. Esses lugares, segundo as autoras, possuem importante papel na autonomia das famílias, para quem a produção para autoconsumo chega a representar 38,34% da renda total dos estabelecimentos, e 69,09% dos custos de uma cesta básica. As autoras demonstram que quanto mais a produção dos quintais é diversificada, maior a contribuição para segurança alimentar e nutricional não só da família, mas da comunidade, já que esse lugar garante também a subsistência de vizinhos. Nesse caso, a produção para autoconsumo é característica da agricultura familiar e se apresenta principalmente nos quintais.

Nos faxinais, os produtos dos quintais são, geralmente, classificados como miudezas. Rupp e Martins (2008) observam que miudezas, na verdade, dizem respeito a verduras e legumes como repolho, cenoura, beterraba, batata salsa, batatinha, alface, nabo, espinafre e, principalmente, couve, que está presente em todos os quintais dos faxinais, visto que faz parte da alimentação diária da família.

Na interpretação de Dona Marinda, “na cidade compramos pouca coisa: açúcar, café, sal, fermento, só miudezas (...), mas meu trabalho é bastante aqui”<sup>74</sup>. No universo de representações dessa agricultora, o trabalho que desenvolve no quintal garante grande parte das necessidades da família, reduzindo a necessidade de comprar alimentos e, conseqüentemente, gastos. Logo, para ela, *miudezas* são os produtos adquiridos da cidade, não o que é produzido no seu amplo quintal.

**Fotografia 19:** Plantação de repolho no quintal da Dona Marinda, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

A fotografia acima mostra a produção ininterrupta de áreas específicas dos quintais. A medida que os alimentos vão sendo colhidos e a terra fica livre, outras mudas ou variedades

---

<sup>74</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 26/08/2017.

são plantadas. Isso garante uma rotatividade de verduras, legumes, hortaliças e frutas que compõem a terra e a mesa das famílias. Há uma diversificação da dieta através dos lugares: os alimentos produzidos nos quintais somam-se àqueles produzidos nas roças – no caso em que as terras não foram tomadas pelos monocultivos – e aos recursos coletados no criadouro comum (como pinhão, erva-mate, guabiroba, araçá, jabuticaba, plantas medicinais, entre outros).

No modelo de natureza faxinalense há uma combinação dessas unidades. Se estabelece uma relação de complementaridade entre o criador comum, os quintais e as terras de plantar<sup>75</sup>. Do mesmo modo Nogueira (2009) verificou essa relação entre veredas, tabuleiro e gerais. Para além de uma relação de oposição, populações tradicionais percebem o seu território como complementares, pois reconhecem a interdependência ecológica desses espaços e a partir delas constroem suas prescrições de apropriação, uso e conservação. Assim, uma alimentação diversa e, portanto, nutritiva, combina extrativismo e aqueles resultantes da *labuta* (trabalho) na terra, nas terras de plantar e, principalmente, nos quintais.

A produção de alimentos voltada ao autoconsumo das famílias rurais cumpre importante papel em suas estratégias de reprodução social. Entretanto, estando à margem dos processos mercantis e realizada predominantemente sob responsabilidade de mulheres agricultoras, esse tipo de produção é comumente pouco valorizada frente aos produtos destinados à comercialização (ZANETTI e MENASCHE, 2007).

Em muitos países, as agricultoras produzem a maior parte dos alimentos. Mas poucas detêm a propriedade das terras que cultivam. Muitas não têm acesso a serviços públicos e carecem de direitos básicos de cidadania. A devastação de florestas, manguezais e outros ecossistemas silvestres – fontes inesgotáveis de biodiversidade – para a expansão de áreas de cultivo representa a devastação de áreas onde as mulheres obtêm alimentos, medicamentos, fontes de energia. As mulheres não só têm pouca voz na tomada de decisões, como suas sabedorias tradicionais estão se perdendo rapidamente, como apontaram Bruil et al. (2020).

Em grande parte das comunidades camponesas, há uma separação dos espaços *do fazer* e *do saber* feminino e masculino (Woortmann e Woortmann, 1997). Nessa construção ideológica existem dois circuitos de atividades: *fora* (roça, comercialização, cuidado com grandes animais) e *dentro* (casa, quintal, atividades de cuidado de crianças, doentes, idosos e animais domésticos). Woortmann e Woortmann (1997) auxiliam na compreensão desse

---

<sup>75</sup> Contrariando a tendência científica de separar os espaços para compreendê-los melhor.

fenômeno ao afirmarem que os processos de trabalho possuem dimensões simbólicas que constroem não somente espaços agrícolas, mas espaços sociais e de gênero.

Nos faxinais, o quintal – assim como a casa, a cozinha, e o cuidado com os animais domésticos – é de domínio feminino e, portanto, de responsabilidade das mulheres, enquanto a área de plantar é de domínio masculino. Apesar dessa divisão, há momentos no processo de trabalho em que homens e mulheres partilham a mesma atividade, geralmente no plantio, colheita e limpeza das plantas (capina) na área de plantar. Por outro lado, os homens, em grande parte dos casos, não participam das atividades nos espaços de domínio feminino, como os quintais e a cozinha.

Para analisar essa problemática, proponho conduzir essa discussão a partir da revisão de algumas teorias sobre a divisão sexual do trabalho. Hirata e Kergoat (2007) historicizam e problematizam esse conceito. Segundo as autoras, a divisão sexual do trabalho<sup>76</sup> é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos. Além disso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente e tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)<sup>77</sup>.

Para além dessa conceitualização, as autoras apontam dois princípios organizadores: o de separação (trabalhos distintos para homens e mulheres) e o hierárquico (maior valorização ao trabalho masculino). Esses princípios, apesar de legitimados e acatados como naturais são mutáveis. Concretamente, suas modalidades variam no tempo e no espaço, apresentando grande plasticidade; o que é estável é a distância entre os grupos sexuais. Essa distância de valorização do trabalho pode ser pensada também a partir da dinâmica camponesa.

Heredia, Garcia e Garcia Júnior (1984, p. 30-31), por exemplo, analisando as relações processadas no interior de unidades camponesas do Nordeste brasileiro mencionam:

O roçado é o resultado do esforço conjunto dos membros do grupo doméstico... (...) por serem as tarefas desenvolvidas no roçado, as atividades nesse âmbito são reconhecidas como trabalho. Por oposição a elas, as atividades desempenhadas no

<sup>76</sup> A divisão sexual do trabalho no campesinato brasileiro foi amplamente estudada por Paulilo (2009;2000;2004), Brumer, (2004), Brumer e Paulilo (2004), Tedeschi (2004), Carneiro (1981), Woortmann e Woortmann (1997) e Heredia, Garcia e Garcia Júnior (1984). Esses estudos corroboram a leitura de que as desigualdades entre homens e mulheres no campo não são naturais, mas que fazem parte de um sistema histórico, social e cultural.

<sup>77</sup> Hirata e Kergoat (2007) apontam que foi na França, sob o impulso do movimento feminista dos anos 1970, que surgiram os trabalhos que assentariam as bases teóricas do conceito de Divisão Sexual do Trabalho. Bessin (2016) contribui para a discussão ao tratar sobre as maneiras de abordar a ideia de temporalidades sexuadas da atividade. Para o autor, a experiência temporal das mulheres no trabalho consiste em “uma vida em duas”, administrada como uma dupla presença.

âmbito que corresponde à casa não são consideradas como tais. (...) É o pai quem encarna o trabalho no roçado, logo, o trabalho ali realizado é o trabalho dele; os filhos e a esposa, mesmo quando desempenham atividades, apenas “ajudam”, como se diz. Se o lugar do homem é o roçado, o lugar da mulher, mãe de família, é a casa. (...) A casa não se restringe ao espaço físico ocupado pela construção; ela inclui também o terreiro (pátio) que a rodeia, local onde vive a criação (aves de quintal), cabras e porcos (...) as atividades que esses animais exigem são também, como a casa, de responsabilidade feminina e não reconhecidas como trabalho.

Historicamente, a categoria trabalho aplica-se somente ao pai de família; no espaço da roça o trabalho das mulheres é definido como *ajuda*. Considera-se que as mulheres trabalham no âmbito doméstico, mas ainda assim esse trabalho é desvalorizado nesse universo de representações e considerado não trabalho ou *trabalho leve*. Desse modo, mulheres exaustas pela dupla ou tripla jornada de trabalho – exercida dentro de casa, e nas funções de cuidado e na roça – não alcançam reconhecimento por suas atividades, visto que são consideradas invisíveis e/ou nomeadas, meramente, *ajuda*.

Segundo Paulilo (1987, p. 7), no campo brasileiro, o trabalho é *leve* (e a remuneração baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia da família camponesa. Desse modo, para a autora, o que atribui valor ao trabalho não é o caráter da atividade realizada, mas o sexo e a posição de quem executa a tarefa. Assim, nessa construção social dos espaços, o domínio da roça instituiu-se, historicamente, como espaço do masculino, e a casa, cozinha e quintal como essencialmente das mulheres (o lar constrói-se historicamente feminino) mesmo que executem atividades ditas masculinas. Desse modo, *dentro e fora*, trabalho *pesado* e trabalho *leve*, tornam-se classificações que associam espaços e atividades às pessoas.

Esmeraldo (2013, p. 240), ao analisar o aspecto simbólico do trabalho no campo, diz que “a labuta do homem é central para produzir a autoridade masculina (...) Há uma ordem simbólica (moral) que se instala para reger o trabalho camponês e qualificá-lo de forma diferenciada e hierarquizada.

Analisando o caso francês, Hirata e Kergoat (2007), a partir de um recorte de classe, analisam a questão do trabalho doméstico e sua reação com o campo profissional. A ideia de uma complementaridade é analisada a partir de modelos diversos: tradicional (a esfera doméstica é inteiramente responsabilidade das mulheres, homem tem o papel de provedor), conciliação (cabe quase que exclusivamente as mulheres a conciliação da vida familiar e profissional), parceria (presume a ideia de igualdade entre os sexos, não é realidade concreta) e delegação (delegar a outras mulheres as tarefas domésticas e familiares, mesmo as que delegam são responsáveis pela gestão do trabalho delegado). A respeito deste último modelo,

as autoras apontam que é necessária uma reflexão crítica que não pode se desenvolver fora das modalidades de reprodução da servidão doméstica e que as razões da permanência da atribuição do trabalho doméstico às mulheres, mesmo no contexto da reconfiguração das relações sociais de sexo, continuam sendo um dos mais importantes problemas na análise das relações sociais de gênero. Segundo as autoras, é necessário refletir sobre como modificar essa situação, questionando os âmbitos psicológicos da dominação e a dimensão da afetividade.

Dessa forma, problematizar e desconstruir a concepção naturalizada de trabalho e divisão sexual das funções é fundamental para avançarmos na direção de equidade de gênero<sup>78</sup>.

As classificações relacionadas ao trabalho que orientam o campesinato, de modo geral, podem ser verificadas nas comunidades tradicionais faxinalenses. As mulheres e suas filhas são responsáveis pelos serviços domésticos, pelo trabalho nos quintais, cuidados com animais – principalmente aqueles criados em mangueirões devido aos cercamentos no criadouro comum – pela preparação das refeições consumidas pela família. Essas atividades (não remuneradas e pouco valorizadas) são constantes no cotidiano feminino. Entretanto, o fato de desenvolverem atividades voltadas ao autoconsumo não implica que estejam ausentes no trabalho relacionado às terras de plantar, onde, geralmente a produção é destinada à comercialização. Ali, a atividade realizada não é considerada trabalho, mas *ajuda*<sup>79</sup>.

Um outro aspecto, é o fato de que as mudanças que ocorreram nos faxinais afetaram as formas de trabalho atuais das mulheres.

Em visitas de campo ao Faxinal do Salto, observei que alguns animais denominados *pés grandes* (cavalos e bois, principalmente) encontravam-se soltos na área de uso comum, entretanto, a presença de animais de porte pequeno, como os porcos, foram reduzindo ao longo dos anos. Com problemas relacionados às cercas do criadouro comum, esses animais passaram a ser criados fechados em mangueirões próximos à casa.

---

<sup>78</sup> Jany-Catrice (2016), ao examinar o contexto francês, afirma que, seja no campo ou cidade, a responsabilidade do trabalho doméstico ainda é uma constante na vida das mulheres.

<sup>79</sup> Os estudos de Brumer (2004) e Brumer e Paulilo (2004) no Sul no Brasil retratam as diferenças de gênero na organização do trabalho das famílias camponesas, onde o trabalho das mulheres adquire caráter de ajuda. Isso também foi observado por Ferrante et al. (2013, p. 199), ao estudar a vivência das mulheres nos assentamentos rurais. As autoras citadas demonstram que por mais pesado e moroso que seja o trabalho, se realizado por mulheres ele não foge da representação constituída enquanto *ajuda*.



**Fotografia 20:** Porcos fechados em mangueirões na propriedade de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 21:** Mangueirão na propriedade de Dona Marinda, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida (2017).



A narrativa de Dona Josefa também nos fornece elementos importantes para problematização da criação de animais fechados:

P: Vocês sempre criaram porcos fechados?

R: Antes, antigamente, foi usado o criador, agora não dá mais. Agora nós só temos maioria fechado.

P: Por que não dá mais para soltar?

R: Não dá por causa, ah, por causa dessas cercas. Eles vão pra capoeira e daí como diz, é mais serviço, vai campear e não acha, as vezes o dono mata e daí não tem condição...nós criamos a maioria fechado.

P: O dono da propriedade mata os porcos?

R: Hurrum... mas tá bão eles, porque nós temos fechado no chiqueiro, agora nós temos um pra matar agora em setembro, tá quase dando banha, e daí nós temos 7 leitão solto, que daí nós fizemos mangueirão lá, sabe, compremos umas ripas, solta eles do chiqueiro, eles andam pelo mangueirão, daí de tarde recolhemos eles de volta. Então durante o dia eles ficam mais solto dentro do mangueirão, mas solto, dentro ali mesmo, não saem pra fora<sup>80</sup>.

Dona Josefa menciona que anteriormente criavam animais no criador comum, entretanto, devido às mudanças na paisagem do criador e contendas relacionadas às cercas, decidiram por não mais soltá-los, fechando os animais em mangueirões. O chiqueiro, como vemos na fotografia, é um cercado menor, com cobertura, onde os porcos dormem à noite, durante o dia, para terem mais espaço, eles são soltos no interior dos mangueirões. A mudança na paisagem a que se refere dona Josefa, ocorre justamente pela redução de animais no criador comum. Quando o criador comum abrigava grande número e variedade de animais, estes faziam a sua limpeza através da pastagem e do próprio caminhar pela floresta, mantendo o ambiente com gramado baixo e apenas algumas árvores características da floresta ombrófila mista.

A queixa pelo fato do criador ter virado um carrascal (Bernardete, 2017), matagal (Elizabete, 2022), capoeira (Josefa, 2022) é frequente nas narrativas das mulheres. O ambiente “limpo”, com animais circulando livremente, é uma memória reconfortante, acionada frequentemente em suas narrativas. Em uma das entrevistas com Dona Elizabete

---

<sup>80</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

perguntei a ela sobre os modos como o cercamento do criador comum afetou seu trabalho, ela diz: “pois daí sobrou que nem por perto da casa para limpar, né, que nem por fora, vamos dizer assim, aberando a estrada, que eu digo, que daí tivesse as criação eles pastavam e agora tem que roçar”<sup>81</sup>.

Nesse sentido, a narrativa de Dona Marinda é igualmente importante para compreendermos as nuances dos cercamentos individuais no trabalho das mulheres:

P: Por que os porcos estão fechados, dona Marinda?

R: Agora não está dando para soltar os porcos por causa das cercas, estão em péssimo estado. Daí os porcos escapam. Os grandes dá pra soltar, mas os pequenos não. Quem não tem animais, não quer trabalhar nos mutirões para arrumar as cercas. Os mais velhos não podem mais e os mais novos não se interessam. E tem os *rolistas*, vem e soltam os animais e deixam, cavalos, principalmente, eles destroem as cercas.

P: Como é o trabalho da senhora no dia a dia?

R: Eu não paro, ontem anoiteci e não aguentava de dor nas pernas. Eu trabalho na roça, ajudo, faço de quase tudo. Eu acordo seis horas da manhã, faço café, cuido dos bichos, porco, galinha, boi. Ali encima tem um buraco, *eu tenho de colocar água direto pros porco* porque não tá dando pra soltar, por causa das cercas<sup>82</sup>.

Com os cercamentos individuais na área de uso comum, e, a consequente redução do espaço de pastagem e coleta de frutos, criar porcos, implica em fechá-los e fornecer comida, mas principalmente, água constantemente – *direto*, nos termos de Dona Marinda. Assim, por serem fechados próximo à casa, esse trabalho, geralmente é responsabilidade das mulheres.

A narrativa de Dona Marinda manifesta que há implicações do afrouxamento dos laços de solidariedade para o trabalho das mulheres nos faxinais, pois com a baixa adesão ao mutirão de conserto das cercas, os animais pequenos, como porcos e galinhas – que ultrapassam os limites mais facilmente – precisam ser fechados e, por conseguinte, se tornam responsabilidade, geralmente, das mulheres. Da mesma forma, a limpeza de áreas próximas à residência, anteriormente destinadas ao criador.

---

<sup>81</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2017.

<sup>82</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 26/08/2017, grifo nosso.

A criação de animais em mangueirões também impactou no trabalho relacionado à produção dos quintais, como veremos, pois, parte dos alimentos oriundos desse lugar passaram a ser destinados à porcos e galinhas fechados nas proximidades da casa.

### 3.6 O veneno

Nos faxinais, as mulheres não costumam manipular insumos químicos, especialmente agrotóxicos. Estes são usados principalmente na roça e, como tal, essa tarefa fica a cargo dos homens. Especificamente nas plantações voltadas ao autoconsumo da família, como nos quintais, onde o trabalho é realizado predominantemente por elas, esses insumos não são utilizados. *Não usamos veneno porque aqui a gente planta pra comer, eu tenho medo de veneno, catinga de veneno*<sup>83</sup>.

Nos quintais, frequentemente, receitas caseiras são utilizadas para controle de doenças e insetos nocivos, como formigas, por exemplo. Cada uma das mulheres entrevistadas relata misturas específicas que usam com esse intuito. Dona Josefa, por exemplo, tem uma mistura própria, caseira, com parte dos ingredientes provenientes do próprio quintal:

P: O que a senhora usa para afastar pragas e doenças das plantas?

R: Esse tipo que nós fazemos que nem pra matar os bichinhos, nós usamos nas alfaces, nos repolhos, na couve, nós usamos o veneno caseiro.

P: E como é esse veneno?

R: No veneno caseiro nós fazemos 2 litros de água, 1 pimenta, sabe, dessas pimentas braba que nós temos um pé ali, é aquela, daí meia metade de pedaço de sabão, 1 cabeça de cebola e 1 cabeça de alho moído e daí esses 2 litros ali nós ponhamos num bujãozinho, desses bujãozinho de Hellmans que os piá trás pra nós, trabaiam com venda essas coisas, daí tampa bem tampadinho, daí quando é pra surfatar, passar o surfato ponha num bardininho, naquele bardininho lá, meio litro e ponha meio litro de água e surfata, mata tudo os bichinhos. E é natural, não é, como diz, comprado, é feito na casa<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Dona Bernardete Longato (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

<sup>84</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

Dona Olga tem uma receita simples: “para **afastar** os bichinhos verde eu ponho água de cinza, prepara a cinza assim e põe no regador e passa”<sup>85</sup>. Já Dona Elizabete, a partir dos seus repertórios de conhecimentos, tem outras receitas e estratégias:

P: E o que a senhora usa para afastar bichinhos, doenças das plantas?

R: Eu não passo nada, sabe. Só pra formiga puxadeira, pra formiga puxadeira eu pego rama de mandioca, entendeu? A rama eu vou lá e quebro e joga assim perto das plantas, daí eles pegam e cortam a mandioca e levam no formigueiro e fer... sei lá como é que faz, tipo fermenta lá, sabe, no formigueiro e daí mata as formigas. Eu aprendi isso em cursos. Eles que ensinaram, que não era pra passar veneno, sabe e daí também, pra bichinho assim, eu joga água de sabão, água de lavar roupa, assim, sabe, mas não passo mais nada. E daí se você não deixar, que nem o meu quintal lá, você tá vendo que tá meio limpo, uma parte suja, se você não deixar sujo ele não cria formiga puxadeira, sabe. E daí também tem assim: se os bichinhos começarem atacar, se você plantar uma flor, sabe, chamada Cravinho de defunto, uma florzinha fedorenta lá, ela meio **espanta** (Grifo nosso)<sup>86</sup>.

As estratégias de Elizabete incluem a limpeza do quintal, ramas de mandioca, água oriunda de lavagem de roupas e uma espécie de flor que em consórcio, devido as suas características odoríferas, acabam afastando formigas e espécies *daninhas*, ou seja, plantas cuja ocorrência se dá em locais ou situações onde são indesejadas.

Com o nome científico *Tagetes patula*, o cravo de defunto pode ser tanto ornamental quanto medicinal. A sua resistência às intempéries e ao sol, a abundância e durabilidade de suas flores, sua cor, levaram a preferência para confeccionar grinaldas e coroas fúnebres, bem como para plantá-lo sobre as sepulturas, de onde se origina seu nome. A medicina popular diz que tem propriedades calmantes, empregado contra as dores reumáticas, os resfriados, entre outros. É também uma planta bioativa que é utilizada como alternativa para auxiliar no controle e manejo de insetos nos cultivos, secularmente utilizadas pelos agricultores familiares e populações tradicionais para evitar e/ou reduzir ocorrência de doenças em hortaliças.

Plantas bioativas são aquelas que possuem alguma ação sobre outros seres vivos e cujo efeito pode se manifestar tanto pela sua presença em um ambiente, quanto pelo uso direto de substâncias delas extraídas, desde que mediante uma intenção ou consciência humana desse efeito. Dentro desse conceito, enquadram-se as plantas medicinais, aromáticas,

---

<sup>85</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>86</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

condimentares, inseticidas, repelentes, tóxicas e inclusive as de cunho místico religioso (RANDO et al, 2011). O uso em consórcio dessa espécie vegetal nos quintais (estratégia simples e de fácil execução) visa atrair para o *cravo de defunto* os insetos que poderiam ser prejudiciais à cultura. A planta é utilizada como estratégia para o manejo e controle de diversos organismos, principalmente aqueles que atacam couves<sup>87</sup>, hortalíça folhosa imprescindível na mesa das famílias dos faxinais.

**Fotografia 22:** Plantação de couve de dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

A couve é uma hortalíça substancial nos quintais faxinalenses e é comum encontrar esses cultivares em diferentes versões: lisas, crespas, de cor verde, verde-escura, roxas, esbranquiçadas, folhas largas e estreitas, entre outros. Embora seja uma herbácea de clima ameno ou frio, se adapta bem às temperaturas mais altas (preferência nesses casos por áreas sombreadas). Nos quintais dos faxinais, devido ao clima, geralmente esses cultivares são

---

<sup>87</sup> Terra e Vieira (2020), por exemplo, conduziram um experimento no município de Santana do Livramento (RS) avaliando o efeito dessa espécie vegetal como planta bioativa no cultivo de couve (*Brassica oleracea*), tanto pela sua presença no ambiente, quanto pelo uso direto de seu extrato botânico e concluíram que a aplicação de extratos de flores e folhas de *Tagetes patula*, via pulverização, causou leve alelopatia – dano provocado por uma planta em outro organismo, causado pela liberação no meio ambiente de metabólitos secundários tóxicos – resultando em inibição do crescimento vegetal. Já o cultivo em consórcio se mostrou promissor tanto para o crescimento vegetal quanto para a redução de danos causados por insetos.

plantados onde há maior incidência de sol. Dona Josefa, como vemos na fotografia acima, optou por plantá-las na parte mais central do seu quintal para que a planta recebesse luz solar por mais tempo. De forma parecida, Dona Elizabete as dispôs.

**Fotografia 23:** Plantação de couve e pomar no quintal de dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Seja em quintais antigos, estabelecidos ou novos o cultivo de couve é presença de destaque – pela robustez dos cultivares e/ou quantidade – e motivo de orgulho das mulheres. Diversas variedades são plantadas, distinguindo-se pela cor, sabor, maciez e tamanho das folhas, altura dos pés e condições de cuidado.

A couve é constantemente usada nas preparações domésticas nas cozinhas faxinalenses em todas as estações e, por isso, almeja-se uma produção de boa qualidade. É uma planta, frequentemente associada à saúde pelas mulheres e uma espécie de *convivência*<sup>88</sup>, como narrou dona Josefa.

---

<sup>88</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022. A discussão a respeito de plantas de convivência se encontra no próximo capítulo.



A couve é hortaliça frequentemente atacada por insetos considerados pragas. No cultivo convencional da hortaliça são utilizadas aplicações múltiplas e periódicas de inseticidas sintéticos tóxicos aos humanos, animais e ao ambiente natural, o que é indesejável tanto por motivos econômicos quanto pelos efeitos adversos causados sobre a biodiversidade natural (Terra e Vieira, 2020) e à saúde. Nos quintais faxinalenses, o cultivo é feito em sistema orgânico, sendo assim, diferentes estratégias têm sido usadas por mulheres nos faxinais para redução de danos dessa folhosa. Seja o uso – individual ou combinado – de misturas de água e cinza, receitas caseiras com pimenta, cebola e alho, água de sabão, manutenção de limpeza, plantação em consórcio com plantas bioativas, a intenção é evitar ou reduzir o uso de agrotóxicos como pesticidas e inseticidas nos quintais.

Ao analisar questões relacionadas à agroecologia dos agroecossistemas tradicionais, Altieri (2004) concorda que a própria diversidade de cultivos é uma estratégia importante para minimizar as perdas em caso de ataques de doenças. Para o autor, o aumento de espécies e/ ou de diversidade genética dos sistemas de cultivo, utiliza, simultaneamente, vários focos de resistência<sup>89</sup>.

A estrutura complexa dos agroecossistemas tradicionais diminui as perdas por ação de pragas, através de uma variedade de mecanismos biológicos. O consorciamento de distintas espécies ajuda a criar habitats para os inimigos naturais das plantas, bem como hospedeiros alternativos para os mesmos. Um cultivo pode ser utilizado como hospedeiro, protegendo de riscos outros cultivos mais suscetíveis ou mais valorizados economicamente. A grande diversidade de espécies desenvolvendo-se simultaneamente em policultivos, ajuda na prevenção de pragas evitando sua proliferação entre indivíduos da mesma espécie, que ali se encontram relativamente isolados uns dos outros. Onde uma agricultura itinerante é praticada, a abertura de pequenos lotes em áreas cobertas por vegetação de floresta secundária permite também uma fácil migração de predadores naturais das pragas oriundos das florestas adjacentes (ALTIERI, 1991 apud Altieri, 2004).

Essas estratégias, incluindo o manejo de insetos no agroecossistema dos quintais e até mesmo o uso de espantalhos nesses lugares (como vemos na fotografia 22) tem por objetivo criar mecanismos de afastamento de formas de vidas – como pássaros, microrganismos e organismos menores – das plantas, visando seu bem-estar e melhor produtividade. São técnicas de controle, cuja lógica destoa de uma razão capitalista de

---

<sup>89</sup>A mistura de diferentes espécies de plantas ou variedades pode retardar o surto de doenças, reduzir a disseminação da infecção e modificar as condições ambientais, como umidade, luminosidade, temperatura e deslocamento de ar, tornando-as menos favoráveis à difusão de certas doenças.

agricultura cujo objetivo principal na utilização de defensivos agrícolas é a eliminação total das formas de vida consideradas *daninhas*.

As mulheres em seus quintais compreendem que a interação entre animais, plantas e pessoas é necessária para a manutenção da agrobiodiversidade e da vida, de modo geral. O veneno sintético tem potencial de toxicidade em humanos – seja pelo manuseio ou ingestão de alimentos contaminados – e animais, polui água e elimina formas de vida úteis ao ecossistema. Em suas narrativas, elas, comumente, denominam as diferentes modalidades de agrotóxicos e herbicidas de *veneno*, associando-o a ideia de um perigo mortal e pertencente categoria de *nocivos*, relacionado aquilo que não faz bem, pois podem envenenar a família, os animais, as nascentes e comprometer à saúde e à vida.

Na interpretação de Dona Terezinha, por exemplo: “sem agrotóxico fica mais saudável e eu acho que não depende de agrotóxico, a verdura dá sem veneno e adubo da cidade<sup>90</sup>”. Ela entende que o quintal é um lugarzinho que se possa plantar coisas que faça bem para a saúde<sup>91</sup>, isso explica a prática de cultivo em seu quintal sem agroquímicos, pesticidas e nem adubos industrializados. As mulheres, frequentemente, mencionam que, particularmente, nos quintais e, de modo geral, na produção para autoconsumo eles não devem ser utilizados porque ali se *planta para comer*, interpretando que esses alimentos causariam malefícios à saúde humana.

O emprego de agrotóxicos nos faxinais consiste numa atividade masculina, principalmente, por ocorrer particularmente na roça. Obviamente, com as mudanças no criador comum, em muitos casos, a roça passou a se estender até as proximidades da casa, como vemos na fotografia 24. Nesta fotografia podemos observar o avanço da cultura do tabaco em direção à casa de Dona Elizabete, comprometendo a segurança do seu quintal.

---

<sup>90</sup> Dona Terezinha (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

<sup>91</sup> Dona Terezinha (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.



**Fotografia 24:** Vista panorâmica do quintal de Dona Elizabete, Faxinal do Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida (2022).

Menasche (2004), ao analisar como a introdução de tecnologias da dita *agricultura moderna* interfere na divisão sexual do trabalho entre agricultores/as familiares do Norte e Centro-sul do Rio Grande do Sul, nos fornece elementos para pensarmos a questão faxinalense. A autora diz que, entre esses sojicultores, a introdução de uma tecnologia – a utilização de agrotóxicos – acaba por deslocar a atividade de capina para o domínio feminino. Com a disseminação dos agrotóxicos, capinar passa a ser, verbo conjugado no feminino, e, assim, passa a ser um trabalho desvalorizado, ou um não-trabalho... *coisa de mulher*.

Logo, há uma estreita relação entre a desvalorização e valorização de atividade econômica com a introdução de novas tecnologias. Atividades tidas como *de menor importância* que exigem pouca tecnologia vão sendo deslocadas para o âmbito feminino ou de crianças<sup>92</sup>. Assim, o trabalho no quintal, onde se emprega pouca tecnologia dita moderna, é desvalorizado nesse universo e, portanto, considerado também *coisa de mulher*. Nos faxinais, o trabalho da lavoura na área de plantar é familiar, entretanto, há uma exclusão das mulheres

<sup>92</sup> Mas a lavoura de fumo, por exemplo, emprega muito trabalho de mulheres e crianças, e venenos. Essa questão foi investigada por Cleide Ferreira da Silva (2018) no município de Rio Azul/PR, em sua dissertação de Mestrado em História denominada “Tradição e renda”: o trabalho infantil na fomicultura no Município de Rio Azul, Estado do Paraná, nas décadas de 1950 a 2015.

da atividade à medida que essa se tecnifica. Observa-se, então, um distanciamento das mulheres da produção de soja, por exemplo.

Menasche (2004) mostra que no universo camponês, tanto as mulheres quanto os homens afirmam que o quintal/horta deve ser um espaço a ser preservado do contato com agrotóxicos. No Faxinal Rio do Couro, os monocultivos disseminaram o emprego de agrotóxicos. A narrativa abaixo fornece elementos para reflexão dos significados para Dona Bernardete:

P: Da outra vez que estive aqui, a senhora disse que os agrotóxicos eram uma porcaria, a senhora pode comentar mais sobre isso?

R: Mas por causa da saúde, né? Pois Deus o livre, uma vez eu fui na roça e fui só de carção assim, só fui pra ir ver a roça, eu passei por onde tinham passado veneno, meu Deus, eu peguei uma bolaiada na minhas pernas, por dentro do couro que não tinha Cristo que curasse mais aquilo. Meu Deus do céu, parece que em cada pelinho da perna entrou num sei o que ali, ficou tudo aquelas manchinhas assim que, nossa vida! O tanto de remédio que tive de tomar e passar pras pernas. Só de passar onde tinham passado veneno, você imagine<sup>93</sup>.

Nesse faxinal, os agrotóxicos são aplicados principalmente nos cultivos de soja e fumo. De fato, ao entrarmos no território, esses plantios se destacam. Dona Bernardete, nas ocasiões em que nos encontramos mostrou-se indignada com esse fato. Na propriedade de 18 alqueires, a família cultivava fumo e milho, mas alguns vizinhos, segundo ela, plantam soja ou arrendam as terras para esse fim, o que acentua o uso de *veneno* tanto nas terras de plantar quanto no criador comum. “Agora é só esses fumo, soja e veneno! Veneno que meu Deus do céu...”<sup>94</sup>.

Nesse imaginário, o *veneno* é algo nocivo à saúde, à sua família, às plantas e à terra. Apesar de, como vimos, o emprego de agrotóxicos nos faxinais consistir numa atividade essencialmente masculina, ele afeta diretamente a vida das mulheres. Com o aumento dos cercamentos individuais – onde localizam-se as residências – os plantios de soja e fumo se expandem na área do criador comum e, devido à proximidade da casa e do quintal frequentemente acabam contaminando água, animais, alimentos e pessoas.

---

<sup>93</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

<sup>94</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/01/2019.

### 3.7 Quando o quintal é coisa de homem

Nos faxinais pesquisados, a comercialização dos produtos do quintal ocasionalmente acontece. Entretanto, quando ocorre, a dinâmica, no que diz respeito as relações de gênero e trabalho, é invertida.

No quintal de Dona Elizangela e seu esposo Antônio, moradores do Faxinal do Salto, recentemente, a produção voltou-se para o mercado, vendendo para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e para a Associação dos Idosos do município de Rebouças. Dentre as variedades deste quintal destacam-se a produção de cenoura, beterraba, brócolis, repolho, mandioca e alface. O quintal, seguindo a própria definição de Dona Elizangela, se tornou uma fonte de renda.

As fotografias desse quintal estão reproduzidas abaixo:

**Fotografia 25:** Quintal de Dona Elizangela e Seu Antônio, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 26:** Plantação de couve e cebolinha no quintal de Dona Elizangela e Seu Antônio, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

**Fotografia 27:** “Linhas retas” no quintal de Dona Elizangela e Seu Antônio, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida (2017).

As fotografias informam uma relação direta entre a inclusão do quintal no circuito masculino de trabalho (e renda) e a ortogonização dos cultivos. Os quintais, geralmente, são de domínio feminino e seus produtos destinados para o consumo familiar, entretanto, em situações excepcionais esse lugar é apropriado pelos homens. Isso acontece nos casos em que a produção de alguma variedade ou o total dos produtos é cultivado em larga escala, passando a ser destinada ao mercado.

A narrativa de Dona Elizangela proporciona elementos para reflexão das implicações dessa inversão:

P: A senhora poderia falar sobre o trabalho que desenvolve no quintal?

R: O Antônio é que falaria melhor sobre o quintal. **O quintal é dele agora.** Antes de vender, era só pro consumo, eu tinha remédios e tudo, que eu usava. Agora é ele que organiza, eu ajudo. É ele que vira a terra, escolhe as sementes, eu ajudo plantar, molhar, colher. Ele vende, pro PAA, pros idosos, ele organiza tudo<sup>95</sup>.

Quando a produção não era destinada para venda, o quintal era dela, “eu tinha remédios e tudo, que eu usava”, à medida que o quintal se torna um espaço de lucro financeiro, ele se torna masculino. Logo, o quintal é percebido como *coisa de mulher* quando não gera renda e não está relacionado ao comércio, à medida que os produtos retirados do quintal passam a ser comercializados, ocorre apropriação masculina desse lugar. Ou seja, o trabalho no quintal somente passa a ser valorizado à medida que sua produção é destinada à venda, nesse caso, ele passa a ser considerado importante e torna-se masculino. É a mão do homem e seu trabalho que confere importância, que o valoriza<sup>96</sup>. Os homens são também os responsáveis pela venda no espaço *de fora*<sup>97</sup>, e as mulheres, nesse caso, ajudam.

---

<sup>95</sup> Dona Elizangela (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 26/08/2017. Grifo nosso.

<sup>96</sup> Situação semelhante foi observada no Faxinal Lajeado dos Melos, município de Rio Azul-PR. Na primeira visita de campo, o quintal de Dona Verônica é apresentado pelo seu esposo. Nesse espaço, o kiwi e alguns outros produtos estavam sendo comercializados, pois naquele ano a safra havia sido grande. Observamos a utilização de expressões como: “*eu plantei*”; *eu limpei*”; “*eu colhi*”; “*eu vendi*”, o que indica uma lógica de envolvimento afetivo dele com o quintal.

<sup>97</sup> Boni (2004, p. 301) aponta para a construção social e histórica do ser mulher agricultora, para ela, “a mulher agricultora foi socializada no espaço privado e qualificada para os afazeres domésticos, o trabalho na lavoura, o cuidado e a educação dos filhos, a lida com animais (...)”. Por outro lado, segundo ela, aos homens foram delegadas tarefas que envolviam o espaço de *fora* da unidade doméstica, estabelecendo contatos e atuando no exterior do estabelecimento agrícola. O mercado é espaço *de fora*, são os homens que são socializados para atuar nele. Ele é de domínio público/externo e, como tal, considerado propício para a presença masculina. As mulheres, ao contrário, são socializadas para o interior, para o privado, *de dentro*.

Heredia, Garcia e Garcia Jr. (1984) ao analisarem a comercialização dos produtos agrícolas nas unidades domésticas camponesas do Nordeste, dizem que essa atividade cabe normalmente ao homem devido ao caráter de *chefe de família* que o pai possui, portanto, cabe a ele abastecer a casa. Um outro aspecto é que a atividade de venda dos produtos é realizada no espaço público, entendido como masculino, e o pai de família é considerado o mediador entre o privado e o público.

As fotografias acima indicam que quando o quintal entra no circuito capitalista de agricultura ele se ortogoniza, se alinhando geometricamente. Schörner (2017) também observou esse aspecto em fotografias no Faxinal Lajeado dos Melos, município de Rio Azul.

**Fotografia 28:** Quintal “geométrico” no Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Ancelmo Schörner, 2017.

O que apreendemos a partir dessas fotografias é que há um conjunto de transformações que se observam nos quintais à medida que passam a ser atribuição masculina: o lugar se torna mais amplo, a diversidade de plantas é reduzida – eliminando, por exemplo, plantas medicinais e protetoras, árvores frutíferas e flores – e, frequentemente, é mudado de lugar, além de apresentar relativo processo de ortogonização dos cultivos. As fotografias, em diferentes ângulos também manifestam que o caos estético e funcional dos quintais é



substituído por relativa organização geométrica do conjunto de plantas, acompanhando, poderíamos dizer, o padrão estético do agronegócio. Nesses casos, as sabedorias tradicionais envolvidas no cuidado com os quintais são soterradas pelo conhecimento dito “científico”.

De modo geral, as mudanças nos arranjos dos faxinais, verificadas particularmente pelo desmonte do criador comum e pela introdução de monoculturas nos lugares de plantio sugerem um acentuamento da masculinização de algumas atividades. A introdução de máquinas e da racionalidade do agronegócio modifica as relações familiares e acentua as desigualdades entre homens e mulheres. O próprio acesso às novas tecnologias é condicionado por relações de gênero, reforçando a hierarquia de gênero na divisão de trabalho nos faxinais.

### 3.8 As Sementes

Nos quintais faxinalenses, as sementes manejadas, cultivadas e armazenadas, frequentemente, são variedades tradicionais<sup>98</sup>, ou seja, crioulas. Elas são conservadas em forma de banco de sementes e campos de sementes (quando o armazenamento ocorre na terra, caso das ramas de mandiocas, por exemplo). Apesar do avanço dos cultivos cujas sementes são variedades modernas, melhoradas geneticamente, em alguns faxinais, parte dos grãos cultivados nas roças, principalmente feijão e milho são sementes tradicionais/crioulas.

A Associação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) tem grande preocupação com o extermínio dessas sementes e, como tal, promove ações para a continuidade das variedades nas comunidades, focando principalmente nos grãos (feijão e milho). Há feiras de sementes – onde ocorrem as trocas de sementes, experiências e aprendizados –, incentivos à recuperação e melhoramento de grãos a partir de experiências individuais ou mediadas por universidades e AS-PTA<sup>99</sup>. Essas práticas institucionais de preservação, recuperação e melhoramento de sementes tradicionais, contudo, não incorporam, ou incorporam pouco, a diversidade de sementes cultivadas tradicionalmente nos quintais pelas mulheres.

---

<sup>98</sup>Compreende-se como **variedade tradicional** aquela que vem sendo manejada em um mesmo ecossistema, por pelo menos três gerações familiares (avô, pai, filho) ou na própria comunidade (processo coletivo), período no qual são incorporados valores históricos, que passam a fazer parte das tradições locais. Já **variedades locais** são variedades que estão sob contínuo manejo pelos agricultores, a partir de ciclos dinâmicos de cultivo e seleção (não necessariamente) dentro de ambientes agroecológicos e socioeconômicos específicos. São necessários pelo menos 5 ciclos de cultivo para que uma variedade se torne local. **Variedades modernas**, por sua vez, diz respeito àquelas variedades que tem sido melhorada ou selecionada, utilizando-se métodos considerados científicos, para produzir características como alta produção, resposta e fertilizantes, entre outras (MACHADO, SANTILI e MAGALHÃES, 2008, p. 45 Grifos no original).

<sup>99</sup> A AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A AS-PTA participou da constituição e atua em diversas redes da sociedade civil voltadas para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Ver: <https://aspta.org.br/quem-somos/>.

As sementes são as fontes principais da biodiversidade dos quintais, até mesmo dos próprios faxinais. De modo geral, são sementes de tubérculos, leguminosas, folhosos, ervas e plantas medicinais e ornamentais, árvores frutíferas<sup>100</sup>. Nos quintais, dependendo da variedade, as sementes podem ser semeadas diretamente na terra ou serem transformadas em mudas antes do plantio definitivo.

Dona Elizabete utiliza o que chama de *banheirinha* para semeadura inicial.

**Fotografia 29:** “Banheirinha” de semeadura de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2019.

Na *banheirinha* (sementeira), após seus cuidados diários, como controle de umidade, luminosidade e temperatura, ocorre a brota das sementes e, alcançando tamanho adequado, a muda é transplantada para o solo pré-preparado para que possa crescer e se desenvolver. Essa técnica de germinação é uma estratégia importante para evitar desperdício de sementes e para o desenvolvimento, principalmente, de plantas mais delicadas, como alfaces, por exemplo.

A narrativa de Dona Bernardete nos proporciona aspectos para refletirmos sobre o alcance da prática de utilização, manejo e circuito de circulação das sementes:

<sup>100</sup> Em muitos quintais também são produzidas variedades de grãos, como feijão e milho. Esses são, geralmente, quintais maiores e de mulheres mais jovens porque o trabalho é mais oneroso.



P: Quais os tipos de sementes que a senhora usa no quintal?

R: Sementes crioulas a gente sempre usa, quase tudo, na verdade. Semente de abóbora, de pepino, de tomate, feijão, de tudo, madura no pé, daí colhe e fecha no vidro. Feijão, por exemplo, feijão crioulo, se colocar no fundo do vidro algodão com álcool e acender e colocar o feijão, não caruncha, daí dá pra plantar, porque dura muito tempo. De um ano para outro. E aqui, nós mulheres, trocamos as sementes também<sup>101</sup>.

O entendimento de dona Bernadete sobre o que são sementes é abrangente, assim como seu conhecimento a esse respeito. Para ela, apenas citar as sementes que usa não é suficiente, pois compreende que cultivar as sementes dos *antigos*<sup>102</sup> envolve saberes e relações com o *outro*. Sementes tradicionais estão sempre envolvidos com saberes tradicionais, seja para fins de germinação, cultivo e/ou armazenamento e circulação.

As sementes, oriundas dos quintais, são bastante trocadas entre as mulheres. A narrativa da troca é farta. Essa prática atravessa gerações e é fundamental para a biodiversidade dos quintais. A narrativa construída com dona Olga em seu quintal é significativa, nesse sentido:

P: A senhora costuma trocar sementes ou mudas e verduras com as vizinhas?

R: Não é que eu troco, eu dou.

P: E a senhora recebe também?

R: As vezes quando alguém tem, traz pra mim, daí. Tem a sobrinha do Nelson que eu dou bastante alface porque o marido dela não passa sem salada. Dou alface, dei repolho quando ela não tinha, ela planta também. Ali tem a outra que tem um bar ali pra diante que você viu, né, tem cadeira lá na área, daí também, eu dou pra ela quando ela não tem. Eu tiro alface, levo pra ela, repolho.

P: E muda de flor?

R: Muda de flor já dei pra ela. Dessa aqui de sininho, oh. Essa é sininho que vai florescer oh os botãozinho.

P: Bonito e bem na entrada aqui... A senhora ganha mudas das vizinhas também?

R: Se me der alguma coisa eu pego, se eu não tenho, eu peço: você não tem uma muda pra arrumar, daí a pessoa diz: tenho!<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

<sup>102</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

<sup>103</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

A narrativa de dona Elizabete é potencial para orientar reflexões a respeito da relação entre trocas, costumes e biodiversidade a partir dos quintais:

P: A senhora costuma trocar sementes?

R: Hurrum... até de moranguinho esses dias fui buscar esses dias, aqueles moranguinhos que eu plantei mais pra trás, fui buscar na minha tia, porque o marido dela comprou faz dois anos e daí eu soube né que dá um moranguinho grande. Até comi hoje os moranguinhos, cada morangão assim...daí ela me deu muda. Daí nós trocamos aqui. A maioria, por exemplo abóbora, a vizinha viu que eu colhi umas abobronas assim (mostrando no chão), ela quer que eu guarde semente pra ela [...] que nem uns vizinhos ali mais pra baixo que mora, nem quintal não tem. Eu tenho uma vizinha que tá com o quintal assim, que o mato tá pareio. Não tem vontade de fazer as coisas, né, porque pelo menos pro gasto podia ter né, se não quer **nem trocar** com os vizinhos<sup>104</sup>.

*Trocar*, no universo de interpretação de dona Olga, moradora do Faxinal Rio do Couro, pressupõe esperar algo em troca, enquanto que *doar* é um ato de desprendimento, já que não espera algo em retorno ao que foi entregue, não abertamente, ao menos (porque somente dar aquele que não produz e, portanto, não pode retribuir é inadequado e afrontoso no universo de representações dos faxinais). Dona Olga doa alguns alimentos em ocasiões em que as vizinhas não têm, apesar de plantarem também. As outras, por sua vez, devem perceber o que a vizinha não tem e doar. Dona Elizabete, por sua vez, reprova vizinhas que não tem quintal ou que não cultivam quando os têm, pois interpreta um rompimento na teia da tradição de trocas.

O que se percebe nas narrativas é que existe, decorrente de relações estabelecidas nos quintais, um dar e receber, uma economia envolvida por uma dimensão moral<sup>105</sup>. Ocorre aqui, como vemos, um complexo sistema de normas que envolve direitos e obrigações entre vizinhas e parentes, uma economia moral (Thompson, 1998) que orienta as relações, dirige julgamentos e atos. Essa economia moral, enquanto “comércio” de bens e serviços profundamente enraizada nos costumes locais (baseia-se numa legitimidade tradicional), contém princípios de justiça, respeito e reconhecimento e, quando alguém se comporta de modo alheio às práticas costumeiras sofre reprovações e sanções sociais. Assim, reciprocidade

<sup>104</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>105</sup> Nas comunidades de faxinais, há um sistema de circulação intensiva de sementes entre moradores/as, isso foi verificado principalmente no Faxinal Rio do Couro. Em caso de falta, procura-se com vizinhos/as, familiares, entre outros, um outro aspecto, nesse sentido, são as Feiras de Sementes Crioulas, onde faxinalenses da região, outros camponeses e populações tradicionais, reúnem diferentes variedades de sementes com objetivo de trocas.

e redistribuição são princípios, compromissos de seus membros, sejam familiares ou vizinhos pertencentes à essa rede de dependência.

Para James Scott, o conceito de economia moral expressa uma ‘economia e sociologia da ética da subsistência’ e se fundamenta em três noções, a de safety-first (segurança-primeiro) ou “risk-avoidance” (risco mínimo), a de justiça permeada na rede de reciprocidade entre amigos, parentes, nas relações com os patrões ou até mesmo com o estado e de subsistência como uma reivindicação moral (right to subsistence) (SCOTT, 1976, p. 27, apud Menezes, 2015, p. 2).

Assim, o sistema de trocas nesse universo de representações é uma prática de subsistência amparada e legitimada nos costumes. Essa prática é fundamental para a segurança alimentar e nutricional dessas comunidades e garante, para além, uma circulação de espécies, seja de ciclo curto ou longo, que se reflete em diversidade biológica dos quintais. Como vimos, Dona Elizabete entende as trocas de sementes como estratégias para melhorar a produtividade e diversidade dos seus quintais.

Trocar sementes, mudas e verduras oriundas do quintal garante a diversidade genética e, por consequência, a vigorosidade desses agroecossistemas, já que junto à troca de sementes, há troca de saberes e experiências que difundem princípios da agroecologia, promove diversidade do regime alimentar e, segundo Altieri (2004), aumenta a resistência às doenças que atacam espécies particulares de plantas e possibilita às agricultoras explorar diferentes espécies.

Nos faxinais, não ter um quintal ou ter e não cuidar é interpretado como desleixo, particularmente das mulheres. Cultivar um quintal produtivo implica em ter *moeda* de troca para inclusão nas relações sociais da comunidade. Oferecer algo àquele que lhe concedeu é obrigação de vizinhos, afinal, nas trocas de sementes e de alimentos se manifesta o princípio da reciprocidade. Elas são estratégias eficazes para continuidade do processo de reprodução do material genético das sementes tradicionais, crioulas ou, como destaca dona Josefa, *sementes naturais*.

Trindade (2006) interpreta que sementes crioulas são aquelas que não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas, como melhoramento genético, inclusive, nesse contexto, a transgenia. Estas são chamadas de crioulas ou nativas porque seu manejo, na maioria dos casos, foi desenvolvido por comunidades tradicionais. A autora atenta para o fato de que semente crioula ou nativa é um termo que não deve ser reduzido apenas a sementes em si, mas também pode se referir a tubérculos, como batata, cará, mandioca, entre outros alimentos.

Essa observação é potencialmente significativa, visto que no imaginário social, e mesmo em grande parte das análises científicas, são consideradas sementes crioulas somente grãos, principalmente milho e feijão. Esse reducionismo invisibiliza os ofícios das mulheres como estratégia para conservação da biodiversidade e autonomia alimentar camponesa. Silva (2002), por exemplo, demonstra que entre os indígenas Kaiabi, as mulheres sempre foram e continuam a ser as principais responsáveis pelos cuidados com as sementes; essa constatação ocorre porque a interpretação do que são sementes é ampliada.

Além de manifestar questões referentes às relações de gênero, os usos de sementes crioulas nos quintais expressam aspectos sociais, culturais e econômicos presentes nas comunidades faxinalenses. As sementes nativas ou crioulas, para além de sua compreensão como alimento, retratam a cultura de cada comunidade, já que, conforme Trindade (2006) é por meio da alimentação que um povo mais expressa seu modo de viver.

A escolha das variedades de sementes a serem plantadas nas roças e nos quintais está vinculada a aspectos de sabor e qualidade, adaptabilidade e valorização dos costumes do lugar. Um outro aspecto é que quintais são *sistemas abertos*. Sendo assim, ocasionalmente, ocorre experimentação com plantas desconhecidas, cujas sementes são trazidas de outros locais (vizinhas/supermercados/agropecuárias/outras comunidades). Em caso de aprovação, elas passam a ser incorporados como parte das variedades plantadas, associando-se às sementes crioulas já estabelecidas.

A preocupação com o desaparecimento de sementes crioulas é recorrente nos faxinais, visto que perder o material genético desses alimentos implica na perda de autonomia alimentar de famílias e comunidades inteiras. Ficar dependente de *sementes de empresa* tanto para cultivo nos quintais quanto nas roças encarece a produção e a qualidade dos alimentos, fora isso, a dependência fere o orgulho camponês de produzir seu próprio alimento. Frequentemente, devido à proximidade dos monocultivos, as sementes crioulas são contaminadas, comprometendo o seu material genético e produtividade. Assim, manter sementes crioulas nos quintais e no faxinal, de modo geral, implica na manutenção de ligação histórica com o lugar a partir dos saberes envolvidos nessa forma de fazer agricultura.

Na reflexão sobre sementes crioulas e saberes, os apontamentos de Shiva (2003, p. 23) são elucidativos. Segundo a autora, quando o saber local aparece de fato no campo da visão globalizadora, fazem com que desapareça negando-lhe o *status* de um saber sistemático e atribuindo-lhe os adjetivos de primitivo e anticientífico. Analogamente, o sistema ocidental é considerado universal e o único científico. Entretanto, para a autora, o prefixo científico para os sistemas modernos e anticientífico para os sistemas tradicionais de saber têm pouca

relação com o saber e muita com o poder. Há uma distorção evidente no que diz respeito às variedades de sementes: as variedades nativas, produzidas e utilizadas pelos agricultores de todo o Terceiro Mundo, são chamadas de *sementes primitivas*, já as variedades criadas pelos especialistas modernos em centros internacionais de pesquisa agrícola ou por grandes empresas transnacionais de sementes são chamadas de *avançadas* ou de *elite* (SHIVA, 2003, p. 67).

O desaparecimento das sementes convencionais, ditas crioulas, está relacionado ao avanço das sementes transgênicas e, conseqüentemente, perda de autonomia alimentar e suscetibilidade à insegurança alimentar de famílias, comunidades e nações. Desse modo, o debate a respeito de práticas e mecanismos de conservação da agrobiodiversidade e dos recursos naturais tem se tornado crescente. Coletivamente, a partir da Associação Puxirão Faxinalense (APF), faxinalenses estão comprometidos com um movimento de resistência contra as chamadas *sementes de empresa* e organismos transgênicos.

Mercadante (2002) diz que a produção de plantas e animais transgênicos não surgiu por acaso. Os seres humanos vêm cruzando genes desde que começou a domesticar plantas e animais. Ele interpreta que não se deve estranhar a aplicação da engenharia genética na agricultura. Embora revolucionária, ela foi tão revolucionária quanto foi o plantio da primeira semente, o cultivo da primeira plantação pelo homem do neolítico. Os alimentos que comemos hoje há muito não são, nesse sentido, alimentos naturais. São o resultado de milênio de seleção, cruzamento dirigido, melhoramento genético. São o resultado da mistura de genes entre intocáveis variedades. As plantas silvestres, assim como os sistemas ecológicos dos quais elas fazem parte, são o resultado de milhões de anos de evolução, adaptação e ajuste, que começaram a ser perturbados a partir do momento que o homem começou a plantar e construir novos ambientes, usando e misturando os elementos que o ambiente natural oferece.

Para Mercadante (2002, p. 162), cultivar a terra sem impactar negativamente o ambiente é impossível, pois esse cultivo implica em simplificação desse ambiente. Logo, a agricultura mesmo na sua forma mais natural impõe, entre outros, a redução da diversidade biológica, perturbação e rompimento de ciclos e processos ecológicos, maior desorganização do sistema e diminuição da sua estabilidade (entropia). A agricultura, portanto, “tem dois custos: um custo em termos de trabalho e da energia que é necessário despender para manter o sistema agrícola e um custo para o meio ambiente. Mas a verdade é que não podemos viver sem cultivar o nosso alimento” (MERCADANTE, 2002, p. 163). Para o autor, o segredo está no grau de artificialização dos agroecossistemas. Até que ponto podemos ir na artificilização do ambiente sem comprometer a vida do planeta e a nossa vida?

Entre as décadas de 1950 e 1980, por meio de processos de melhoramento genético, cientistas agrícolas desenvolveram variedades de alta produtividade de grãos (arroz, milho, trigo e outras). Entretanto, para produzirem satisfatoriamente, essas plantas exigem a aplicação em larga escala de produtos químicos. Com o tempo, ficaram evidentes os custos ambientais e sociais desse processo (MERCADANTE, 2002, p. 163).

A agricultura dita moderna, baseada na monocultura de espécies – que para produzirem exige aporte máximo de fertilizantes químicos e pesticidas – dá sinais evidentes de que o limite do equilíbrio foi ultrapassado. Isso pode ser verificado na contaminação das águas, solo e alimentos, no envenenamento de trabalhadores agrícolas, na degradação genética e perda da biodiversidade.,

A destruição das plantas silvestres é acompanhada pela destruição das plantas cultivadas. Essa nova agricultura obedece a uma lógica industrial que padroniza processos produtivos e produtos agrícolas. O solo, por exemplo, um sistema complexo e vivo, é tratado como simples substrato de fixação das plantas. Uma pequena propriedade cultivada no sistema tradicional abriga uma diversidade biológica superior àquela dedicada aos monocultivos. As sementes tradicionais de milho e outras plantas de polinização aberta estão mais vulneráveis à contaminação de pólenes estranhos (oriundos de híbridos, por exemplo) de cultivos vizinhos, ocasionando degradação das variedades locais.

### 3.9 Os quintais e o tempo: narrativas e fotografias

A produção agrícola excede uma questão puramente técnica. Segundo Floriani (2011), ela é entendida como um processo condicionado por dimensões sociais, culturais, políticas e econômica. Sendo assim, a prática e os modos de fazer expressam opções e cosmologias de pessoas e comunidades. Uma das formas de apreender esses sentidos e significados na terra é através de narrativas sobre o modo de fazer agricultura associadas à fotografias que revelam a efetivação dessa *práxis*.

A fotografia abaixo comunica o potencial de análise de um quintal:

**Fotografia 30:** Quintal faxinalense e sua diversidade.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

A fotografia apresenta uma paisagem heterogênea e que, constantemente, vai sendo transformada. Há contraste de cores que a diversidade de plantas combinadas ao solo e à mata circundante proporcionaram. Essa paisagem, que a fotografia trouxe à luz, difere da paisagem lisa, homogênea e ortogonal do agronegócio. A composição dos diferentes tons de verde das plantas, do marrom da terra, do colorido das flores e frutos indica um saber-fazer camponês divergente do modo capitalista de fazer agricultura e de sua racionalidade. A imagem transparece sinais da prática feminina de tecer paisagens na terra a partir de seu trabalho e sabedorias.

A atividade nos quintais, talvez mais que em outro lugar dos faxinais, é orientada por um saber tradicional, como podemos observar na narrativa de Dona Terezinha.

P: A senhora pode comentar sobre as sementes e os fertilizantes que usa no seu quintal?

R: Eu planto com orgânico, não uso nada de veneno. No esterco vem mais bonito que no adubo da cidade. Eu uso esterco de galinha. O da vaca é muito úmido, apodrece as plantas, o de cavalo eu acho que resseca. O esterco deixa a terra úmida. O adubo seca a terra. Até com a folhaceira das árvores é bom de plantar. Pega as folhas secas e joga no quintal. Esterco debaixo do pinheiro, as pontinhas de sapé são muito boas [...] ainda segunda fui buscar muda de batata salsa na Maria. Trocamos sementeira de tomate, rama de mandioca. Aqui no faxinal

ainda existe muito isso, essa troca de sementes. Trocamos semente de abóbora. Igual tomate, uma semeia antes, daí troca, porque uma tem uma qualidade, a outra tem de outra qualidade, daí troca, entende? Essa época é bastante trocado, por causa que é mais coisas e é época. Planto alface, repolho, couve flor, tempero, salsinha, cebolinha, várias coisas, varia da época. Mandioca, agora é época de plantar, tomate, melão, pepino, também é hora de plantar, daí é um troca-troca de muda da mulherada. Agora é a época que se planta mais as coisas, tem coisa que se plantar fora de época não dá. E tem a lua também. É bom plantar na lua cheia. Se for plantar batata na lua nova broqueia tudo. A batata tem de plantar na minguate [...] O melão a gente tira a semente, lava e coloca para secar no sol, numa peneira, abóbora e tomate a mesma coisa, coloca num vidro e conserva na geladeira, dura de um ano para o outro. E a maioria das sementes que nós temos é troca que a gente faz, trocamos muda. Eu aprendi com a mãe, desde nova a gente lidou<sup>106</sup>.

Dona Marinda, por sua vez, também aciona o dispositivo dos saberes ao falar a respeito do que significa o quintal para ela e sua família:

P: O que é o quintal para a senhora?

R: O quintal é quase uma farmácia [...] a gente quase não fica doente, mas quando fica pega no quintal. A salvinha é muito boa pra infecção na garganta, erva cidreira é pra dor de cabeça, poejo pra gripe, calêndula é boa para queimadura, só que tem de conhecer as ervas<sup>107</sup>.

O quintal é um lugar de saberes. Saber a época de plantar, a lua, os usos para a cura, os procedimentos de cultivo, colheita e armazenamento e as práticas de troca, é fundamental para assegurar o patrimônio genético, garantindo autonomia alimentar e produtiva da família e da comunidade. Essas práticas cotidianas e contínuas das mulheres em seus quintais, apesar de silenciosas, informam a respeito de resistências de regimes *outros* de saber, de pensar e se relacionar com a terra. Esse complexo regimes de saberes – impressos nas memórias das mulheres e da comunidade – atravessam gerações, pois cabe aos mais velhos e principalmente às mães, ensinar suas filhas os procedimentos de cultivo. Essas formas de saber das mulheres, *situados à contrapelo* (Benjamim, 1987) da retórica da modernidade – traduzido no campo a partir da racionalidade do agronegócio – representam insubmissões à lógica do capitalismo.

Nos faxinais, o quintal é um dos lugares onde a multiplicidade de tempos sobrevivem enrugados numa relação entre o passado (“eu aprendi com minha mãe”), o presente (“agora é a época que se planta mais as coisas, tem coisa que se plantar fora de época não dá”) e o futuro (“o melão a gente tira a semente, lava e coloca para secar no sol, numa peneira, abóbora e

<sup>106</sup> Dona Terezinha (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

<sup>107</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida, em 26/08/2017.



tomate a mesma coisa, coloca num vidro e conserva na geladeira, dura de um ano para o outro”). Nesse sentido, os quintais, vistos a partir do suporte fotográfico e das narrativas compartilhadas pelas mulheres, apresentam em sua conformação/aspecto uma *forma* de fazer agricultura que envolve um plano ontológico.

Na prática cotidiana de trabalho é preciso observar e respeitar as estações do ano e os ciclos da lua, conhecer as plantas e suas finalidades, particularmente das ervas medicinais, as técnicas de adubação e armazenamento de sementes, avaliar a topografia da terra e produtividade do solo. Desse modo, o passado, *encoberto* ao nosso primeiro olhar no registro fotográfico, se oferece em potência nas narrativas femininas. Para as mulheres faxinalenses, no exercício de seu saber-fazer, o passado não está morto, encerrado, mas se integra ao presente e ao porvir. Assim, “*A batata tem de plantar na mingunte*”, “*até com a folhaceira das árvores é bom de plantar*”, “*o melão a gente tira a semente, lava e coloca para secar no sol*”, “*eu aprendi com a mãe*” são expressões que indicam esse fato, pois nos quintais, onde resistem práticas ancestrais de cultivo, acontece um encontro de tempos.

Estas sabedorias das mulheres são destoantes de uma racionalidade moderna – diferente do modo empresarial e capitalista de fazer agricultura – por tratar-se de um aprendizado geracional, transmitido, adaptado e ressignificado através da experiência. De acordo com Giraldo (2018, p. 80), o conhecer/saber das camponesas e camponeses não podem ser separados do seu contexto de vida, ele existe em imbricação contínua com o lugar habitado. Sendo assim, a elasticidade na temporalidade imanente aos ciclos agrícolas e temporários, reciprocidade nas relações comunitárias e a complementaridade entre a paisagem e as superfícies de cultivo, são aprendizagens que surgem da participação ativa com o lugar.

As narrativas<sup>108</sup> de nossas entrevistadas nos fornecem elementos para problematizar a dinâmica dessas tradições culturais faxinalenses. Isto nos leva ao texto de Montenegro (2006), que advoga a respeito da importância de *rachar as palavras* ao analisar e interpretar narrativas, ou seja, compreender e considerar que os sujeitos e o conteúdo do que narram, bem como suas memórias, estão inscritos na cultura local<sup>109</sup>. A narrativa de Dona Terezinha, por exemplo, construída no interior do seu quintal – espaço onde, orgulhosamente, mostrava

---

<sup>108</sup> A narrativa é uma forma de configurar os eventos do passado na sucessão temporal, construindo significados e sentidos humanos. Narrar é criar um fluxo de eventos e estabelecer uma duração que possibilitem o entendimento humano (seja o próprio entendimento, seja o do outro). Cada pessoa, ao contar sobre o passado, utiliza a narrativa para articular suas lembranças, porém conforme o contexto presente no qual se insere, e não a partir do próprio passado (Ricoeur, 2010). Assim, a narrativa é construída a partir de determinado enredo que articula os elementos mobilizados para lhe dar conteúdo (ALMEIDA, MONTYSUMA e SCHORNER, 2019).

<sup>109</sup> Pollak (2010) também nos auxilia na compreensão da importância de considerar que histórias e memórias devem ser relacionadas aos locais onde foram produzidas.

as plantas e ensinava a respeito do processo de seleção e armazenamento das sementes, técnicas e ciclos de plantio, colheita, consumo e as relações de reciprocidade – suscita questões referentes à organização do coletivo, ao tempo, a experiência e a memória da sua família e da comunidade. A narrativa, assim, informa a respeito de regimes de saberes baseados na ancestralidade, mas constantemente ressignificados.

Nesse sentido, as interfaces entre tempo e lugar nos quintais faxinalenses, apreendidas pelo registro fotográfico, permite pensar elementos de uma ruralidade ameaçada constantemente pela racionalidade do agronegócio. Ao romper aquilo que parece superficial na fotografia – com auxílio das narrativas – encontramos a relação entre paisagens diversificadas e as concepções de saberes e tempos que orientam sua criação/produção/existência<sup>110</sup>.

As fotografias, apesar de não conseguirem alcançar a dimensão da diversidade de quintais existentes nos faxinais, proporcionam, uma visualidade parcial da pluralidade de cultiváveis existente neles. Para além, é possível pensar essa pluralidade no âmbito das cores, sabores, texturas e temporalidades. Contudo, o que vemos nos faxinais é que a racionalidade do agronegócio, cada vez mais presente<sup>111</sup>, ameaça a existência dos quintais e o conjunto de práticas e sabedorias ancestrais a eles associados (a partir das mulheres).

No faxinal Rio do Couro, nas áreas de plantar, os cultivos de soja, eucalipto e tabaco são predominantes atualmente. A *roça*, um dos espaços considerados de domínio masculino, opera agora sob a égide do agronegócio<sup>112</sup>. Entretanto, os monocultivos não se limitam às terras de planta, se estendem pela área em volta das residências e quintais, onde antes era criador comum.

---

<sup>110</sup> Como apontou Samain (2012, p. 30) “as imagens pertencem a ordem das coisas vivas”.

<sup>111</sup> Esse processo ocorre a partir da década de 1960, quando se acentua a prática de cercamentos individuais, privatizando recursos naturais e comprometendo a existência e reprodução do Criadouro Comum e iniciando seu processo de dissolução. Verifica-se também, nesse mesmo período, alterações na produção agrícola, introduzindo-se, por exemplo, a cultura do tabaco, estufas de secagem de fumo da empresa Souza Cruz são instaladas na comunidade. A partir do início da década de 1980, a renda propiciada pelo tabaco torna-se o principal alicerce econômico dos(as) moradores(as) (CARVALHO, 1984).

<sup>112</sup> Perguntei a dona Elizabete sobre os tipos de cultivo nas áreas de roça. Ela diz: “Eles plantam milho, soja e feijão né, é isso que eles plantam e trigo. Que nem o feijão é pra consumo pra nós né, agora a soja já não né, é pra vender e trigo também, faz dois anos que eles começaram ali, ano passado semearam trigo, esse ano semearam trigo de novo, sabe? Só o fumo não estão plantando mais porque daí o fumo ia bastante veneno. Dizer que não ia tanto veneno, mas as pessoas ficam no veneno né e orvalho o dia inteiro né, quase. Imagina se chove tem que tá colhendo lá, a pessoa fica molhada até a cintura né” (Dona Elizabete).

**Fotografia 31:** Aspecto do quintal da Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 32:** Diversidade no quintal da Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Na fotografia 31, vemos que o quintal da Dona Elizabete se encontra lateralmente cercado por uma terra arada, recém tombada pelas máquinas que prepararam a área para o plantio de fumo. Essa possibilidade, não tão distante, de ter a casa, possivelmente à água e seu quintal rodeado por essa modalidade de plantação, a preocupa, naturalmente. Como estratégia, para evitar contaminação das plantas do quintal, com agrotóxicos e outros defensivos químicos, ela planejou o plantio de pés de chuchu, que ao crescerem, se estenderiam pelas cercas do quintal, bloqueando a passagem do *veneno*, como ela diz.

Os monocultivos no criador comum avançam, mas estratégias de resistência também são elaboradas pelas mulheres, nesse caso, para defender, ao menos, relativamente o que vai à mesa da sua família. O que vemos é que, apesar de encurralados, os quintais, enquanto *organismos vivos*, se ajustam às mudanças no seu entorno e resistem a partir das estratégias engendradas por suas gestoras. Formas silenciosas de acomodação à modernização, tentando evitar maior dano, também é parte da resistência, como defende Scott (2002).

As fotografias manifestam o contraste entre harmonia e dominação da terra e do tempo, pois a racionalidade do agronegócio não comporta tempos múltiplos – como aqueles envolvidos nos quintais e nas roças de *antigamente* – opera com a lógica de um tempo liso, homogêneo. As formas criadas na terra pela monocultura, tem potencial de disciplinarização da natureza (geometrizando-a) e do tempo; ela é filha do ideal de ciência e de progresso, de um processo de racionalização da agricultura.

Veremos mais profundamente essas questões no capítulo seguinte.

## 4 TRANSIÇÃO DE RACIONALIDADES: O TEMPO, AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS E NO MODO DE VIVER

### 4.1 O tempo da fartura e do sofrimento e a chegada dos de fora

A imagem da agricultura no Sul do Brasil está geralmente ligada às grandes áreas de plantação de soja, às extensas pastagens de gado e aos enormes silos de cereais, muitas vezes também cooperativas agrícolas. Como resultado, surge uma paisagem monótona que advém de um intenso processo de modernização com grande concentração de terras, expulsão de pequenos agricultores e prejuízos ecológicos, e que intervém sobre um sistema social e ecológico tradicional (LÖWEN SAHR e CUNHA, 2005, p. 90).

As paisagens dos quintais e, de modo geral, dos faxinais, acompanham os movimentos históricos da sociedade circundante, marcadas por ciclos que atravessam a memória dos seus moradores. A partir delas conseguimos apreender, em parte, a historicidade do processo dessas transformações e destacar as atividades humanas na história desse lugar. As modificações nas paisagens são também as mudanças as quais homens e mulheres dos faxinais precisaram se sujeitar, se adaptar e/ou resistir ao longo do tempo.

Neste capítulo, dedico-me a investigar a historicidade das transformações que ocorreram nos faxinais – impactando o modo de viver e transformando as suas paisagens. Para entender o quintal como resistência é preciso compreender os processos de mudanças no território envolvente e a historicidade das transições dos modelos de racionalidades nessas comunidades, pois os quintais são lugares que não podem ser interpretados de forma isolada, recortada, mas em conexão com lugar, o território envolvente.

As mudanças que verificamos na terra informam a respeito das modificações na racionalidade do lugar. Aqui examinamos as formas de atuação e os impactos da racionalidade da agricultura capitalista nos faxinais, bem como as atitudes dos e das faxinalenses em relação a esse ambiente em constante metamorfose, o qual reconhecem como *lugar*: lugar de viver, lugar de morar, lugar de morrer, conforme a narrativa de Dona Bernardete Longato:

P: Como era o Faxinal Rio do Couro antes dos cercamentos?

R: Antigamente era cheio de animais aqui, tudo solto, muitos porcos. Eu nasci aqui nesse faxinal, criei meus filhos aqui, vou morrer aqui. É muita pena que tá acabando tudo. Primeiro

foi por causa de roubos, roubavam os animais, sabe? Era muito prejuízo, daí o povo começou a fechar os animais, começaram a ficar com medo. Depois o problema passou a ser as cercas, por causa da madeira, faziam aquelas cercas de flexame. Era difícil por causa da madeira e o povo foi desanimando. Daí veio uns de fora e não queriam mais, queriam fechar. Agora tá quase tudo acabado. Eu tenho saudade desse tempo. Eu quero morrer aqui no faxinal”.

Esse fragmento compõe a entrevista com Dona Bernardete a respeito da historicidade do Faxinal Rio do Couro, onde o objetivo era problematizar as percepções da entrevistada em relação às mudanças no lugar vivido. Aqui, ela expõe os motivos que considera serem causas do processo de cercamentos e desmonte do criador comum. Ela lamenta profundamente essas mudanças, revelando-se saudosa da paisagem e do modo de viver antigo, antes da presença “dos de fora”, em sua interpretação considerados culpados pelo cenário atual.

Nas suas narrativas, frequentemente, as mulheres faxinalenses evocam o tempo de antes, de *antigamente*, período que precede à chegada *dos estranhos*. Relacionado ao tempo anterior à chegada dos *de fora*, um outro tempo perceptível nas narrativas é o *tempo da fartura*. Antes, no passado, havia fartura de carne e alguns outros alimentos, assim, os cercamentos individuais no criadouro comum são lamentados pelas moradoras, como Dona Bernardete, para quem “(...) prejudicou por causa da carne, agora tem de comprar direto, antes era à vontade”<sup>113</sup>. No tempo da fartura, os animais criados à solta nas terras de uso comum não necessitavam de grandes investimentos, a pastagem natural e os frutos (pinhão, guabiroba e araçá, por exemplo) serviam de alimentos para os animais, principalmente para os porcos<sup>114</sup>.

Aqui, consideramos que o tempo da “fartura” é idealizado pela depoente, isso se deve aos problemas metodológicos da memória, relacionado à criação de algo semelhante a uma “Idade de Ouro”, quando o *mundus faxinalense* não estava corrompido, efeito de escada rolante (WILLIANS, 1989), de regresso e saudosismo de um passado. Como observou o autor, nesses casos, o que é necessário investigar não é a veracidade histórica, mas a perspectiva histórica. Para o autor, não se trata apenas de usar o passado – “os bons tempos de antigamente” – para criticar o presente, mas de considerar que as lembranças de infância/juventude têm importância permanente e, que, portanto, é preciso considerar os movimentos de retorno ao passado (retrospecção) dentro de suas especificidades e contextos.

---

<sup>113</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

<sup>114</sup> Milho, mandioca, entre outros, eram fornecidos apenas como complemento à alimentação animal.

Ou seja, testemunhas levantam questões relacionadas aos fatos históricos, mas essas memórias são afetadas por questões de perspectiva, envolvida pela nostalgia.

Com os cercamentos individuais, os porcos e outros animais passam a ser criados fechados em mangueirões. Animais cercados necessitam ser alimentados continuamente – além dos produtos do quintal como repolho, folhas e abóboras – com milho e outros grãos, o que encarece a produção ou, para muitos, inviabiliza. Com isso, principalmente as famílias mais pobres sofrem com a escassez de proteína animal.

Além da fatura de carne, proporcionado pelas abundâncias do criadouro comum, outros tipos de fatura apresentam-se nas representações que dos/das faxinalenses a respeito do passado: havia abundância de práticas de reciprocidade, ajuda mútua, marcadas pela tradição e pelo costume. Algumas dessas práticas resistem nos faxinais, principalmente entre as mulheres.

Além da prática de *trocas* de sementes e mudas oriundas dos quintais, observa-se uma rede mais ampla de reciprocidade. Como afirmou Dona Bernardete “Um ajuda o outro. Quando uma está doente, outras vão lá ajudar, fazer o serviço na cozinha, cuidar do doente, ajudar. Ainda são unidos”<sup>115</sup>. A ideia de ajuda mútua é atribuída, na sua narrativa, ao trabalho doméstico e de cuidado, tidas como atividades do *circuito feminino*. Entretanto, o trabalho feminino envolvido nas relações de reciprocidade, vai além dessas funções.

O *tempo da fatura* foi marcado por manifestações de solidariedade, que envolviam o trabalho coletivo tanto no criador comum quanto nas lavouras. Dentre as práticas de trabalho comunitário e ajuda mútua destacam-se os mutirões – correntemente denominado nos faxinais como *puxirão*, *pixirum* ou *pitoco* –, as viações e manutenção da cerca. Os mutirões surgiam da necessidade relacionada ao trabalho na lavoura, e o trabalho geralmente envolvia capinagem das roças, roçado, semeadura/plantação ou colheita, além de atividades relacionadas à manutenção das cercas e portões coletivos no criador comum. A organização de um puxirão estava alinhada à necessidade individual: quando o tempo da semeadura estava passando ou a roça sofrendo no mato ou a colheita passando da hora (NERONE, 2000). Nesses casos de urgência, se solicitava verbalmente a ajuda do grupo, que prontamente era atendida.

O mutirão, apesar do trabalho geralmente ser extenuante, permanece na memória coletiva como festividade, pois aqueles que solicitavam ajuda deveriam oferecer alimentação farta e baile ao final do dia de trabalho. Nerone (2000) associa essa forma de ajuda mútua a

---

<sup>115</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.



um reforço da coesão social, pois além de agregar trabalho ao lazer, era uma situação em que todos (proprietários, usuários, camaradas) se *igualavam*, ou seja, nessas ocasiões as diferenças sociais eram dissimuladas.

A viação, por sua vez, constituía-se num tipo de trabalho coletivo, cuja data era pré-fixada por moradores, para limpeza das estradas, consertos de bueiros, mata-burros e pontes.

**Fotografia 33:** Viação no Faxinal do Salto, 2005.



**Fonte:** Fotografia de Cirene, moradora do Faxinal do Salto, gentilmente cedida à autora.

A fotografia acima, tirada no criador comum do Faxinal do Salto, no ano de 2005, oferece ao espectador uma representação do trabalho coletivo dentro do criador comum. Acompanhados de crianças e animais domésticos, e de posse de suas ferramentas de trabalho, esses moradores/trabalhadores reúnem-se à sombra de uma árvore e se posicionam diante da câmera fotográfica.

O trabalho coletivo na lavoura – que constituía uma das configurações do mutirão – também foi documentado em fotografias na década de 1960, no Faxinal Rio do Couro.



**Fotografia 34:** Mutirão para limpeza da Lavoura, Faxinal Rio do Couro, 1960.



**Fonte:** Maneira (2014).

**Fotografia 35:** Mutirão para limpeza da Lavoura, Faxinal Rio do Couro, 1960.



**Fonte:** Maneira (2014).

**Fotografia 36:** Faxinalenses descansando durante mutirão para limpeza da Lavoura, Faxinal Rio do Couro, 1960.



**Fonte:** Maneira (2014).

Assim como no Faxinal do Salto, no Faxinal Rio do Couro a prática da Viação, Mutirão, Puxirão ou pitoco (mutirão sem baile) foi historicamente recorrente. Esse conjunto de fotografias em preto e branco, tiradas num dia *comum* de mutirão, por um fotógrafo que desconhecemos, oferece elementos para pensar a ajuda mútua em sua relação com a paisagem. Pode-se dizer que há uma intencionalidade do fotógrafo em retratar a prática, visto que parece haver uma organização na disposição dos trabalhadores diante da lente. Trata-se de um mutirão para limpeza da plantação, a julgar pelas enxadas e a distribuição dos trabalhadores em eitos (porções de terra plantada para cada trabalhador).

A partir das fotografias podemos visualizar a forma tradicional de praticar agricultura nas terras de plantar dos faxinais: o plantio *no toco*. Esse tipo de técnica de plantio implicava em uma roçada para derrubar o mato grosso de uma área ou terreno, após esse processo o terreno é queimado – restando no solo galhos e troncos que o fogo não deu conta de consumir – e se utilizam plantadeiras manuais ou enxadas para a plantação das sementes. Ressalta-se que, tradicionalmente, essas roças são feitas com pouca, ou nenhuma, utilização de máquinas pesadas, agrotóxicos e venenos. Essa forma de produzir, apesar de iniciar um processo de

homogeneização e domesticação da natureza, apresenta relativa diversidade. Essa diversidade compreende pessoas, relações, histórias e sons<sup>116</sup>.

As músicas, pessoas, animais, galhos e tocos são sinais da diversidade mantidas na terra no processo de fazer agricultura. As plantações do agronegócio, que vinte anos mais tarde passaria a compor a paisagem do Faxinal Rio do Couro e de outros da região, submeteria a terra a uma limpeza, extirpando essas impurezas, e no que diz respeito às pessoas e relações, demandava apenas uma máquina e motorista para alisar e nivelar o solo e desenrugá-lo.

Ou seja, os monocultivos ao apagarem a diversidade<sup>117</sup> presente no solo – fauna, flora e também a nível de microrganismos – o fazem também à nível de pessoas e experiências coletivas, empobrecendo o solo, a paisagem e as relações sociais (no criador faz desaparecer autoridades tradicionais: inspetor, benzedeiros. No limite, o que resta é uma paisagem monótona e um *tecido* social comprometido.

Os mutirões eram uma das principais expressões do *mundus* faxinalense, nessas ocasiões se renovava a essência de coletividade do grupo social, reforçando os laços entre vizinhos, proprietários e usuários. Aqueles/as que solicitavam ajuda tinham um dever social de oferecer mesa farta e diversão ao final do dia de trabalho, a festa era a coroação dessa renovação dos enlaces, e aquele que não fosse trabalhar era lido como indigno pelo grupo social, e caso aparecesse somente para o baile era coletivamente reprovado e, em alguns casos, expulso.

Nos mutirões, como assinala Nerone (2000, p. 127), “as mulheres não participavam do trabalho braçal, mas tomavam conta da cozinha do puxirão, cozinhando em tachos e panelas”. Assim, uma outra face da manifestação da ajuda mútua presente no mutirão se esconde nas fotografias: o trabalho das mulheres na preparação colossal de comida para todos/as. Podemos ver na última fotografia algumas mulheres e crianças que aparecem ao fundo da cena, posicionadas próximas às carroças, meio de transporte viável para levar os alimentos até à roça. Elas não eram o foco do fotógrafo.

---

<sup>116</sup> Ferreira (2021) aponta que a introdução do trator para auxiliar o trabalho nos mutirões faxinalenses compromete o hábito de cantar, pois o ronco do trator abafava os sons da cantoria o que não permite mais as músicas, que outrora, alegravam o trabalho, assim, esse dia que antes era visto como divertimento, restringiu-se apenas a mais um dia de trabalho.

<sup>117</sup> “(...) nas plantations do agronegócio, nós coagimos as plantas a crescerem sem a ajuda de outros seres, incluindo os fungos da terra. Substituímos os nutrientes fornecidos pelos fundos por fertilizantes obtidos pela mineração e em indústrias químicas, com suas trilhas de poluição e exploração. Cultivamos nossas plantações para isolamento em estufas químicas, enfraquecendo-as como galinhas enjauladas e sem bico. Nós mutilamos e simplificamos as plantas cultivadas até que elas não saibam mais como participar em mundos de múltiplas espécies” (TSING, 2019, p. 44).

Assim como as fotografias, a literatura sobre o tema costuma apresentar e discutir a problemática da ajuda mútua a partir de um viés masculino. Desse modo, sugere que as mulheres pouco ou nada têm a ver com essas manifestações, exceção feita à sua participação no baile (objetos de disputa e desentendimento entre os homens). Apesar das atividades de ajuda mútua e reciprocidade das mulheres se dar em outros âmbitos do trabalho coletivo, essas atividades são consideradas irrelevantes ou de menor importância.

A narrativa de Dona Bernardete, recorte de uma reflexão a respeito de suas percepções sobre os *tempos antigos* no Faxinal Rio do Couro, oferece outra perspectiva de interpretação:

P: A senhora pode comentar sobre a prática dos puxirões e/ou viações?

R: As viação tinha! Todo mundo roçava, trabalhava...

P: Que função as mulheres tinham nas viações?

R: As mulheres roçavam também! Coitada das muié, tinha de roçar aqueles capinzalão nas estradas, eu ia roçar.

P: Quantos dias de serviço?

R: Uns par de dia, pois o trecho era grande demais, pegava um solão desse, um barranco de estrada e com aquele capinzão de roça, não era fácil. E as muié roçavam junto. Ah, pois as mulher tão tendo valor de um tempo pra cá, mais antigamente elas eram que nem homem, criavam as crianças na roça e ainda **acompanhava** os homens em toda parte (Grifo nosso)<sup>118</sup>.

A desvalorização do trabalho das mulheres também permeia as práticas do trabalho coletivo e ajuda mútua. A ideia de ajuda e de trabalho menor – posto que mais leve ao dos homens – não é identificada nas narrativas de memórias de Dona Bernardete. As mulheres roçavam junto aos homens, não os *ajudavam*. “Ser que nem homem”, nesse universo de significações, sugere trabalhar e se esforçar tanto quanto eles, em pé de igualdade. *Acompanhar* os homens em toda parte implica em considerar que o circuito de atividades femininas ultrapassava a casa, quintal e criação dos filhos, isto é, elas trabalham igual os homens, roçando, capinando, plantando e colhendo.

Era uma vida difícil, como assinala Dona Bernardete. Logo, o tempo da *fartura* não extingue o tempo *do sofrimento* e da *escassez*. Esses dois tempos se articulam nas suas memórias para compor o enredo de um passado vivido na comunidade de faxinais.

P: Quais lembranças da infância e juventude a senhora têm?

---

<sup>118</sup> Dona Bernardete (Faxinal do Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

R: Nós não saía pra parte nenhuma, era só trabalhar na roça e os domingos na casa. Que era muita gente, casona véia imensa de grande, tipo paiozão, pra limpar. Água tinha que puxar dos oio, quando não tinha água no poço, secava tudo. E era aquela criançada, aquele tempo não era fralda, era tudo pano e roupa ninguém ganhava, tinha de tirar uma e lavar outra pra vestir. Ih, era sofrido. Eu nunca gozei quando era solteira, nunca, nunca...tinha dias que não tinha açúcar pra adoçar um chá. Chá que era de pau de erva ainda, antigamente. Cortavam erva, daí enxugavam naqueles cacete, ponhavam pra enxugar, daí aquele que era o café. Pão não tinha, era só aqueles bolão de fubá assado dentro do fogão, partia tudo, seco. Tinha mais batata doce, mandioca, ...trigo consumia só a parte preta, a branca não, a branca eles deixavam pra vender, fazer dinheiro. Muito sofrido...

P: Poderia comentar sobre o trabalho nessa época?

R: Ah, era muito sofrido. Era sofrido... Era tudo nos braços. Fazia tudo nos braços. Era tudo com cavalo, arado, carpideira...tudo a muque, plantar tudo com as mãos, com aquelas maquininhas, carpir tudo aquilo, mato com a enxada, arqueiros e arqueiros, tudo na enxada carpir, era semana e semana, levava um mês, dois, só carpindo, carpindo. Era sofrido, santa Maria. Sofrido, mas cada um morava num ranchão, paiozão, lá era feliz da vida ainda. Num tinha esse luxeira de hoje. Aquele tempo banho tomava uma vez por mês, era difícil pra tomar banho, só tinha uma bacia (ela ri).

P: E a senhora viveu tudo isso?

R: Sim, gamela, aquelas gamelas, sabe? Nós lá em casa era em 12 irmãos, tamo os 12 vivo ainda, de tarde só enchia aquela gamela de água e lavava os pés da piizada pra dormir<sup>119</sup>.

A Sr<sup>a</sup> Bernardete associa sofrimento ao trabalho. Para ela, o tempo da fartura não exclui o tempo de escassez. De modo geral, suas narrativas são também atravessadas pela representação de sofrimento.

---

<sup>119</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

**Fotografia 37:** Carroção puxado por bois, Faxinal Rio do Couro, década de 1980.



**Fonte:** Maneira (2014).

No passado, quando o criador comum era completamente aberto, *cheio de animais*, havia o sofrimento proporcionado pelo trabalho na lavoura, que sem maquinaria agrícola disponível, era feito manualmente por homens e mulheres nas terras de plantar, somente com auxílio de animais.

As fotografias acima permitem alcançar parte desse cotidiano de trabalho nos faxinais na década de 1980. A ampliação dos monocultivos no Faxinal Rio do Couro, inclusive no interior do criador comum, reduziu a utilização de animais e o uso de carroças no trabalho, estas foram substituídas por tratores e outras maquinarias. Isso nos leva a um outro momento de trabalho e vida nesses faxinais: o tempo *dos de fora*.

#### 4.2 O tempo da chegada dos de fora: a dita modernidade

O sofrimento do trabalho bruto na terra foi deslocado para a violência dos usos de agrotóxicos, acarretada pelos monocultivos. A monocultura está relacionada à presença de moradores *de fora*. O tempo da chegada *dos de fora* é um marcador significativo na memória dos moradores mais antigos. Essa gente que chegou de outras paragens – que não comungava dos significados do lugar – trouxeram os cercamentos individuais nas terras de uso comum, os

desmatamentos, agrotóxicos, monocultivos, intensificando, portanto, os conflitos internos. Essa *gente de fora* engloba um conjunto de pessoas estranhas à comunidade<sup>120</sup> e que não compartilha dos mesmos valores em relação à terra e ao território. Na interpretação dos/as faxinalenses, é a partir dessa chegada que o faxinal se desestrutura.

P: O que que a senhora acha que levou ao processo de desagregação do criadouro comum?

R: Pois eu não sei, um tanto foi *esses de fora* que chegaram e compraram os pedaços de terra e começaram a desmatar tudo e fechar pra e fazer aquelas roça, daí não tinha cerca lá, as criação entravam tudo lá dentro... E foi indo, foi indo que acabou<sup>121</sup>.

O passado, como vemos, é a condição para os aspectos do presente. No Faxinal Rio do Couro o processo de desmonte acompanha as transformações econômicas do município de Irati. Essas mudanças se iniciam na década de 1960, com a presença do tabaco e atravessam 1970 e 1980 com a chegada dos monocultivos de soja e eucaliptos.

No Faxinal do Salto, o processo é semelhante. Nos anos 1980, ocorre um deslocamento de gaúchos que migram para a região de Rebouças, comprando terras nas comunidades de faxinais. Essa presença exerce uma pressão cultural, que alinhada a outras circunstâncias, desestabiliza o modo viver e assinala o princípio de um processo acelerado de desarticulação nessas comunidades (NERONE, 2000). Rupp e Martins (2008) corroboram que a chegada de migrantes gaúchos no município, nesse período, ocasionou significativas mudanças culturais e econômicas nos faxinais.

A implantação de um projeto de modernização na agricultura no país a partir da década de 1960 delinea o contexto de fragmentação do *mundus* faxinalense. Ela foi um dos elementos desencadeadores da crise da prática de criar em comum. A maioria dos migrantes que chegavam ao Faxinal do salto, por exemplo, eram gaúchos – médios e pequenos agricultores que enfrentavam dificuldades financeiras, visto que a política de crédito agrícola do regime militar favorecia latifundiários e acentuava a concentração de terras.

Nesse contexto, muitas famílias migram do Rio Grande do Sul e compram terras em comunidades de faxinais em Rebouças, Irati e Rio Azul. A escolha por essas terras ocorria em virtude do valor, pois eram vendidas a um preço mais acessível – apresentavam solo fraco, onde não se utilizava calcário e adubo químicos – do que no seu Estado de origem. Assim, com o montante da venda de suas propriedades acabavam por comprar até o triplo delas nos

<sup>120</sup> No caso de Rebouças, onde fica o Faxinal do Salto, *esses de fora* foram os migrantes, genericamente demoniados de gaúchos, que chegaram na região a partir da década de 1980.

<sup>121</sup> Dona Bernardete (Faxinal do Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

faxinais. Nesse período, moradores/as faxinalenses vendiam suas terras para se mudarem para cidades próximas, pois as condições de sobrevivência nos faxinais também não estavam boas, já que a política agrícola do país também não os favorecia (RUPP e MARTINS, 2008).

Nas suas investigações Rupp e Martins (2008) observam que o primeiro conflito entre os recém-chegados e os já moradores ocorreram em relação às cercas. As cercas nas narrativas das mulheres são sempre dispositivos de discórdia. Dona Elizabete interpreta que essas contendas atravessaram os anos:

P: Qual a situação do criador comum no faxinal?

R: Pois daí não tem mais criador né. Acho que lá na frente tem animal solto, mas é acho que uns vizinhos que fizeram, sabe? Que ponharam tipo um mata-burro, sabe, e ficou, mas aqui no nosso lugar não tem mais nada. Aqui, pra falar a verdade, até galinha caiu quase do criador porque daí quase todo mundo planta aí em roda das casas, né e tem casa que não tem cerca. A pessoa vai querer fazer um quintalzinho e as galinhas vão ciscar lá, já um vizinho com o outro estão se ruscando, já dá complicação.

P: E o que a senhora acha que aconteceu pra chegar nessa situação?

R: Porque ninguém queria cuidar das cercas, né. Ninguém quis mais cuidar das cercas. Porque quando eu casei tinha porco, essas coisas, tudo solto, daí ninguém quis mais cuidar. Eles repartiram, sabe, cada um cuidava da cerca do seu terreno e daí teve gente que já não quis cuidar mais e daí foi caindo a cerca, os porcos iam entrando na roça e a turma ia matando um porco do outro, fizeram terminar e daí terminou...<sup>122</sup>

As desavenças em virtude, tanto da cerca circundante quanto dos cercamentos individuais, desarticularam o modo de viver das pessoas e levou vários faxinais à extinção. Rupp e Martins (2008), estudando essas questões no município de Rebouças, selecionaram dois faxinais como objeto de análise: Saltinho (primeiro a ser extinto) e Barra dos Andrades (cujo conflito foi levado à justiça):

O Faxinal do Saltinho, localizado aproximadamente seis quilômetros de Rebouças, acabou no início dos anos 1980. Isso ocorreu após a chegada de uma família gaúcha, que introduziu novos implementos e técnicas agrícolas, passando a usar terras do faxinal para grandes plantações – o agronegócio – com uma agricultura mecanizada, como mencionam José Santos e José Cordeiro. Com isso as terras do criadouro

---

<sup>122</sup> Dona Bernardete (Faxinal do Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09//2017.



diminuíram bastante e os moradores do Saltinho decidiram acabar com as cercas que são a base do Sistema, pois já não havia espaço suficiente para os animais. A comunidade de Barra dos Andrades, distante cerca de dez quilômetros da cidade, também deixou de existir, enquanto faxinal. Foram poucas as terras compradas pela família gaúcha que ali se estabeleceu, mas o lote ficava no centro do faxinal e muitos animais entravam em sua propriedade. Os que não foram mortos por envenenamento, foram torturados ou capturados pelo novo morador que, para devolvê-los, cobrava indenização dos donos. O fato causou grande revolta na população que levou o caso à justiça. Como o novo proprietário foi amparado por lei, os faxinalenses não encontraram outra solução, senão acabar com o faxinal para evitar conflitos (RUPP e MARTINS, 2008, pp. 86-87).

Na ocorrência de conflitos entre proprietários favoráveis e não favoráveis ao uso comum da terra, o aparato jurídico nacional não beneficia a continuidade da prática de criar em comum. No caso da Barra dos Andrades, apesar de ser somente um proprietário contrário, ele foi amparado por lei, e devido a isso, o criador comum foi fechado terminantemente pelos demais moradores e proprietários. Num município pequeno como Rebouças esse fato repercutiu nas demais comunidades de faxinais, inclusive no Faxinal do Salto, causando insegurança e medo, pois ficou evidente que a justiça legal não respaldava, nem assegurava o seu modo de viver e criar animais.

A lei que os autores fazem referência diz respeito a uma interpretação do Artigo 588 do Código Civil de 1916<sup>123</sup>, que estabelece que as criações devem ser cercadas e não as plantações. Ele determina, também, que o proprietário cerque suas terras com quatro fios de arame e o animal que a transpor será considerado invasor. Essa interpretação ficou conhecida como “Lei dos 4 fios” ou “Lei do Pé Alto”<sup>124</sup>.

No caso dos faxinais, na interpretação do recém-chegado, esse modo de viver e criar animais representava atraso econômico e, por isso, a cerca circundante deveria ser eliminada e instituído os cercamentos individuais, pois como apontou Nerone (2000), para o forasteiro, a

---

<sup>123</sup> Lei n. 3.071, de 1º de janeiro de 1916 - Código Civil; Capítulo II; Da propriedade imóvel; Seção V; Dos direitos de vizinhança do uso nocivo da propriedade; Do direito de tapagem. Art. 588. O proprietário tem direito a cercar, murar, valar, ou tapar de qualquer modo o seu prédio, urbano ou rural, conformando-se com estas disposições:

§ 2º. Por "tapumes" entendem-se as sebes vivas, as cercas de arame ou de madeira, as valas ou banquetas, ou quaisquer outros meios de separação dos terrenos, observadas as dimensões estabelecidas em posturas municipais, de acordo com os costumes de cada localidade, contanto que impeçam a passagem de animais de grande porte, como sejam gado vacum, cavalos e muar.

§ 3º. A obrigação de cercar as propriedades para deter nos seus limites aves domésticas e animais, tais como cabritos, porcos e carneiros, que exigem tapumes especiais, cabe exclusivamente aos proprietários e detentores. (Redação dada pelo Decreto do Poder Legislativo nº 3.725, de 15.1.1919).

<sup>124</sup> Na década de 1980, por exemplo, o legislativo de muitos municípios baianos, apoiado no judiciário, privilegiou os interesses dos grileiros/latifundiários ao embasarem-se no Código Civil de 1916 (artigo 588), que se transformou no subsídio legal que faltava para desarticular a lógica do sistema produtivo das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. Cabe salientar que cada município fez cumprir a Lei de acordo com o campo de força configurado naquele momento histórico, ora por decreto do Juiz da Comarca Regional, ora por lei municipal.

cerca representava um obstáculo ao progresso e era necessário romper com essa tradição a qualquer custo. Dessa forma, ocorreu uma passagem da sociologia das cercas (Carvalho, 1984, p. 17) para um regime de cercas (Marin, 2009, p. 215), cujas principais características são a apropriação individual de recursos naturais (bebedouros, nascentes) e a presença de um proprietário, e sua tipologia contempla cercas elétricas, cercas com palanques de pinus tratado ou de concreto com 8 ou 10 fios de arame, seja farpado ou liso.

Não que houvesse harmonia completa antes da chegada dos chamados *de fora*, os conflitos em virtude das cercas já existiam anteriormente. Moradores antigos do Faxinal do Salto, por exemplo, têm em suas memórias essas desavenças: a invasão das plantações e discussões entre vizinhos (proprietários e usuários) ocorriam, mas os desfechos não comprometiam o uso comum da terra, nem a prática de criar animais à solta.

Como vimos, as décadas de 1960 a 1980 são significativas para compreender o processo de encurralamento e expulsão de faxinalenses do seu lugar de vida. Entretanto, se por um lado ela assinala a presença dos *recém-chegados* – portadores de racionalidades diferentes daquelas dos moradores e moradoras dos faxinais – por outro, marca a fagulha de um processo de resistência organizado<sup>125</sup>.

No caso do Faxinal Rio do Couro, Dona Bernardete interpreta que essas novas presenças e suas racionalidades trouxeram mudanças no lugar e na forma de produzir agricultura e malefícios: a inserção dos cultivos de soja e fumo e a introdução do uso de agrotóxicos. Durante a entrevista, onde o foco era investigar as percepções de Dona Bernardete sobre as transformações no Faxinal Rio do Couro, ela narra a respeito do processo de transição, particularmente na agricultura do lugar:

P: Com relação à agricultura, o que a senhora acha que mudou?

R: Ah, mudou muita coisa, pois agora não plantam feijão, não plantam mais nada, é só fumo e mais nada, só fumo. Antigamente era de tudo. Tinha que trabalhar o dobro, mais, agora que é só esses fumo, não tem como fazer uma lavoura, é muito caro os negócios de comprar, adubos, veneno, essas coisas, daí viro soja também, quem pode planta soja, aluga os pedaços de terreno pra plantar soja. Nós só lidamos com fumo.

---

<sup>125</sup> No Faxinal do Salto, em dezembro de 1988 é formada a Associação dos Moradores do Quarteirão do Salto, cuja finalidade seria mediação de conflitos internos e externos referentes a esse território. As primeiras discussões realizadas após a instituição da Associação e de seu Estatuto estavam relacionadas à importância e necessidade do trabalho comunitário (principalmente aqueles relacionados à manutenção das cercas e estradas) e o infortúnio dos cercamentos individuais. (Livro de Atas da Associação de Moradores do Quarteirão do Salto – Município de Rebouças – Livro aberto em 11 de dezembro de 1988). Um outro aspecto é o fato de que, no início da década de 1990, quando conflitos se acirram, moradores manifestaram interesse em registrar o criadouro comum, projeto concretizado em 1992.

P: A senhora pode comentar sobre a entrada dos agrotóxicos no faxinal?

R: Isso já faz tempo, né, mas era pouquinho, que começou entrar veneno, o que que faz? Uns 40 anos, 50, mas era pouquinho. Quando começou mudar o tipo de plantação, começou com soja, daí virou só veneno, eu não sabia que a soja tinha tanto veneno... veneno.

P: O que a senhora pensa a respeito do uso de veneno na plantação?

R: Meu deus do céu, que nem soja, plantam aqui pra trás... o dia que ele passa veneno, outro dia eu dormi um dia e meio e não sabia o que era, pois era o homem que tinha passado veneno ali, eu tava pra fora e não me toquei, mas me queimou tudo a boca, meu deus, me dava uma febre. É muito pertinho, o vento traz.

P: E se usa bastante aqui dentro da comunidade?

R: Bastante. Você não vê de soja que tem nesses pedaços aqui? Saia lá pela BR pra você vê, é só isso e mais nada<sup>126</sup>.

Os recém-chegados na região, geralmente, pressionavam para a extinção do criador comum e, conseqüentemente, o aproveitamento das terras para grandes plantações, adotando novos implementos e técnicas agrícolas, além de introduzirem novas espécies de cultivo, como citaram Rupp e Martins (2008). Logo, a policultura de subsistência e as relações envolvidas nela são enfraquecidas, passando a predominar os cultivos associados ao agronegócio. A introdução do fumo entre os faxinalenses revela que a intrusão do agronegócio não vem apenas pelos “de fora”, mas vem também “de dentro”, pois o impacto da modernização capitalista atinge a todos.

Percebemos na narrativa da entrevistada a permanência da dificuldade e do *sofrimento* para as camponeses/as desse faxinal. Em diferentes momentos, diante de diferentes transformações, a ideia de sofrimento é mantida. Antes, havia o sofrimento pelo trabalho duro na lavoura, agora existe a violência causada pelo que denomina de *veneno*. Esse novo tempo está diretamente relacionado ao *tempo do desnorteio*, nos termos de Dona Bernardete.

#### 4.3 O tempo do desnorteio

P: A senhora comentou sobre o trabalho também.

---

<sup>126</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

R: É, não podia cortar uma árvore pra fazer uma cerca que nem cortavam bracatinga, cortavam essas madeiras do mato pra fazer cerca, tudo... ah, daí proibiram cortar tudo, não deixam cortar nada, vão fazer o que? Faziam aquelas cercas de frechame, né. Aquelas de frechame era tudo tirado do mato as madeiras, daí veio uma lei que não podia cortar mais nada e o povo não podia comprar arame, nada. Daí se obrigaram a ir fechando, terminando, vendendo. Eu não sei porque pra morar no mato, que nem nós aqui que estamos morto né no mato, não deixam derrubar uma árvore, quer murtá. Dá até medo de cobra, bicho que entra nas casa... só mato.

P: Precisa de liberação para cortar...

R: Precisa né. E porque só aqui nós fica num matarel desse, noutra parte não tem. Eles pensam que não é perigoso esses matos, meu deus do céu. Antigamente que era tudo limpo, podia sair sozinho, não tinha perigo nenhum, agora se ....

P: A terra de vocês tem bastante mato?

R: Pois tem mato, nós temos 6 alqueires que é só mato.

P: Mato fechado? É Área de Reserva Ambiental?

R: Reserva nada, porque era no faxiná, daí não podia limpar um pouco de roça... perdido...estão assim, sem valor nenhum, vai fazer o que?

P: As pessoas ficaram meio sem opção?

R: Pois ficaram assim, *desnorteados*, só esse fumo, quem tem os pedacinho pra plantar fumo, pedaço de mio pras galinhas, não pode limpar nada. Oia, que nem esses seis arqueires que nois tinha lá, podia limpar bem pra fazer lavoura né, não deixam.

P: É área de proteção ambiental, então.

R: Não, pois é assim, fechado também, tá fechado, só porque tem mato. Mato não, não é mato fechado, essas árvores brancas<sup>127</sup>.

O que apreendemos da narrativa da Senhora Bernardete é que a causa da modificação da paisagem não é somente a chegada dos *de fora* e de sua racionalidade, são também as leis ambientais que proibem a derrubada de matas, reduzindo a área de plantar. Um outro aspecto de sua narrativa são as complicações causadas em virtude das cercas. Na sua interpretação, as leis proibem o corte de árvores, o que compromete a construção e manutenção das cercas e,

---

<sup>127</sup> Dona Bernardete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2017.

por outro lado, há falta de recursos para adquirir arame farpado. Na fotografia abaixo, temos um modelo de cerca antiga, feito a partir de madeiras e adaptado com arames farpados:

**Fotografia 38:** Cerca circundante de madeira com fios de arame, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2019.

Nos faxinais, a cerca circundante é o elemento que garante o uso comum da terra. Essas cercas eram construídas e mantidas a partir do trabalho coletivo, após sua construção cada família ficava responsável pela conservação de uma porção de sua extensão total. Essas cercas, ao longo da história foram sendo construídas de várias formas e diversos materiais, determinados pela época e lugar.

Conforme Toledo (2008), inicialmente a passagem dos animais para as terras de plantar era vedada por uma grande vala com aproximadamente três metros de profundidade, aberta ao redor de todo o criadouro comunitário. Entretanto, as dificuldades que esse serviço proporcionava, aliadas a abundante presença de araucárias nas florestas, optou-se pela chamada cerca de frechame (TOLEDO, 2008, p. 112).

Para as cercas de frechame era necessário desdobrar árvores, principalmente de imbuia, com machados e/ou cunhas de madeira, fazer os paus e colocar nos vãos, entre dois

mourões<sup>128</sup>, preenchendo-o na horizontal, sem reforço de pregos. As toras de imbuías eram partidas em duas e até quatro vezes e as melhores eram as escolhidas para fazer a cerca. Após a chegada do arame farpado, a cerca de frechame sofreu modificações, fazia-se meio metro de *frechame* e três fios de arame por cima. A parte inferior, de *frechame*, impedia a passagem das criações miúdas, como porcos cabritos e carneiros, e a parte superior, de arame farpado, impedia a passagem das criações graúdas, cavalos e gado bovino (CARVALHO, 2015).

A cerca era, e ainda é, um elemento vital para os faxinais, independente da dificuldade para construí-la ou mantê-la, ela precisa ser feita e reparada, pois sem cerca circundante não há criador comum. A dificuldade advinha de não existir o arame, entretanto havia grande abundância de imbuías, madeira de lei que aguentavam vários anos na cerca sem precisar de consertos. Depois da introdução do arame é que surge a cerca de frechame na vertical, para os animais pequenos, economizando a metade do serviço. Posteriormente, as cercas passaram a ser de oito fios de arame, se utilizando dos últimos frechames que ainda restavam das antigas cercas todas feitas de imbuía, o arame farpado significou diminuição de muito trabalho (CARVALHO, 2015).

Entretanto, como percebemos no relato de Dona Bernardete, apesar das adaptações históricas nas cercas, o acesso ao arame farpado era limitado por questões econômicas. Esse fato, aliado a chegada de proprietários de fora, acabou por desenhar um quadro desfavorável à manutenção das famílias faxinalenses e de seu modo tradicional de viver e se relacionar com a terra. Ficaram *desnorteados*, desorientados. A forma consuetudinária de plantar e criar animais declina.

A modificação da forma de utilizar as terras ocasionava cercamentos no criador, realizados principalmente por médios ou grandes proprietários, por conseguinte, usuários e pequenos proprietários ficaram sem condições de criar e manter seus animais à solta, haja vista a redução das áreas de pastagens, aguadas e demais recursos naturais.

No faxinal Rio do Couro, a cultura do fumo conquistou espaço, se tornando uma opção aos/às moradores/as, acompanhando o movimento econômico da região. A penetração do fumo em Irati ocorre no momento em que a Companhia Souza Cruz – Indústria e Comércio, iniciou seu processo de expansão pelo Sul do Paraná, em 1960. Em 1962, chegam ao município os primeiros funcionários da empresa que atendiam Irati e municípios vizinhos (Rio Azul, Prudentópolis, Imbituva). A estagnação econômica da região sul do Paraná e o grande número de minifúndios garantiriam força de trabalho que a empresa poderia dispor

---

<sup>128</sup> Palanques robustos colocados na vertical, onde eram encaixadas as lascas de madeira desdobradas.

gradativamente. Inicialmente, os colonos aceitavam com muitas reservas as propostas da Empresa fumageira, entretanto, ao longo dos anos, essa desconfiança se dissipa (CRAVO, 1982).

Nos primeiros anos, apesar de todo empenho da empresa, os plantadores eram apenas 10 ou 15 em todo município. A partir de 1965/66, um número maior de colonos passa a aceitar com mais confiança a fumiicultura, justamente pelas dificuldades que envolvem a agricultura de produtos alimentícios. Toda a região, não só o município estava em franca estagnação econômica, porém gradativamente, o fumo foi ganhando terreno. O processo foi longo e oscilante, todos os anos uma pequena porcentagem (entre 5 e 10%) de colonos abandonava a lavoura de fumo. Entre outros fatores, o mais significativo é a escassez da força de trabalho familiar (filhos casavam-se e migravam para a cidade) (CRAVO, 1982, p. 89).

Em 1975, uma nova empresa de fumo, a Tabacos Blumenau – incorporada logo depois à Tabacos Brasileiros Ltda – passa a atuar na região Sul do Paraná, gerando concorrência e disputas com a já estabelecida Souza Cruz. A política da recém-chegada era arrebanhar os plantadores da Empresa Souza Cruz, já que estes já tinham experiência na fumiicultura. Como medida para tal, para atrair clientela, a Tabacos Brasileiros Ltda. lançou mão de mecanismos que supostamente favoreceriam produtores, como adiantamentos no início e final da safra, além de ser menos rigorosa na classificação do fumo, o garantiu a transferência de clientela, ganhando terreno nos anos finais da década de 1970, quando as duas empresas tiveram crescimento acelerado no número de plantadores (CRAVO, 1982). Esse fato indica que foi nesse momento que a fumiicultura se consolidou em Irati e municípios vizinhos.

Um outro aspecto relevante diz respeito às mudanças nas paisagens: as empresas fumicultoras forneciam orientação técnica para que as propriedades tivessem suas próprias áreas do que denominavam *reflorestamento* – seus diretores alegavam que o objetivo era conservar o solo e assegurar reserva florestal – assim forneciam gratuitamente sementes de mimosa bracatinga e eucalipto visando garantir lenha para alimentar as estufas no período de secagem do fumo.

Desse modo, além das plantações de tabaco, outros monocultivos penetram nos faxinais e modificam a forma de produzir e se relacionar com a terra e o lugar. Essa mudança de racionalidade pode ser vista nas paisagens.

#### 4.4 Paisagem mosaico e Paisagem homogênea

Os povos tradicionais do Brasil, entre eles os faxinalenses, como vimos, têm vivido um longo processo de conflitos no âmbito da manutenção do território, da preservação ambiental e da conservação do patrimônio imaterial. Assim, suas práticas agrícolas – que são também produtoras de paisagens – expressam suas constantes batalhas contra a homogeneização dos monocultivos. Dessa forma, essas práticas de produção agrícola não devem ser vistas apenas como técnica, mas como processos atravessados por dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas. Assim, de acordo com Giraldo (2018, p. 79):

Para as populações camponesas, fazedores de paisagens agrícolas, o caminho passa por perceber, sentir, pensar e localizarem-se de forma significativa no mundo através de uma maneira muito particular de classificar e experimentar o real, embora nem sempre seja possível pode traduzi-lo em um discurso racional (Leff, 2014). Essas paisagens estão corporificadas em atos, de acordo com condições e relações históricas, de um grupo humano que se transformou em si mesmo ecossistemas e inventar habitats, por exemplo, na forma de terraços, acahuales, pomares, milpas ou camellones.

A partir disso, dizemos que a dinâmica e a diversidade das práticas agrícolas faxinalenses não podem ser lidas como estagnação ou atraso. Ao contrário: uma observação importante a fazer é que elas, bem como a produção que daí resulta, representa, segundo Ploeg (2008, p.42-43), “um de seus principais campos de batalha, na qual eles constroem, reconstroem e desenvolvem uma combinação de recursos específica, equilibrada e harmonizada”.

Segundo Schörner e Almeida (2018) paisagem não é o que se vê, mas o que se constrói, se destroi, se sente e se lembra. A produção da paisagem pelo camponês é vista “como ato de suas práticas a partir das quais ele mobiliza as proporções, as escalas, os ritmos, as cores, as sombras e as luzes”(Deffontaines, 2006, apud Floriani, 2011, p. 85). Dessa forma, as camponesas e camponeses são também produtores de formas, de uma linguagem visual da agricultura que resulta na maneira pela qual pensa sua atividade e a sua relação com o meio ambiente.

Assim, por um lado, as paisagens da monocultura expressam um regime de verdade do agronegócio, de forma que paisagens agrárias se convertem em espaços hegemônicos marcados por linhas retas e por figuras quadrangulares, ou seja, se transformam em uma ruralidade industrializada, o que chamamos de paisagens hegemônicas.

Por outro lado, as tradições técnicas das economias camponesas são atravessadas por elementos que indicam uma maneira de perceber, sentir, pensar e ligar-se com o mundo de



acordo com suas atividades cotidianas. Isto é, uma continuidade entre o ser, o fazer e o conhecer que implica em construir paisagens mosaico.

**Fotografia 39:** Criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

Aqui, observamos uma imensa aguada, animais criados soltos, algumas casas e vegetação típica do criador comum dos faxinais. Podemos observar também, mais ao fundo, algumas plantações de eucalipto, indicando a presença de monocultivos. Em alguns faxinais, nas terras de plantar, a diversidade na paisagem também se manifesta<sup>129</sup>.

**Fotografia 40:** Exemplo de terras de plantar, Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul/PR.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2015.

---

<sup>129</sup> Contudo, no caso do Faxinal Rio do Couro e no Faxinal do Salto as terras de plantar, em sua maioria, tomadas por plantações de pinus, eucalipto e soja, avançaram em direção ao criador comum.

De modo geral, a territorialidade específica das comunidades de faxinais apresenta a prática de uma agricultura tradicional (plantação sem veneno, sem agrotóxico), contrariando a lógica do agronegócio que exige terras planas e baixas, as plantações são realizadas nas partes altas. O cenário é delineado. As terras de criar do Faxinal do Salto, dispostos na área baixa e plana, onde se localizam as moradias e são criados animais à solta, desvelam uma paisagem marcada pela pluralidade de elementos. Devido a suas características ambientais, os faxinais apresentam-se ricos em recursos hídricos, fauna e flora, configurando, portanto, paisagens mosaico.

A paisagem mosaico, segundo Schörner (2017), é um tipo específico de paisagem que expressa formas diversas, cheiros, sabores, cores, memória, esperanças e orgulho por parte de quem a pratica em sistemas agrícolas tradicionais que foram/são caracterizados pela diversidade de culturas adaptadas a locais e ecossistemas específicos.

As fotografias abaixo, por exemplo, nos permitem identificar a transição – em andamento – das paisagens no Faxinal do Salto, tanto no criador comum quanto nas terras de plantar.

**Fotografia 41:** Da mata nativa ao monocultivo, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

**Fotografia 42:** Vista panorâmica do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

Nessa fotografia, mais panorâmica, é possível verificar casas, um pequeno córrego e mata nativa. Contudo, vemos que o criador comum vai dando, cada vez mais, lugar aos monocultivos exóticos, como vemos na parte superior da imagem. Observamos, diante disso, que os monocultivos de eucalipto, soja e pinus, e algumas plantações de fumo, comprometem a manutenção de nascentes, essenciais à criação de animais e da reprodução de seu modo de vida.

As fotografias seguintes permitem olhar mais de perto os cercamentos individuais no criador comum.



**Fotografia 43:** Monocultivos e fechos individuais no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 44:** Vista panorâmica do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 45:** Área de lazer e monocultivos no Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 46:** Cercamentos individuais no criador comum do Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Vemos nessas imagens o alcance dos cercamentos individuais no criador comum. Lugares abertos onde animais podiam se alimentar e ter acesso à aguadas, agora estão

fechados, em diversas porções do criador, o que resta livre para circulação dos animais são as áreas próximas às estradas. Um outro aspecto é que os monocultivos avançam para as laterais das casas, reduzindo área dos quintais e diminuindo a distância entre pessoas e agrotóxicos. Essa nova ordem de organizar a paisagem, naturalmente, traz, entre outras consequências, mudanças às economias locais e reduzem o caminhar das mulheres pelos faxinais.

As paisagens, enquanto expressões da ação humana projetadas no espaço, revelam as opções, as contradições e disputas que deixam marcas nos territórios. Frequentemente, as ações estatais têm favorecido a exploração das riquezas naturais pelo capital financeiro, levando à degradação e à homogeneização das paisagens em detrimento da manutenção, reprodução e melhoria dos modos de vida de camponeses, povos e comunidades tradicionais (FÁVERO, 2014). No Brasil, é evidente o dilaceramento ambiental, social e econômico provocado por essa opção. Esse aspecto é indicado pela imagem seguinte.

**Fotografia 47:** Plantação de eucalipto no Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2017.

Essa fotografia manifesta, em partes, os significados de uma *paisagem homogênea*. Ela está relacionada à propriedade e é centrada na propriedade capitalista, onde a sua efetividade reside na estética, que expressa a capacidade tecnológica de produzir um espaço ordenado de acordo com a ortogonização do projeto da agricultura industrial, na produção de espaços de acordo com a geometrização e disciplinarização da natureza (GIRALDO, 2018).

Segundo Shiva (2003), elas são lugares onde, através da intervenção mecanizada, uma paisagem mosaico é transformada conforme a imagem fabril procedente da indústria. Já para Giraldo (2018), essas paisagens agrárias se convertem em espaços homogêneos com um marcado predomínio da linha reta e de figuras quadrangulares próprias da geometria euclidiana. Dessa forma, a ruralidade industrializada termina sendo um registro estético da ortogonal arquitetura urbana, de modo que os ecossistemas caóticos, na ótica do capital, vão sendo mutilados e ordenados geometricamente por aparatos mecânicos que os aplainam, delimitam e os funcionalizam em claras porções aráveis, controláveis, para assegurar divisas segundo os desígnios da valorização econômica e da cobiça da civilização capitalista.

Dito isso, defendemos a ideia que de o quintal se coloca como resistência a esse modelo de ruralidade e sua racionalidade. É o que veremos no próximo capítulo.



## 5 PODE O QUINTAL SER RESISTÊNCIA?

### 5.1 Bordar formas na terra

As monoculturas, antes de serem transferidas para o solo, ocupam primeiro a mente (SHIVA, 2003, p. 17), as monoculturas mentais geram modelos de produção que impactam a diversidade e legitimam a destruição baseadas na concepção de progresso. Segundo a perspectiva da mentalidade monocultora, a produtividade e as safras parecem aumentar quando a diversidade é eliminada e substituída pela uniformidade.

Nos faxinais, como vimos, as monoculturas, em maior ou menor grau, modificaram o modo de viver e de se relacionar com o lugar de morada, implicando em transformações evidentes nas paisagens tanto no criador comum quanto na área de plantar. E os quintais, como eles se situam nessa discussão?

As mulheres estampam formas/paisagens na terra a partir dos quintais, que se constituem em mosaicos mutáveis – em constante transformação. As influências para esse dinamismo nos quintais, além de serem diversas se ajustam entre si de incontáveis maneiras. Essa combinação fluída e incomensurável de fatores, decorrentes de práticas coletivas, impulsiona a criação de um *padrão de manchas* na paisagem envolvente, em processo de alisamento e homogeneização, como vimos no capítulo anterior. Tais *manchas* são importantes reservas estratégicas de material genético (motores de diversidade botânica) e de saberes.

Essas categorias de paisagens constituem importante estratégia de resistência ao modelo homogeneizante de agricultura à medida que se contrapõem ao empobrecimento sistemático que a agricultura vem sofrendo. Essa proposição será aprofundada abaixo a partir das fotografias de diferentes quintais e das narrativas das mulheres responsáveis por seu cultivo e cuidado, como Dona Elizabete, Dona Josefa e Dona Olga.

### 5.2 Os quintais de Dona Elizabete

Elizabete Chilia Longato tem 53 anos, mora na residência há 33 anos, desde que se casou. Quando veio morar ali já havia um quintal, que segundo ela, era “bem pequenininho”. Logo, ele foi ampliado e mais outros dois foram construídos por ela. Cada um dos três quintais possui área, densidade e cultivos distintos. Eles nos proporcionam uma importante experiência de análise.



Com astúcia, ela os organizou. Aos fundos da casa, próximo a uma das portas da cozinha, planejou e construiu um quintal menor, em relação aos outros, onde predominam folhosos verdes, brássicas, temperos, flores e algumas poucas ervas medicinais. Se “*tá chovendinho, você vai colher uma verdura ali né*”<sup>130</sup>. É uma *despensa natural* (Oakley, 2004) onde ela recorre diariamente para preparar as refeições para a família.

**Fotografia 48:** Quintal de verduras de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

---

<sup>130</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

**Fotografia 49:** Vasos de flores no quintal de verduras de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



Fonte: Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 50:** Repolho e erva doce no quintal de verduras de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



Fonte: Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.



O segundo quintal situa-se ao lado esquerdo da residência. É amplo e ocupa uma área extensa, onde destacam-se uma diversidade de árvores frutíferas, vasto cultivo de diferentes variedades de couve, abóboras, algumas plantas medicinais, flores, entre outros.

Nesse lugar, se encontra a chamada “banheirinha” – onde Dona Elizabete faz a semeadura das sementes, que após cuidados específicos como regas e controle de sombreamento, crescem e são transplantadas para o solo em formas de mudas – e o reservatório de compostagem orgânica, onde é preparado uma substância propícia ao crescimento das plantas: o *adubo*, como ela diz. Ele é feito por meio de compostagem de elementos orgânicos, como resíduos vegetais, folhas secas e fezes de animais, que sofrem decomposição.

**Fotografia 51:** Vista mais ampla do quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 52:** Quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 53:** Diversidade no quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.



**Fotografia 54:** Local de produção de adubo no quintal 2 de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

Nesse quintal que se encontra também o pomar, as verduras e legumes, em maior quantidade e o reservatório de *adubo*. No chão, onde é cavado um buraco, as fezes do gado, recolhidas por Dona Elizabete, são misturados à folhas e gravetos secos de árvores e armazenados por determinado tempo. A gramínea verde, brotada a partir do esterco do gado, esconde o adubo. Sempre que necessita, ao fazer um novo cultivo, a mistura resultante do esterco e sedimentos é transportada e utilizada para a adubagem da terra que receberá a nova planta. De acordo com Dona Elizabete, é uma terra fofa e potencialmente rica em nutrientes necessários à maioria das plantas que cultiva.

É próximo à casa que o solo tem melhor fertilidade, pois recebe todo o material orgânico que é proveniente das sobras de alimentos e também pela ciclagem de nutrientes das folhas de árvores que se decompõem. De modo geral, a produção dos quintais é feita a partir da utilização de insumos internos produzidos no próprio local de produção como: folhas de árvores, palhadas, cinzas, esterco (aves e bovinos e outros). Galhos apodrecidos oriundos de podas de formação e podas produtivas. Nesse sentido, segue os princípios da produção agroecológica.

Todos esses insumos favorecem a ação dos organismos benéficos do solo melhorando a sua composição química, física e biológica. Dessa forma, as plantas que crescem neste ambiente são plantas saudáveis e terão uma boa produção. Com o ambiente diversificado e com várias espécies de plantas no mesmo espaço produtivo o ambiente colabora para que aconteça maior equilíbrio entre e interespécie, o que contribui para com o controle biológico (PEDROSA, 2016).

No terceiro quintal de Dona Elizabete, apenas mandioca é plantada – algumas mulheres o chamam de quintal, outras não. O lugar, relativamente amplo, se encontra do outro lado da estrada rural que atravessa a propriedade. É também um local de trabalho e de cuidado dela, que explica o motivo da existência desse quintal:

P: Ali, do outro lado, tem uma plantação. O que é lá?

R: É o quintal de mandioca. Só mandioca ali que eu planto.

P: E por que você planta lá do outro lado?

R: Por causa que não tem lugar, bem dizer, pra eu plantar ali. Por que daí mandioca sempre eu planto bastantinho né, daí se tivesse mais espaço eu plantava ali no outro<sup>131</sup>.

Na maioria dos quintais, a mandioca é cultivada em maior escala. Esse plantio mais amplo se dá por dois motivos: Primeiro, a mandioca é uma raiz largamente utilizada na culinária faxinalense. As raízes podem ser armazenadas para consumo de duas formas: através do congelamento, técnica pouco usual, e embaixo da terra, já que a mandioca é um alimento de armazenamento subterrâneo. É frequente a separação do quintal de mandioca do de verduras, pois a plantação ocupa bastante espaço em virtude do sistema de cultivo que consiste na divisão do terreno em três partes. Em uma delas terá ramas novas em brotamento, na seguinte a mandioca estará em desenvolvimento e outra parte em desenvolvimento avançado, pronta para o consumo. A partir desse sistema de rodízio garante-se que esse tubérculo nunca falte.

Segundo, a mandioca serve de alimento também para animais. A raiz era, anteriormente, apenas complemento à alimentação para animais criados soltos, pois a fonte principal de nutrientes era a grama e os frutos oriundos do criador comum (como pinhão, guabiroba, entre outros). Entretanto, com o processo de cercamentos, mandioca, abóbora e

---

<sup>131</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

repolho se tornaram fontes principais de nutrientes, principalmente para suínos, criados fechados em mangueirões<sup>132</sup>.

Elizabeth prossegue narrando a respeito dos motivos que determinaram os arranjos e disposição dos seus quintais:

Por que que nem esse aqui ficou perto da casa, né. Ele era bem mais pequenininho, depois nós aumentamos e como diz, ali porque é pertinho da casa, né. Tá chovendinho, você vai colher uma verdura né. E daí ali também, tinha uns pés de fruta lá e daí depois eu fiz meu marido comprar tela e fechar, né, por causa das galinhas e tô plantando, porque como diz, eu gosto de lidar com as coisas<sup>133</sup>.

Há um fundamento na escolha do lugar de cada um dos quintais de Dona Elizabeth. O quintal 1, foi construído e mantido próximo à porta da cozinha em razão da facilidade de colheita dos alimentos. Logo, os temperos, legumes e verduras ali cultivadas são aqueles consumidos com mais frequência no cotidiano alimentar de sua família. Nesse quintal, predomina repolho, beterraba, pimenta, flores (em pequenos vasos alinhados na parede da casa) e alfaces. As qualidades distintas dessa hortaliça aliada às fases diferentes de produção, indicam que são largamente consumidas.

O quintal nº2, por sua vez, é um quintal maior, mais amplo, onde Dona Elizabeth produz as sementes. É onde encontra-se o pomar, com variadas espécies de laranjeiras, o poço com o adubo, a abundante plantação de couve, o paiol de ferramentas, algumas ervas medicinais, como camomila e boldo.

O quintal nº 3, é o quintal de mandioca. Somente essa raiz – podendo apresentar diferentes variações de tipos e qualidade – é cultivada nesse quintal. Nos faxinais, de modo geral, é comum encontrarmos mandioca plantadas em locais separados do quintal principal, algumas mulheres chamam esse lugar de quintal, como Elizabeth, outras não.

### 5.3 Os quintais de dona Josefa

Dona Josefa é moradora antiga do Faxinal do Salto. Devido à idade e aos afazeres domésticos, ela administra seus dois quintais em conjunto com seu esposo. O primeiro quintal é mais velho, acolhe a maioria das plantas, folhosos verdes, brássicas, temperos, erva mate, legumes, plantas medicinais, limoeiros, pessegueiros, laranjeiras, ameixeiras. Coexistem também plantas exógenas – como palmeiras, bananeiras, cactos – e flores: plantadas diretamente no solo, atadas às árvores, cultivadas em vasos, baldes, entre outros. Ele circunda

<sup>132</sup> Mesmo aqueles que possuem animais soltos no criador utilizam produtos dos quintais para nutrição animal, já que as cercas reduziram significativamente o local de pastagem.

<sup>133</sup> Dona Elizabeth (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2002.

a casa lateralmente e frontalmente, formando um desenho em forma de L. É Cercado por uma combinação de tela e madeira e a entrada se dá pelos fundos da residência.

**Fotografia 55:** Vista panorâmica do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 56:** Plantação de couve e espantalho no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.



**Fotografia 57:** Plantação de Melissa no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 58:** Pés de alecrim no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 59:** Aspecto do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



Fonte: Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 60:** Detalhes do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



Fonte: Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.



**Fotografia 61:** Vasos de flores e remédios no quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 62:** Quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

**Fotografia 63:** Fundos do quintal 1 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.

O segundo quintal, mais recente, se localiza na lateral do outro lado da casa, ali são cultivadas plantas específicas, como mandioca, repolho, ervilhas, pé de jabuticaba e árvores frutíferas e erva-mate. É um quintal mais “limpo”, pois são cultivadas poucas variedades de plantas e estas se encontram mais esparsadas, em comparação ao quintal número 1.



**Fotografia 64:** Aspecto do quintal 2 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 65:** Ervilhas brotando no quintal 2 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 66:** Pé de jabuticaba protegido no quintal 2 de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 67:** Lavanda e flores na entrada da casa de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

#### 5.4 O quintal de Dona Olga: a benzedeira

Dona Olga ou Olguinha, como é carinhosamente conhecida na comunidade, é moradora do Faxinal Rio do Couro, tem 78 anos e é benzedeira. É uma das poucas benzedeiros deste faxinal. Ela é sempre requisitada na comunidade e fora dela, inclusive realiza seus benzimentos e curas à distância, quando é solicitada por telefone.

Dona Olguinha costura rendiduras, faz benzimentos para “bichas”, para “susto”, faz arrumação, “arrumo, não massagem, arrumo, entende? Para aqueles que deram mal jeito, tirou o nervo fora, tava chutando bola e virou o pé, a rapaziada venham ligeiro aqui pra eu arrumar”<sup>134</sup>. Ela também faz defumações nas casas das pessoas que a solicitam, tanto na comunidade ou fora dela, quando a procuram e a levam até suas residências.

Para arrumar ela utiliza cremes, para seus benzimentos e costura ela utiliza linhas, tecidos, água, cera. As plantas medicinais do seu quintal ela utiliza, geralmente, como complemento às suas práticas de benzimento, recomenda e doa ervas para chás para crianças que cura de susto ou benze para “bichas” e àqueles que a procuram devido às machucaduras, torções, entre outros. Algumas plantas medicinais e flores também são utilizadas para a prática de defumação, que antes são benzidas pelo sacerdote católico em cerimônias específicas.

Seu quintal, que está sobre sua direção há cerca de 20 anos, é seu orgulho e sua “distração”, como diz. Ele já existia antes de sua chegada à casa, quando se casou.

P: Como a senhora chama esse lugar aqui em volta da casa?

R: É quintal, horta. Muita gente fala horta nas plantas de comida, e aqui é jardim, né. Eu vou comprar mais muda [de flor] agora quando eu ir pra Irati.

P: Quem escolheu o lugar?

R: Já existia antes, ele (marido) já existia, ele nasceu por aqui e se criou.

P: E antes de ter o quintal o que tinha nesse lugar aqui?

*Marido: tinha uns pés de fruta...*

R: Eu adoro flor, eu acho que a casa com flor na frente fica mais alegre. Parece que sem flor não tem graça. Olhe, eu tenho arruda aqui ó, artimija, alecrim, rosa, eu ganhei galho, plantei e foi embora [cresceu].

P: De onde vem as mudas, sementes?

---

<sup>134</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.



R: Eu ganho das vizinhas, nós vamos trocando...<sup>135</sup>

O quintal de dona Olga apresenta uma diversidade de plantas comestíveis, temperos, árvores frutíferas, mas destacam-se as flores e plantas medicinais e protetoras. Para entrar na sua casa é preciso atravessar parte do quintal. A sua configuração é peculiar: na entrada, aos pés do portão, encontram-se as plantas de proteção, em seguida, em frente a varanda estão as flores que se estendem para vasos nas paredes da casa e no interior da varanda, na lateral da casa encontram-se as plantas comestíveis, árvores frutíferas e o forno.

**Fotografia 68:** Aspectos dos “fundos” do quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

---

<sup>135</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.



**Fotografia 69:** Canteiro com flores no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Ancelmo Schörner, 2022.

**Fotografia 70:** Couve e pimentões no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 71:** Plantação de beterraba no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 72:** Entrada da casa de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Dona Olga lamenta que as coisas estão mudando no faxinal, que as pessoas não acreditam mais na prática de benzimentos e curas e no potencial das plantas medicinais, apesar dela ser procurada com frequência pela comunidade.

P: Tem alguma planta que precisa ser arrancada, tirada do quintal, dona Olga?

R: Não, planta não. Só depois que seca. Mato eu carpo, eu tiro tudo o que nascer de mato ali eu tô tirando, que nem um pouco de hortelã eu tirei porque hoje ninguém quase não pede, não dá pra criança. Eles vieram trazer criança pra benzer, eu falei: vocês tem de fazer o chá disso e daquilo porque o problema é assim e assado, né, mas não fazem.

P: Para criança então a senhora recomenda que tipo de chás?

R: Chá de... olhe tem aquele artimija que eu te falei é para dor de ouvido, aquele é um santo remédio...<sup>136</sup>

Essa descrença na eficácia de práticas populares de cura usando plantas medicinais, pode ser visualizada no quintal de Dona Olguinha, de certo modo. A hortelã (*Mentha spicata*) é uma planta medicinal bastante popular nos faxinais, devido às suas propriedades que ajudam a tratar sintomas digestivos como vômito, náuseas, má digestão. É considerada também um poderoso calmante, além de ser utilizado para tratar verminoses, particularmente áscaris lumbricoides, especialmente em crianças, as ‘bichas’, como chama dona Olga. *A hortelã acalma as bichas, faz elas descerem quando estão afogando...*<sup>137</sup>, como ensina.

Entretanto, as pessoas a procuram para realizar o benzimento de crianças, mas acreditam pouco na recomendação do chá que o acompanha, por isso, dona Olga tem reduzido a quantidade da planta no seu quintal.

### 5.5 As mulheres, os quintais e a seleção de espécies

Ao Longo do tempo, da história dos faxinais, as mulheres selecionaram espécies (é um legado feminino). As espécies que estão presentes nos diferentes quintais – compondo a sua paisagem – e na alimentação familiar são o resultado da habilidade de seleção das antecessoras. A seleção de espécies, como vemos nos quintais faxinalenses, não é algo cristalizado, mas sim um movimento dinâmico, aberto e sem fronteiras, visto que não é

<sup>136</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>137</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

circunscrito ao faxinal. As mulheres de hoje continuam habilmente selecionando plantas, decidindo o que entra, permanece e sai dos seus quintais. Essa seleção possui como base:

**a) Gosto particular.** A partir do gosto pessoal e familiar com relação às características sensoriais dos alimentos (sabor, textura, cor, cheiro), frutas, ervas medicinais, as mulheres selecionam espécies. Elizabete, por exemplo, não gosta de chicória e nem quiabo, logo ela não cultiva esse tipo de planta. Dona Josefa gosta dos *remédios* e Dona Olga tem preferência pelas *verduras*, que para ela são cruciais:

P: Algumas plantas a senhora falou que já tinha e outras a senhora escolheu trazer pra plantar aqui dentro, por que a senhora quis essas plantas?

R: Essas plantas de flor?

P: As de flor, os legumes...

R: Porque eu gosto, adoro saladas, pego repolho, gosto frito, salada. Adoro beterraba, pergunte pra ele, cheguei comprar beterraba porque a minha ainda não se formou ainda. Eu gosto muito de verdura. Eu não sei almoçar sem salada.

[...] De noite, eu faço só sopa, nós não comemos comida pesada pra de noite. Nós somos idosos, né, tem que comer uma coisa leve pra dormir, daí dorme sossegado, o estômago não fica cheio, né? Mas eu faço salada de alface, hoje eu fiz tomate com cebola, adoro salada, não sei ficar sem salada<sup>138</sup>.

P: E as frutas?

R: Nossa! Agora lá no quintal... tem ponkan, tem mimosa, tem laranja, tem limão, tem ameixa, ameixa de duas qualidades, essa aqui é da vermelha e aquela ali é da amarela, mas é boa ameixa, meu deus<sup>139</sup>.

Assim, a partir dos seus gostos particulares (que são também culturais, incluem questões etárias e de gênero), historicamente, as mulheres selecionam espécies de companhia e criam paisagens.

**b) Interpretação individual de beleza.** O senso do belo é um critério de seleção de espécies, pois é também a partir dessas noções particulares, que as mulheres selecionam espécies. Essa perspectiva estética está relacionada à idade, história de vida, condição econômica,

<sup>138</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>139</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

personalidade, entre outros aspectos. Dona Josefa e Dona Olga, por exemplo cultivam uma variedade maior de plantas medicinais e flores em relação à Dona Elizabete, que prefere legumes, verduras e folhosos, plantas para “consumo”, como afirma várias vezes. Dona Olga e Dona Josefa estão atentas às plantas medicinais e de proteção, conhecem suas funções e as julgam essenciais no cotidiano, seja para práticas de benzimento para derrubar/acalmar “bichas” ou colocar no chimarrão, para prevenir e curar doenças. Dona Elizabete, mais jovem que as duas, teve maior experiência escolar, participou de cursos e já experienciou a produção de alimentos em maior escala para venda em projetos, diz não ter “sorte” com tais plantas.

Quando pergunto a ela se tem em seu quintal plantas de proteção, ela diz: “Não...eu tinha de ter arruda, essas coisas, eu quase não tenho sorte para essas coisas. Eu tenho um pé de arruda que eu plantei ali, daí eu ganhei muda não sei de quem e plantei num vaso que está ali perto do portão, deve tá ali”<sup>140</sup>. O que indica como *falta de sorte* é, nitidamente, falta de interesse nesse grupo de plantas. Suas plantas ‘companheiras’ são os legumes e verduras, ela vê mais utilidade neles e se orgulha da sua capacidade de produção. Assim, ela se empenha em produzir bastante e plantas fortes, grandes, saborosas e nutritivas (sem agrotóxico, reafirma sempre).

Um outro aspecto é que a noção de estética para além de orientar a seleção de espécies, também define a disposição das plantas dentro do próprio quintal. Dona Olga privilegiou o plantio de flores e plantas protetoras/mágicas (alecrim, arruda, Espada de São Jorge) na entrada de sua casa. São espécies que saltam aos olhos ao adentrar em seu portão, já os legumes, verduras e folhosos foram dispostos mais para o interior do quintal e da porta que dá acesso à cozinha – que fica nos fundos da casa – mostrando a sua praticidade e discrição em relação às espécies comestíveis, já que recebe muitas pessoas em sua casa.

As plantas medicinais e mágicas, particularmente, o alecrim e as flores possuem um significado especial para Dona Olga. A narrativa abaixo é representativa:

P: Dona Olga, no quintal da senhora tem muitas plantas, tem alguma delas que é especial para a senhora?

R: De comer?

P: Pode ser qualquer uma delas.

---

<sup>140</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.



R: Eu gosto de alecrim, eu adoro planta de alecrim, por isso eu já tenho até dois pés, tinha três, mas um eu cortei ali, tava estrovando e gosto de amor perfeito, de cadeião.

P: E qual é o amor perfeito?

R: Esse aqui é o amor perfeito. Esse botãozinho... esse vermelho é petúnia, as do cadeião estão soltando as florzinhas, olhe!

P: Por que a senhora gosta dessas plantas?

R: Porque é bonita, deixa a gente alegre né. Olhe essa flor azul ali que floresceu, eu não plantei lá, é os passarinhos que trouxeram semente, eu nunca plantei, quando eu fui ver ali na frente tava cheio florescendo. E tem ali os pezinhos, eu vou carpir esse pedaço, tô deixando os pezinhos ali, quando afloresce azul fica coisa mais linda.

P: A senhora falou do alecrim que a senhora gosta. Qual é a história dessa planta?

R: Ah, esse aqui é muito antigo. O pessoal antigo tinha tudo isso aqui porque era só isso que eles usavam né, pra remédio, pra uma coisa, pra outra. Eu cheguei aqui tinha um pé, aqui tinha já um pé. Daí vou fazendo, eu pego e quebro o galho, três galhos, tudo que você vai plantar pegue três galhos, se um não pegar os outros pega<sup>141</sup>. Esta é a flor azul que nasceu espontaneamente em seu quintal:

**Fotografia 73:** Flor azul no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

---

<sup>141</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

As flores, particularmente, são dispositivos de sentimentos e memória para dona Olga. Talvez por isso, na capinagem prevista, ela já decidiu que não irá eliminar as flores azuis que ela não plantou, mas que chegaram, segundo ela, através do bico de passarinhos. O diálogo abaixo ilustra a capacidade de lembrar das flores:

P: Tem alguma planta aqui no quintal que lembra algum acontecimento da vida da senhora?

R: Olhe, flor me lembra muito minha mãe. Que minha mãe estava no hospital, quando saiu o médico disse: cuide Olguinha, médico de Irati, pode levar pra tua casa, mas ela não vai resistir, ela chegou depois do almoço, eu trouxe ela pra minha casa, de meia noite ela morreu, eu ainda dei uma xícara de leite que ela queria, daí ela morreu, meia noite ela morreu, na minha casa. Então para mim, quando eu vejo flor, eu vejo assim que...é, meu pai, minha mãe, plantavam aquelas arvorinhas que floresciam brancas lá perto da cerca, sabe, então faz lembrar do meu pai, eu lembro muito da minha mãe, e queria ter ela ainda, que muitos nem pensam mais, né. Isso lembra muito, sabe? A flor traz lembrança da mãe. Eu queria minha mãe hoje, perto de mim. O que muitos não valorizam a mãe<sup>142</sup>.

As espécies passam por rigorosa análise de dona Olga. Os pés de alecrim remetem ao *tempo dos antigos*, ao seu olhar, sábios na arte da cura de doenças físicas e não físicas. O alecrim fica pelo motivo de fazer parte da tradição dos *antigos*, de curar, proteger e ser belo. As pequenas e delicadas florezinhas dispostas em frente à varanda da casa são capazes de criar beleza e fazer lembrar, marcadores de critério de escolha de plantas do seu quintal e da continuidade daquelas que fizeram morada espontaneamente.

As plantas consideradas belas por dona Olga possuem lugar de destaque no quintal, e, para isso, estão calculadamente dispostas na chegada para que todos as vejam e para que ela mesma possa apreciar da sua varanda. Do mesmo modo, as plantas mágicas, particularmente aquelas com capacidade de proteção, como o Alecrim, Arruda, Espada de São Jorge, Guiné, são plantadas próximas ao portão que dá acesso à casa para que possam cumprir sua função de sentinelas. As plantas e os santos são a proteção de Dona Olga:

---

<sup>142</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

**Fotografia 74:** Dona Olga e o seu lugar de benzimento, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 75:** Lugar de benzimento de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 76:** Varanda da casa de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Para Dona Olga, a função de proteção e memória do quintal – e a diversidade resultante dessas combinações – não se limita ao lugar de fora, mas se estende para a varanda e o interior da casa. A varanda, lugar de descanso e ponto de observação das plantas, é lugar de transição entre o quintal e o lugar de benzimento. Nesses lugares de afeição, proteção e beleza coexistem o moderno e o tradicional. Os santos de proteção sobre a mesa e o telefone, útil para fazer benzimento à distância, indicam essa convivência de tempos e racionalidades. Do mesmo modo, flores artificiais e porcelanas ajudam a compor o cenário estético desses lugares.

Beleza e proteção se combinam na narrativa de Dona Olga:

P: Dona Olga, a senhora falou sobre as plantas protegerem a casa e seus moradores. Quais plantas do quintal da senhora possuem essa proteção?

R: Você plantando coisas assim, de alecrim, arruda, é uma proteção, sabe? Isso é remédio e proteção. Essas coisas, eu acho, porque sempre os antigos plantavam na frente da casa, sim. Era alecrim, arruda...essas plantas na entrada. Agora você entrar na minha sala, você vai ver, porque uma menina que veio de Campo Largo disse que minha casa é casa de boneca e o

padre disse: meu deus do céu, você ganhou até família sagrada. Esse eu ganhei de presente, porque eu benzo as pessoas e tenho bastante santos, sabe?

P: Então, os santos e as plantas ajudam na proteção?

R: Isso mesmo, isso aí... A proteção é bom assim, plantar que nem eu plantei.

P: E para mal olhado?

R: Mal olhado, eu faço defumação. Eu vou, venham me buscar, agora vieram lá de longe, uma caminhonete preta veio me buscar para mim ir fazer defumação na casa dela. Uma bruta de uma casa perto da igreja Ucrânia, lá no Pinhal Preto. E vou, quem vim me buscar, eu vou. Eu tenho oração de São Bento, né. Defumação para mal olhado, porque hoje em dia um compra uma caminhonete mais bonita do que outro e vai gente: nossa, que caminhonete! Tinha dinheiro para comprar? Já colocou zóio mal, você sabe né? Que olhado mal complica qualquer pessoa. Eu prefiro dizer: que bom que você comprou! Porque é uma palavra boa né. Eu sou assim...

P: Como a senhora faz a defumação? Faz na casa da senhora também?

R: Às vezes, eu fiz umas duas vezes já porque teve gente que se admirou das coisas né. Eu já fiz, mas é tudo com flor benta e um pouquinho de pó de café, um pouquinho de açúcar, sabe? Ponho e faço a defumação.

P: E acontece de alguém olhar mal uma planta da senhora ...?

R: Não. Não tem. É que você notou que chegam aqui e não veem as minhas plantas. Ali eu plantei pepino, já vai nascer ali, onde está virada a terra lá, eu plantei uns pés. A pessoa chega e olha nas flores<sup>143</sup>.

---

<sup>143</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

**Fotografia 77:** Vista mais ampla da casa e quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Ancelmo Schörner, 2022.

**Fotografia 78:** Detalhe do quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.



**Fotografia 79:** Disposição de plantas no quintal de Dona Olga, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Anselmo Schörner, 2022.

A narrativa de Dona Olga sinaliza negativamente para a hipótese de que a ordenação das plantas nos quintais se dá de forma desordenada, caótica. O seu quintal, ao olhar desavisado do recém-chegado, pode parecer um arranjo confuso e assimétrico devido à profusão de cores e formas. Entretanto, ao aprofundar nosso olhar e ouvir dona Olga, se percebe que a disposição dessas plantas é resultado de análise e ponderação em que há a incorporação de aspectos de sua visão de mundo, das ontologias do vivido.

Para cumprir sua função de lembrar e embelezar o quintal as flores devem ser plantadas em frente à varanda. Para proteger a casa e seus habitantes – e os demais cultivares – as plantas mágicas devem estar na entrada. As ervas medicinais, para o caso de necessidade e urgência, precisam estar próximas à entrada da cozinha, assim como os temperos, verduras de uso diários e contínuo. Dona Olguinha, devido as suas experiências, incluindo aquelas enquanto benzedeira, acredita não ser prudente colocar as plantas comestíveis nas proximidades onde transitam as inúmeras pessoas que chegam para solicitar ajuda em forma de benzimentos e remédios ou para visitá-la.

O senso de beleza também orienta a seleção criteriosa de plantas – e a própria distribuição delas – que faz dona Josefa em seu quintal.

**Fotografia 80:** Vista mais ampla do quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Perguntei se podia comentar a respeito de plantas do quintal especiais para ela. A narrativa que segue nos oferece um panorama para problematizar o senso de beleza que direciona suas escolhas:

R: Eu, de tudo as plantas que eu adoro aqui e acho bonito, planto a maioria por bonito, é a ervilha. Agora ela está miudinha, foi plantada agora esses dias, né. Fiz o Migué plantar agora esses dias, disse: plante as ervilhas, se não vamo perder as sementes dela, semente muito bonita e ela é de quase do final do inverno. Daí ele plantou porque ela dá um arvoredo muito lindo porque ela cresce, tem que envara, mas ela cresce só para cima e dá cada banhona desse tamanho, bem cheiona, sabe, quero que você veja. As crianças vêm, eles levam, eles colhem as bandejadas de ervilhas, desbrugam e levam as ervilhas para comer embora<sup>144</sup>.

---

<sup>144</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.



**Fotografia 81:** Plantação de ervilhas no quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

Ao se referir também aos motivos de ter em seu quintal vários pés de Espada de São Jorge, dona Olga diz:

P: A senhora falou da Espada de São Jorge, porque a senhora cultiva essa planta?

R: Essa espada de São Jorge maioria eu tenho ela e nunca deixo farta porque até um compadre procurou esses tempos, sabe por que? Ela é remédio pra machucadura...ponha de molho ela no álcool e daí deixa ela uns três, quatro dias pra passar na machucadura. É um tira com a mão [...] eu planto porque acho bonito, sabe, quando ele se faz naqueles vazão grande, ah, ele fica lindo porque faz aquela fiararinha por volta porque daí ele cresce, ele fica muito lindo. Eu uso por bonito<sup>145</sup>.

Para Dona Josefa, a beleza das plantas está associada à sua função, seja de lembrar, curar, prevenir doenças ou de nutrir.

Dona Elizabete, por sua vez, quando perguntei a ela sobre a relação entre plantas dos seus quintais e memória, rememora um evento singular: “Pois eu tenho um pé de fruta lá que

<sup>145</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.



sempre que eu vou lá me lembra que uma vez eu fiz um curso sabe, de terra assim, de fruta. Nós até fomos num lugar ali em Irati visitar plantação de moranguinhos, essas coisas e eu ganhei aquele pé de laranja, produz muito”<sup>146</sup>.

As flores, plantas medicinais e plantas mágicas não são o destaque do quintal de Dona Elizabete. As poucas flores que visualizamos estão dispostas, ordenadamente, em pequenos vasos na parede de fora da cozinha (dentro da cozinha, são os vasos de conserva que são ordenados/organizados cuidadosamente). Ela não fez referência espontânea à flores e plantas medicinais/protetoras em momento algum das entrevistas. Já legumes e verduras robustos foram constantemente lembrados afetivamente. Dona Elizabete, ao que parece, possui uma interpretação de beleza atrelada à alta produtividade das plantas.

**Fotografia 82:** Aspecto do quintal de Dona Elizabete, Faxinal Rio do Couro.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**c) Medo de extinção de espécies:** Dona Josefa possui muitas ervas medicinais em seus quintais. Elas frequentemente são incorporadas nas suas narrativas. Essas plantas são chamadas de *remédios* por ela devido ao seu potencial de cura de doenças, alívio de dores de diversas origens e proteção à saúde. Devido a isso, ela incorporou muitos tipos de plantas

<sup>146</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

medicinais em seus quintais, apesar de não ser benzedeira, há uma ampla procura da comunidade por seus remédios.

P: E as flores no quintal da senhora...

R: Agora estão feia as flor, pois eu já limpei ali porque agora vai chegar o tempo de plantar flor né. O mês de agosto é o tempo de florir o jardim né, e daí nasce e daí eu tenho semente pra samear. Eu vou limpando já que agora vai cair uma chuva e eu já posso samear as sementes né. E daí tenho vaso no quintal e tenho flor no quintal e é assim.

P: E quais os tipos de flor que a senhora tem aqui no quintal?

R: Eu tenho que nem assim, Lágrima de Cristo, tenho Espada de São Jorge, tenho Buchinho, sabe aqueles buchinho assim, que dá aquelas arvinha pequeninha. Eu tenho dessas, tenho aquela lá que eu tenho nesses vasos aqui, não sei como é que é o nome daquele, nossa o quanto que eu tenho...ai...remédio eu tenho alguns remédio, tenho hortelã, cidreira, nossa a quantia, tenho esses negócio de alecrim, tenho ponto alívio, cânfro, Marcela como diz marcelinha, deusolivre o tanto que o povo procura, marva antiga. Você não conheceu marva?

P: Não conheço, a senhora me mostra?

R: Sim, está ali. Tenho muito remédio e, como diz, eu gosto de cuidar dos remédios também **pra não acabar**. Tuda vida eu gosto de cuidar dos remédio pra num termina porque é bom ter, tenho bálsamo, esse bálsamo é muito bom pra dor de estômago, não conhece né?

P: Não conheço também...ele é remédio?

R: Noossa! Esses tempos minha filha tava com problema no estômago, daí um curador ensinou e ela veio pra cá e disse: Olha, que bom! Vamos levar Bálsamo, a mãe tem aqui, nós colhemos, é umas folhinhas gordinhas, assim, sabe, para mastigar ele e engolir só o sumo, tem alguns pé desse aqui.

P: E essas plantas medicinais a senhora usa no dia a dia?

R: Eu uso, nossa! Tomo no chimarrão, faço chá, tenho espinheira santa, espinheira santa eu tenho duas árvores, que é o tal do remédio e tenho, como diz bastante remedinho aqui em casa<sup>147</sup>.

---

<sup>147</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

Dona Josefa é uma grande conhecedora do poder de cura dos *remédios*, como chama. Sabe quais são bons para dor de dente, dor de garganta, dor de cabeça, picada de cobra, machucadura. Ela teme que os remédios acabem, por isso planta o máximo possível de variedades. Ela sabe do potencial de cada uma das suas *plantas remédios*, ela conviveu com eles; usa-os, já experienciou diversas situações em que eles ajudaram a aliviar o sofrimento de pessoas de sua família, vizinhos, desconhecidos, ouviu histórias parecidas de pessoas de sua convivência e, por isso, interpreta que, no futuro, se alguma espécie for extinta e desaparecer ela entende que trará prejuízos à comunidade e à sua família.

**Fotografia 83:** Plantação de Melissa no quintal de Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, agosto de 2022.



**Fotografia 84:** Entrada da casa de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia de Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 85:** Diversidade de plantas no quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia Marisangela Lins de Almeida, 2022.

**Fotografia 86:** Diversidade de plantas, ervas e temperos no quintal de Dona Josefa, Faxinal do Salto.



**Fonte:** Fotografia Marisangela Lins de Almeida, 2022.

A grande maioria das plantas medicinais e protetoras de dona Josefa estão espalhadas pelo interior do quintal, seja plantada diretamente no chão ou em vasos. Algumas, como Alecrim, Espada de São Jorge (cultivada também em vasos no quintal mais antigo), Arruda e Lavanda, encontram-se também na entrada da casa. Para evitar que qualidades desapareçam, ela cuida do maior número possível de variedades de *remédios*, intencionando manter a variabilidade de espécies.

A preocupação das mulheres com o desaparecimento de espécies vegetais move o selecionamento/triagem dos espécimes de cultivo. As ervilhas de dona Josefa, como vimos, devem ser plantadas no tempo certo, “*se não vamos perder as sementes*”<sup>148</sup>, “*essa Espada de São Jorge maioria eu tenho ela e nunca deixo fartá*”<sup>149</sup> Quando uma espécie se extingue do lugar, se estingue as possibilidades da comunidade se reproduzir (por isso a preocupação com a manutenção das sementes). Na interpretação das mulheres, plantas, animais e seres humanos constituem uma comunidade biológica que precisa ser mantida, porque junto à preservação de categorias de plantas, também se mantém vivo o fio com o passado, com os antepassados.

<sup>148</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

<sup>149</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.



Dona Olga faz questão de manter exemplares vegetais que os *antigos* usavam, por isso mantém pés de alecrim, arruda e Espada de São Jorge na entrada de sua casa. A origem dos seus pés de alecrim remete aos *antigos* do lugar. Ela não conseguiu muda, ele não veio de lugar algum, já estava ali quando ela chegou. Ela aponta para o alecrim e diz: “*Ah, esse aqui é muito antigo. O pessoal antigo tinha tudo isso aqui porque era só isso que eles usavam né, pra remédio, pra uma coisa, pra outra*”<sup>150</sup>. O alecrim é um fio, dentre tantas outras plantas do quintal, que conecta o presente ao passado, atualizando os costumes e os saberes tradicionais.

Dona Elizabete, por sua vez, guarda o maior número possível de sementes das espécies comestíveis que se distinguem das demais pela alta produtividade, tamanho e sabor. Interpretamos aí também desejo de preservar espécimes.

Ter suas próprias sementes é motivo de orgulho entre as mulheres. Perder a semente ou muda de determinada qualidade de planta implica em vulnerabilidade (nutricional, econômica e cultural). Para elas, a manutenção desse patrimônio genético é essencial para segurança alimentar e nutricional da família e da comunidade – esporadicamente, você pode não ter a espécie, mas se a vizinha ou vizinho tem, é garantia de acesso à semente e/ou muda.

Como vimos, os quintais faxinalenses são sistemas abertos. Esse sistema de manutenção e ampliação do patrimônio genético não tem fronteiras, pois não se resume apenas às trocas no interior da comunidade; pode ser também entre as diferentes comunidades de faxinais a partir de visitas, encontros institucionais (onde é comum a troca de sementes), pessoas que chegam de “fora” para visitar ou morar e trazem mudas/sementes diferentes das que já possuem e inclui também a compra de mudas e sementes nas agropecuárias da cidade.

P: De onde vem as sementes ou mudas das plantas do quintal?

R: Sempre quando não é tempo de nós samear aqui em casa, da nossa crioula que nós temos, nós compramos algum pouco na Casa do Criador, assim alface, alguma coisa que não tem, mas a maioria a semente é natural porque nós colhemos da semente que dá aqui em casa, secamos e guardamos pra samear depois e couve do mesmo jeito, couve dá semente, nós colhemos a semente e é moído, posto no sol e guardado pra fazer o cantero, maioria as mudas é natural por causa que a gente compra e maioria não é boa<sup>151</sup>.

---

<sup>150</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>151</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.



Como vemos, para dona Josefa, a compra de mudas ou sementes ocorre apenas em casos de necessidade – quando se esgotam as outras possibilidades. Além de não ser motivo de orgulho, pois fere a autonomia camponesa, correntemente o produto da compra é associado à baixa qualidade e produtividade. Essas sementes são apenas isso, não possuem história ou identidade. De acordo com a narrativa de Dona Josefa:

P: Com quem a senhora aprendeu a plantar, cuidar do quintal?

R: Sei lá, sabe, como diz, essas experiências eu tenho do meu pai, porque meu pai lutava com essas coisas assim, com verdura, sabe, até esses venenos que nós fazemos, o meu pai fazia e daí maioria eu aprender lutar com verdura, ponha esses esterco e plantar bem plantadinho e cuidar. O meu pai que tinha essa aula, daí aprendi também, com meu pai. Porque daí tem os tempos que a gente tem que plantar, aquela alface que você viu de dois tipos ali, tem a branca e tem aquela roxa que eu digo, mas ela não é roxa, ela é riscadinha, sabe. Aquela semente é *natural* e faz anos que eu tenho, eu colho a semente e daí sameio de volta e não perco a semente, veja, pois, aquela lá maioria é só com esterco que é bom e tem o tempo de samear, se samear pro verão não dá, pro verão ela cresce bem miudinha e fica bem dura as folhas de arface, não dá pra comer. Ela é do inverno. Essa ali é só do inverno, se samear agora não é tempo mais, até começar a fazer bem verão ela tá bonita, mas no que comece fazer verão ela já começa estragar. Cada planta tem um tempo certo<sup>152</sup>.

Manter a semente *natural*, manipulando-a ao longo dos anos e das estações, é sempre razão de apreço e orgulho, talvez porque no universo ontológico dessas mulheres, as sementes não são interpretadas apenas como unidades que contém informações para a geração de novas plantas. *Sementes naturais*, como traduziu dona Josefa, são carregadas de história, atravessam tempos e gerações, são constituídas de camadas de memória. Manipular sementes exige aprendizado, humildade para aprender com os mais velhos, nisso, nesse conviver com o reino vegetal constitui o humano, o tipo de pessoa, o que ela valoriza e respeita e as relações que estabelecem com o outro, seja humano, animal e/ou vegetal.

Perder a semente é nocivo, pois com ela vai-se o patrimônio genético, a memória dos mais velhos, os *costumes dos antigos*<sup>153</sup>, nos termos de dona Olga. As sementes criam, fazem nascer algo novo, mas a partir daquilo que já existia. É uma metáfora da vida dos mais velhos, das mulheres e também homens dos faxinais. O novo, o moderno desponta, eles e elas

---

<sup>152</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

<sup>153</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

o acolhem, alguns com resignação, outros com acanhado entusiasmo. O tempo novo, que chega barulhento, as vezes silencioso, é assistido, até acolhido pelos mais velhos, mas procurando sempre não perder de vista o passado vivido pelos antigos. Perder a semente é perder a história da comunidade, a história de si mesmo. Manter a semente é um modo particular de manter essa memória viva, de perpetuar-se também. Afinal, não é o quintal um amontoado de memórias sobrepostas em camadas pelo tempo?

O motivo de orgulho não é apenas manter espécies vegetais e perpetuá-las, é também manter diferentes variedades, tipologias do mesmo cultivar. A alface, por exemplo, hortaliça basilar da mesa camponesa faxinalense, geralmente é encontrado em apresentações diferentes e inusitadas: branca, roxa, folha lisa, crespa, crocantes, macias. Raramente, essa folhasa se apresenta como modelo único nos quintais e cada uma delas exige um conhecimento particular para cultivá-las.

**d) Associação com saúde e vitalidade:** É bastante frequente as mulheres usarem expressões como: *“esse eu tenho porque é bom pra saúde, né?”*, *“esse é muito bom, dizem que a gente tem que comer”*, *“fruta é bom, eu tenho bastante”*. O fato de um cultivar ser associado à saúde é um fundamento significativo para a triagem de cultivares. Tanto os comestíveis quanto as plantas medicinais passam por essa avaliação. Dona Olga tem nitidez a respeito do que é bom para a saúde e o que não é:

P: Como é o dia a dia da senhora, dona Olga?

R: Primeiro eu levanto, esquento a água e faço café, daí varro a casa, arrumo a cama e daí se não tem o que fazer, eu já tô indo, vou ver lá, agora desmancharam, tem umas madeiras, recolho o que é pra forno, vou buscar lenha, vou pegar cavaco que é pra ascender o fogo no fogão e é assim, tipo uma dona de casa, sabe e depois se sobrar tempo eu já tô indo, carpo pra lá, carpo pra cá, carpo ali, limpo pra cá...por isso que dizem que eu tenho saúde [...]

P: Eu também acho importante! Sobre as suas plantas: algumas a senhora falou que já tinha e algumas a senhora escolheu trazer para plantar aqui dentro, porque a senhora escolheu essas plantas?

R: Essas plantas de flor?

P: As de flor, os remédios, os legumes,...

R: Porque eu gosto, adoro saladas, pego repolho, gosto frito, salada. Adoro beterraba, pergunte pra ele, cheguei comprar beterraba porque a minha ainda não se formou ainda. Eu gosto muito de verdura. Eu não sei almoçar sem salada. Vai ver é por isso que eu tenho saúde...

P: A senhora tem bastante energia!

R: Eu acho que sim (ela ri muito) Salada é muito bom pra saúde...frutas, oh, agora pouco eu tirei de um pé ali que tem de laranja, já chupemo laranja. Mas não sou de comprar chocolate, não tomo refrigerante, pois a médica que estava de são Paulo que tava lá na capela, perto da perpétuo Socorro, que tem o Posto lá né, faz tempo já. Daí eu disse pras meninas: eu vou lá ver a minha pressão e ver se tá tudo bem comigo. A médica me perguntou, disse: nossa, que beleza tua pressão. Você é casada? Disse: sou, quantos filhos assim. Ela disse: nossa vida, que beleza tua pressão, de menina<sup>154</sup>.

Dona Olga, ao longo de sua vida, desenvolveu noções de saúde alinhadas à comportamentos nutricionais. Aspectos, como beber água, não tomar bebidas açucaradas, comer frutas, legumes e verduras, ela incorporou no seu cotidiano. Assim, as plantas que tem em seu quintal, particularmente legumes, verduras, frutas e folhosos são associados por ela a alimentos saudáveis e que, portanto, garantem vitalidade, força e longevidade.

Do mesmo modo, Josefa, Elizabete e todas as outras mulheres, a partir de suas experiências, também incorporaram interpretações de saúde associadas aos produtos dos seus quintais. “Não uso veneno, porque verdura é diferente, é pra comer”<sup>155</sup>, “a couve é bão pra gente comer”, “eu uso essas ervas tudo, faço chá, coloco no chimarrão, tem que tomar porque faz bem pra gente”, “essa fruta é boa porque diz que tem vitamina”. Assim, desde a opção por plantar de forma orgânica, utilizar chás para afastar doenças revelam que as mulheres fazem seleção de variedades a partir de compreensões pré-estabelecidas de alimentos e alimentação saudável.

**e) Produtividade:** A seleção de espécies realizada pelas mulheres nos quintais é orientada também pela busca de melhoria na produtividade. As sementes ou mudas das mais vigorosas, saudáveis e saborosas espécimes são selecionadas e guardadas de um ano para o outro. Essa prática faz com que exemplares vegetais sem vigor, susceptíveis à doença, mal adaptados e

---

<sup>154</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>155</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 07/09/2022.

pouco saborosos sejam retirados de circulação do quintal. Para ficar, são selecionadas as sementes dos maiores e melhores legumes, frutas, tubérculos, folhosos, entre outros.

P: Como funciona essa troca de sementes que senhora comentou?

R: Hurrum... até de moranguinho esses dias fui buscar esses dias, aqueles moranguinhos que eu plantei mais pra trás, fui buscar na minha tia, porque o marido dela comprou faz dois anos e daí eu soube né que dá um moranguinho grande. Até comi hoje os moranguinhos, cada morangão assim...daí ela me deu muda. Daí nós trocamos aqui. A maioria, por exemplo abóbora, a vizinha viu que eu colhi umas abobronas assim (mostrando no chão), ela quer que eu guarde semente pra ela, entendeu? E daí agora, um dia eu queria semente de mogango, daí uma outra vizinha minha disse que ela tinha do grande, daí ela me deu a semente de mogango. Esse ano colhemos mais de 30 mogango.

P: O que é mogango?

R: Pois mogango é quase igual uma abóbora, mas daí a gente não consome, sabe? Dá para criação<sup>156</sup>.

Elizabete foi longe buscar muda de morango que produz frutos grandes. As sementes de abóbora selecionadas para serem plantadas no ano seguinte são escolhidas das abóboras melhores, isto é, mais saborosas e maiores, a vizinha também já pediu semente de suas grandes abóboras.

Assim, a seleção de espécies feita pelas mulheres nos quintais incorpora padrões de produtividade das plantas. Isso garante cultivares mais resistentes à pragas e doenças.

**f) Adequação ao tipo de solo e clima:** As plantas que se adequam melhor ao tipo de solo dos quintais e do clima, conseqüentemente apresentarão maior produtividade e valor nutricional, que como vimos, também é um critério recorrente nas narrativas.

A seleção do que cultivar ou não passa por uma rigorosa análise das mulheres que interpretam diferentes critérios, cruzando-os para garantia de uma decisão acertada. Esse cuidado é necessário porque muitos quintais possuem área de cultivo limitada<sup>157</sup>, ou seja, não se pode plantar de tudo, porque isso o sobrecarregaria, colocando em perigo espécies cruciais,

---

<sup>156</sup> Dona Elizabete (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>157</sup> Essa área é determinada por aspectos como necessidade familiar de consumo, espécies cultivadas, idade das responsáveis. Mulheres mais idosas, por exemplo, que cuidam do quintal sem ajuda, precisam se atentar para não expandir demais o quintal e, por isso, sobrecarregar-se de trabalho.

selecionadas criteriosamente como ‘companheiras’. Assim, para determinada planta ficar e compor a assembleia de espécies do quintal, a adaptação precisa se dar na medida certa.

Isso nos leva à discussão a respeito da eliminação de plantas ditas “daninhas”, excepcionalmente adaptadas ao lugar. Dona Josefa, por exemplo, quer ‘acabar’/’reduzir o plantio de cidreira e hortelã porque elas estão se estendendo para além do permitido e colocando em risco a saúde, desenvolvimento e vida de outras plantas (por isso a expressão cuidar das plantas é recorrente, pois implica em proteção de algumas espécies e eliminação ou restrição de atividade de outras). Esse cuidado é contínuo, dinâmico e resulta de interpretações particulares de vida, beleza, indispensabilidade/essencialidade, saúde, entre outros. De acordo com Dona Josefa:

R: [...]as vezes tem que eliminar o cultivo de pragas, sabe. A gente planta o pé, por boba, sabe, e daí ele vai se alastrando, onde quer tem um pé, tem outro e vai matando os outros, entendeu? Daí ali nós plantamos a jabuticabeira, ai, mais tá meu deus, ontem quando eu entrei lá, não tem jeito de entrar de tanta cidreira e hortelã, um matando o outro, um indo por cima do outro. O que que adianta, não vai se fazer aquela jabuticabeira ali por causa que tem que cortar um pouco desses remédios. Daí tem mais, eu digo, uma praga que nós trouxemos lá, eu que trouxe lá de cima, por causa que diz que é um remédio muito bom pra machucadura, ai, tem tempo que tem que arrancar esse remédio também, a quantidade...qualquer um brotinho desse tamanhinho ele se alastra que não tem fim, daí esse nós temos que arrancar [...] eu gosto de cuidar dos remédios também pra não acabar, toda vida eu gosto de cuidar dos remédio pra num termina porque é bom ter, tenho bálsamo, esse bálsamo é muito bom pra dor de estômago, não conhece né?<sup>158</sup>.

Como vemos na narrativa de dona Josefa, a seleção de espécies precisa ser cautelosa e sensata. Se plantada sem ponderação e prudência a *planta daninha* pode comprometer o quintal inteiro, prejudicando o crescimento de outras espécies e até eliminando-as, interferindo negativamente no bom andamento do quintal.

Na narrativa de dona Josefa, percebemos que ela admite responsabilidade por não ter sido rigorosa o suficiente na seleção dos cultivares, o que lhe causou problemas. Ela plantou por *boba*, ou seja, sem a devida análise e prudência – e isso alterou o equilíbrio do seu quintal. As plantas daninhas podem também nascer espontaneamente no quintal (invasoras), e quando são indesejadas, precisam ser eliminadas.

---

<sup>158</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.



Há também plantas invasoras que nascem espontaneamente e que são acolhidas e incorporadas nos quintais devido a suas características sensoriais e valor nutritivo e medicinal. Aqui destacam-se as chamadas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) que possuem desenvolvimento espontâneo e potencial alimentício, como, almeirão roxo, almeirão do campo, dente de leão, Tansagem, Amora de árvore., entre outras.

**g) Convivialidade com as espécies:** Dona Josefa ao narrar os motivos que a levaram a escolher determinadas plantas para ‘morar’ em seu quintal, diz:

Por causa que é as plantas que, como diz, nós **convivimos** com ela né. Nós convivimos com alface, plantando, couve, cebola, salsinha, pimentão, agora não é tempo de plantar pimentão. Agora nesse mês, de agosto em diante já dá pra plantar, então nós convivimos com essa planta, por isso que eu adoro mais essas plantas<sup>159</sup>.

Conviver, no universo dos camponeses e camponesas dos faxinais, é sempre uma relação de troca, pois tem como implicação à harmonia, e para uma relação ser harmoniosa a reciprocidade é essencial. A narrativa de dona Josefa indica que o ato de conviver excede a relação entre humanos, pode ser estendido à não humanos, como as plantas. Viver é existir, conviver implica em “viver com”, logo, a expressão sugere uma relação de proximidade e troca entre pessoas e plantas, humanos e não humanos.

As pessoas cuidam das plantas, selecionam, cultivam, regam, fornecem nutrientes e as elas, por sua vez, também cuidam das pessoas, oferecendo sombra, frutos, cura, servindo de alimento no cotidiano e/ou períodos de escassez, alegrando, fazendo lembrar (dispositivos de memória, como vimos). Ou seja, conviver com uma planta significa que humanos e plantas possuem uma história juntos.

Assim, conviver com as plantas implica construir uma história com elas. Há, portanto, uma relação cultural envolvida.

## 5.6 Tecer paisagens e produzir resistência

O trabalho que as mulheres dos faxinais realizam cotidianamente e repetidamente em seus quintais domésticos garante parte do patrimônio genético vegetal da humanidade. Os modos de fazer são orientados por sabedorias ancestrais marcados pelas subjetividades e necessidades nutricionais da família e da comunidade. Assim, a partir de gostos, necessidades,

---

<sup>159</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022. Grifo nosso.

interpretações de beleza, da avaliação e exame da produtividade, adaptação, sabor e textura das plantas, as mulheres vão criando paisagens.

Elas produzem paisagens múltiplas, mosaicos em permanente mudança. Essas distintas paisagens – geradas a partir de escolhas individuais, mas atravessadas pelo ambiente social, histórico e biológico – estão sempre em movimento, em constante transformação, desse modo, cada quintal se torna diferente e específico.

As mulheres, a partir de seus quintais, possuem um poder: o poder de selecionar “espécies companheiras” que as acompanharão ao longo de sua jornada de vida. É delas a autoridade de decidir o que entra e o que sai dos seus quintais. Essa autoridade de selecionar espécies escapa ao poder político institucional e penetra o campo de uma resistência silenciosa, pois é trabalho repetido, aparentemente de reduzida importância e repercussão, mas que amplia as possibilidades de paisagens e de vida.

Em sua grande maioria, as espécies que hoje habitam os quintais faxinalenses decorrem dos cuidados e da seleção feita por suas antepassadas, como mães e avós. Mas, como o quintal é um “tecido vivo” e a seleção de espécies é sempre um processo dinâmico, observamos o dinamismo de sua ocorrência na modernidade. Hoje, as diferentes espécies de plantas dos quintais também são resultado de negociações entre humanos e não humanos, entre humanos e outros humanos, entre os *de dentro* e os *de fora*, numa relação ora horizontal, ora vertical.

Dona Elizabete, por exemplo, aprendeu a cuidar do quintal com a mãe, mas aprendeu também com as vizinhas, na escola, em cursos que participou, aprendeu fazendo *experiências*, testando espécies, colocando as plantas em teste, avaliando seu sabor, examinando sua produtividade e adaptação. Suas mudas e sementes são oriundas de trocas, de compras em agropecuárias da cidade, do armazenamento individual do código genético de suas plantas a partir de sementes, ramas e mudas.

A partir de saberes de antepassados (traduzidos e adaptados), de experiências no *laboratório ao ar livre* dos quintais (Leitão-Barboza et al, 2021), trocas, imbricações entre o tradicional e o moderno, as mulheres vão tecendo paisagens e criando resistências ao modelo de agricultura e de racionalidade do capitalismo. Esse conjunto de atividades em seus quintais são mecanismos adaptativos que contribuem significativamente para a reprodução física, social e cultural das comunidades de faxinais, já que favorecem, entre outros aspectos, a coesão social e a autonomia relativa dessas comunidades.

Sendo assim, as práticas rotineiras das mulheres nos quintais constituem enfrentamentos profícuos ao modelo de agricultura capitalista. James Scott (2002;2013)

pontuou a importância de considerar o cotidiano como espaço de expressão política dos camponeses e camponesas. Para o autor, as formas cotidianas de resistência compreendem lutas prosaicas, mas constantes entre camponeses e seus antagonistas que querem extrair deles trabalho e alimento, por exemplo.

As mulheres faxinalenses possuem dificuldade de participar das reuniões da Associação comunitária. Logo, participar ativamente da Associação Puxirão Faxinalense (APF) ou mesmo do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) ainda não é uma realidade possível, seja pela distância dos Encontros, idade avançada, não autorização do marido ou devido ao trabalho. Elas constantemente relatam cansaço devido ao trabalho doméstico diário, atividades no quintal, na roça, cuidado com pessoas e/ou animais. Assim, como operam numa desvantagem estrutural – de gênero, classe e raça, em alguns casos – sujeitas às violências ocasionadas pela racionalidade do agronegócio, as formas de luta cotidianas podem ser a única opção disponível.

De acordo com Scott (2002), para camponeses, pulverizados no meio rural, enfrentando ainda mais obstáculos para a ação coletiva e organizada, as formas cotidianas de resistência parecem particularmente importantes. Para os faxinais, as formas de resistir das mulheres a partir de seus quintais são vitais para a manutenção do modo de viver, trabalhar e se relacionar com a terra e com os alimentos. Sendo assim, conforme Scott (2002), toda história ou teoria da ação política dos camponeses que queiram fazer justiça ao campesinato como ator histórico deve, necessariamente, ajustar suas contas com o que denominou *formas cotidianas de resistência*. Para o autor, é importante documentar e trazer ordem conceitual a esse aparente caos da atividade humana.

Como assinalou Ploeg (2008), a produção agrícola representa, para os camponeses, um de seus principais campos de batalha. A manutenção de práticas de produção de alimentos nos quintais domésticos é mecanismo de agência, onde, a luta que as mulheres travam rotineiramente é pela defesa de um modo de viver, pensar e se relacionar com a terra. Essa *práxis* constitui um campo de batalha importante pela autonomia alimentar e nutricional de famílias e comunidades inteiras.

O que reclamam é ter suas próprias sementes e seus próprios meios de cultivá-las para que possam alimentar qualitativamente sua família e comunidade e curá-las a partir de um saber fazer ancestral. É, portanto, uma estratégia sutil (sem confronto direto), mas efetiva,

de resistência popular nos faxinais – encurralados pelo agronegócio, como vimos, e pelos Impérios alimentares<sup>160</sup>.

O cultivo e manutenção de sementes crioulas constitui uma prática milenar que garantiu, por anos, a diversidade na produção de alimentos nas comunidades de faxinais. As práticas, os saberes e o trabalho das mulheres nos seus quintais são multiplicadores fundamentais dessas sementes e, portanto, ferramentas importantes para manutenção da independência de insumos externos e tecnologias da agricultura capitalista, como as sementes transgênicas, evitando ou reduzindo o endividamento das famílias. As sementes são instrumentos de autonomia das famílias e das próprias comunidades e, como bem comum, de acordo com a interpretação local, elas não devem ser vendidas ou comercializadas e sim doadas ou trocadas.

As sementes são patrimônio genético e cultural, desenvolvidas ao longo de séculos de trabalho e seleção natural das mulheres, principalmente. Além do potencial genético, carregam a cultura da comunidade, por essa razão, Almeida (2007, p. 4) propõe chamá-las de *sementes da agrobiodiversidade*, visto que são mantidas pelas famílias agricultoras como um patrimônio essencial à reprodução de seus modos de vida. Trata-se de um bem que é ao mesmo tempo natural e cultural. Como recurso da natureza, possui mensagens genéticas que permitem o ajuste ecológico das espécies cultivadas aos mais variados ecossistemas e, como fruto da cultura humana, tem suas características genéticas moldadas por processos de escolha consciente realizados pelas próprias agricultoras/es com base em suas preferências e necessidades específicas. Portanto, a diversidade dessas sementes expressa que elas são o resultado da convergência entre a seleção natural e a seleção cultural, de acordo com a autora.

As práticas de cultivar sementes nos quintais domésticos revelam interpretações de mundo específicas, pois os saberes e práticas envolvidas são destoantes de uma racionalidade moderna e do modo empresarial e capitalista de fazer agricultura, cujas formas manifestam um alisamento da terra e do conhecimento envolvido. Se entendemos a agroecologia como saber fazer, nos faxinais, são as mulheres, principalmente que estão à frente dessa prática.

---

<sup>160</sup> O Império é a expressão de uma produção agrícola descontextualizada (desconectada das especificidades dos ecossistemas locais e da sociedade regional). É constituído por grandes empresas de processamento e comercialização de alimentos que operam em escala mundial. Esse modo de ordenamento que tende a tornar-se dominante, visto que visa controlar formas particulares de fazer agricultura. O Império é personificado por uma variedade de expressões específicas: grupos de agronegócio, grandes varejistas, mecanismos estatais, mas também leis, modelos científicos, tecnologias. Em conjunto o Império constitui um regime, uma gramática ou um conjunto de regras compreendidas no complexo coerente de conhecimento científico, práticas de engenharia, tecnologias do processo produtivo, características de produtos, [interesses empresariais, ciclos de planejamento e controle, engenharia financeira, modelos de expansão], e formas de definir problemas (PLOEG, 2008).

A práxis agroecológica é feminina e se dá pela observação e experiência na prática de produzir alimentos. Os alimentos produzidos nos quintais pelas mulheres estão relacionados à uma ideia de justiça social, além disso, possuem uma cultura, ancestralidade e cosmovisão. As cosmologias não estão separadas da esfera social, havendo, portanto, uma dimensão política desse saber-fazer feminino. Num contexto de ameaça dos territórios faxinalenses devido ao avanço de racionalidades ligadas à perspectiva monocultora, que considera a natureza e a terra apenas como mercadoria, entendo que as práticas relativas ao plantio – sem uso de fertilizantes, agrotóxicos e sementes transgênicas –, seleção, manejo e permutas de sementes crioulas é um traço marcante da autonomia dessas populações.

A produção alimentar dos quintais, levadas à mesa da família, de vizinhas e mesmo do pequeno comércio que se coloca, possui uma procedência, diferente do modus operandi do Império alimentar, teorizado por Ploeg (2008). Segundo ele, o Império é a expressão de uma produção agrícola descontextualizada e desconectada das especificidades dos ecossistemas locais e da sociedade regional. Por meio do Império a produção e o consumo de alimentos se tornam cada vez mais desconectados entre si, tanto no espaço quanto no tempo.

O Império alimentar opera mudanças nas formas de produção agrícola, no consumo de alimentos e na própria gestão da natureza. No entendimento de Ploeg (2008, p. 22), “o Império e a Agricultura capitalista são o principal laboratório e condutor do processo de industrialização”, esta, por sua vez, representa uma desconexão entre a produção e consumo de alimentos (os espaços de produção e consumo e a inter-relação entre eles deixam de ter importância). Assim, segundo o autor, o processo de industrialização da agricultura representa um movimento contínuo que caminha na direção oposta à integridade, pois acarreta, entre outros fatores, uma produção afastada dos ecossistemas locais, na subjugação destrutiva da natureza, na desintegração e recomposição dos produtos alimentares.

O processo de industrialização estaria relacionado a um controle crescente do Império alimentar sobre os/as camponeses/as e sua forma de produzir e consumir alimentos. Desse modo, as sementes mantidas pelo trabalho e conhecimentos das mulheres faxinalenses, configuram um patrimônio genético importante para a reprodução do modo de viver faxinalense frente ao capitalismo, que apesar de dominante não conseguiu apagar completamente formas outras de *viver e saber*.

Federici (2017) aponta uma vitória limitada do capitalismo, visto que muitas pessoas e comunidades vivem de uma forma destoante aos requisitos da produção capitalista. Segundo a autora, ainda existem no mundo “forças extraordinárias que enfrentam a imposição de uma forma de vida concebida exclusivamente em termos capitalistas”. Federici (2017) diz

que existem muitas pessoas que vivem no mundo sem se submeter às leis do capitalismo, como se elas fossem naturais e que visualiza uma forte resistência cuja motor vem da terra, que não é entendida apenas como meio de produção, mas que é lugar de conexão com a ancestralidade, natureza, que é lugar de trabalho coletivo e solidariedade.

### 5.7 Os cercamentos, o poder das mulheres e o capitalismo

Enquanto historiadoras/es do mundo rural e das relações de gênero, não é prudente isolar acontecimentos das pequenas comunidades e aldeias das relações com estruturas sociais dominantes. Por exemplo, a desvalorização do trabalho e dos saberes, assim como o contínuo ataque às formas de poder das mulheres possuem raízes históricas. Federici (2017; 2019; 2019) nos mostra como estas questões estão associados aos processos sociais ligados ao surgimento do mundo capitalista moderno.

A autora estrutura sua análise a partir do processo de cercamento e privatização de terras comunais (séc. XVI ao XVIII) e, examinando o ambiente e as motivações que produziram as primeiras acusações de bruxarias na Europa, relaciona essa forma de violência à ordem econômica e, argumenta que marcas desse processo foram deixadas também nos valores sociais contemporâneos, por exemplo, no controle da sexualidade feminina, representação negativa das mulheres e desvalorização do trabalho reprodutivo.

O cercamento de terras comuns acarretou também cercamentos de saberes e do corpo das mulheres. Assim, o ataque às terras comuns, a partir dos chamados *novos cercamentos* (Federici, 2019), é um ataque também às mulheres, pois mais do que os homens as mulheres, que não tem acesso facilitado aos recursos monetários, precisam dos recursos da natureza (SHIVA, 2003). A investida do capitalismo e suas formas contra terras comuns produzem violências contra as mulheres, no caso dos faxinais, uma das manifestações dessa violência é o envenenamento e o encurralamento das formas de saber, produzir e de poder das mulheres, pois, conforme alertou Federici (2019), não devemos ignorar a violência cometida por meio de políticas econômicas e sociais e pela mercantilização da reprodução.

O Estado pode representar uma ameaça, como vimos e vemos no Brasil e em outros países do mundo. Assim como as mulheres e seus direitos conquistados, os ataques aos chamados *comuns*<sup>161</sup>, têm sido agravados pelo governo Bolsonaro, traduzido no

---

<sup>161</sup> A expressão comuns deriva do termo em inglês *commons*. Para Federici (2017) os comuns trazem uma ética e uma prática em contraposição ao modelo capitalista neoliberal, defendendo maior cooperação, interdependência, com posse e uso coletivo.



fortalecimento do agronegócio, liberação maciça de agrotóxicos, desmatamentos, desmonte de políticas sociais, ameaça e invasão às terras indígenas e quilombolas. Essa política de *expropriação* em curso, disfarçada pelo discurso do desenvolvimento, tem acentuado diversas formas de violências contra as mulheres: envenenamento do corpo, das nascentes e dos alimentos, onde os quintais são cada vez mais encurralados pelo agronegócio, cercamento dos saberes – privando-as das práticas de cura, pauperizando-as das suas formas de poder (como as práticas de benzimento e de cura medicinal).

Com os cercamentos, como vimos, a cobertura vegetal das terras do criador comum se modifica – virando *matagal* ou *carrascal*, conforme as moradoras – limitando o ir e vir das mulheres, que perdem seus referenciais, do mesmo modo, as novas formas de produção, trabalho e a própria racionalidade do capital, reduzem as visitas entre as mulheres. De acordo com a narrativa de dona Olga:

P: E a senhora costuma visitar as pessoas aqui na comunidade?

R: Eu costumo. Só que os outros já não estão acostumados, já o padre chamou atenção na igreja. Todo mundo tá correndo atrás de dinheiro. A Dete me deve visita porque eu sempre ia visitar ela, tomar chimarrão, ela vinha aqui. E a filha dela trabalha, mas tem dias que ela fica depois do almoço em casa e eu fui duas vezes e não achei ela em casa [...] E daí eu disse: Carla, leve a tua mãe na minha casa.

P: A senhora acha que as visitas estão diminuindo?

R: Estão diminuindo. Até o padre falou na igreja, que vão assim, parece que são santo. Saem dali, fofocam e daí não visitam os outros. O padre falou na igreja.

P: E por que a senhora acha que isso está acontecendo?

R: Correm muito atrás de dinheiro. Aqui tem mulher casada que o marido ganha bem, a mãe é bem aposentada, se bate trabalhando pros outros, colhendo feijão, coisando lá com os Pauluk na cebola, não sei o que...Ah, não tem um tempo de sair e daí quando não saem diz: tenho muito serviço, não pude ir. Ah, serviço a gente deixa. Se não fizer hoje, faz amanhã<sup>162</sup>.

As novas formas de agricultura produzem novas formas de se relacionar com a terra, o tempo e o dinheiro, alterando as economias locais e as práticas do cotidiano feminino. É a partir dessa interpretação que Dona Olga narra seu descontentamento com a mudança nos costumes das mulheres dos faxinais: as visitas estão diminuindo. Se pouco se visita, pouco se troca, comprometendo a multiplicação das sementes e ocorrências associadas aos saberes e diversidade, pois, como vimos, para isso, a solidariedade e amizade entre as mulheres é fundamental.

---

<sup>162</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

Silvia Federici narra a construção histórica da depreciação do companheirismo e solidariedade entre as mulheres a partir dos significados atribuídos à expressão *Gossip* – traduzido atualmente como **fofoca** – num contexto histórico particular: o nascimento da Inglaterra moderna. O termo, que aludia à amizade e companheirismo entre as mulheres, se transformou em algo oposto, associado à conversa fútil e maledicente (geradora de intrigas). A imputação de sentido depreciativo a uma palavra que originalmente indicava amizade entre mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média (quando a natureza das atividades femininas era coletiva e a coesão era uma força para elas).

A partir da autora podemos compreender a importância das visitas – e da comunicação entre as mulheres – e os significados práticos e simbólicos da redução das conversas. Em muitas partes do mundo, as mulheres têm sido vistas historicamente como *tecelãs da memória*, devido ao fato de manterem vivos o passado e a história das comunidades que as transmitem as futuras gerações, criando uma identidade coletiva e senso de coesão. Assim, rotular essa produção enquanto fofoca faz parte do processo de desvalorização da personalidade e do trabalho das mulheres, particularmente o reprodutivo (FEDERICI, 2019)<sup>163</sup>.

Como vimos, nos faxinais, é, principalmente, a partir das visitas que as mulheres passam adiante e trocam além de sementes, saberes, alimentos, remédios, ajuda mútua – particularmente no trabalho de cuidado – e compartilham informações fundamentais para a construção de uma percepção das transformações históricas (a partir do capital) do lugar e produção de ponto de vista coletivo. Logo, os cercamentos são formas produtoras de afastamento – que pode implicar em enfraquecimento – e silenciamento.

Cercamentos da terra comum implica em cercamentos do poder das mulheres: o poder da conversa (potente, como vimos), o poder do saber (práticas mágicas, cultivo e uso de plantas medicinais). Quanto ao processo de interdição do **poder do saber** das mulheres, podemos abordar a partir dos ofícios tradicionais de cura e das práticas de uso de plantas para fins de *remédios*. Desde a Idade média, as mulheres frequentemente cultivavam hortas/quintais onde plantavam ervas medicinais, esse conhecimento botânico é um dos segredos que foram transmitidos de geração em geração (FEDERICI, 2019). Como vemos,

---

<sup>163</sup>Importante constatação de Federici (2009, p. 5) sobre o trabalho reprodutivo: “a descoberta do trabalho reprodutivo tornou possível compreender que a produção capitalista depende da produção de um tipo particular de trabalhador e, portanto, de um tipo particular de família, sexualidade, procriação e, assim, redefinir a esfera privada como uma esfera de relações de produção e um terreno de luta anticapitalista. Para a autora, o trabalho reprodutivo não é uma atividade livre, mas está, em todos os pontos, sujeito às condições impostas pela organização capitalista e pelas relações de produção.

esse saber das mulheres a respeito de práticas de cura é uma forma de poder que resistiu e resiste as investidas do capitalismo.

No Centro Sul do Paraná, detentores e detentoras de ofícios tradicionais de cura dominam práticas e saberes de cura relacionados à agrobiodiversidade da floresta de araucária<sup>164</sup>. As benzedeadas, muitas delas moradoras dos faxinais, como Dona Olga, selecionam e cultivam em seus quintais grande diversidade de plantas de *proteção e remédios*, utilizados nas práticas de cura – também utilizam plantas do criador – e com isso passam a ter função importante na proteção da diversidade biológica local e na manutenção da história e memória do lugar.

Mesmo aquelas que não residem nos faxinais recorrem à diversidade de plantas, tanto dos quintais quanto do criador comum, que prosperam naturalmente nesse ambiente. Para as benzedeadas, o quintal é mais amplo: inclui a floresta, onde também colhem espécimes rasteiras de flores e ervas, cascas de árvores, água (há fontes de água consideradas sagradas), entre outros. O criador comum e os quintais, constituem reservatórios importantes para as detentoras e detentores dos ofícios tradicionais de cura dos faxinais e do seu entorno<sup>165</sup>.

Lewitzki (2019), antropóloga que pesquisou aspectos da vida das benzedeadas no Centro Sul do Paraná, aponta a importância dos faxinais e dos quintais nas práticas de benzimento. Os dados levantados pela pesquisadora demonstram que nessas comunidades existe boa disponibilidade de plantas nativas de uso medicinal, comparadas à cidade e outras comunidades rurais. Uma outra conclusão de seu estudo é que nos faxinais a maior concentração de plantas se encontra nos quintais, o que mostra a importância histórica desses lugares para reprodução dos ofícios tradicionais devido à diversidade botânica e conexão com o passado.

Recentemente, observamos processo de migração das benzedeadas dos faxinais para as cidades vizinhas. Entretanto, de acordo com Lewitzki (2019), mesmo as benzedeadas “urbanas” possuem uma trajetória ligada ao mundo rural, particularmente aos faxinais. De acordo com a pesquisadora, todas as suas interlocutoras nasceram em comunidades rurais

---

<sup>164</sup> Desde 2008, no Paraná, especificamente, nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, detentores e detentoras de ofícios tradicionais de cura vêm se organizando num Movimento social próprio de construção e afirmação da identidade, intitulado Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA). O movimento acumulou conquistas como a aprovação de leis municipais que reconhecem os ofícios tradicionais e regulamentam o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas no município, ainda que estejam em propriedades privadas.

<sup>165</sup> O movimento acumulou conquistas como a aprovação de leis municipais que reconhecem os ofícios tradicionais e regulamentam o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas no município, ainda que estejam em propriedades privadas. Assim, em terras de faxinais elas podem coletar ervas, flores, água e plantas para fins de práticas de cura mesmo que estejam cercadas. Naturalmente, apesar da lei, elas relatam insegurança para entrar em áreas com presença de cercamentos.

onde cresceram e constituíram família (passando a residir na cidade após casamento, separação, viuvez ou perda dos pais) e aprenderam os ofícios. Essas mulheres, portanto, compartilham dos símbolos e códigos do mundo rural, demarcado pelas percepções acerca do calendário agrícola – tempos de plantar e tempos de colher –, o repertório festivo religioso guiado pelas festas de santo, os laços de parentesco, compadrio e vizinhança, a sociabilidade comunitária e os conhecimentos tradicionais associados à agrobiodiversidade, elementos que entrelaçam as linhas de movimentações dos benzimentos.

Em levantamento específico das plantas medicinais nos faxinais, realizado pelo Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), publicado em 2008, as benzedeadas do Movimento Aprendiz da Sabedoria, de três comunidades de faxinais: Faxinal Marmeleiro de Baixo (Rebouças), Faxinal Rio do Couro (Irati) e Faxinal dos Seixas (São João do Triunfo), avaliaram a situação das plantas medicinais de suas comunidades. Segundo as classificações, boa (situação que permite encontrar uma boa quantidade de plantas), regular (situação que possui poucas plantas) e risco (pequena quantidade de ervas medicinais, risco de extinção).

O levantamento aponta o uso de 24 espécies medicinais nativas, das quais destacam-se: aroeira, araticum, cambará, cataia, cereja, erva de bicho, erva São João, espinheira santa, guabiroba, guaco, milome, pata de vaca, pitanga, erva de lagarto, tenente São José (pau amargo), pau de andrade, quina (fel-da-terra), fedegoso, quebra pedra, tansagem, guanxuma, chapéu de couro, dente de leão, guaçatunga, destas nove encontram-se em risco, sete em estado regular e 14 em boas condições.

Nos mesmos faxinais foram levantados os números de ervas medicinais dos quintais utilizadas como remédio, as quais oscilaram entre 10 e 50 espécies usadas no preparo de remédios caseiros, as ervas nativas que variaram de 20 a 50 plantas e a manutenção de sementes crioulas de 10 a 50 qualidades (LEWITZKI, 2019, p. 90).

Entretanto, uma questão a ser levantada é que os ofícios tradicionais não se reduzem apenas às práticas institucionais das benzedeadas. Comumente, as mulheres – principalmente as mais idosas – mesmo não recebendo a alcunha de benzedeadas, realizam práticas de cura a partir das ervas e outras plantas que possuem em seus quintais. Se entendemos o ofício tradicional como um *saber fazer* com origem nos antepassados, transmitido no tempo por meio de valores, costumes, conhecimentos e técnicas, reconhecemos que é uma prática que incorpora um grupo bem maior de detentoras.

Como vimos, grande parte das mulheres que entrevistamos, praticam a cura, conhecem as plantas medicinais e os efeitos fisiológicos dessas no organismo humano.

Quando apontam para uma planta medicinal no solo, sempre completam explicando a respeito de seus usos. Essa é boa para...“*A salvinha é muito boa pra infecção na garganta, erva cidreira é pra dor de cabeça, poejo pra gripe, calêndula é boa pra queimadura*”<sup>166</sup>, (...) *bálsamo é muito bom pra dor de estômago*<sup>167</sup>, *Espada de São Jorge é remédio pra machucadura*<sup>168</sup>, “*tem aquele artimija que eu te falei é para dor de ouvido, aquele é um santo remédio*”<sup>169</sup>, “*hortelã é pra bicha*”<sup>170</sup>.

A continuidade desse saber fundamentado na ancestralidade requer reflexão sobre a necessidade de diálogo entre a medicina tradicional e científica e o reconhecimento de que saberes científicos são uma das formas de explicar o mundo, mas não a única e, como exemplo, temos a medicina popular que resiste às hegemônias impostas pela racionalidade moderna capitalista. Santos (2007) aponta a importância e necessidade da construção coletiva de uma Ecologia dos Saberes para a possibilidade de um outro mundo possível.

Nesse processo de resistir das mulheres vemos a importância de considerar a ancestralidade. De acordo com Federici (2017) a ancestralidade é importante na resistência ao capitalismo porque gera conexão, pois ela é a memória coletiva, a habilidade de preservar a si mesmo num mundo amplo e dinâmico. De acordo com a autora, o capitalismo tenta destruir nossas memórias, nos isola da natureza, das pessoas, acabando com o trabalho coletivo. Para o capitalismo tudo o que importa é o futuro, o progresso, o desenvolvimento e isso enfraquece e esvazia a nossa existência, porque só se consegue resistir se sentindo parte de um corpo maior que você e conhecendo as histórias de quem lutou antes.

As mulheres, como demonstrou Federici (2019), desde a transição do feudalismo para capitalismo estão na linha de frente das resistências contra o poder do capital e o neoliberalismo e a destruição da natureza. Em todo o mundo, particularmente na América Latina, Ásia e África, as mulheres também estão lutando para proteger florestas, mananciais de água e tudo o que é bem comum. Nessa resistência a melhor forma é aquela possível, seja confronto aberto, locaute ou resistências silenciosas em quintais produtivos, por exemplo.

Para Federici (2014), o desenvolvimento do capitalismo começou com uma guerra contra as mulheres, traduzido na caça às bruxas no século XVI e XVII – com objetivo ensinar as mulheres a aceitarem a liderança dos homens e o lugar de submissão a elas designado na sociedade capitalista –, processo que na Europa e no Novo mundo levou a milhares de mortes.

<sup>166</sup> Dona Marinda (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida, em 26/08/2017.

<sup>167</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

<sup>168</sup> Dona Josefa (Faxinal do Salto), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 15/08/2022.

<sup>169</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

<sup>170</sup> Dona Olga (Faxinal Rio do Couro), entrevista concedida à Marisangela Lins de Almeida em 17/08/2022.

Esse processo foi elemento central no processo definido por Marx como acumulação primitiva, pois destruiu um conjunto de sujeitos e práticas que trancavam caminho para o desenvolvimento do capitalismo.

Federici (2014) estabelece uma relação direta entre o processo de cercamentos<sup>171</sup> e perseguição às mulheres (que protestavam constantemente contra os cercamentos), pois, na figura da bruxa as autoridades puniam ao mesmo tempo a investida contra a propriedade privada. A autora relaciona à caça às bruxas – ocorrida nos séculos XVI e XVII – e o medo do poder das mulheres, pois nas suas comunidades, devido à magia e conhecimento empírico das ervas e plantas, eram populares e isso assinalava perigo à estrutura de poder do capitalismo. Assim, qualquer fonte de poder independente do Estado e da igreja era combatido.

Desse modo, para Federici (2014) a caça às bruxas se coloca na encruzilhada de um aglomerado de processos sociais que preparam o caminho para o surgimento do mundo capitalista moderno. Para ela, foi uma das precondições para o salto capitalista, já que para o capitalismo se colocar precisou dominar as mulheres, privando-as de suas práticas médicas, forçando-as a se submeterem ao controle patriarcal de família nuclear e modificando conceitos relacionados à natureza e animais.

Assim, vemos que o controle e mercantilização da natureza e dos bens comuns pelo sistema capitalista está relacionado a pauperização feminina. Shiva (2003) assinala que a marginalização das mulheres e a destruição da biodiversidade são processos que caminham juntos. Para a autora, a perda da diversidade é o preço do modelo patriarcal de progresso, que pressiona constantemente a favor das monoculturas. Assim, a economia política que tem por base a destruição da diversidade biológica – que a autora denomina de *lógica perversa de progresso* – afeta particularmente as mulheres, destruindo suas habilidades e sabedorias.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>171</sup> Os cercamentos foram fenômeno inglês, predominantemente rural, pelo qual a classe proprietária de terras e membros abastados da classe camponesa cercaram terras comuns, colocando fim aos direitos consuetudinários e desalojando agricultoras e agricultores que precisavam da terra para viver. Situação semelhante aconteceu na França e em outras partes da Europa ocidental. Entretanto, os cercamentos ingleses são mais eficazes para compreender como a privatização e comercialização da terra e crescimento das relações monetárias afetou homens e mulheres de maneiras diferentes (FEDERICI, 2017). As mulheres foram a fonte da forte resistência à pauperização e marginalização social que os cercamentos ocasionavam. Sobre a participação das mulheres na luta contra os cercamentos ingleses ver Federici (2017).



Nesse momento de conclusão da tese, sensações opostas são experimentadas: a sensação de satisfação por percorrer um caminho de pesquisa que considerou o ponto de vista das mulheres dos faxinais no campo historiografia da agricultura e a preocupação com as lacunas e possibilidades não exploradas – que podem e devem ser investigadas por pesquisas futuras.

O caminhar de pesquisa e escrita envolveu hipóteses confirmadas e não confirmadas, novos problemas e possibilidades apresentadas pelas fontes e mudanças teórico-metodológicas. Assim, no âmbito de todo o processo de pesquisa que uma tese exige construímos reflexões e problemáticas a respeito dos quintais faxinalenses.

Em relação ao objeto de pesquisa procurou-se apreender os significados dos quintais domésticos faxinalenses frente ao processo histórico dos cercamentos das terras de uso comum, a partir da década de 1960, em dois faxinais específicos da Região Centro Sul do Paraná. Essa contextualização histórica revelou-se imprescindível para compreender os quintais e o trabalho desenvolvido neles pelas mulheres, a partir de sabedorias locais, como mecanismos de resistências e instrumentos de conservação da biodiversidade.

A partir dos estudos de caso apresentados desenvolvemos considerações que envolvem dimensões da relação estabelecida entre pessoas e plantas nos ambientes dos quintais domésticos. Verificamos que esses quintais, além de serem fontes de autonomia e segurança alimentar, são centros de sociabilidade, memória e ancestralidade, produção e circulação de saberes e troca cultural.

As mulheres, a partir de atividades contínuas – que envolve a domesticação da paisagem – e trabalho de experimentação e seleção de espécies em seus quintais domésticos, criam nos solos formas que revelam diversidades tanto de paisagens, quanto de saberes e relações. Esses quintais, apesar dos aspectos em comum, são lugares heterogêneos que se diferenciam na sua estrutura, conformação e composição vegetal. Esses fatores decorrem da atividade de seleção de espécies realizados pelas mulheres a partir de escolhas deliberadas e contexto sociocultural.

Essas configurações dos quintais resultam da permanência de plantas introduzidas no passado, da introdução de novas espécies e do crescimento espontâneo. A introdução de novas espécies e variedades decorre de seleção meticulosa das mulheres, considerando: experimentação empírica, adaptação de variedades (plantas precisam ter êxito para terem continuidade no quintal), influências ambientais (processo de cercamentos no criadouro comum leva ao fechamento dos animais e conseqüente mudanças na produção a fim de alimentá-los), do gosto pessoal (atributo dinâmico), concepção de mundo e de beleza,

necessidades familiares, disponibilidade de sementes e mudas, função de cura, memória e proteção conformadas pelas plantas, fluxo de informação, entre outros tantos aspectos que se combinam de inúmeras formas. Constatamos que seleção de espécies é um fenômeno contínuo.

Conforme os resultados da pesquisa, além das plantas usadas para alimentação ou consumo direto, as mulheres, frequentemente, utilizam plantas para fins de práticas de cura e de proteção – associadas à poderes mágicos e/ou de cura – e plantas bioativas para compor as espécies do quintal. As plantas protetoras ou guardiãs são utilizadas para a proteção contra pessoas e sentimentos indesejados, como a cobiça e inveja, sendo significativas na delimitação e manutenção de limites, por serem *sentinelas* cultivadas na entrada das residências e reconhecidas como planta de ligação com a memória dos antepassados.

As mulheres, apesar de não reivindicarem ser ecologistas, podem ser consideradas expoentes da conservação da biodiversidade nos faxinais, pois, como vimos, se empenham na proteção da diversidade biológica dos quintais e também do criador comum. O manejo da diversidade genética vai além da conservação *ex situ* (fora do habitat natural de ocorrência), instrumentos de manejo *in situ* são potenciais na construção e considera as necessidades da população local na manutenção dessa diversidade. Assim, é capaz de responder às necessidades da conservação sem isolar populações vegetais do seu contexto ecológico e humano, considerando, por exemplo, as sabedorias tradicionais locais.

As práticas de cultivos nos quintais, que envolvem sabedorias imemoriais, apesar de soterradas pela modernidade, continuam vivas, atravessando gerações e resistindo (se adaptando ao moderno, quando necessário). A pesquisa mostrou que o capitalismo – traduzido nas práticas e racionalidades do agronegócio – tem disciplinarizado, dominado e alisado a natureza presente nos faxinais do Centro Sul do Paraná, onde as inúmeras espécies de fauna e flora e a diversidade de cores, sons, cheiros, sabores e relações estão sendo substituídos por traçados retos, lineares que as monoculturas do tabaco, soja e eucaliptos exigem. Assim, onde o solo se torna homogêneo se empobrece as experiências e a memória sociocultural do lugar. Essa transformação, desenhada em escala nacional e global, coloca em risco o futuro da agricultura tradicional – incluindo as sabedorias envolvidas – e a alimentação e nutrição humana<sup>172</sup>.

---

<sup>172</sup> Percebemos que a agricultura e a alimentação industrializadas são elementos centrais da crise de civilização que atravessamos. As consequências são bem conhecidas: deterioração dos solos e das águas, perda acelerada da biodiversidade, desmatamento, violação dos direitos territoriais de povos e comunidades tradicionais e indígenas, condições de trabalho inseguras e precarizadas, precariedade de serviços públicos no mundo rural, agravos à saúde gerados pela má alimentação (combinação de obesidade e desnutrição) e concentração de riqueza e poder

Nos faxinais pesquisados observamos uma crescente substituição dos saberes pela técnica. Esse soterramento de sabedorias é traduzido na homogeneização do tempo e espaço em face modernização e presente na mecanização agrícola. Por outro lado, entretanto, a partir dos seus quintais, as mulheres atualizam sabedorias ancestrais, num movimento criativo de adaptação e negociação com a modernidade e o capital. Desse modo, frente a um acentuado processo de expropriação territorial dos faxinais (em andamento), a manutenção dos saberes tradicionais das mulheres, incluindo as redes de solidariedade e reciprocidade decorrem de relações estabelecidas nos quintais.

Assim, enquanto um dos lugares do trabalho reprodutivo feminino, os quintais possibilitam explorar e avaliar o alcance do projeto da agricultura capitalista nos faxinais e também as práticas de resistências a ele. A pesquisa enfatizou o papel fundamental das mulheres nesse enfrentamento, pois elas vêm atuando há gerações na conservação e na utilização sustentável da diversidade biológica, garantindo material genético e manejando variedades de sementes a partir de seus saberes e trabalho e assegurando relativa coesão social.

Entende-se que a prática de criar animais em comum, os regimes de saberes que envolvem o ecossistema dos quintais, práticas tradicionais de cura e relações de solidariedade reciprocidade são formas de *resistências*. Assim, a pesquisa demonstrou que os quintais são uma das formas de desobediência na modernidade já que produzem solos paisagísticos que conferem um padrão de *manchas* na – o que sugere uma diversidade biológica, de saberes e de práticas – paisagem *lisa* envolvente. Desse modo, estudo sobre quintais incorporou na análise o criadouro comum e as terras de plantar, visto que quintais somente podem ser compreendidos quando colocados numa condição de relação com a *totalidade* dos lugares e meio ambiente onde grupo social se organiza.

A pesquisa revelou a continuidade das desigualdades entre homens e mulheres no campo brasileiro. Essas desigualdades são sentidas, por exemplo, na desvalorização do trabalho reprodutivo feminino. Um outro aspecto levantado foi a perpetuação e atualização da violência contra as mulheres do campo a partir dos chamados *novos cercamentos*, vista, por exemplo, no envenenamento do corpo, das nascentes, encurralamento dos quintais e cerceamento dos saberes e dos poderes das mulheres.

Assim, categorias como *saber*, *quintais* e *poder das mulheres* se revelaram imbricados e impossíveis de serem compreendidos sem remontar à emergência do desenvolvimento do capitalismo – portador da ideia de progresso social – enquanto processo que gerou subordinação das mulheres aos homens e confinamento ao trabalho doméstico não remunerado, ou seja processo que estruturou uma ordem especificamente capitalista e patriarcal que persiste até os dias atuais, se reeditando e se reinventando. Compreender esse momento histórico também foi crucial para analisar a historicidade das resistências engendradas pelas mulheres nas terras de uso comum, particularmente em seus quintais domésticos.

A abordagem revelou que um *choque cultural*, com origens históricas concatenadas à Modernização agrícola, modificou os costumes e as interpretações do tempo, da natureza e do *bem viver* e desencadeou novos comportamentos sociais nos faxinais, afetando as redes de solidariedade entre as mulheres e os circuitos das sabedorias e sementes (com os cercamentos, operam sobre distâncias mais reduzidas), fato que pode alterar a composição vegetal dos quintais.

Assim, após esses vários anos de pesquisa e contato, constata-se a necessidade de um *olhar* mais profundo sobre as especificidades dos faxinais, tanto de pesquisadoras/es quanto de autoridades governamentais a fim de pensar e assegurar continuidade histórica dos costumes, das práticas e das sabedorias a partir de saídas econômicas que considerem os faxinais na sua totalidade, incluindo nessa perspectiva os quintais, o trabalho e as sabedorias das mulheres, visto que, quando combinados são motores da biodiversidade nessas comunidades.

*Que novas pesquisas e perspectivas a respeito dos quintais e dos saberes das mulheres dos faxinais possam ser construídas!*

## REFERÊNCIAS

- ACHINTE, Adolfo. **Comida y colonialidade. Tensiones entre el proyecto hegemónico moderno y las memorias del paladar.** In: GOMEZ, Pedro Paulo (et.al.). *Arte y estética en la encrucijada descolonial II.* Cidade Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.
- ACHINTE, Adolfo. **Sabor, poder y saber. Comida y tiempo en los Valles afro andinos del Patía y Chota-Mira.** Colômbia, Editorial Universidad del Cauca, 2015.
- AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto. Mulheres Rurais, Movimento Social e Participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política & Sociedade**, Florianópolis, vol. 15, Edição Especial, p. 261-295, 2016.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de preto, terras de santo, terras de índio – uso comum e conflito. Belém, **Cadernos do Naea**, n.10, p.163-96, 1989.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e regionais**, São Paulo, vol. 6, n.1, p. 9-32, maio/ 2004.
- ALMEIDA, Marisangela Lins de; MONTYSUMA, Marcos Fábio Freyre; SCHORNER, Ancelmo. Cercas e memórias: a experiência histórica do uso comum da terra no Faxinal Rio do Couro (Irati-PR). **Revista de História Oral**, v. 22, n. 1, p. 164-183, jan./jun. 2019.
- ALMEIDA, Paula. Sementes da Biodiversidade. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, vol.4, nº.3, p. 4-5, out./2007.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** 4º ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Revista de História Universidade Estadual Paulista**, São Paulo, v. 14, 1995. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20%20O%20grande%20mentiroso.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20%20O%20grande%20mentiroso.pdf). Acesso em: 15 jan. 2019.
- ANDRADE, Maristela de Paula. **Terra de índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum.** São Luís, UFMA, 1999.
- ANTUNES, Marta. As guardiãs da floresta do Babaçu e o tortuoso caminho do empoderamento. In: WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; HEREDIA, Beatriz; MENASHE, Renata. (orgs.). **Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e de gênero.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 8, p. 229-236, 1º semestre de 2000.
- BARBOSA, Viviane de Oliveira. O caminho dos babaçuais: gênero e imaginário no cotidiano de trabalhadores rurais no Maranhão. In: WOORTMANN, Ellen Fensterseifer, HEREDIA,

- Beatriz e MENASHE, Renata. (orgs.). **Margarida Alves**: coletânea sobre estudos rurais e de gênero. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BESSIN, Marc. **Política da presença**: as questões temporais e sexuadas do cuidado. In: ABREU, Alice Rangel Paiva [et. al.] (Orgs.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 235-245.
- BLAIS, Hélène. **Coloniser l'espace**: territoires, indentités, spatialité. Genèses, Paris, v. 74, n. 1, p. 145–159, 2009. Disponível em: < [file:///C:/Users/User/Downloads/GEN\\_074\\_0145.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/GEN_074_0145.pdf) > . Acesso em 22 de maio de 2021.
- BONI, Valdete. Poder e igualdade: as relações de Gênero entre sindicalistas rurais de Chapecó, Santa Catarina. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 289-302, 2004.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. Mimeo, 2012, 15p.
- BROLESE, Lisiane Gonçalves e MENASCHE, Renata. Olhando o quintal, apreendendo consumo e produção. In: VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Fortaleza. Anais do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011.
- BRUIL, Janneke. Et al. Agroecologia e Economia Feminista: novos valores para novos tempos. **Revista Agriculturas**. Rio de Janeiro. NOV 2020. vol. 14 n. 4, p. 03-06.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 205-227, 2004. (dossiê)
- BRUMER, Anita; PAULILO, Maria Ignez. As agricultoras no sul do Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 171-174, 2004.
- CAMPIGOTO, José Adilçon, SCHORNER, Ancelmo e ALMEIDA, Marisangela Lins de. *Nascentes e povos tradicionais: faxinais e revitalização ambiental*. Irati, 2019. Mimeo. 23 p.
- CAMPOS, José Nazareno de. [2000] As diferentes formas de uso comum da terra no Brasil. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaagraria/04.pdf>> Acesso em 14 de fevereiro de 2020.
- CAMPOS, Nazareno José. **Terras de uso comum no Brasil**: abordagem histórico-socioespacial, Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- CANABARRO, Ivo. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. Visualidades, Goiânia v.13 n.1 p. 98-125, jan-jun 2015.
- CARNEIRO, Maria José. **Ajuda e trabalho: a subordinação da mulher no campo**. V Encontro da ANPOCS. Friburgo, 1981, p. 24, mimeo.



CARVALHO, Franklin Plessmann de. Fundos de Pasto: organização política e território. 2008. Mestrado (Antropologia). Universidade Federal da Bahia.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Da aventura à esperança: a experiência autogestionária no uso comum da terra**. Curitiba, 1984. (mimeo)

CARVALHO, Rosinaldo de. **O desejo, o poder, a sedução: a introdução da fumicultura nos faxinais de Rio Azul, Rebouças e Imbituva - 1950-1970**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, 2015.

CHANG, Man Yu. Faxinais: **Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná**. Boletim nº 22. IAPAR. Londrina, PR 1988.

CHAYANOV, Aleksandr Vasilievich. **Teoria dos Sistemas Econômicos não capitalistas (1924)**. In: CARVALHO, Horácio Martins de (org.). Chayanov e o campesinato. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

CRAVO, Veraluz Zicarelli. **A lavoura de fumo em Irati: a produção familiar e Capitalismo**. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1982.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico). **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, set./Nov./2007.

DIEGUES, Antonio Carlos e ARRUDA, Rinaldo (Orgs.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? Buenos Aires: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), 2005.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo. (orgs.). **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

FAO. 2019. **The State of the World's Biodiversity for Food and Agriculture**. J. Bélanger & D. Pilling (eds.). FAO Commission on Genetic Resources for Food and Agriculture Assessments. Rome. 572 pp.

FÁVERO, Claudenir. Paisagens camponesas em transformação. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 4-6, out./2014.

FEDERICI, Silvia. A reprodução da força de trabalho na economia global, teoria marxista e a revolução feminista inacabada. Palestra de 27 de janeiro de 2009. Seminário na UC Santa Cruz “A Crise da Reprodução Social e a Luta Feminista”. Tradução por Aline Rossi. Disponível em: <https://www.medium.com/@feminismoclasse> Acesso em 10 nov. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e e luta feminina. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta et all. Na trajetória dos assentamentos rurais: mulheres, organização e diversificação. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (orgs.). **Mulheres Camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013, p. 195-216.

FERREIRA, Wellerson Emanuel. **Puxirões e mutirões como manifestações de reciprocidade em comunidades faxinalenses de Rebouças-PR (1970-2015)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História. Universidade Estadual do Centro-Oeste).

FLORIANI, Nicolas et al. **A Floresta e a Territorialidade Faxinalense**: espaço sagrado, espaço de lutas. In: BARRERA-BASSOLS, Narciso e FLORIANI, Nicolas. (Org.). Saberes, paisagens e territórios rurais da américa latina. Curitiba: Editora da UFPR, 2016, p. 199-217.

FLORIANI, Nicolas. **Sabes e práticas de territórios agroecológicos**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2011.

GIRALDO, Omar Felipe. **Ecología política de la agricultura**: agroecología y posdesarrollo. Chiapas: Ecosur, 2018.

GRANDO, Raquel Lopes S. C. **O momento de plantar e o momento de colher: estudo etnoecológico na Vila Forte, Vão do Paranã – Goiás**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

GUBERT FILHO, Francisco Adyr. O Faxinal – Estudo Preliminar. **Revista de Direito Agrário e Meio Ambiente**, nº2. ITCF. Curitiba, 1987. 32-40 p.

HARDIN, Garret. The tragedy of the commons. **Science**, 162, p. 1234-1244, 1968.

HAURESKO, Cecilia. **Lugares e tradições**: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de; GARCIA, Marie France; GARCIA JR, Afrânio Raul. O lugar da mulher em unidades camponesas. In: AGUIAR, Neuma. (org.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina**: análises qualitativas. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

HERRERA, Karolyna Marin. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Revista Política e Sociedade**. Volume 15, 2016, pp 208-233.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007.

JANY-CATRICE, Florence. Economia do cuidado e sociedades do bem viver: revisitar nossos modelos. In: ABREU, Alice Rangel Paiva [et. al.] (Org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 267-275.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2ª. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITÃO-BARBOZA, Myrian Sá et al. Open air laboratories: Amazonian home gardens as sites of experimentation, collaboration, and negotiation across time. **Journal of Anthropological Archaeology Journal**, nº 62, pp.1-10, jun./2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-anthropological-archaeology/vol/62/suppl/C>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Anuário Antropológico, Brasília, n. 174, p. 1-40, 2002. Disponível em: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas%202002-2003/2002-2003\\_paullittle.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202002-2003/2002-2003_paullittle.pdf). Acesso em: 21 dez. 2020.

LÖWEN SAHR, Círcia Luiza; CUNHA, Luiz Alexandre. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no Paraná. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, 2005. V.5, n.1, pp.89-104.  
MACHADO, Altair Toledo, SANTILLI, Juliana e MAGALHÃES, Rogério. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Brasília: EMBRAPA, 2008.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. 514 f. Tese (Doutorado em História). UNICAMP. Campinas-SP, 2001.

MANEIRA, Regiane. **Narrativas sobre a praga de gafanhotos nas localidades de Faxinal do Rio do Couro, Faxinal dos Mellos e Rio do Couro: Irati, PR década de 1940**. Dissertação (Mestrado em História) – Unicentro, Irati, 2014.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. **Quilombolas na Ilha de Marajó: território e organização política**. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, pp. 209-228. Vol. I.

MARQUES, Cláudio Luiz. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná**. Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná.

MATHEWSON, Kent; SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor o surgimento da História Ambiental. **Varia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p.71-85, jan/jun. 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, p. 73-98, 1996.

MEIRA, Antonio Michel Kuller, VANDRESEN, José Carlos e SOUZA, Roberto Martins de Souza. **Mapeamento situacional dos Faxinais no Paraná**. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de e SOUZA, Roberto Martins de. (Orgs.). Terras de Faxinais. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009. p. 113-131.

MENASCHE, Renata. Capinar: verbo conjugado no feminino? Notas de pesquisa sobre gênero e percepções de risco na agricultura familiar. **Cuadernos de Desarrollo Rural**, Bogotá, v. 53, p. 25-36, 2004.

MENDRAS, Henri. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **A noção de Economia moral em James Scott e as perspectivas de seus críticos**. Mimeo. 2015, 24p.

MENEZES, Marilda Aparecida. **O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação**: a contribuição de James C. Scott. Raízes, Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 32-33, jan./jun. 2002.

MERCADANTE, Maurício. Da agricultura neolítica aos organismos transgênicos. In: BENSUSAN, Nurit. **Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz Do Iguaçu, nol.1, nº.1, pp. 12-32, 2017.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Rachas as palavras. Ou uma história a contrapelo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, n. 1, p. 37-63, jun. 2006.

NERONE, Maria Magdalena. **Terras de plantar, terras de criar – sistema faxinal: Rebouças – 1950-1997**. 284 f. Tese (Doutorado em História). UNESP. Assis-SP, 2000.

MONTYSUMA, Marcos. **Gênero e meio ambiente: mulheres na construção da floresta na Amazônia**. In: PARENTE, Temis Gomes e MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. (Orgs.). *Linguagens plurais: cultura e meio ambiente*. Bauru: EDUSC, 2008, pp. 155-173.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília.

OAKLEY, Emily. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e Questão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 87-107, 1989.

PAULILO, Maria Ignez. **Movimento de Mulheres Agricultoras: terra e matrimônio**. Encontro Internacional fazendo gênero: cultura, política e sexualidade no século XXI. Florianópolis: UFSC, 2000. Mimeografado.

PAULILO, Maria Ignez. Movimentos das mulheres agricultoras e os muitos sentidos da “igualdade de gênero”. In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do Trabalho Leve. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PAULILO, Maria Ignez. Que feminismo é esse que nasce na horta? **Revista Política e Sociedade**: Florianópolis, Volume 15, Edição Especial, 2016, pp. 296- 236.

PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, jan./ abr. 2004.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

POLLAK, Michael. A gestão do indivíduo. **Web Mosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v.2, n.1, p. 09-49, jan-jun. 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abri. 1997.

POSEY, Darrell Addison. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). In: RIBEIRO, D. **Suma etnológica brasileira**. V. 1. Etnobiologia, p. 172-185. Petrópolis: Vozes, 1987.

PRIORI, Angelo Aparecido.; PAIXÃO, Letícia Aparecida da. A paisagem como fonte histórica e como produtora de memória. **História Revista**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 158–167, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/31759>. Acesso em: 1 nov. 2022.

PRIORI, Ângelo. A modernização do campo e o êxodo rural. In: PRIORI, Ângelo et al. (Org.). **A História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, 2012. p. 115-127.

RAMOS, José Onesio. **Faxinal dos Kruger: conflitos do passado e do presente**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UNICAMP, São Paulo, 2009.

RANDO, Jael Simões Santos et al. Extratos vegetais no controle dos afideos *Brevicoryne brassicae* (L.) e *Myzus persicae* (Sulzer). **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 32, n. 2, p. 503-512, 2011.

ROCHA, Maria Regina Teixeira. **A luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu, pela libertação do coco preso e pela posse da terra**. In: VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, 2006, Quito. *Anais do VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural*, 2006.

RUPP, Marla Luciana Treichel. Martins, Valter. **Mudanças culturais nos faxinais**. In: Estudos em história cultural na região sul do Paraná. Organizado por Hélio Sochodolak e José Adilçon Campigoto.-Guarapuava; Unicentro, 2008. 298 p. pag. 89 a 95.

SABOURIN, Eric. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, 2008, p. 131-138. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem "sem importância". **Ilha**, Florianópolis, v. 5, n.1, p. 47-64, jul 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/15241/15357> Acesso em 02 de setembro de 2019.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SCHÖRNER Ancelmo. A pedra, o migrante e o morro: feridas narcísicas no coração de Jaraguá do Sul/SC – 1980/2000. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

SCHÖRNER Ancelmo. Os faxinais na região de Irati/PR: relações peculiares entre território, cultura e meio ambiente. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.  
SCHORNER, Ancelmo e ALMEIDA, Marisangela Lins de. **Paisagens agrícolas: linhas, retas e curvas**. Comunicação apresentada no XV Congresso Internacional de Direitos Humanos da UFMS/UCDB, Campo Grande. Mimeo, 2018.

SCHÖRNER, Ancelmo e ALMEIDA, Marisangela Lins. **Ruralidades faxinalenses: a paisagem-mosaico e paisagem-poder**. In: Anais do II Simpósio Brasileiro de Desenvolvimento Territorial Sustentável, 2017, p. 1273-1280.

SCHÖRNER, Ancelmo e CAMPIGOTO, José Adilçon. História e espacialidades faxinalenses: narrativas e representações imagéticas (1980 a 2015). **Revista História: Debates E Tendências**, Passo Fundo, n. 18, vol. 1, p. 116-132, 2018.

SCHÖRNER, Ancelmo e CAMPIGOTO, José Adilçon. Migrantes no faxinal e migrações de faxinalenses: territórios e povos tradicionais. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 53-72, ago. 2011.

SCHÖRNER, Ancelmo. **A compasso e taquara**: o domínio da vida e a ruína do progresso no Parque Florestal Manoel Enrique da Silva (Irati-PR): 1950-1960. Mimeo, 2020, 30p.

SCHÖRNER, Ancelmo.; ALMEIDA, Marisangela Lins de. Faxinalenses versus agronegócio no Faxinal do Marmeleiro (Rebouças/PR): o caso das sementes crioulas. **Argumentos**, v. 2, p. 91-121, 2016.

SCOTT, James C. *A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*. Lisboa: Letra Livre, 2012.



SCOTT, James C. Formas cotidianas da resistência camponesa. **Revista Raízes**, Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

SCOTT, James. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance**. New Haven and London: Yale University Press, 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v.20, n.2, p. 5-22, jul./dez. 1995.

SHIRAIACHI NETO, Joaquim. Babaçu livre: conflito entre legislação extrativa e práticas camponesas. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno et.al (Orgs.). **Economia do Babaçu: levantamento preliminar de dados**. Editora São Luís: MIQCB; Balaios Typographia, 2001. p. 47-72.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Claiton Márcio, VALENTINI, Delmir José e MORETTO, Samira Peruchi. “Árvore é quase bicho, e bicho é quase gente?”: os caboclos da América Subtropical e um Buen Vivir alternativo. **Boletim Historiar**, Aracajú, vol. 07, n. 03, p. 57-79, Set./Dez. 2020.

SILVA, Geraldo Mosimann da. Uso e conservação da agrobiodiversidade pelos índios Kaiabi do Xingu. In: BENSUSAN, Nurit. **Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion: VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 2011, p. 263-283.

SOUZA, Roberto Martins de Souza. **Levantamento de fontes documentais e arquivísticas**. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de e SOUZA, Roberto Martins de. (Orgs.). Terras de Faxinais. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009. p. 89-112.

SOUZA, Roberto Martins de. **Mapeamento social dos Faxinais**. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de e SOUZA, Roberto Martins de Souza. Terras de Faxinais. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009, pp. 29-89.

TAVARES, Luis Almeida. Campesinato e os faxinais do Paraná: as terras de uso comum. 2008. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo.

TEDESCHI, Losandro Antônio. Meu nome é “ajuda”: a vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Contexto e Educação**, Editora Unijuí, nº 71/72, p. 45-64, 2004.

TERRA, Simone Braga e VIEIRA, Fabiane dos Santos. Utilização de Tagetes (Tagetes patula) como planta bioativa no cultivo da couve (Brassica oleracea var. acephala). **Ambiência**, Guarapuava (PR) v.16 n.1 p. 817 - 833 Jan/Mar 2020. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/5670>> Acesso em 10 out. 2022.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Ilma Aparecida de. **Representações e práticas culturais do sistema faxinal**. SOCHODOLAK, Hélio e CAMPIGOTO, José Adilçom. (Orgs.). Estudos em história cultural na região sul do Paraná. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2008, p. 117-150.

TRINDADE, Carina Carreira. **Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com a comunidades tradicionais**. Trabalho apresentado no XV Congresso Nacional do CONPEDI. Manaus, 2006. Disponível em: <[http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado\\_dir\\_povos\\_carina\\_carreira\\_trindade.pdf](http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf)>. Acesso em 11 nov. 2020.

TSING, Ana Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: Paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência: Londrina: Eduel, 2013.  
WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A agricultura familiar no Brasil**: um espaço em construção. 1995. Mimeo.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WEDIG, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Práticas alimentares entre camponeses: expressão de relações familiares e de gênero. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Lonilde Servolo de. (orgs.). **Mulheres Camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ZANETTI, Cândida; MENASCHE, Renata. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata. **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Editora UFRGS, 2007].

ZARTH, Paulo Afonso. Terras de Uso comum nos ervais do Rio Grande do Sul. In: SILVA, Marcio Antônio Both; KOLING; Paulo José. **Terra e poder: abordagens em história agrária**. Porto Alegre: FCM Editora, 2015.

## FONTES IMPRESSAS

Anais do I Encontro dos Povos dos Faxinais [2005]. Disponível em: <<http://redefaxinal.tripod.com/sitebuildercontent/sitebuilderfiles/anaisfaxinais.pdf>> Acesso em 21 de maio de 2018.

Relatório de Ernesto da Silva Araújo, silvicultor, à Delegacia Regional do INP em Curitiba. 1950. Disponível em: [http://cedoc.unicentro.br/uploads/r/centro-de-documenta-o-e-mem-ria-da-unicentro-pr-campus-de-irati-95/5/5/5591/1\\_1b.38.pdf](http://cedoc.unicentro.br/uploads/r/centro-de-documenta-o-e-mem-ria-da-unicentro-pr-campus-de-irati-95/5/5/5591/1_1b.38.pdf) . Acesso 22 de maio de 2021.

CARVALHO, Horácio Martins de. Da aventura à esperança: a experiência autogestionária no uso comum da terra. Curitiba, s/e. 1994. 78p.

ESCRITURA Pública de Instituição do Criador Comum do Faxinal do Salto. Rebouças/PR. Mimeo. 1994. 10p.

ESTATUTO da Associação de Moradores da Comunidade de Salto. Rebouças/Pr. Mimeo, 1996. 14p.

ASSOCIAÇÃO de Moradores da Comunidade de Salto. Diretoria. Rebouças/PR. Mimeo, 2017. 2p.

LIVRO Ata Associação de Moradores do Quarteirão do Salto. Rebouças/PR. Mimeo, 1988-2017. 50p.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Vol. 1, Irati: O Debate, 1972.

PARANÁ. Decreto n. 3.446, de 14/08/97. Cria no Estado do Paraná as Áreas Especiais de Uso Regulamentado – ARESUR.

MMA – 1998 **Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica**, Brasil, Brasília. Disponível em: <[http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/static/pdf/documentos/Convencao\\_CDB\\_0.pdf](http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/static/pdf/documentos/Convencao_CDB_0.pdf)>.

**FONTES ORAIS**

Bernardete [59 anos]. [set. 2017]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Rio do Couro, Irati, PR, 07 set. 2017.

Bernardete [59 anos]. [jan.2019]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Rio do Couro, Irati, PR, 15 jan. 2019.

Marinda [? anos]. [ago.2017]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Salto, Rebouças, PR, 26 ago. 2017.

Elizangela, [? anos]. [ago.2017]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Salto, Rebouças, PR, 26 ago. 2017.

Marinês [ ? anos]. [ago.2017]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Salto, Rebouças, PR, 26 ago. 2017.

Elizabete, [53 anos]. [set.2019]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Rio do Couro, Irati, PR, 07 set. 2017.

Terezinha, [? anos]. [set.2019]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Rio do Couro, Irati, PR, 07 set. 2017.

Elizabete, [53 anos]. [ago.2022]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal Rio do Couro, Irati, PR, 17 ago. 2022.

Olga, [78 anos]. [ago.2022]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal Rio do Couro, Irati, PR, 17 ago. 2022.

Josefa, [68 anos]. [ago.2022]. Entrevistadora: Marisangela Lins de Almeida. Faxinal do Salto, Irati, PR, 15 ago. 2022.

## ANEXO

### Questões entrevistas

#### Questionamentos preliminares

- 1) A senhora planta alimentos ao redor de casa?
- 2) Como se chama esse lugar?
- 3) O que é plantado nele?
- 4) Como é plantado?
- 5) O que usam nas plantas?
- 6) O que é plantado é para consumo da família? É para vender?
- 7) Quem é responsável pelo quintal?
- 8) Quanto tempo de trabalho por dia é dedicado ao quintal?
- 9) Como se consegue as mudas e sementes?
- 10) A quanto tempo têm o quintal?
- 11) Planta ervas medicinais? Por quê?
- 12) Usa plantas medicinais para curar? Como aprendeu?
- 13) Como aprendeu cuidar?
- 14) Como está a situação do Faxinal?
- 15) Qual o tamanho da propriedade familiar?
- 16) O que mais a família planta e onde?
- 17) O que usam como defensivos e adubo?
- 18) Há quanto tempo moram aqui?
- 19)

**Indagações específicas a respeito dos quintais e do trabalho**

- 1) Como a senhora chama esse lugar próximo a sua casa? Nós estamos aonde? O que é um quintal/horta?
- 2) O que determinou a escolha do lugar do quintal? Boa incidência de sol, luz, sombra, terra boa?
- 3) Quem escolheu o lugar?
- 4) O que existia antes nesse espaço? Quais plantas foram removidas?
- 5) Quantos anos tem o quintal? Quintais novos, estabelecidos e antigos...
- 6) Quem cuida do quintal e como?
- 7) O que a senhora usa para afastar pragas e doenças das plantas?
- 8) De onde vem as sementes/mudas que utiliza?
- 9) Com quem a senhora aprendeu a plantar, cuidar e armazenar?
- 10) A senhora acha que é importante ter um quintal? Por quê?
- 11) Há alguma planta especial? Por que? Qual a história dela/de onde veio?
- 12) Quanto tempo por dia/ semana a senhora trabalha no quintal? Gosta desse trabalho, por quê?
- 13) Como é o cotidiano da senhora? Quais atividades a senhora faz ao longo do dia?
- 14) Se sente cansada, às vezes?
- 15) O que a senhora planta no quintal? Por que essas plantas, especificamente?
- 16) Como faz a seleção do que plantar ou não?
- 17) Quais plantas tem função de alimentação, de estética/beleza, e função de cura?
- 18) Há alguma planta que lembra algum evento importante (triste ou alegre) da senhora, da família e/ou comunidade?
- 19) De onde veio essa planta? Por que ela foi plantada aqui?
- 20) Costuma trocar sementes? Como funciona?



**21) Plantas mágicas?**

Tem alguma planta com função de proteção? Mal olhado?

De onde elas vieram?

Por que foi plantada nesse lugar específico?

22) O que é plantado na roça? Para a alimentação da família, a maior parte dos alimentos vem de onde? Roça, quintal, supermercado, qual a proporção?

23) Em que consiste a dieta da sua família/das famílias dos faxinais?

24) Há plantas que cresceram espontaneamente?

25) Os quintais estão mudando? Há menos variedades que antes ou mais?

26) Quem seleciona as espécies que são plantadas?

27) Há alguma planta que precisa ser eliminada do quintal? Qual? Por quê?

28) A senhora participa de alguma organização política feminina e/ou da própria APF? Por quê?

**Questões Historicidade do Faxinal Rio do Couro**

- 1) A senhora poderia dizer, o nome e a idade da senhora.
- 2) Há quantos anos a senhora vive aqui no faxinal?
- 3) Qual é área da propriedade da senhora e da sua família?
- 4) E hoje o que a senhora e sua família planta, com o que trabalham?
- 5) A senhora sabe me dizer qual é a situação do criadouro comum agora?
- 6) A senhora lembra como era o criadouro comum antigamente?
- 7) O que a senhora acha que levou ao processo de desagregação/redução do criadouro comum?
- 8) O que a senhora acha que mudou de lá para cá? Do que a senhora sente falta?
- 9) O que a senhora mais lembra dessa época, o que marcou a infância, a juventude da senhora?

- 10) Pessoas foram prejudicadas com a redução/fechamento do criadouro comum?
- 11) Como foi esse processo de desestruturação/redução do criador?
- 12) Pensando nesse processo de desagregação, o que que mudou? Que mudanças houveram com relação ao cotidiano das pessoas, das mulheres, particularmente?
- 13) Para a senhora, o que é o faxinal?
- 14) Com relação à agricultura, algo mudou? O que se plantava, como plantava, como se planta hoje?
- 15) A senhora pode comentar sobre a entrada dos agrotóxicos no faxinal. O que a senhora pensa a respeito disso?